

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**O PROFESSOR PRINCIPIANTE E OS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO ENTRE AS
DIMENSÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS DA CARREIRA DOCENTE**

HELENA DE ORNELLAS SIVIERI PEREIRA

RIBEIRÃO PRETO – SP
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**O PROFESSOR PRINCIPIANTE E OS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO ENTRE AS
DIMENSÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS DA CARREIRA DOCENTE**

Helena de Ornellas Sivieri Pereira

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das
exigências para a obtenção do título de Doutora em
Ciências, Área: Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lisete Diniz Ribas Casagrande

RIBEIRÃO PRETO – SP
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Helena de Ornellas Sivieri Pereira

O professor principiante e os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais da carreira docente

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutora em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Profª Drª _____

Instituição _____ Assinatura _____

Dedicatória

Dedico este trabalho aos três homens da minha vida: Carlos, Cássio e Rodrigo – marido e filhos, que viveram comigo todos os passos dados nesta tese, de tal forma que acabaram por aprender a importância de se refletir sobre a ação e o papel da história de vida nas práticas profissionais de cada um, levando estes conhecimentos para suas vidas profissionais.

*A*gradecimentos

À minha família pelo amor, apoio, paciência, carinho, e momentos de silêncio.

Aos meus pais pelo irrestrito amor e por me darem a formação acadêmica sólida e a segurança emocional que me permitiram chegar até aqui.

Aos professores que aceitaram participar deste encontro de reflexão sobre sua profissão, engrandecendo a ciência através da psicologia e da educação.

Às escolas que permitiram a videogravação das aulas dos professores em suas salas de aula, auxiliando os mesmos nas suas reflexões, e a mim na minha pesquisa.

À diretora da Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba, Bárbara Calife, que permitiu a reunião do Grupo Focal nas dependências da mesma.

À diretora do curso de Psicologia da Universidade de Uberaba, Eliane Cordeiro, pelo apoio e compreensão nos momentos em que precisei dedicar a esta tese.

Aos alunos auxiliares de pesquisa: Maria Raquel Pinto Ide, Maria Aparecida Longuinho Sivieri e Flávia Ribeiro Andrade - alunos de Iniciação Científica – Wanessa Cristina da Silva e Raphael Diniz- colaboradores. Sem eles as pedras teriam sido mais pesadas.

A todos os meus colegas que me ajudaram com material teórico, com substituição de aulas e com o ombro amigo em momentos mais ‘duros’.

À amiga Márcia Aparecida Borges, pedagoga competente e futura psicóloga, pelo apoio e confiança em todos os passos que demos juntas em busca dos mesmos conhecimentos.

Às professoras Noeli Prestes Padilha Rivas e Eulália Henriques Maimone pelas críticas e sugestões durante a qualificação.

A Maria da Graça Portinho D'Ornellas (tia Graça), pela correção ortográfica feita, não só com muita competência, mas principalmente com muito amor.

À Banca Examinadora deste trabalho pela disponibilidade, competência e sugestões valiosas.

Agradeço especialmente à professora Lisete Diniz Ribas Casagrande pelo carinho, pelas críticas e pelas orientações competentes.

Autoconhecimento exige entrega, dedicação, sinceridade, fôlego, persistência e, principalmente, que a pessoa não queira deixar nada barato em sua busca. Qualquer coisa diferente disso tem 99,9 % de chance de ser auto-engano. Se a exigência está em baixa, autoconhecimento é um privilégio de quem quer muito, de quem é capaz de dar tudo o que for necessário para realizá-lo. É privilégio de quem está disposto a um exame profundo dos próprios interstícios, medos, desejos, inclinações, costumes; privilégio de quem é capaz de abandonar um caminho quando percebe a incompetência desse caminho levá-lo ao fim da estrada.

Pedro Tornaghi

RESUMO

SIVIERI-PEREIRA, H. de O. **O professor principiante e os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais da carreira docente.** 2008. 319 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

Esta pesquisa tem como hipótese que as práticas docentes são influenciadas pela história de vida do professor e pela relação que ele possa estabelecer entre as dimensões pessoais e as dimensões profissionais características da profissão docente. Tem como objetivo geral: identificar a relação que o professor estabelece entre suas dimensões pessoais, enquanto sujeito psicológico, e as dimensões profissionais da docência; e como objetivos específicos: identificar e descrever os processos reflexivos observados sobre a ação prática do professor principiante; avaliar a compreensão do professor principiante relativamente à complexidade das situações de ensino e sobre as alternativas para as enfrentar; identificar e descrever as relações entre a história de vida e as práticas docentes do professor principiante. A opção metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa é o modelo qualitativo, a partir dos referenciais teóricos em que se apóia este estudo (autoconhecimento e a racionalidade prática). Foram utilizadas entrevistas de história de vida temática, filmagens de aulas, registro de diários de campo feitos pelo pesquisador, reflexões individuais e grupo focal. Foram selecionados cinco professores principiantes, com até três anos de trabalho docente, os quais foram entrevistados individualmente para o registro da história de vida. Essa entrevista foi gravada e transcrita posteriormente. Foram filmadas aulas de cada professor correspondente a uma unidade de estudo de sua disciplina. Após o término das filmagens de cada professor, ele as assistiu e respondeu a um roteiro de reflexão-sobre-a-ação elaborado a partir dos diários de campo do pesquisador. Depois que os cinco professores passaram por este primeiro momento de reflexão, todos se encontraram para uma discussão final no grupo focal, buscando as ligações entre sua história de vida, seu autoconceito e sua prática docente. Os dados do material transcrito das reflexões sobre filmagens das aulas, bem como das histórias de vida e do grupo focal foram objeto de análise temática. Os resultados mostram que esta pesquisa permitiu aos professores um olhar para dentro de si mesmos, o autoconhecimento, através dos três momentos utilizados na metodologia. Esse olhar aconteceu com um aprofundamento gradativo saindo do passado (vindo da história de vida), passando pelo presente com as filmagens de suas ações, hoje, em sala de aula, e vendo perspectivas para o futuro, no grupo focal, ao discutirem, com seus pares, questões relativas à docência e às suas ações. As reflexões foram feitas, e bem mais profundas do que puderam ser verbalizadas pelos professores. Estes declararam que as reflexões feitas a partir da filmagem de suas aulas levaram a mudanças em seus conceitos e posturas frente às suas práticas, ou a confirmação de ações que vinham desenvolvendo até então. Os professores participantes desta pesquisa puderam, ao mesmo tempo em que expunham sua vida como docentes, refletir sobre ela e discutir com iguais as complexidades que a envolvem, podendo agir, futuramente, nas mesmas, com mais critério. Portanto, constatou-se que os professores que aceitaram este desafio estão dispostos a realmente apropriarem-se de seus processos de formação, encontrando os espaços de interação entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da docência.

Palavras-chave: Formação de professores. Autoconhecimento. História de vida. Reflexão-sobre-a-ação. Professor principiante.

ABSTRACT

SIVIERI-PEREIRA, H. de O. **The participant teacher and the spaces for interaction between the personal and professional dimensions and the teacher's career.** 2008. 319 f. Doctorate thesis. Ribeirão Preto Faculty of Philosophy, Science and Letters. University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2008. c

The hypothesis of this research is the fact that the docent practice is influenced by the teacher's life history and by the relations that he/she may establish between the personal and professional dimensions which are characteristic of the docent profession. The general aim is: identify the relation that the teacher establishes between his/her personal dimensions, while being a psychologic subject, and the professional docent dimensions. The specific aims are: identify and describe the reflexive processes observed in the beginner teacher's practice; assess the understanding that the beginner teacher has related to the complexity of the teaching situations and about the alternatives to face them; identify and describe the relations between the teacher's history and the beginner teacher's practice. The methodological option for the development of this research is the qualitative approach, considering the theoretical references on which this study is based (self-knowledge and practical rationality). Interviews on theme life histories, recordings on film of some classes, field reports written by the researcher, individual reflections and group focus were used. Five teacher-participants were chosen, having up to three years' experience in docence. They were interviewed individually for the register of their lives' histories, and this interview was taped and the transcription carried out later. Classes corresponding to one study unit under study given by each one of the teachers were filmed, and after the filming of each teacher, he/she watched the film and answered a guided questionnaire on reflection-on-action based on the researcher's field notes. After the five teachers had gone through this first reflection moment, all of them met up to have a final discussion in the group focus, in search of links between their life history, their self-concept and their docent practice. The data collected from the transcribed material on the reflections of the class films, as well as the life histories and the group focus were object of thematic analysis. The results show that this research allowed the teachers to have a look into themselves, gain self-knowledge, by means of the three moments used in the methodology. This look/understanding happened in a slow deepening, starting off in the past (coming from the life history), passing through the present with the filming of the current classroom actions and analyzing future perspectives in the group focus, as they discussed with their partners issues related to docence and its actions. The reflections were made, and in a much deeper way than were verbalized by the teachers. They declared that the reflections made due to the filming of their classes, led to changes in their concepts and posture facing their practice or the confirmation of actions that they had been developing up till then. The teachers participants in this research, were able to reflect on their lives at the same time as they were talking about it as teachers and they were able to discuss with their equals the complexities that are involved, feeling able to act in the future, with more criteria in similar situations. Thus, it was agreed that the teachers who accepted this challenge are willing to take hold of their development process, finding space for interaction between their personal and professional dimensions in docence.

Key Words: Teacher development. Self-knowledge. Life story. Reflection-on-action. Beginner teacher.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos no primeiro ano da pesquisa	98
Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos no último ano da pesquisa	100
Quadro 3 - Relação entre objetivos da pesquisa e instrumentos de investigação utilizados ..	106
Quadro 4 - Relação entre Códigos, categorias e dimensões	116

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	14
2	INTRODUÇÃO	19
3	QUADRO TEÓRICO	27
	3.1 FORMAÇÃO DE EDUCADORES	27
	3.2 A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO	53
	3.3 O PROFESSOR PRINCIPIANTE	65
4	META	78
5	OBJETIVOS	78
	5.1 OBJETIVO GERAL	78
	5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	78
6	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	80
	6.1 A PESQUISA QUALITATIVA.....	80
	6.1.1 História de Vida Temática	81
	6.1.2 Observação participante.....	87
	6.1.3 Diários de campo	89
	6.1.4 Videograções	90
	6.1.5 Grupo Focal.....	93
	6.2 SUJEITOS E LOCAL DA PESQUISA.....	98
	6.3 MATERIAL DE PESQUISA.....	100
	6.4 PROCEDIMENTOS.....	101
7	RESULTADOS E DISCUSSÕES	106
	7.1 RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA DE VIDA E PRÁTICA DOCENTE	118
	7.1.1 Resumo desta Dimensão	134
	7.2 ENFRENTAMENTO DA COMPLEXIDADE DA DOCÊNCIA PELO PROFESSOR PRINCIPIANTE	136

7.2.3	Resumo Desta Dimensão	158
7.3	PROCESSOS REFLEXIVOS SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES	160
7.3.1	Resumo desta Dimensão	190
7.4	DISCUSSÕES FINAIS.....	192
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
9	REFERÊNCIAS	213
10	REFERÊNCIAS CONSULTADAS	219
11	APÊNDICES.....	222
12	ANEXOS.....	290

*A*presentação

1 APRESENTAÇÃO

Ao me graduar em Psicologia e Licenciatura em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Uberaba (atualmente Universidade de Uberaba), em 1982, iniciei minhas atividades profissionais em atendimento clínico e psicomotor (tinha feito um curso paralelo à graduação em Psicomotricidade) a crianças e adolescentes. Durante minha formação, estagiei sempre em espaços dedicados a estas faixas etárias. No ano seguinte um filho veio interromper temporariamente este trabalho, que foi retomado em 1987, já como funcionária da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Uberaba. Durante 14 anos trabalhei no serviço público, atendendo a mesma demanda citada anteriormente, mas sempre recebendo encaminhamentos de crianças com “dificuldades de aprendizagem” vindas das escolas.

Em 1992 ingressei, como docente, na Universidade de Uberaba, lecionando a disciplina “Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem II”, que enfocava a Psicomotricidade. Este trabalho como docente não se restringiu ao ensino superior, pois existia uma demanda reprimida de alunos da graduação, para complementação dos estudos através de cursos paralelos. Me propus, então, a ministrar cursos de Psicomotricidade e Ludoterapia em consultório particular que mantive de 1993 a 1997, onde, além dos cursos, também atendia a crianças e adolescentes com as mais diversas queixas.

No final de 1996 entrei no programa de mestrado em Psicologia Escolar da PUC de Campinas (PUCCAMP), quando, também, passei a lecionar, em 1997, as disciplinas Psicomotricidade e Psicologia da Aprendizagem no curso de Fonoaudiologia, que se iniciava na Universidade de Uberaba e, ainda, a mesma Psicologia da Aprendizagem no curso de

Pedagogia Especial, também novo na IES. Em anos posteriores lecionei também Aprendizagem e Psicomotricidade no curso de Pedagogia (antigo) e Psicologia do Desenvolvimento no curso de Educação Física.

Enquanto docente do curso de Pedagogia e Pedagogia Especial, e já tendo concluído o mestrado, vivi, juntamente com uma educadora, a experiência de trabalhar com o autoconhecimento na formação de educadores, com alunos de um curso de Pedagogia. A proposta foi feita aos alunos, independente do currículo do curso, como uma forma de complementação ou aprimoramento da formação. Foi apresentada aos alunos em sala de aula, com o consentimento da coordenação do curso. No momento da apresentação da proposta tivemos a adesão de 7 alunas de uma turma de 21. No dia do início do curso compareceram três, das quais uma desistiu por questões de horário e apenas duas continuaram. O formato do curso era o de uma vivência teórico/prática que mesclava dinâmicas de autoconhecimento com questões teóricas específicas das dimensões profissionais da docência. Apesar da pouca adesão a resposta foi positiva e as duas participantes relataram, ao final, ganhos importantes no que se refere a um maior conhecimento de si e uma maior capacidade de enfrentar a complexidade da profissão docente.

Fazendo o mestrado foi ficando cada vez mais forte em mim a certeza de que minha área de atuação era mesmo a Psicologia Educacional. Encerrei minhas atividades clínicas e me dediquei exclusivamente, desde então, à docência e consultoria/assessoria em escolas da rede pública e privada da cidade de Uberaba.

As disciplinas a mim oferecidas na Universidade versavam sempre sobre desenvolvimento e aprendizagem, sendo que atualmente leciono: Processos Psicológicos; Aprendizagem (nos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia), Ética Profissional, Desenvolvimento Infantil e Estágios na área Escolar. Os estágios me colocam,

constantemente, em contato direto com as instituições educacionais de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, e com as alegrias e inquietações dos profissionais da área.

Oriento vários trabalhos de TCC, sendo que a maioria deles versa sobre as questões da Psicologia e Educação. Participo do programa de Iniciação Científica da Universidade de Uberaba, onde desenvolvo pesquisas ligadas a formação e saúde do professor.

Faço, ainda, desde 2002, a avaliação de cursos de graduação em Psicologia, pelo INEP/MEC. Já avaliei mais de 10 cursos nos diversos estados do país.

Outra atividade importante que desenvolvi na minha carreira como docente foi o trabalho no CEFOR (Centro de Formação Permanente), mantido pela Prefeitura de Uberaba (MG), que se dedica à formação continuada de professores da rede municipal de ensino. Nesta atividade convivi com diretores, vice-diretores, pedagogos e licenciados de diversas áreas.

Por todas estas atividades fica claro meu contato próximo e direto com a docência em todos os níveis, ora como expectadora, ora como orientadora, ora como pesquisadora, ora como avaliadora, ora como docente de docentes, ora como docente em si. De todos estes lugares que ocupei e ainda ocupo, senti sempre uma grande inquietação e uma necessidade de unir mais sistematicamente as duas áreas do conhecimento onde me proponho transitar: a Psicologia e a Educação, mais especificamente a docência.

Toda essa experiência prática, através de quase 20 anos de trabalho em Psicologia ligada à Educação, foi o primeiro ponto a gerar o questionamento para a execução desta pesquisa. Alguns destes trabalhos geraram minha pesquisa de mestrado intitulada: “Formação de professores e o sucesso/fracasso de alunos: representação de alfabetizadores”. Nesta pesquisa as questões que eu procurava responder eram: Os professores estão preparados para a função que exercem? Os professores conhecem os sujeitos de seu trabalho? (Que idéia têm sobre como a criança se desenvolve? Como compreendem cada fase de desenvolvimento dentro do processo ensino-aprendizagem? Como avaliam a contribuição de cada domínio na

alfabetização?); Os professores percebem seu preparo ou despreparo? Como percebem estas variáveis? Os professores percebem relações entre sua formação e o sucesso/fracasso de seus alunos?

Durante a execução deste trabalho, e com a continuação de minha atividade profissional, foi ficando claro que existia alguma coisa mais importante a se investigar do que apenas estes conhecimentos teóricos indicados pela pesquisa, sobre o desenvolvimento infantil. Isto ficou pincelado na última pergunta do questionário, que pedia a sugestão dos professores para temas que gostariam de ver retratados em sua formação. Houve um número importante de respostas (62,96%) que indicavam a necessidade de se trabalhar com questões artísticas e pessoais.

Isto foi delimitando a lacuna existente na formação de educadores atualmente, ou seja, os professores estavam sentindo falta de se expressarem mais, de se mostrarem mais, através da arte, da fala sobre si mesmo, ou outra forma que pudesse ajudá-los a fazer uma reflexão sobre suas ações, sobre o porquê de suas ações e sobre a eficácia delas. Em outras palavras, os professores precisavam se conhecer mais, estabelecer as relações entre suas dimensões pessoais e as profissionais, para poderem transitar melhor na sua prática diária.

Portanto, mesmo enquanto desenvolvia o mestrado (entre 1997 e 1999), já percebia que a pesquisa tinha que se direcionar para outro sentido. Este desejo foi adiado para o momento do doutorado, que só pode se concretizar em 2004, o qual agora apresento os resultados.

Introdução

2 INTRODUÇÃO

A educação é essencial no desenvolvimento de uma pessoa, em sua vivência na sociedade, e os educadores têm grande responsabilidade na compreensão do presente e na preparação do futuro.

Carneiro (1997, apud ALARCÃO, 2001, p. 12-13) afirma que,

a educação como actividade eminentemente comunitária terá de reformular-se para operar num mundo denso de informação, numa humanidade globalizada num caldo de multicultural e numa economia sedenta de formas de aprendizagem ao longo de toda a vida.

A escola, onde grande parte da educação se desenvolve, é um espaço, contexto de aprendizagem e desenvolvimento, mas necessita de mudanças. Alarcão (2001) acredita que a escola precisa mudar para cumprir sua missão na atualidade. Acredita na mudança paradigmática da escola, com a reflexão sobre a vida que lá se vive, um diálogo com os sucessos e os fracassos, e também com o pensamento próprio e o dos outros. Sugere o surgimento de uma mudança, no contexto escolar, não apenas nos currículos que são ministrados, mas na organização disciplinar, pedagógica organizacional, nos valores e nas relações humanas que nele se vivem. É preciso repensar a escola, pensando-a sistemicamente.

Diante da necessidade de mudanças, propõem-se a escola reflexiva, que é uma nova forma de pensar e viver a realidade e que se reflete na maneira como se concebe a formação e o currículo, como a escola pensa a si própria, pensa na sua missão, organização e confronta-se com o desenrolar da sua atividade em um processo avaliativo e formativo implicado no seu projeto pedagógico. (ALARCÃO, 2001)

Busca-se, nesta proposta, a realização da interligação entre as dimensões da realização pessoal, profissional e social, interagindo teoria e prática, em um ensino reflexivo, baseado na reflexão-ação, onde aprender através do fazer seja privilegiado. Propõe-se uma nova teoria da prática que possa lidar com o conhecimento profissional, tomando como ponto de partida a competência e o talento ligado à prática, a reflexão-na-ação (“pensar o que fazem, enquanto o fazem”) que os profissionais desenvolvem em situações de incerteza, singularidade e conflito (ALARCÃO, 2001).

Essa formação deve preparar o futuro professor para refletir sobre sua prática, criar modelos e exercer sua observação e análise. Reflete-se para agir, durante a ação (reflexão-na-ação), depois da ação (reflexão-sobre-a-ação) e depois da reflexão (reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação) (SCHÖN, 1992,2000). Este trabalho buscou desenvolver nos professores essas três modalidades de reflexão. Refletindo durante as entrevistas de História de vida e com as filmagens de suas aulas, o professor pode fazer uma reflexão-sobre-a-ação. Esperava-se que após estes momentos ele pudesse iniciar uma reflexão-na-ação, no dia a dia de sua prática. Isto foi confirmado no grupo focal, onde os professores puderam fazer uma reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação.

Segundo Oliveira e Serrazina (2007), as idéias de Schön têm sido intensamente discutidas por vários estudiosos. Cita o exemplo das argumentações de Eraut (1995) sobre a distinção entre reflexão-na-ação e reflexão-sobre-a-ação. O autor acredita que essa distinção não é tão nítida como alguns autores defendem e sugere que elas não são ações opostas e que muitas vezes a reflexão-na-ação é também sobre a ação. Sugere, ainda, o uso da preposição ‘para’ para indicar o propósito de qualquer reflexão. Apesar de Schön não ter usado essa preposição ela é presente em suas explicações, pois a reflexão defendida por Schön é aquela que afeta a ação que está sendo vivida.

Acredita-se que ao se proporcionar isso ao professor no início de sua carreira docente, será possível conseguir resultados mais abrangentes, pois a condição de principiante induz disponibilidade, explicações, pedido de ajuda e reflexão. O desafio é ensinar atitudes, hábitos, métodos e posturas reflexivas. Criar ambientes de análise da prática, de partilha das contribuições e reflexão sobre como se pensa, decide, comunica e reage em sala de aula. Criar ambientes, para o profissional trabalhar sobre si, seus medos, emoções, onde seja incentivado o desenvolvimento da pessoa e sua identidade. (ALARCÃO, 2001)

A mesma autora ainda explica que para formar um principiante reflexivo, não se deve limitar a acrescentar um conteúdo a um programa denso, nem uma nova competência ao referencial. A importância reflexiva está no centro das competências profissionais, que constitui seu funcionamento e desenvolvimento. Ela não pode ser separada do debate total sobre alternância e articulação, teoria e prática, procedimento clínico, saberes, competências e hábitos dos profissionais.

Após a formação de principiantes reflexivos, a profissionalização é a questão mais importante a se pensar. A profissionalização do ofício de professor poderia ser entendida como um importante acréscimo da formação, ultrapassando o domínio dos conteúdos a serem ensinados ou apenas a dimensão pedagógica. “Como ator social, o professor tem um papel a desempenhar na política educativa. No seio da escola, a sua atividade desenrola-se no cruzamento das interações político-administrativo-curriculares-pedagógicas.” (ALARCÃO, 2001, p.23)

As organizações que empregam profissionais podem limitar sua autonomia e investir em prescrições rigorosas, procedimentos padronizados, apoios tecnológicos; ou, pode-se confiar neles, elevando seu nível de competência de acordo com a necessidade, a fim de que sejam dignos dessa confiança. Essa segunda atitude está no centro da profissionalização, a

qual instiga a formação de pessoas competentes para saber “o que devem fazer”, sem serem limitadas por regras, diretrizes, modelos, programas, horários e procedimentos uniformes.

Tardif (2005) discute essa questão explicando que tanto o que ele chama de visão tecnicista quanto o que chama de visão sociologista despojam os professores de seus saberes e os sujeitam aos saberes de peritos e de especialistas em ciências sociais. Desta forma ele acredita que o professor se transforma em ventríloquo, repetindo saberes de pesquisadores que determinam seu agir. Defende, neste sentido, que deve-se levar em conta a subjetividade¹ dos professores, pois

um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimento e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir das quais ele a estrutura e a orienta. (p. 230)

Registra, ainda, que por esse motivo, toda pesquisa sobre o ensino tem a obrigação de investigar o pensamento, a subjetividade, o ponto de vista do professor, como esta se propôs a fazer, através do diálogo que buscou desenvolver entre eles consigo próprios e entre eles e seus pares. Esse diálogo teve como uma das finalidades o desenvolvimento da autonomia e da conscientização, pelo professor de seu saber-fazer.

A autonomia e responsabilidade de um profissional dependem de uma capacidade de refletir em e sobre sua ação. Essa capacidade está no centro do desenvolvimento, em função da experiência de competências e saberes profissionais. O profissional reflexivo está no centro do exercício de uma profissão.

Segundo Nóvoa (1992) é importante que o professor perceba que seu desenvolvimento profissional tem de estar articulado com a escola e seus projetos. Essa capacidade se origina, principalmente, da experiência e vivência comum, no dia-a-dia. Sugerir

¹ “Um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social” (REY, Fernando, 2005, Sujeito e Subjetividade, p. IX)'

às pessoas que reflitam sobre suas ações, buscando vivê-las total e intensamente, é uma forma de aperfeiçoar as possibilidades perceptuais de si mesmo e de sua profissão. “Os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um *produz a “sua” vida*, o que no caso dos professores é também *produzir a “sua” profissão* (NÓVOA, 1992, p. 26)”.

Ivor Goodson (1991), citado por Nóvoa (1992), defende a necessidade de investir a práxis como lugar de produção do saber e de conceder uma atenção especial às vidas dos professores. Defende que o que o adulto retém como saber de referência está ligado à sua experiência e à sua identidade. Com base nesse fato é que este trabalho se propõe a trabalhar com os professores de forma a trazer concretamente para momentos de reflexão as situações vividas no cotidiano de sua profissão. Segundo Finger, 1898; Ball & Goodson, 1989, citados por Nóvoa (1992): “A formação está indissociavelmente ligada à ‘produção de sentido’ sobre as vivências e sobre as experiências de vida” (p. 26).

Por fim, é importante que se ressaltem as reflexões de Huberman (2000) acerca do ciclo de vida profissional dos professores, quando ele faz um passeio rápido pelas questões dos estudos do ciclo de vida humana. Mostra que essa história tem contornos diferentes de acordo com a disciplina que a enfoca. Cita três fontes, na literatura científica, sobre o tema. O primeiro, referente à literatura psicodinâmica, com os estudos de Freud, Murray, Allport e Erikson. O segundo seria de natureza mais sociológica e tem seu ápice nos escritos da “Escola de Chicago”, que restaurou a metodologia da história oral. Diz que “é no quadro deste movimento que foram conduzidas as análises da socialização de adultos e das determinantes da ‘carreira’ profissional, que estruturaram este campo de estudos” (p.33). Foram estudos que aplicaram a tradição psicossociológica ao estudo do professor. A última fonte citada por Huberman se refere à série “*Life-span developmental psychology*”, publicados a partir de 1970, que integravam, progressivamente, concepções e dados

empíricos advindos de disciplinas tais como: biologia, história, sociologia, fisiologia e, principalmente, as subdisciplinas da psicologia.

E aí está um importante ponto de ligação entre Educação e Psicologia, ou melhor, entre desenvolvimento profissional enquanto docente e desenvolvimento pessoal enquanto sujeito psicológico.

Com tais reflexões levantadas e com o que se delimitou no prefácio deste trabalho, definiu-se, para esta pesquisa, uma **grande meta**:

Estudar as possíveis contribuições da Psicologia para a formação de professores principiantes.

A partir dessa meta identificou-se um **objetivo geral**:

Identificar a relação que o professor estabelece entre suas dimensões pessoais, enquanto sujeito psicológico, e as dimensões profissionais da docência;

e os seguintes **objetivos específicos**:

1. Identificar e descrever as relações entre história de vida e as práticas docentes do professor iniciante.
2. Avaliar a compreensão do professor principiante relativamente à complexidade das situações de ensino e sobre as alternativas para enfrentá-las.
3. Identificar e descrever os processos reflexivos observados sobre a ação prática do professor principiante.

Para o alcance desses objetivos escolheu-se trabalhar com três momentos e instrumentos distintos. No primeiro momento da pesquisa os professores foram convidados a falar sobre sua História de Vida, relativamente à profissão docente; num segundo momento, selecionou-se, à escolha do professor, uma unidade de estudo² de seu conteúdo e efetuou-se a filmagem das mesmas. Através de um roteiro, os professores fizeram uma reflexão sobre

² Unidade de estudo é entendida aqui como o desenvolvimento de um tema específico que faça parte do conteúdo programático da disciplina ministrada pelo professor, indo desde a apresentação do tema aos alunos até a avaliação do mesmo

essas aulas. O último momento se referiu a um grupo focal, em que os professores puderam se encontrar para refletir sobre a participação no trabalho e os ganhos e/ou perdas dele advindas.

A análise dos dados colhidos com tais instrumentos revelou a presença de necessidades, no professor, no sentido de pensar a sua prática. Os resultados mostram que os professores da pesquisa identificam relações entre sua história de vida acadêmica e pessoal com a escolha pela profissão docente, sendo que as influências vindas de fatos e pessoas presentes na sua escolarização básica é bem mais forte do que as influências vindas da vida pessoal. Relatam tanto fatos agradáveis quanto desagradáveis que despertaram o interesse pela área da docência. Quanto às práticas docentes, fica clara a relação entre vida acadêmica e atividades práticas da profissão, porém, em relação a experiências pessoais, os professores foram um pouco evasivos nos dois primeiros momentos. Já no grupo focal houve maior disponibilidade em falar de si mesmos. Mostram reflexões importantes, para sua prática docente, feitas a partir das filmagens a que assistiram.

Quadro Teórico

3 QUADRO TEÓRICO

3.1 FORMAÇÃO DE EDUCADORES

A formação de educadores tem sido um tema extensivamente discutido, tanto pela ciência quanto pelo senso comum, não apenas no Brasil, como em Portugal, Espanha, Estados Unidos, França, e outros. Vários estudiosos escrevem ou esceveram materiais da mais diversa natureza sobre tema.

Em primeiro lugar, torna-se importante resgatar, no Brasil, os modelos de curso de formação de professores adotados no decorrer da história.

Figueiredo e Cowen (2005) fazem um retrospecto sobre o assunto com o objetivo de “ilustrar as relações entre os padrões dos cursos de formação de professores e as políticas externa e interna no Brasil” (p.181). O texto foi escolhido por atender a crença da autora desta tese, quanto às estreitas relações entre o caminhar dos cursos de formação de professores, incluindo a situação atual, e a política praticada em todo o percurso.

Relatam que o primeiro modelo, *no século XVIII*, foi ‘significativamente colonialista’, ou seja, era praticado no Brasil o mesmo processo de seleção dos mestres usado em Portugal. Os professores eram selecionados por meio de exames e não eram treinados formalmente. Esses exames deveriam ser feitos na presença de membros do governo e de examinadores nomeados pelo mesmo. Portugal era, então, o melhor modelo metropolitano de sistema educacional.

Em seguida, explicam que, com a mudança da família real para o Brasil, *no século*

XIX, e com a transferência para a França do status de melhor modelo metropolitado de sistema educacional, instituições de ensino superior foram criadas aos moldes do modelo napoleônico das *Grandes Écoles* francesas. O Brasil, acompanhando os princípios franceses que defendiam um sistema de educação nacional e a provisão de escolas normais sob a responsabilidade do Estado, sustentava a idéia de que a educação primária deveria ser proporcionada a todos (incrivelmente atual) e que, igualmente, deveria ser secular. Tais princípios, automaticamente, levaram, tanto o Brasil quanto a França, a investir na provisão de instituições para o treinamento de professores. Como consequência, por volta de 1830, esforços foram feitos para a criação de escolas normais nas diversas províncias. O poder de legislar ficou assim definido: cada província legislaria sobre a educação pública nos níveis primário e secundário e o governo central se responsabilizava pela educação, em todos os níveis, na capital e por toda educação superior do país. Essa centralização permaneceu ainda forte até bem recentemente.

A centralização, no entanto, foi mostrando-se inadequada, pois o contexto social de cada país e mesmo de cada província, faziam com que as escolas normais não resitissem por muito tempo. Isso fica claro na fala do presidente da província do Paraná, em 1876, de que as escolas normais eram “plantas exóticas: elas nascem e morrem quase no mesmo dia” (MOACYR, 1936, p. 239, apud FIGUEIREDO e COWEN, 2005, p. 183).

Os autores enfatizam que o que se percebia, no entanto, era o surgimento de um lugar social definido para os cursos de formação de professores, que refletiam claramente a formação de classes no Brasil determinada pelos princípios políticos vigentes na época. Isso ficava claro no conteúdo curricular dos cursos que se dedicava exclusivamente à escola primária. Para o treinamento de professores era reservada uma única disciplina. Já nessa época transpareciam os problemas enfrentados pelos professores na atualidade, pois eram muito mal remunerados e o ensino tinha pouco prestígio social. Em dois aspectos se

distinguiam da atualidade: o número de professores era pequeno e dava-se preferência aos homens.

Pode-se levantar a questão de que, justamente pela baixa remuneração e pouco prestígio social a mulher foi substituindo o homem na profissão docente, pois a ela não era imputada, na época, o dever de prover a família e se destacar profissionalmente. Sobre esse assunto se falará mais à frente neste trabalho.

O final do Império e o início da República trouxeram a necessidade de uma nova agenda política que revitalizasse os cursos de formação de professores, pois as lutas e debates que geraram essa mudança política levaram à visão de uma educação como instrumento fundamental de mudança social e econômica. Este fato atingiu a institucionalização dos cursos de magistério e acarretou em uma reformulação dos mesmos. Ressalta-se o debate sobre a importância da educação como instrumento fundamental de mudança social e econômica ter sido levantado como agenda política ainda no Brasil colônia e até hoje existir como discurso mas não se perceber sua efetivação na prática política do país. (FIGUEIREDO e COWEN, 2005)

Nos trinta anos seguintes, durante a república, diferentes estados brasileiros se empenharam na mudança de suas escolas normais. O modelo de São Paulo era o mais valorizado e seguido pela maioria. No entanto as inovações foram poucas: introdução do ensino de ciências no curso de magistério e ênfase em disciplinas dedicadas exclusivamente àqueles que buscavam o magistério, como, por exemplo, métodos de observação e métodos de aprendizagem.

A Lei da Reforma (educacional) de 1892 trouxe duas inovações importantes para os cursos de formação de professores. Em primeiro lugar, houve uma divisão entre formação de professores para a escola primária e formação de professores para a escola secundária. A segunda inovação se relacionou com a criação de uma escola normal de nível superior. Neste

sentido encontrou-se resistências, pois “a base de classe do sistema educacional era já clara e os sistemas para treinamento de outras profissões eram já poderosos”. (FIGUEIREDO e COWEN, 2005, p. 184). Isso impediu que a proposta fosse implementada.

No período marcado entre as duas grandes guerras mundiais, o Brasil participava de um novo otimismo da época – a necessidade e o potencial de uma boa educação. Mas, mais importante que isto era o fato do Brasil estar se urbanizando e vendo seu sistema de classe se transformando. “Havia claramente uma necessidade política e social de dar maior atenção à provisão de educação e à sua expansão, de preferência por meio do uso de novas idéias sobre ensino e aprendizagem”, (FIGUEIREDO e COWEN, 2005, p. 185).

Entre o final da década de 1920 e início da de 30, vislumbram-se inúmeras reformas nos cursos de formação de professores no país. Ocorreram intercâmbios entre professores do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos. O movimento da Escola Nova trouxe, para a classe, vários seminários, publicações e debates. Passou-se a discutir, a partir de acadêmicos inspirados e em contato direto com John Dewey, questões tais como: qual o tipo de conhecimento que os professores deveriam ter; qual o papel do Estado na educação, a universalização da educação e a expansão do sistema educacional público. (CURY, 1978; LIMA, 1978; MENDES, 1986; apud FIGUEIREDO e COWEN, 2005). A partir dessas discussões surgiram propostas para novos modelos de cursos de formação de professores, especialmente em estudos que tiveram como Secretários de Educação ou assessores governamentais educadores como: Anísio Teixeira (Bahia); Mário Cassassanta (Minas Gerais); Lourenço Filho (Ceará) e Fernando Azevedo (DF e São Paulo).

A estrutura dos cursos de formação de professores mantinha-se a mesma, com pequenas inovações e variações regionais, mas o currículo típico permaneceu dando ênfase nas disciplinas pedagógicas, destacando as “ciências da educação”. (VILELA, 1992; TANURI, 2000 apud FIGUEIREDO e COWEN, 2005)

Nesse período duas novas inovações institucionais foram importantes: os institutos de educação, similares às escolas normais existentes e o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), que oferecia cursos de treinamento para administradores escolares, diretores e inspetores. O INEP hoje, designado Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, é a instituição que faz a avaliação educacional de cursos e instituições superiores do Brasil.

Em 1938 foram implantados os primeiros cursos de Pedagogia nas Faculdades de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) e, em 1939, na Universidade do Brasil. Esses cursos treinavam os especialistas em educação (inspetores, diretores, orientadores e supervisores), professores para as escolas normais e para os cursos ginasial e médio em disciplinas específicas. A formação para o primário continuava a cargo das escolas normais de nível secundário, mas que ainda treinavam também professores para outros níveis de ensino. Talvez venha daí a importância maior que se dá até hoje ao especialista em educação em detrimento do professor e, ainda, ao professor de 5ª a 8ª série em detrimento do professor das séries iniciais, pois destes, antes da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Lei nº 9.394/96), não se exigia o curso superior para trabalhar como docente. Durante o governo Vargas o governo federal, através da legislação educacional, detinha o poder no que se referia à formulação de diretrizes gerais para a educação, tirando das instituições educacionais a autonomia.

Com a lei 4.024 de 1961, as escolas normais passaram a não ter mais um sistema dual de formação de professores, se dedicando apenas à formação de professores para o ensino primário. Mas um outro sistema dual se implantou através da expansão das faculdades de filosofia, ciências e letras (que permitiam um ensino superior de baixo custo). “Elas eram consideradas um instrumento útil e confiável para a mobilidade social e profissional dos

existentes ou potenciais membros da classe média politicamente conservadora”. (FIGUEIREDO, 1987, apud FIGUEIREDO e COWEN, 2005, p. 187)

Em 1971, com a lei 5.692, a educação secundária passou a treinar jovens para o mundo do trabalho através de várias habilitações vocacionais, com cursos dedicados a formar secretárias, técnicos de laboratório e, também, professores primários. Portanto, a profissão docente sofreu uma outra desvalorização, perdendo o prestígio e *status* profissional, pois tornou-se mais uma habilitação profissionalizante na escola secundária. Os institutos de educação desapareceram o que fez com que professores para o curso de magistério e especialistas educacionais fossem formados pelos cursos de pedagogia das faculdades de educação ou de filosofia, ciências e letras. O resultado foi o seguinte: professores de 1ª a 4ª se formavam com o curso secundário e professores de 5ª a 8ª em cursos superiores.

Percebe-se que a estratificação denuncia o valor atribuído a cada momento da educação de crianças e jovens. A base (1ª a 4ª) é menos importante do que o resto da construção; é claro que não se manteria por muito tempo sem rachar, quebrar ou ruir por completo, como estamos vendo atualmente no sistema educacional e nas propostas existentes que tentam socorrer o inadequadamente instituído.

Debates foram feitos numa crítica em relação a essa nova legislação e ao conteúdo dos cursos de formação de professores, que faziam parte de uma luta política contra a assistência técnica americana na ideologia econômica e política do governo militar.

As relações entre os governos latino-americanos e os Estados Unidos se intensificaram após 1963, baseados na geopolítica. Por intermédio da USAID (Agência Americana de Desenvolvimento Internacional),

Vários acordos foram assinados e a assistência técnica americana aumentou. A teoria do capital humano, favorecida e disseminada por organizações internacionais, substituiu os conceitos de cidadania e igualdade, desenvolvidos por movimentos políticos liberais e populistas anteriores. (FIGUEIREDO e COWEN, 2005, p. 188)

Essas políticas priorizavam o ensino superior com vistas ao mercado de trabalho, portanto as escolas deveriam ‘treinar a força de trabalho.’ Essa reorganização dos cursos de Pedagogia, rompeu com a versão do “bom” conhecimento dos educadores definido pelo movimento da Escola Nova.

Aparentemente iniciou-se aí a desprofissionalização dos cursos de formação de professores e, conseqüentemente, da profissão docente, pois, de acordo com Figueiredo e Cowen (2005) houve uma grande alteração no perfil das pessoas que procuravam essa profissão. Com a expansão dos cursos noturnos, um grande número de pessoas que buscavam trocar as ocupações que tinham, principalmente trabalhos domésticos ou operários, pelo funcionalismo público, ingressaram nos cursos de formação de professores.

Fica claro que a carreira docente não era vista mais como uma profissão em si, mas sim como uma via de acesso a um ‘sistema’ de trabalho: o funcionalismo público. O interesse não era ser professor e sim funcionário público, pelas vantagens que vislumbravam em tal carreira. Portanto, não era importante se dedicar às dimensões profissionais da carreira docente e muito menos se se sentiam hábeis para tal profissão. A motivação era extrínseca à profissão em si.

Os autores continuam o relato, chegando ao debate contemporâneo, explicando que nos anos 80 e 90 o debate se intensificou em torno dos novos modelos de cursos de formação de professores. Isso representou uma luta social e profissional coordenada pelo Movimento Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação de Professores. No início dos anos 90, muitos outros movimentos vieram somar a este na luta por uma melhor formação profissional em diversas áreas e passaram, então, a ter significado político. Apesar disso os problemas clássicos continuavam: perda do prestígio e da identidade profissional do professor. Outra preocupação era a inconsistência entre a teoria ministrada e a prática

encontrada nas escolas. O mais interessante é que esse debate é ainda vivenciado nos dias de hoje.

Toda essa discussão levou a mudanças na estrutura e conteúdo dos cursos de Pedagogia em todo o país. Uma das principais, até hoje pertinente, é “a consciência da natureza política das práticas do professor e seu engajamento em relação às classes privilegiadas economicamente” (FIGUEIREDO e COWEN, 2005, p. 191)

A partir de 1995, várias mudanças ocorreram no sistema educacional brasileiro. A nova LDB, de 1996, produziu modificações nos cursos de formação de professores, mais ainda no que diz respeito ao grau de formação, pois até o presente ano (2007), todos os cursos normais, ao nível médio, deverão desaparecer e todos os professores deverão ter curso superior. O currículo passa por uma transformação, pois serão necessários os conteúdos que eram ministrados no magistério. Mas o que se questiona é se a maneira de encarar essa formação, a valorização dada à profissão, será alterada também pelo fato de se exigir curso superior para se exercer a profissão?

A tentativa de atender à grande demanda de professores procurando cursos superiores para terem garantida sua profissão, gerou a abertura de um grande número de cursos superiores. Percebeu-se também um grande incremento nos cursos à distância. Esta modalidade de ensino, que ainda é vista com desconfiança por grande parte da sociedade brasileira, começa a produzir frutos interessantes. Em reportagem de Antônio Gois, publicada em 10 de setembro de 2007 no Jornal Folha de São Paulo são apresentados dados mostrando que alunos de cursos à distância se saem melhor na avaliação do ENADE (Exame Nacional da Educação). Em relação, especificamente, aos cursos de formação de professores os dados mostram que os alunos de curso presencial alcançaram uma média de 45,1%, enquanto os de curso à distância atingiram 43,5%. Apesar da média dos cursos

presenciais ser mais alta, a dos cursos à distância não ficam muito abaixo, indicando que esta modalidade de ensino pode ser uma boa alternativa, sem perda da qualidade.

Com tudo isso deflagrado, é clara a necessidade de se desenvolver cursos de formação de professores que atendam às demandas atuais. Neste sentido Figueiredo e Cowen (2005, p. 192-193) citam Santos (2002) que elenca alguns problemas, fatores de influência, nas propostas de futuros de cursos de formação de professores. São eles:

- Associação entre um melhor desempenho e melhores salários
- Redução de desigualdades educacionais entre as regiões urbanas e rurais
- Utilização do ensino à distância
- Mudar as estruturas dos cursos de formação de professores, ainda que isto signifique mudar a universidade
- Políticas educacionais orientadas mais para as necessidades práticas, abrangendo problemas políticos, sociais e culturais
- Estabelecimento de uma parceria mais produtiva entre as teorias educacionais, a pesquisa universitária e as realidades práticas do ensino.

Figueiredo e Cowen (2005) fazem um alerta para alguns novos perigos pelos quais os cursos de formação de professores têm passado. Esclarecem que um dos perigos se refere às influências internacionais que enfatizam a eficiência, pois acreditam que irão “perturbar sua trajetória endógena de reforma” (p. 193). Outro perigo se refere a políticas internas extremas, que na atualidade recai sobre o fato de que a politização dos estudos educacionais gere uma ‘crítica politicamente correta’, mas não gere habilidade na ação.

Mas ainda assim, no Brasil atualmente, aparentemente, as vias de acesso que se tem usado para abordar o tema “formação de professores” parecem ineficazes ou insuficientes para mudar o quadro atual da educação, no que se refere à formação dos educadores.

Muitas mudanças ocorridas recentemente no contexto social do país trouxeram reflexos importantes para o trabalho educativo. A especificidade do trabalho educativo gera uma necessidade de o educador se conhecer mais íntima e reflexivamente, pois vê, diariamente, a educação ser desvalorizada, seu trabalho ser diminuído. São reflexos de um país para o qual a educação é, até certo ponto, um entrave, pois povo educado é mais difícil de ser manipulado.

Essa condição traz para os professores várias fontes de tensão, entre elas as citadas por Nóvoa (2000):

- Intensificação do trabalho diário nas escolas, principalmente com o número excessivo de projetos aos quais os professores têm que se dedicar.
- Aumento das ações de controle e avaliação dos professores
- Constantes mudanças metodológicas do sistema educativo, no que se refere à programas, modalidades de avaliação, gestão escolar.
- Relacionamento com pais e comunidade – grande cobrança aos professores, como responsáveis pelo fracasso do sistema educativo.
- Cobrança de uma formação continuada que exige dos professores a participação em incontáveis cursos e ações (nem sempre eficazes).
- Desvalorização que percebem na sociedade em relação ao seu trabalho.
- Baixas remunerações em comparação com outras profissões de nível superior.
- Sucateamento de seus locais de trabalho, que atinge principalmente o setor público.

O contexto em que trabalha o magistério tornou-se complexo e diversificado, e toda instituição educativa, bem como a profissão docente, devem mudar radicalmente. (IMBERNÓN, 2002). Imbernón acredita que a profissão docente deve abandonar a concepção de mera transmissão do conhecimento acadêmico, pois hoje a profissão é

“entendida como algo mais que a soma dos professores que se dedicam a essa tarefa nessas instituições” (p. 7). A profissão docente, hoje, exerce outras diversificadas funções, entre as quais, de acordo com o autor, estão: motivação, luta contra a exclusão social, participação, relações com estruturas sociais e com a comunidade. No entanto, isso requer também uma formação diferente da que está posta no momento no país. As palavras de Imbernón mostram a característica plural, grupal, relacional da profissão docente, mostram a importância de trabalhá-la e discuti-la em grupos, em reflexões grupais. As reflexões grupais não necessitam acontecer necessariamente com outros colegas, mas podem acontecer com os próprios alunos, durante a prática do dia-a-dia.

Para esse autor, está claro que a instituição educativa evoluiu no decorrer do século XX, mas mantendo suas linhas diretrizes, tais como: centralista, transmissora, selecionadora, individualista. Segundo Imbernón (2002), para se educar realmente na vida e para a vida, “para essa vida diferente”, necessário se faz superar os enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes, aproximando-se, cada vez mais, de seu caráter relacional, dialógico, cultural-contextual e comunitário. Com este enfoque o que adquire importância é a relação que se estabelece entre todas as pessoas que trabalham dentro e fora da instituição. Com o que está dito acima, esclarece-se um ponto da questão: o porquê de se questionar tanto, atualmente, a formação de educadores. Ora, se a educação de pessoas se tornou mais completa, mais profunda e mais complexa, a formação de quem os educa deve, conseqüentemente, também se tornar mais completa, mais profunda e mais complexa.

Fontana (2000) faz um breve retrospecto sobre os estudos a respeito da “função” do professor no processo educativo. Conta, (baseado em Nóvoa, 1992) que a partir do pós-guerra, os professores foram colocados em segundo plano tanto no que se refere à produção do conhecimento sistematizado sobre a própria prática, quanto como personagens da dinâmica educativa. Nessa década o crescente processo de racionalização e uniformização do

ensino, buscava estabelecer o melhor método de ensino, independentemente da participação do professor em qualquer instância do processo. Tal leitura tecnicista além de reduzir a atividade docente a suas competências técnicas, sugeriu no imaginário de utópicos a idéia da substituição dos mesmos por máquinas. Nóvoa (2000) explica que essa literatura considerava um progresso a possibilidade de estudar o ensino, para além dos próprios professores, realçando, assim, apenas a dimensão técnica da ação pedagógica, o que se sabe hoje, não ser suficiente para uma boa prática.

O autor ainda avalia que “a crise de identidade dos professores, objecto de inúmeros debates ao longo dos últimos 20 anos, não é alheia a esta evolução que foi impondo uma separação entre o *eu* pessoal e o *eu* profissional”. (p. 15) Esse fato contribuiu em grande medida para o processo de desprofissionalização dos docentes.

Na década de 70, os professores foram acusados de contribuir para a reprodução das desigualdades sociais, a partir de uma leitura esvaziadora que se fez, na época, da análise crítica do papel social da escola no contexto da sociedade capitalista. Com isso, o professor se viu convertido em figurante sem voz na pesquisa e na prática educativa até a década de 80, quando voltam à cena. Cresce o interesse pela qualidade da escola, impulsionando o desenvolvimento de práticas institucionais de avaliação e multiplicando as instâncias de controle sobre o trabalho docente. Mas isto trouxe o ganho do interesse pelo estudo da atividade docente, das condições de trabalho e dos processos de formação básica. (FONTANA, 2000)

Analisa, ainda, que o mesmo se deu no campo das análises críticas. No processo de redemocratização da sociedade brasileira a crítica ao reprodutivismo favoreceu a emergência das pedagogias críticas, que se voltou para a atividade docente denunciando o processo de desprofissionalização iniciado nos anos 60.

Para tanto procuraram analisar como esta categoria, que se erige em corpo profissional sob o aval e o controle do Estado a partir do século XIX, heterogênea do ponto de vista de suas origens e composição social, marcada por um processo de feminização e de proletarização acentuado ao longo do século XX, desprovida de capacidade de organização política autônoma e cuja atividade se torna uma ocupação de massa alcançando uma legitimidade que talvez nenhuma outra instituição tenha alcançado na sociedade moderna, poderia vir a constituir-se como categoria profissional comprometida com a justiça social e a cidadania. (FONTANA, 2000, p. 20)

Essa mesma autora cita o trabalho de Guiomar Namó de Mello, da década de 80, que assume a tese de que ao garantir às crianças das classes populares a apropriação do saber escolar, rompendo com a evasão e a retenção que marcam maciçamente sua passagem pela escola, a educação escolarizada está realizando a função política intrínseca a ela. Este trabalho, segundo Fontana, denuncia o mascaramento da falta de competência profissional e de compromisso político do docente que se esconde por trás da efetividade e da doação. Cita uma frase do trabalho de Mello: “Quando não se sabe o que fazer, ama-se. Este seria o princípio norteador do senso comum e da prática do magistério” (MELLO, 1981, p. 117, apud FONTANA, 2000, p. 21). Explica que o fato contribui para a representação social da carreira docente como própria da mulher, ou seja, uma carreira onde predomina o amor, a vocação e a ausência de profissionalismo.

Nesse trabalho, Mello propunha, então, a capacitação profissional das professoras através do domínio do saber escolar e dos métodos adequados para transmití-los, seria a competência técnica. Acreditava que a competência técnica abriria, para a professora, as portas para a compreensão do sentido político de sua prática profissional. Chama esse papel social do professor de *educador dirigente*: especialista + político.

Estes eram os professores progressistas da época, que deviam se apresentar como sujeitos de sua ação, deviam ter objetivos claros e competência técnica. Deviam ter uma competência crítica e racional.

Eles definem, eles planejam, eles dirigem, eles controlam sua ação, seu dizer, tornando-se visíveis em suas intenções e objetivos. Apesar de socialmente

determinados, os professores progressistas têm o poder (autonomia e, logo, responsabilidade de compreender e lutar, Inteligibilidade total, (FONTANA, 2000, p. 23)

O fato gerou, nos professores que faziam sua formação na época, uma enxurrada de dúvidas e inseguranças quanto a como perceber, na produção do pedagógico, essa idealização e racionalização do professor-sujeito descrito acima. Parecia, para eles, tudo muito distante de sua prática real.

Fontana (2000) continua explicando que iniciou-se, nesse cenário, estudos comparativos entre o professor progressista (professor-sujeito) e o professor liberal (conservador). Essas comparações ao invés de contribuir para a formação dos professores, ao contrário, iam, pouco a pouco, apagando os processos pelos quais os professores estavam efetivamente se constituindo e propondo o como “deveriam ser”. Os professores em formação percebiam a enorme distância entre o que eram e o que deveriam ser, pois nem ao menos sabiam certamente o que eram. Os professores se viram entre dois modelos idealizados e excludentes e que preexistiam àquele que eles estavam formando em e para si mesmos. Como consequência houve uma dificuldade dos professores em se identificarem nesta análise e também não reconheciam na mesma, as questões vividas por eles no cotidiano da sala de aula.

Claro está que o embate não passaria sem deixar marcas difíceis de serem superadas. As que foram geradas naquele contexto trazem suas consequências até os dias de hoje. Um primeiro resultado foi a homogeneização e o congelamento do trabalho pedagógico cotidiano, onde predomina uma leitura de viés liberal das relações sociais e pela culpabilização do aluno pelo fracasso escolar. Outro resultado foi a reafirmação da inadequabilidade do professor às propostas pedagógicas derivadas das teorias educacionais de cunho progressista. Até hoje existe a crença da “cristalização” do professor às suas crenças e práticas e sua dificuldade em aceitar o novo e mudar seus conceitos.

Com isso a classe dos professores ficou marcada pelo ceticismo generalizado, pelo corporativismo, pela incompetência e descompromisso. Além disso ficou, ainda, a marca de sua oscilação entre resistência à mudança e adequação superficial aos modismos em voga.

Nóvoa (2000) também se propõe a discutir o fato se referindo à construção da identidade quando cada um se apropria do sentido de sua história pessoal e profissional através da evocação de gestos, desejos, vontades e experiências vividas que vão criando um modo de agir próprio. Admite que existe neste fato um *efeito de rigidez* que torna, em certa medida, os professores indisponíveis para mudança.

Continua Fontana a explicar que aos dois perfis citados anteriormente, professor progressista e professor liberal, vieram se somar outros tantos (professor técnico, professor reprodutor, professor conscientizador, professor bancário, professor tradicional, professor construtivista, entre outros) que, na verdade, foram contribuindo para o grande “jogo de máscaras” que se tornou a profissão daí para frente. Segundo a autora, “jogo de máscaras” porque os papéis não se ajustavam aos sujeitos, nada era o que parecia ser e os professores, ao assumir um determinado lugar social, deixavam de lado uma outra função importante da profissão docente, ou, ao contrário, ao valorizar suas práticas, eram acusados de não engajamento político.

As contradições e ambiguidades deflagradas, continua Fontana, aliadas a outras pertinentes às situações cotidianas do fazer pedagógico, foram forçando uma nova maneira de ler e estudar a atividade docente. Os estudos, então, passaram a se preocupar, não mais em enquadrar ações e dizeres de professores em modelos abstratos pré estabelecidos, mas sim, em possibilitar a aproximação entre a prática que o professor produzia e o que era consequência dessa prática, e que produzia também o professor. Além disso, preocupou-se, igualmente, em apreender os indicadores do desenvolvimento profissional e pessoal do professor em sua generalidade e singularidade.

A partir daí, os estudos passaram a dar voz à compreensão do cotidiano como espaço de experiências. Passou-se a estudar a confluência entre os modos de ser do indivíduo e da sua cultura, que foram focalizando e revelando aspectos do desenvolvimento profissional e pessoal dos professores, através do estudo de importantes pontos da relação dos professores com seu próprio trabalho, com o conhecimento, com os alunos, com seus pares, com seus superiores e, principalmente, com a feminização do magistério. Esse ponto será discutido mais adiante neste trabalho.

Nóvoa (2000) chama à lembrança uma publicação de 1984 intitulada *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham. Com esta obra a virada iniciava-se e a literatura pedagógica foi invadida por estudos sobre as questões relativas à vida dos professores, seus percursos profissionais, biografias, autobiografias, desenvolvimento pessoal, entre outros, o que recolocou os professores, como dito anteriormente, no centro dos debates educativos.

O que Nóvoa questiona a seguir nessa sua obra é também o questionamento central desta pesquisa: *Como é que cada um se tornou no professor que é hoje? E por que? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor?*

Ele acredita que as respostas levariam longe demais, mas se refere aos três AAA que sustentam o processo identitário dos professores: A de Adesão, A de Ação, A de Autoconsciência. Defende a *adesão* a princípios e valores e adoção de projetos que invistam nas potencialidades de crianças e jovens. Acredita que na escolha da melhor maneira de *agir* entram decisões de foro profissional e de foro pessoal. A autoconsciência é uma dimensão decisiva da profissão docente, porque acredita que “tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria acção”. (p.16)

Nóvoa (2000) cita Laborit (1992, p.55) “Será que a educação do educador não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que

ensina?” (NÓVOA, 2000, p. 17). A pergunta também é feita pela autora desta pesquisa. Talvez não como está redigida, pois não seria “*mais* pelo conhecimento de si próprio *do que* pelo conhecimento da disciplina que ensina”, mas “*tanto* pelo conhecimento de si próprio *quanto* pela disciplina que ensina”.

Outra questão levantada por Nóvoa (2000) sobre o processo identitário do professor é a possibilidade de exercer com autonomia a atividade docente, pois isso gera o sentimento de controle do próprio trabalho

De acordo com Imbernón (2002), a autonomia é regra fundamental para se constituir um profissional, ou seja, o profissional, qualquer que seja sua área de atuação, deve poder tomar decisões sobre os problemas profissionais da prática. A profissão docente não foge à regra. A formação do professor assume, com isso, um novo papel e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação e reflexão para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza.

Uma das maneiras de formar o professor para conviver com e para esta mudança e incerteza é o desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, o que estaria abrindo caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, pois percebe-se que “a docência é assumida como “profissão” genérica e não como ofício, já que no contexto social sempre foi considerada como uma semiprofissão” (p. 13). (IMBERNÓN, 2002)

Para Alarcão (2001), pesa verificar o cansaço e o desânimo manifestados por tantos professores que, em alguns países mais do que em outros, mas de uma maneira geral em todos, sentem-se solitários, despojados pelos dirigentes, pelas comunidades e pelos governos.

Acredita-se que, ao se enfatizar a formação técnico-teórica, ou mesmo as atuações práticas, sem se olhar para o ser humano por trás dessas teorias e práticas, corre-se o risco de

perpetuar a supremacia do conhecimento acadêmico ao conhecimento reflexivo sobre sua prática do dia-a-dia.

As relações das pessoas entre si e de si próprias com seu trabalho e com sua escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia (ALARCÃO, 2001).

Pérez Gómez (1998) enfatiza que Schön, depois de uma excelente crítica ao modelo dominante de entender o conhecimento profissional do docente, que não compreende o componente artístico da atividade deste ao centrar-se numa errônea epistemologia da prática (a racionalidade técnica), propõe o desenvolvimento de uma nova epistemologia da prática profissional, que situe os problemas técnicos dentro do marco da investigação reflexiva.

Com essa meta como prioritária, Schön explora as peculiaridades do “pensamento prático” do profissional, o pensamento que este ativa quando enfrenta os problemas complexos da prática.

Essas zonas indeterminadas da prática – incerteza, singularidade e conflito de valores – escapam aos cânones da racionalidade técnica. Quando uma situação problemática é incerta, a solução técnica do problema depende da construção prévia de um problema bem definido, o que em si mesmo não é uma tarefa técnica. Quando um profissional reconhece uma situação como única, não pode lidar com ela aplicando técnicas derivadas de sua bagagem de conhecimento profissional. E, situações de conflito de valores, não há fins claros que sejam consistentes e si e que possam guiar a seleção técnica dos meios. No entanto são exatamente tais zonas indeterminadas da prática que os profissionais e os observadores críticos das profissões têm visto, com cada vez mais clareza nas duas últimas décadas, como sendo um aspecto central à prática profissional.” (SCHÖN, 2000, p.17-18)

Na Espanha, já se percebe mudanças rumo ao processo de reflexão na formação do professor, pois o Ministério de Educação e Ciência, em seu Plano de Investigação e de Formação do Professorado (1989) afirma que: “O modelo de formação proposto baseia-se numa reflexão do professorado sobre a sua prática docente, que lhe permite repensar a sua teoria implícita do ensino, os seus esquemas básicos de funcionamento e as suas *próprias atitudes*” (MARCELO GARCIA, 1992, p. 53).

As sociedades atuais que caminham a velocidades vertiginosas, fazem apelos, com insistência, para que as pessoas, cidadãos e organizações sejam mais reflexivos e resilientes. No entanto, o desenvolvimento humano implica que a formação dos diferentes profissionais tenham que considerar seriamente estes aspectos se pretendem estar à altura da sua verdadeira missão (ALARCÃO, 2001).

A reflexão é um método para alcançar níveis mais altos de racionalidade na prática e nas próprias crenças, um processo que a educação deve consolidar como disposição permanente e aberta para submeter à elaboração e revisão constantes aquilo que o “mundo parece ser” e as contradições existentes entre algumas de nossas crenças. (GIMENO SACRISTÁN, 1999, p. 105).

O mesmo autor da citação acima acredita que a reflexibilidade é que estimula a mudança, a abertura e a instabilidade. Com a modernidade, a reflexão apoiada na ciência, é a própria base do processo de reprodução social, de tal maneira que o pensamento e a ação refletem-se constantemente um sobre o outro. Mostra, ainda, que a coerência dos procedimentos de formação e aperfeiçoamento dos professores apóia-se na natureza reflexiva da ação humana.

Contreras Domingo (1997), defende a idéia de que a competência profissional se refere aos recursos intelectuais de que se dispõe, com objetivo de fazer possível a ampliação e o desenvolvimento do conhecimento profissional, sua flexibilidade e profundidade. A análise e a reflexão sobre a prática profissional, que se realiza, constitui um valor e um elemento básico para a profissionalidade dos docentes. Ao se reconhecer a capacidade de ação reflexiva e de elaboração de conhecimento profissional sobre os contextos que condicionam sua prática e que vão além da aula, podem os docentes desenvolver sua competência profissional.

Neste sentido Pérez Gómez (1992) mostra que a reflexibilidade não é uma proposta que deva nutrir-se só de conteúdos cognitivos, mas também das ações educativas, dos motivos ou das metas públicas e das pessoais. O auto conhecimento pessoal e a reflexão, ao explorarem e esclarecerem os fins de cada um, junto com a análise das motivações

compartilhadas ou sobre as que são motivo de desencontros, é um desafio importante para adquirir racionalidade na educação. Supõe-se que, se se tiver acesso à identificação e à configuração de interesses e preferências, pode-se potencializar sua racionalidade, depurando-as e corrigindo-as rumo a uma autodeterminação racional .

Todo pensamento e toda ação executada refletem no outro. A reflexão pode ser um mecanismo de aperfeiçoamento tanto dos esquemas e representações mentais como do saber fazer. Este trabalho acredita que o ensino será modificado e aperfeiçoado na medida em que os professores compreendam melhor o mundo de suas ações, fazendo aflorar seu mundo interior, ao mesmo tempo em que se aperfeiçoam como professores.

Marcelo Garcia (1992) ainda destaca que a reflexão é, atualmente, o conceito mais utilizado pelas novas tendências de formação de professores, mas que ele não é recente, pois já em 1933, Dewey defendia que no ensino reflexivo fazia-se “o exame ativo, persistente e cuidadoso de todas as crenças ou supostas formas de conhecimento, à luz dos fundamentos que as sustentam e das conclusões para que tendem”. (DEWEY, 1989, p. 25). Neste sentido, a reflexão será um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação. Para Zeichner (1998) ser reflexivo significa tornar consciente um saber tácito e trabalhar tal saber, com a possibilidade de crítica, examinando-o para melhorá-lo. Pérez Gómez (1992) acrescenta que a reflexão significa a imersão do sujeito no mundo de sua prática, “um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos” (p. 103).

O termo “professor reflexivo”, no entanto, tem sido alvo de várias análises por parte de estudiosos da carreira docente e da educação em geral. Pimenta (2002) enfatiza que a apropriação generalizada da perspectiva da reflexão, nas reformas educacionais dos governos neoliberais, transforma esse conceito em um mero termo, sendo utilizado como expressão de uma moda, à medida que o despe de sua potencial dimensão político-epistemológica. Sendo

na sua essência um conceito político-epistemológico requer o acompanhamento de políticas públicas conseqüentes para a sua efetivação, pois, ao contrário, transforma-se num discurso vazio. O que ocorre, na verdade, é uma tendência em proceder uma tecnicização da reflexão, a partir de sua operacionalização em inúmeras competências arroladas nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Outro ponto analisado por Pimenta (2002) é a transformação dos saberes dos professores em *saberes-fazeres*, diretamente ligados à operacionalização do ensino definindo novas identidades aos docentes, transformando-os em tutores e monitores da aprendizagem. Seria, na sua análise, a supervalorização da prática, sugerindo um investimento mais na certificação do que na qualidade da formação.

A análise de Pimenta reforça o objetivo deste trabalho, quando ele se volta para o trabalho de reflexão, sim, mas no sentido de buscar nos professores a identidade de intelectuais críticos e reflexivos e de propor, a partir de seus resultados, uma ação direta nos cursos de formação de professores, valorizando primeiramente esta formação e depois a certificação através da prática.

Em relação a isto, Schön (1992, 2000) propõe que a formação dos profissionais não mais se dê nos moldes de um currículo normativo, que primeiro apresenta a ciência, depois sua aplicação e por último um estágio que supõe a aplicação, pelos alunos, dos conhecimentos técnicos-profissionais. Propõe a experiência e a reflexão na experiência e o conhecimento tácito, na perspectiva da *epistemologia da prática*. Esse termo se refere à valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização desta, e o reconhecimento do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato.

A partir disso Schön, como dito anteriormente, distingue quatro conceitos relativos ao pensamento prático do professor reflexivo: o *conhecimento-na-ação* – é o conhecimento

tácito, implícito, interiorizado, que está na ação e é mobilizado no dia-a-dia pelos profissionais; a *reflexão-na-ação* – os profissionais frente a novas situações que extrapolam a rotina, criam, constroem novas soluções e novos caminhos; a *reflexão-sobre-a-ação* - à análise que o professor faz, posteriormente, sobre as especificidades de sua própria ação. Estando liberto dos condicionamentos da situação prática e das emoções presentes no momento da ação, o professor poderá, mais livre e adequadamente, analisar sua ação, compreendê-la e reconstruir sua prática; e a *reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação*- as experiências dos professores não dão conta de novas situações, que colocam problemas que superam o repertório criado, exigindo uma busca, uma análise, uma contextualização, uma apropriação de teorias sobre o problema, enfim, uma investigação. Este trabalho, apesar de ter pretendido trabalhar com os quatro momentos da reflexão, enfatizou em seus instrumentos de coleta de dados a *reflexão-sobre-a-ação*.

Apesar de falar do conhecimento na prática o trabalho de Schön não anula a importância da formação técnica do professor, pois as idéias deste autor puseram em prática a discussão de questões organizacionais, o projeto pedagógico das escolas, a importância do trabalho coletivo, as questões referentes à autonomia dos professores e das escolas, as condições de trabalho, de carreira, de salários, de profissionalização. Com isto discute currículos necessários para a formação de professores reflexivos e pesquisadores, local de formação e condições de exercício de uma prática profissional reflexiva na escola.

Gimeno Sacristán (1999), enfatizando as contribuições da teoria de Schön, mostra que a fertilidade da epistemologia da prática ocorrerá ao se considerar inseparáveis teoria e prática no plano da subjetividade do sujeito (professor), pois sempre há um diálogo do conhecimento pessoal com a ação. Os saberes teóricos prepositivos se articulam, pois, aos saberes da prática, ao mesmo tempo ressignificando-os e sendo por eles ressignificados. O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análises para compreenderem os

contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os.

Giroux (1997) desenvolve a concepção de professor como intelectual crítico, ou seja, cuja reflexão é coletiva no sentido de incorporar a análise dos contextos escolares num contexto mais amplo e colocar clara direção de sentido à reflexão: um compromisso emancipatório de transformação das desigualdades sociais. Essa perspectiva, de um lado, retira dos professores a capacidade de serem autores isolados de transformações, mas, de outro, confere-lhes autoridade pública para realizá-las.

Ainda sobre pontuações feitas ao trabalho de Schön, encontram-se algumas críticas quanto ao enfoque reducionista de sua proposta por ignorar o contexto institucional e pressupor a prática reflexiva de modo individual. (LISTON & ZEICHNER (1993) e ZEICHNER (1992). Percebe-se que o que Zeichner defende é que a prática reflexiva deve centrar-se tanto no exercício profissional dos professores, quanto nas condições sociais em que esta ocorre.

Pérez-Gómez (1992) se refere a este fato enfatizando que:

É importante frisar que a reflexão não é apenas um processo psicológico individual, passível de ser estudado a partir de esquemas formais, independentes do conteúdo, do contexto e das interações. A reflexão implica e imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afectivas, interesses sociais e cenários políticos. (...) A reflexão não é um conhecimento “puro”, mas sim um conhecimento contaminado pelas contingências que rodeiam e impregnam a própria existência. (p. 103)

Na presente pesquisa percebeu-se que a reflexão individual tem importância fundamental no autoconhecimento do professor e que essa prática não ignora o contexto institucional na medida em que é um primeiro passo importante para uma melhor reflexão coletiva no contexto institucional.

Em relação aos trabalhos que se pode desenvolver com os professores, relativos à sua formação, Marcelo Garcia (1992) defende o uso do termo ‘desenvolvimento profissional dos

professores’, muito mais do que aperfeiçoamento, reciclagem, formação em serviço ou formação permanente, explicando que o termo desenvolvimento traz a idéia de evolução e de continuidade, que supera a justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento dos professores.

Vários estudiosos são citados por Marcelo Garcia (1999) definindo o termo desenvolvimento profissional:

O desenvolvimento de professores está para além de uma etapa informativa, implica a adaptação às mudanças com o propósito de modificar as actividades instrucionais, a mudança de atitudes dos professores e melhorar o rendimento dos alunos. O desenvolvimento de professores preocupa-se com as necessidades pessoais, profissionais e organizacionais. (HEIDMAN, 1990: 4). Implica melhorar a capacidade de controlo sobre as próprias condições de trabalho, um avanço no estatuto profissional e na carreira docente. (OLDROYD e HALL, 1991: 3)

Destaca-se que nos conceitos fica claro que o sentido de desenvolvimento profissional está também em atender às necessidades pessoais e à autonomia dos professores.

Um segundo aspecto que Marcelo Garcia (1992) destaca é o princípio que designou por indagação-reflexão, que é uma estratégia a se utilizar com os professores para facilitar sua tomada de consciência dos problemas da prática de ensino, e que analisa as causas e conseqüências da conduta docente, superando os limites didáticos e da própria aula. Shulman (1986, p.13, apud MARCELO GARCIA, 1992, p. 59) afirma que “Um profissional é capaz não só de praticar e de compreender o seu ofício, mas também de comunicar aos outros as razões das suas decisões e ações profissionais”.

É com esse conceito de desenvolvimento profissional e pessoal que esta pesquisa trabalhou, pois, ainda de acordo com Marcelo Garcia (1992), o conceito de desenvolvimento profissional dos professores valoriza os aspectos contextuais, organizativos e orientados para a mudança, o que é urgente na resolução dos problemas escolares. Segundo esse autor o termo mostra a necessidade de conceber a formação de professores como um *continuum*.

O *continuum* pode ser entendido tanto no sentido de que a formação é constante, e deve ser trabalhada de forma integrada em seus diversos passos, mas também como um *continuum* em termos de continuidade de conhecimentos, ou, melhor dizendo, interdisciplinaridade. São várias as áreas de conhecimento que se interligam para compor o campo do conhecimento necessário para a formação docente, ou para a educação como um todo. Nesta pesquisa o recorte fica por conta das contribuições que a Psicologia pode dar à questão. Neste sentido mostra, em certa medida, a profissionalização trabalhada pela pedagogia e as dimensões pessoais do professor focado sob o olhar da Psicologia, o que denuncia uma dicotomia que não deveria existir.

O processo de formação da identidade do professor, acredita-se, não se inicia com seu primeiro curso de formação para a docência. Ele é anterior a isso e faz parte da formação da identidade pessoal. A identidade pessoal e profissional se imbricam de maneira natural através da história de vida e do contexto histórico e social do sujeito.

Portanto o interesse pelo início da carreira não é a busca do início da identidade profissional, mas sim da reflexão possível através das ações profissionais que só poderão aparecer com pertinência neste momento da história do sujeito.

No entanto, fica claro que os docentes que hoje atuam na escola fortaleceram e estruturaram adequadamente sua identidade profissional dentro dos cursos nos quais os professores se prepararam para a carreira docente, através de representações e conceitos acerca do ideal profissional e de profissão, dos objetivos pessoais e dos sociais, das regulamentações, dos conteúdos específicos estudados, do código de ética, do reconhecimento social e da participação em entidade de classe.

Apesar dessa percepção de que a identidade pessoal e a identidade profissional fazem parte de um todo articulado, mais uma vez ressalta-se a presença de uma cisão entre os dois contextos.

Fontana (2000) apresenta uma teoria para a cisão que se percebe claramente nos dias atuais, entre dimensões profissionais e dimensões pessoais, na carreira docente. Explica ela que a feminização do magistério trouxe para a profissão a marca da ausência de profissionalismo, pois de certa forma, confirmava as relações de gênero dominantes em que o homem destacava-se na vida profissional e na tomada de decisões e a mulher estava relacionada ao doméstico, ao privado, ao familiar. A professora se viu, com isso, cindida em dois personagens “que não deveriam se misturar”: a profissional e a mulher.

Essa mesma autora falando do trabalho que Madalena Assunção³ desenvolveu para explicar a dinâmica da feminização do magistério “em sua dimensão simbólica e subjetiva”, relata que a escolha da profissão docente está marcadamente influenciada pela mãe e também associada a concepções sobre a profissão tais como: vocação, amor, abnegação, doação, missão. Acreditam, ao fazer a escolha, que para ser professor, basta “gostar de criança” e, claro, “dominar algumas técnicas adquiridas nos anos de experiência” (ASSUNÇÃO, 1996, apud FONTANA, 2000, p. 33).

A reflexão dessas duas autoras apontam para uma questão importante que este trabalho discute: a formação do professor, ou melhor, uma das etapas desta formação: a inicial, aquela que se fazia nos antigos cursos de magistério e atualmente em cursos superiores. Pergunta-se: Se as habilidades técnicas são adquiridas nos anos de experiência e se a vocação e o “gostar de criança” são suficientes para a profissão, qual é a função dos bancos escolares? Reduz-se, no mínimo, a um nível de pouquíssima significância as aprendizagens adquiridas durante a formação inicial e, por consequência, a própria formação de professores. Com isto, acredita-se que os cursos de formação de professores foram se desqualificando pois careciam de maior sustentação de significado para as habilidades profissionais exigidas para a carreira docente, que em outras palavras seriam as dimensões profissionais.

³ ASSUNÇÃO, Maria Madalena S. de. *Magistério primário e cotidiano escolar*. Campinas: autores associados, 1996.)

Ainda sobre a feminização do magistério pode-se citar o trabalho de Alícia Fernandes (1994), que analisou, a partir da perspectiva da psicanálise, o papel da professora associado à passividade, dedicação e capricho (características supostamente femininas) e com isto, deixou de mostrar questões da subjetividade feminina.

Defende-se neste trabalho a idéia de que o professor “se mostra” na sua prática e permite, ou transmite, a seus alunos uma outra aprendizagem: a de ser mulher ou homem; de ser este tipo de mulher ou homem que é. Neste sentido a questão da feminização do magistério foi citada neste trabalho com dois propósitos: primeiro de defender uma teoria de desvalorização da formação docente, como dito acima e em segundo lugar refletindo sobre como as dimensões pessoais estão intrinsecamente atreladas às dimensões profissionais e de como é fundamental que o professor se conheça para transitar melhor nas dimensões profissionais exigidas pela carreira docente.

3.2 A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO

A Psicologia e a Educação são duas ciências que caminham juntas, sendo muito difícil delimitar os limites de cada uma. As contribuições de uma para com a outra são constantes e inesgotáveis.

Segundo Guenther (1997) a Educação sempre foi uma das fontes que determinaram e influenciaram direções da pesquisa científica em Psicologia, na medida em que oferece desafios do dia-a-dia da prática educacional. Mas acredita que haja uma descrença, por parte dos professores, sobre como a Psicologia poderia contribuir para a prática educacional. Geralmente, os problemas que se apresentam para o psicólogo educacional, são questões que

mais se referem a conteúdos pedagógicos do que psicológicos ou a desvios e “anormalidades”, atribuídos, preferencialmente, ao aluno.

Acredita-se que isso seja decorrente de um mal-entendido sobre o objeto da psicologia educacional. Talvez nem tanto um mal-entendido, mas um “mal-explicado”, pois, a área educacional foi negligenciada pela Psicologia, tanto no que se refere aos currículos de Formação de Psicólogos quanto à atuação dos psicólogos no mercado. A discussão sobre a especialização Psicopedagogia vem denunciar essa situação. Atualmente percebe-se um movimento crescente no sentido de formar o Psicólogo Escolar com uma visão de atuação institucional, e não clínica, centrada apenas nos alunos problemas. Acreditando-se nesta atuação institucional, está-se percebendo os professores e os alunos como pessoas inteiras, completas em toda a complexidade de sua organização física, psicológica e social, e vendo o processo educacional como um todo, contextualizado no ambiente físico e social, mas concretizado internamente em cada pessoa, mediado por interações pessoais e grupais da maior complexidade. (GUENTHER, 1997)

Acredita-se que apenas as mudanças ocorridas a partir do desejo humano de mudança é que serão verdadeiramente duráveis, e para que a pessoa conheça seu desejo é fundamental que ela conheça, primeiramente, a si mesma, para só então saber qual é o seu desejo. É necessário que o professor entre em contato com suas dimensões pessoais, através do auto-conhecimento, para, então refletir sobre a interação destas com as dimensões profissionais da profissão docente.

Para Martinazzo (2000), revisitar a própria história, seus feitos e não feitos promove ações mais conscientes, argumentadas e convincentes, isso porque, de certa forma, “somos a medida de nossos desafios” (p. 13)

Rogers e Rosemberg (1977) afirmam que a pessoa tem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão, para modificar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento

autodirigido – e que para mobilizar esses recursos basta proporcionar um clima de atitudes psicológicas facilitadoras, passível de definição.

Esta pesquisa se interessou em possibilitar ao professor a reflexão sobre suas ações no dia-a-dia, levando em consideração suas possibilidades de auto-conhecimento e descoberta das dimensões pessoais. Era importante que ele pudesse fazer a relação entre suas ações enquanto reflexo das dimensões profissionais da docência e enquanto reflexo de suas dimensões pessoais. Dito de outro modo, seria o professor poder "visualizar" como suas dimensões pessoais estavam interferindo (positiva ou negativamente) nas suas ações profissionais.

Guenther (1997) ressalta que o ser humano deve ser visto como uma entidade complexa de dupla natureza: biológica e social, e que se organiza em 3 (três) aspectos fundamentais: *autoconceito e percepção de si* (importante na determinação das relações entre si mesmo e o mundo), que Rogers (1981) utiliza como autoconhecimento ou autocompreensão; *aspecto social* (percepção que a pessoa tem dos outros); *percepção e compreensão do mundo* (determina, em grande parte, comportamentos, ações e reações de cada pessoa, nas situações que enfrenta no dia a dia).

Em relação ao *autoconceito*, a Psicologia Humanista, explica Guenther (1997), o define como sendo a organização de percepções sobre si mesmo, seriam todos aqueles aspectos do campo fenomenal aos quais a pessoa se refere quando diz “eu”, “me” ou “mim”. É o que esta pesquisa se refere quando fala em autoconhecimento. Percebe-se, portanto, que em um relato sobre sua história de vida, uma pessoa estaria, ao explicitar situações concretas vividas por ela, utilizando necessariamente seu auto-conhecimento. É imprescindível que a pessoa faça uma *organização das percepções sobre si mesma* para estabelecer relações entre os vários acontecimentos de sua vida, como, por exemplo, o que a levou a escolher determinada profissão. Procura-se com esta pesquisa que o professor possa identificar em si

mesmo, quais aspectos da dimensão pessoal foram determinantes na escolha pela profissão docente, com suas respectivas dimensões profissionais. Parte-se do princípio, ou hipótese, de que a maior proximidade entre essas duas dimensões (pessoal e profissional) levaria a uma ação profissional mais adequada, bem como a uma adequação pessoal mais integral.

Segundo Guenther (1997), o autoconceito é, ao mesmo tempo, produto e produtor de experiências. Produto porque é resultado da interação da pessoa consigo mesma e com o ambiente e produtor porque, é pelo autoconceito que algumas percepções e experiências são selecionadas e outras não. Com essa definição percebe-se porque é importante para qualquer profissional desenvolver seu autoconceito, pois a maneira como a pessoa se vê e vê a situação na qual está envolvida é que determina o que ela faz em qualquer momento da vida. Todas as ações dos professores estarão, portanto, vinculadas ao seu autoconceito.

Rogers e Rosemberg (1977) consideram o homem, em certa medida, como seu próprio arquiteto e completa afirmando que “o nível de autocompreensão de um indivíduo talvez seja o fator mais importante na previsão de seu comportamento” (p. 36), pois devido à consciência de si mesmo que ocorre através e na experiência, torna-se uma pessoa que funciona mais plenamente, sendo capaz de redirecionar seu comportamento para ações mais significativas no contexto de sua vida e sua profissão.

A percepção que a pessoa tem do outro, determina a maior parte do conteúdo externo das interações e inter-relações humanas. Por outro lado, a maneira como a pessoa interpreta que o outro a vê, influencia diretamente seu autoconceito, e, conseqüentemente, suas ações no mundo e relações com o outro, formando um círculo difícil de quebrar. Rogers (1981) afirma que “à medida que o indivíduo se torna mais plenamente ele mesmo, torna-se igualmente socializado de uma maneira mais realista”. (p. 174).

A terceira dimensão da personalidade humana, *o quadro referencial da visão de mundo*, é o ponto de vista da pessoa a partir do qual o mundo é visto e interpretado. Essa

dimensão é a que organiza e integra todas as percepções e diferenciações feitas no ambiente, tornando-se um fator de influência na seleção de percepções e experiências cotidianas.

Vê-se, portanto, que a Psicologia Humanista tem uma visão otimista do ser humano, enxergando-o como um ser direcionado para o autocrescimento e que só não tem essa direção quando alguma barreira externa se interpõe no processo. Por esse motivo acredita-se que quanto mais o ser humano seja consciente das possíveis variáveis envolvidas em cada situação, mais efetivo e adequado será seu comportamento. Nesse sentido, a Psicologia Humanista define o que chama de “pessoa adequada”. Ser adequada implica primordialmente ser capaz de perceber, analisar e considerar todas as informações presentes nas situações que vive, todos os dias; dados do passado, (...); dados do presente,(...); dados do futuro,(...); e, ainda mais, em face de todos esses dados, tomar a decisão mais acertada e assim agir na sua vida de cada dia. (GUENTHER, p. 189-190). Dessa forma percebeu-se, nas leituras iniciais para este trabalho, a relação coerente que existia entre as idéias de autores como Nóvoa, Schön, Marcelo Garcia, Pérez Gómez, entre outros (que sustentam a parte pedagógica deste trabalho), com as idéias sobre autoconhecimento e pessoa adequada, defendidas pela Psicologia Humanista. Não se pretendeu, aqui, defender uma linha da Psicologia, ao contrário, esperou-se poder descrever as contribuições da Psicologia, enquanto ciência e profissão, para a formação de professores. Buscou-se relacionar os conceitos e idéias da Psicologia com os conceitos e idéias da Educação em relação ao que se entende por autoconhecimento, identidade, conhecimento de si, autoconsciência, independentemente de linha teórica. No entanto, como dito anteriormente, encontrou-se grande respaldo nas idéias da Psicologia Humanista e da Psicologia sócio-histórica ou histórico-cultural. Percebe-se, inclusive, que o trabalho de Schön se estende ao campo de várias práticas e que a teoria de Rogers, assim como Dewey e Lewin dão suporte a muitas de suas idéias.

A Psicologia Sócio-Histórica enfatiza o papel do outro na constituição da pessoa.

Fontana (2000), se referindo a citações de Vygotsky, esclarece que:

A abordagem histórico-cultural da autoconsciência supõe uma concepção de sujeito que considera como elemento primordial de sua definição a contradição inerente à relação de constituição mútua entre o eu e o outro. O eu só se define em relação ao outro e, nesse movimento, ao mesmo tempo em que “atomiza, porque distingue”, integra porque é relação. (FONTANA, 2000, p.62)

Continua dizendo que apenas a partir do julgamento que os outros fazem de nós, da nossa percepção quanto a este julgamento e mesmo de como julgamos os outros é que vamos tomar consciência de nós mesmos. Acrescentaria a isso, o fato de que a percepção do julgamento do outro sobre nós nos possibilitaria o julgamento de nós mesmos. Essa questão ficou clara no momento em que os sujeitos desta pesquisa puderam refletir sobre seu trabalho através das filmagens e do roteiro que foi passado para que eles refletissem sobre sua prática.

Para essa mesma autora, nesta interação entre o eu e o outro o professor “se mostra” na sua prática e permite, ou transmite, a seus alunos uma outra aprendizagem: a de ser mulher ou homem; a de ser ‘este tipo’ de mulher ou homem que é. Segundo a psicologia sócio-histórica isto é resultado da singularização do professor, enquanto sujeito de desejos, valores e projetos, que vai acontecendo nas vivências e interações sociais, mediados pela história e a linguagem. Apropriando-se desse espaço de sujeito criativo ele pode refletir sobre o modelo de prática pedagógica que quer, ou que ‘pode’ querer.

Fontana (2000:37) diz que “Nossos modos de ação sobre o mundo, centrados na vivência imediata e em sua reprodução, determinariam a epistemologia dos professores que somos e nossa prática pedagógica.” Neste sentido explica que um bom caminho para a formação de professores seria refletir a prática docente da qual é sujeito, para depois se apropriar da teoria que questionará as outras práticas possíveis e apontar caminhos para o futuro. (p. 40)

Continuando a discussão sobre autoconhecimento, Guenther (1997), explica o que se entende por adequação pessoal. Mostra que esta não pode ser uma definição baseada em um quadro referencial externo, ou seja, a comportamentos vistos pelo observador, pois percebe-se que o conceito de “ajustamento” e desajustamento” está, na maioria das vezes, preso a alguma expectativa externa, baseada em valores e normas também externas e próprias de uma determinada cultura, sendo, portanto, diferente em outra sociedade. A adequação pessoal é a busca de crescimento e aperfeiçoamento do ser, enquanto que a inadequação pessoal resulta do insucesso na busca deste crescimento e aperfeiçoamento. Percebe-se em Nóvoa (1992), uma concordância com o dito acima quando diz que “(...) o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo” (p. 27).

Franco (2000, p. 11) realça que “o auto conhecimento facilita o fluxo de interações entre identidade pessoal e profissional, podendo esse processo diminuir a dissonância entre ambas e assim feito, o fluxo de mútua alimentação se perpetua, ampliando o nexos de significações e facilitando, novamente, o processo de auto compreensão”.

Uma outra questão importante é que esse sentimento de adequação pessoal não é eterno e constante, a pessoa está continuamente em busca de mais crescimento, e com isto, precisa constantemente refletir sobre suas ações, sua prática, mantendo o que está satisfazendo suas necessidades e mudando o que não satisfaz mais.

Como citado na Introdução deste trabalho, Nóvoa (1992) defende a idéia de que ao se possibilitar, a um profissional, a reflexão sobre seu dia a dia, está se permitindo que ele aperfeiçoe as possibilidades perceptuais de si mesmo e de sua profissão.

Nessa perspectiva, ao iniciar este estudo, acreditava-se que o trabalho com histórias de vida e reflexão sobre sua atuação nas filmagens de suas aulas, poderiam munir o professor de uma melhor consciência das diversas variáveis que se apresentavam no seu trabalho do dia

a dia, pois a maneira como percebe e diferencia uma conceituação própria e pessoal da tarefa da escola e da educação, irá repercutir diretamente no seu trabalho.

Rogers (1981) define o movimento feito pela pessoa adequada como um movimento que se afasta do pólo de uma atitude defensiva, em direção ao pólo da abertura à experiência. O indivíduo torna-se progressivamente mais capaz de ouvir a si mesmo, de experimentar o que se passa em si. Está mais aberto aos seus sentimentos de receio, de desânimo e de desgosto. Fica igualmente mais aberto aos seus sentimentos de coragem, de ternura e de temor. (p. 168)

É importante perceber que é impossível desenvolver configurações internas, como autoconhecimento, noção do outro e visão de mundo, através de informações e interações verbais sobre o assunto. É impossível também, tentar desenvolver as características acima descritas sem que se coloque a pessoa enfrentando situações diárias em estreita sintonia com suas ações. Segundo Guenther (1997) “A única maneira pela qual se pode desenvolver qualquer dimensão da personalidade é através da experiência real, autêntica, positiva, concretamente vivida, nas situações reais e naturais que compõem o cotidiano.” (p. 183).

Nóvoa (1992) continua dizendo que o trabalho centrado na pessoa do professor (a Psicologia Humanista é a Psicologia centrada na pessoa) e na sua experiência tem grande eficiência em momentos de crise e mudança, pois o sentimento de incapacidade e inadequação frente às situações e contextos de intervenção profissional são fontes de stress.

É fundamental que um profissional que trabalhe com a formação de seres humanos tenha, como tarefa fundamental, segundo Guenther (1997), a construção da competência profissional e pessoal necessária para reconhecer cada situação e saber o que fazer em cada caso. Em relação a isso pode-se citar Nóvoa (1992), que diz:

O professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor (NIAS, 1991). Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se

dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. (p.25)

Este trabalho se interessa por esses *espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais*. É a questão de *uma parte importante da pessoa ser o professor*. Seria o professor se descobrir como profissional que encontra na profissão o complemento de si, e cuja totalidade de sua personalidade indica ser ele realmente uma “pessoa-professor”. Seria acreditar que só se pode ser um bom professor se as competências e habilidades profissionais e as competências e habilidades pessoais estiverem em sintonia, fizerem parte do mesmo processo de desenvolvimento. Esta é, na verdade, a reflexão mais importante que este trabalho se propôs a fazer, e a citação acima se tornou a frase-estímulo para todos os momentos desta pesquisa.

Encontram-se também em Vygotsky (1984) referências importantes quanto à relação entre a pessoa e seus atos: “Sem a pessoa, não se pode entender o comportamento da pessoa [...] (p. 51).” “Não é o pensamento que pensa; é uma pessoa. [...] Mas ainda, assim que uma pessoa pensa, perguntamos: que pessoa? (p.46).”

Segundo Marcelo Garcia (1992), diversos autores, embasados nos estudos de Dewey, têm identificado três tipos de atitudes necessárias ao ensino reflexivo, constituindo-se em objetivos a alcançar pelos programas de formação de educadores. A primeira seria a *mentalidade aberta*, que, segundo Dewey, seria a capacidade de não ter preconceitos, de não ser imparcial ou de qualquer outro hábito que limite a mente e impeça o professor de levar em consideração novos problemas e a possibilidade de assumir novas idéias, reconhecendo que o erro pode acontecer, mesmo em relação àquilo em que mais se acredita. (DEWEY, 1989).

O principal aqui é que o professor possa examinar, sem preconceitos, as razões do que se passa na sala de aula, enxergar a possibilidade de se encontrar como sujeito-objeto nestas razões e refletir sobre como melhorar o que está posto. Rogers e Rosemberg (1977) afirmam que:

As novas realidades levam o homem a se voltar para si mesmo em busca de respostas que contem a ele. (...) Ele aceita real e gradualmente a responsabilidade por seus atos. (...) À medida que se pergunta 'por quê', é levado a abandonar antigas condutas que lhe parecem fictícias e sem sentido, e inventar outras que atendam à sua busca de congruência. (p. 57)

Em segundo lugar defende a *responsabilidade* – intelectual e não moral. Responsabilidade intelectual seria considerar e realmente adotar as conseqüências de um passo projetado, seria assegurar a integridade, coerência e harmonia daquilo que se defende. (DEWEY, 1989). De acordo com Marcelo García (1992) “significa também procurar os propósitos educativos e éticos da própria conduta docente, e não apenas os utilitários” (p. 63).

Por fim, como terceira atitude cita o *entusiasmo*, ou seja, a vontade de encarar a atividade com curiosidade, energia e capacidade de luta contra a rotina.

Parece necessário que, para o adequado desenvolvimento dessas atitudes do professor reflexivo, ele desenvolva competências específicas. Marcelo Garcia (1992) trata do fato através do que Pollard e Tann (1987) descreveram como destrezas específicas que o professor precisa desenvolver para a realização de um ensino reflexivo. São elas: *Destrezas empíricas*: capacidade de compilar dados, descrever situações, processos, causas e efeitos, tanto dados objetivos quanto subjetivos (sentimentos e afetos); *destrezas analíticas*: analisar os dados compilados e construir uma teoria; *destrezas avaliativas*: valorização e emissão de juízos sobre as conseqüências educativas e a percepção da importância dos resultados obtidos; *destrezas estratégicas*: planejamento da ação de acordo com a análise realizada.; *destrezas práticas*: relacionar a análise com a prática, com os fins e com os meios; *destrezas de comunicação*: partilhar suas idéias com colegas.

Já Perrenoud (2000) enumera 10 domínios de competências que são reconhecidas como prioritárias na formação de professores. O autor descreve detalhadamente o que o professor precisa fazer para desenvolver cada uma destas competências: (p. 20-21)

- *Organizar e dirigir situações de aprendizagem:* conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem; trabalhar a partir das representações dos alunos; trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem; construir e planejar dispositivos e seqüências didáticas; envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.
- *Administrar as progressões das aprendizagens:* conceber e administrar situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos; adquirir uma visão longitudinal dos objetivos do ensino; estabelecer laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem; observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem, de acordo com uma abordagem formativa; fazer balanços periódicos de competências e tomar decisões de progressão.
- *Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação:* administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma, abrir, ampliar a gestão da classe para um espaço mais vasto; fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades; desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuo.
- *Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; trabalhar em equipe:* suscitar o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolver na criança a capacidade de auto-avaliação; instituir e fazer funcionar um conselho de alunos (conselho de classe ou de escola) e negociar com eles diversos tipos de regras e contratos; oferecer atividades opcionais de formação, à la carte.
- *Trabalhar em equipe:* elaborar um projeto de equipe, representações comuns; dirigir um grupo de trabalho, dirigir reuniões; formar e renovar uma equipe

pedagógica; enfrentar e analisar em conjunto situações complexas, práticas e problemas profissionais; administrar crises e conflitos interpessoais.

- *Participar da administração da escola:* elaborar, negociar um projeto da instituição; administrar os recursos da escola; coordenar, dirigir uma escola com todos os seus parceiros; organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos.
- *Informar e envolver os pais:* dirigir reuniões de informação e de debate; fazer entrevistas; envolver os pais na construção dos saberes.
- *Utilizar novas tecnologias:* utilizar editores de textos; explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino; comunicar-se a distância por meio da telemática; utilizar as ferramentas multimídia no ensino.
- *Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão:* prevenir a violência na escola e fora dela; lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, éticas e sociais; participar da criação de regras de vida comum referentes à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta; analisar a relação pedagógica, a autoridade, a comunicação em aula; desenvolver o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.
- *Administrar sua própria formação contínua:* saber explicitar as próprias práticas; estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua; negociar um projeto de formação comum com os colegas (equipe, escola, rede); envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo; acolher a formação dos colegas e participar dela.

Fica claro que essas destrezas ainda são difíceis de serem alcançadas pelos professores, muitas vezes, devido à estrutura educacional em que se encontra o sistema de educação no país, mas em via de regra, pela grande exigência que representam para qualquer profissional.

Esperar que o professor tenha um bom desempenho em tudo o que está descrito acima é sobrecarregar esse profissional de responsabilidades que, muito provavelmente, sua formação não sustenta. Mas acredita-se que elas poderão ser melhor desenvolvidas com relatos e reflexões sobre as ações, de material do cotidiano do professor, pois, desta maneira, ele tomará conhecimento de suas possibilidades, competências e limitações para as ações que se espera dele. Será preciso, então, que o professor se conheça muito bem para, a seguir, assumir e desenvolver as competências que lhe são exigidas, principalmente quando está em começo de carreira.

3.3 O PROFESSOR PRINCIPIANTE

Levando em consideração as contribuições da sociologia da educação, vários investigadores, na área da educação, acreditam que as diferentes experiências, preocupações, percepções, expectativas, satisfações/frustrações e, principalmente, ações, parecem estar correlacionados com as diferentes fases da vida profissional e pessoal dos professores.

A experiência prática da Autora desta pesquisa mostra que a carreira docente é um processo repleto de oscilações e regressões, não sendo linear. Apesar do fato concreto de que todos os professores passam por todas as etapas, é verdade que a forma como a profissão é vivida em todo o seu desenvolvimento, não é igual para todos. A maneira como cada um vive cada momento será decisiva na maneira como cada um chega ao fim da carreira.

Percebe-se que, no início da carreira, os professores mostram-se muito preocupados com a situação dos alunos e atuarão de acordo com os problemas que encontram nas escolas e nas suas relações com os alunos. Preocupam-se com sua própria sobrevivência, e com sua imagem como professores. Com o progressivo domínio da situação do ensino, nos três ou quatro primeiros anos, vão abandonando, pouco a pouco, estas inseguranças e passam a atentar mais para as condições de aprendizagem dos alunos, ampliando, progressivamente, a sua reflexão a todo o sistema. Nesta fase, devido à maior proximidade da idade do professor com a dos seus alunos, podem aparecer tanto questões facilitadoras como dificultadoras ao processo. É comum ver um professor, nesta fase, agindo como um irmão ou uma irmã, mais velhos, como também é comum a dificuldade de manter a autoridade, estando sempre às voltas com problemas de disciplina. Preocupa-o de forma premente o domínio dos conteúdos. É a sua fase de socialização. (SILVA, 1997)

Huberman (2000) caracteriza os primeiros anos como de sobrevivência e descoberta, apontando desde logo, para a formação de duas atitudes face à profissão. Os que se situam mais na sobrevivência sofrem, de modo particular, o choque com a realidade, centrando-se em si próprios, e nas diferenças entre os ideais e a realidade. Os outros, que assumem uma atitude de descoberta, manifestam de forma viva o entusiasmo pela experimentação, o orgulho de ter a sua classe, os seus alunos, e de fazerem parte de uma corpo profissional.

Em síntese, a entrada na profissão, de acordo com esse autor, não é vivida por todos da mesma forma, e as seqüências da carreira docente não são vividas sempre pela mesma ordem nem por todos os elementos. O desenvolvimento de uma carreira é um processo e não uma série de acontecimentos. Nesta perspectiva mostra as fases perceptíveis da carreira docente. Apesar deste trabalho se interessar pelo início da carreira, percebe-se como importante continuar a descrever, de acordo com Huberman (2000), os outros momentos pelos quais passa o professor na sua profissão.

- **Entrada na carreira**

Nesta fase, entre o primeiro e o terceiro ano de carreira, percebe-se uma vivência mais homogênea por parte dos professores. Pode-se perceber questões relativas à sobrevivência e descoberta. Em relação à sobrevivência o professor está vivendo o que se pode chamar de “choque do real”, ou o momento em que o professor sente a grande distância que existe entre os ideais e as realidades impostas pelo dia-a-dia da sala de aula. Acrescenta-se a isso a preocupação consigo mesmo, a fragmentação do trabalho, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes e as dificuldades com alunos, material didático e outros entraves ao processo educativo.

Contraopondo-se a esses pontos apresenta-se o aspecto da descoberta marcado pelo entusiasmo inicial, a experimentação e a exaltação por estar em situação de responsabilidade e fazer parte de um determinado corpo profissional.

A literatura empírica mostra que, frequentemente, os dois aspectos são vividos em paralelo e que o segundo permite ‘agüentar’ o primeiro, mas percebe-se também que alguns professores apresentam um só desses componentes, ou ainda outros perfis, tais como: a indiferença, principalmente naqueles que escolhem a profissão contra a sua vontade ou provisoriamente; a serenidade, de quem já tem experiência; a frustração daqueles que encontram-se com encargos difíceis ou inadequados.

O tema geral desta fase é a exploração. Exploração de si mesmo e da carreira. O professor sabe que está lidando com opções provisórias, pois tudo está a se construir.

- **Fase de estabilização**

Seria a fase do comprometimento definitivo, da tomada de responsabilidade, onde passa “ser professor”, quer a seus olhos, quer aos olhos dos outros. É vivenciada do quarto ao sexto ano profissional. “Estabilizar significa acentuar o seu grau de liberdade, as suas

prerrogativas, o seu modo próprio de funcionamento” (HUBERMAN, 2000, p. 40). É quando o professor assume a identidade profissional, e assumir uma identidade pressupõe a escolha dessa profissão, que contribui de forma importante para a afirmação do eu.

Cresce o sentimento de competência pedagógica, de confiança e conforto, sentindo-se pertencente a um corpo profissional, sentindo-se independente. O professor vai em busca de aperfeiçoar e consolidar suas práticas pedagógicas, agindo com mais flexibilidade e segurança perante a turma, relativizando os insucessos. Em consequência a autoridade torna-se mais natural, lida-se mais adequadamente com os limites. Apresentam uma maior descentração, se preocupando menos consigo mesmos e mais com os objetivos didáticos. Esta fase é, portanto, vivida pelos professores com um sentimento positivo.

- **Fase de diversificação**

A partir da fase de estabilização os percursos individuais parecem divergir-se mais, através de experiências pessoais – diversificação do material didático, dos modos de avaliação, da forma de agrupar os alunos, das seqüências do programa. Sentindo-se estabilizados podem se lançar a “ataques” aos erros dos sistemas. pois puderam tomar uma maior consciência dos fatores institucionais e até governamentais que contrariam suas metas e sonhos. São, portanto, aqueles docentes mais motivados, mais dinâmicos, mais empenhados nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma. Que possuem mais autoridade, mais responsabilidade e prestígio.

Esta fase leva, também, à “ambição pessoal” através do acesso a pontos administrativos, que lhe trariam

Concomitantemente, o professor, nesta fase, parte em busca de novos desafios, aparentemente vindo de um receio de cair na rotina e uma necessidade de manter o entusiasmo pela profissão.

Esta fase, juntamente com a seguinte, abrangeriam a carreira do sétimo ao vigésimo quinto ano.

- **Pôr-se em questão**

É a fase dos questionamentos, o “meio da carreira”, quando o professor poderá fazer o balanço de sua vida profissional e encarar a hipótese de seguir outras carreiras. Examinam o que fizeram até aquele momento e o que ainda é possível fazer.

Entretanto, não se observa, na literatura, evidências de que esta fase ocorreria com a maioria dos professores, mesmo porque, ela estaria, em muitos sentidos, ligada a outras questões além das colocadas pela própria carreira. Questões tais como: características da instituição, contexto político ou econômico, acontecimentos da vida familiar.

- **Serenidade e distanciamento afetivo**

Vinda em seqüência à uma fase de questionamento, é marcada por serenidade e sentimento de segurança. Aparecem, também, lamentações sobre o período de “ativismo”. Hoje percebem que não têm mais a mesma energia para se envolverem em questões reivindicatórias. Ou seja, baixa o nível de ambição e investimento. É comum também o distanciamento afetivo dos alunos. Tal fenômeno pode ocorrer em decorrência da diferença de geração que existe, pois o professor encontra-se numa idade mais avançada em relação à maioria de seus alunos.

Nesta fase, os professores mostram-se menos sensíveis e menos vulneráveis a avaliações dos outros, passando a aceitarem-se tal como são e não como os outros querem que eles sejam. Existe, portanto, uma “reconciliação” entre o **Eu** ideal e o **Eu** real.

- **Conservantismo e lamentações**

Huberman (2000) explica que em relação a esta fase existem concordâncias e divergências. Concordâncias quanto ao fato de que a maioria dos professores vivem o momento de conservantismo e lamentações, mas a divergência está em como chegam lá. Alguns autores acreditam que seja uma seqüência natural da fase de serenidade, outros acreditam que os professores “chegam lá por vários caminhos (um questionamento mais prolongado, na seqüência de uma reforma estrutural ou face a uma reforma a que se opõem” (p. 45).

Os professores passam a reclamar das mudanças que vão ocorrendo no sistema educacional, nos alunos, nos colegas mais jovens. Acreditam que por mais que se modifique o sistema não se percebe melhorias no ensino.

Tanto esta quanto a fase anterior acontecem entre os 25 e 35 anos de carreira.

- **Desinvestimento**

Nesta fase, entre os 35-40 anos de carreira, percebem-se grupos de docentes que, não tendo alcançado suas ambições, libertam-se, progressivamente, sem se lamentar, do investimento no trabalho, para consagrar mais tempo a si próprios. Caracteriza-se, sobretudo, por uma “focalização” maior sobre certos aspectos (pessoais ou do sistema educacional).

O trabalho de Vygostky (1987), explicando a transformação de funções sociais em funções psicológicas, e o de Bakhtin (1985), sobre como o sujeito elabora o mundo e se elabora no mundo, esclarece, em certa medida, o caminhar do professor na sua carreira. Bakhtin explica que no início a “palavra alheia” é que permite ao sujeito elaborar o mundo e se elaborar no mundo. Depois, essas palavras alheias se tornam “palavras próprias alheias” através da colaboração de outras “palavras alheias”, para logo em seguida serem palavras

próprias. Esse caminhar que o sujeito faz no início de sua vida, na constituição de sua identidade, aparentemente, se repete na constituição de sua identidade profissional.

Além de Huberman, outros estudiosos enfocaram o tema das fases da carreira docente ou outra profissão qualquer e, mais especificamente, do início da carreira. Cavaco (1991), por exemplo, alerta para o fato de que o início da atividade profissional é, para todos os indivíduos, um período contraditório. A contradição se mostra, principalmente, quando ele confronta sua vocação, definida durante sua formação acadêmica com as estruturas ocupacionais com as quais ele se depara na sua realidade profissional, que não correspondem às suas aspirações e projetos. O jovem se vê diante da inserção no mundo do trabalho e, portanto, participação do universo do trabalho e o atendimento à suas ânsias pessoais quanto à sua carreira profissional.

Silva (1997) também acredita que a entrada de um jovem adulto na carreira docente, numa sociedade em mudança, é difícil, conflituosa e, algumas vezes, frustrante. Acredita, inclusive, que esse fato poderia causar uma crise de identidade e colocar em questão as crenças e valores aceitas pela sociedade. Este período de ansiedades é chamado por Müller-Fohbrodt e outros (1978, apud SILVA, 1997), de “choque com a realidade”, que seria, segundo Veenman (1984, apud SILVA, 1997), a cisão entre os ideais criados durante a formação inicial e a realidade da sala de aula.

Müller-Fohbrodt e outros (1978) citados por Veenman (1984, apud SILVA, 1997), distinguem cinco categorias de manifestações indicadoras do choque com a realidade: (a) percepção dos problemas: lamentações sobre carga horária, queixas de cansaço, angústias e frustrações; (b) mudanças de comportamento: mudanças de comportamento profissional motivadas por pressões externas; (c) mudança de atitude: alterações no sistema de crenças do professor, que são visíveis em suas ações; (d) mudança de personalidade: mudanças no

domínio da estabilidade emocional e do autoconceito; (e) abandono da profissão: a desilusão é tão grande que o professor não vê outra saída senão deixar a profissão.

O professor principiante, para sobreviver a esta crise, passa a pautar seu comportamento pelas normas vigentes na instituição da qual faz parte, o que leva, geralmente, a atitudes conservadoras e dogmáticas. (SILVA, 1997).

Muitos são os fatores, segundo Silva (1997), que transformam a etapa de iniciação num contexto propício para o aparecimento de dilemas, tais como: o corte entre o ideal e o real, a ambigüidade do papel desempenhado pela escola numa sociedade em constantes mudanças e a multiplicidade de papéis que estão designados ao professor. De acordo com a mesma autora este círculo não se desfaz “(...) enquanto não se conseguir uma gestão adequada dos dilemas, através de transformações no pensamento do professor que propiciem o desenvolvimento do autoconhecimento, o aumento da auto-estima e do autoconceito e a abertura à mudança, conduzindo ao desenvolvimento pessoal e profissional” (SILVA, 1997, p. 57-58).

A intenção deste trabalho foi, unindo o desenvolvimento do autoconceito, com a reflexão na ação proposta por Schön (1992, 2000), Nóvoa (1992), Marcelo Garcia (1992) entre outros, conduzir o professor iniciante ao desenvolvimento pessoal e profissional.

Silva (1997) apresenta os 24 problemas, selecionados por Veenman (1984), percebidos pelos professores em início de carreira, distribuídos pelas fases e categorias estabelecidas por Fuller (1969) e Fuller e Bown (1975): os problemas – disciplina, desmotivação dos alunos, culturas diferentes e origem social dos alunos, relação com os pais, condições materiais, equipamento inadequado, carga horária, relação com os colegas, carga de trabalho burocrático, acompanhamento inadequado, falta de tempo livre, conhecimento da política da escola e suas regras, conhecimento dos conteúdos que leciona, turmas muito numerosas e relação com diretores/administradores – estariam na categoria, descrita por

Fuller, como “*Preocupações centradas em si próprio*”. Os problemas – organização do trabalho na aula, planificação, uso efetivo de manuais e uso efetivo de diferentes métodos de ensino – estariam na categoria “*Controle e organização*”. Por último os problemas – gestão das diferenças individuais dos alunos, gestão dos problemas individuais dos alunos, determinação do nível de aprendizagem dos alunos, alunos com baixo ritmo de aprendizagem e avaliação dos trabalhos dos alunos – estariam na categoria “*Preocupações com os alunos*”.

Em relação à primeira categoria percebe-se a preocupação do professor em se integrar e agir da maneira que os outros aceitem. O professor está aprendendo um novo papel e qualquer evento que venha a perturbar essa aprendizagem provoca desequilíbrio e gera preocupações.

A segunda categoria mostra os problemas referentes à relação que os professores estabelecem com o processo de ensino, tendo mais a ver com a forma que ensinam do que com a forma que os alunos aprendem, portanto, ainda centrados neles próprios.

Silva (1997) agrupou na terceira categoria “os problemas que revelam que os professores, apesar de ainda centrados em si próprios, se preocupam com a aprendizagem dos alunos” (p. 56).

Bem-Peretz e Kremer-Hayon (1990, apud SILVA, 1997) citam três grupos de dilemas de professores iniciantes: (a) dilemas relacionados com o controle do ato educativo; (b) dilemas emergentes da gestão curricular; (c) dilemas socioculturais.

A gestão desses dilemas não é tarefa fácil para o professor que está em início de carreira. Silva (1997) propõe uma interpretação espiralada do processo de gestão de dilemas:

Uma primeira tomada de consciência da necessidade de mudança do sistema de crenças dará origem a uma experimentação de novas estratégias que, por sua vez, consolidarão a transformação mais efetiva das crenças, dando lugar a uma nova experimentação de novos caminhos...(p. 58-59)

Um outro fator que gera desconforto para os educadores é a entrada na escola da

violência, gerada por questões sociais que levam à fragilidade dos aprendizes em todos os sentidos. Se o educador, através da reflexão, do desenvolvimento de seu autoconceito e da elevação de sua auto-estima, conseguir entender que aquilo que o aluno está mostrando na escola é o reflexo de algo dolorido que está sendo gerado por questões sociais, e que seu comportamento é um pedido de socorro para alguém que ele acredita poder ajudá-lo, e não uma agressão espontânea dirigida à pessoa dele (educador), ele poderá modificar, quebrar este círculo e gerar um melhor processo educacional. Acredita-se que essa mudança interferirá diretamente na auto-estima, tanto do educador quanto do aluno, e que o raio de alcance da mudança é bem maior do que o contexto escolar, atingindo toda a comunidade a qual pertencem.

Muitas mudanças ocorridas no contexto social do país trouxeram reflexos importantes para o trabalho educativo. A especificidade do trabalho educativo gera uma necessidade do educador se conhecer mais íntima e reflexivamente, pois vê, diariamente, a educação ser desvalorizada, seu trabalho ser subestimado. São reflexos de um país para o qual a educação é, até certo ponto, um entrave, pois povo educado é mais difícil de ser manipulado.

Apesar da situação instalada, percebe-se que, muitas vezes, a desvalorização da profissão vem dos próprios professores que acreditam ser a profissão de menor nível comparada a várias outras que exigem o mesmo grau de instrução. Garcia (1996) levanta o tema da evasão do professor para outras profissões, onde, com certeza, dobrarão seu salário, serão mais valorizados e menos “cobrados”. Mas, por outro lado, nota-se que muitos professores se vêem como competentes e procuram justificar o fracasso dos alunos neles próprios (alunos) ou no ambiente do qual fazem parte. É uma tentativa de se ausentar de uma situação que não compreendem ou não têm controle. Muitas vezes não compreendem porque não estão, interiormente preparados para tal.

Pimenta (1995) cita o relatório que Lúcia Pinheiro apresentou na IIª Conferência Nacional de Educação (Porto Alegre, 1967), chamando a atenção para como ele é “absurdamente” válido até hoje.

(...) embora os alunos estudem Psicologia e Sociologia, não adquirem atitude psicológica e sociológica adequada para enfrentar, no futuro, problemas concretos, individuais e coletivos, como relações ambiente-criança, família-escola, aluno-professor, vida intelectual-vida afetiva, efeitos da personalidade do professor, para adotar os possíveis meios de ação que, em cada caso impõem aos educadores. (PIMENTA, 1995, p. 43).

Em relação à relevância de trabalhos na área, Silva (1997) afirma que nas últimas décadas muita atenção foi dada, pelas investigações sobre formação de professores, aos problemas enfrentados pelos professores principiantes, mas que, embora se tenha identificado muitos problemas, pouco se sabe sobre as características pessoais dos próprios professores que interagem com essas situações. “Será necessário estudar os comportamentos dos professores como sendo uma resultante de suas interações com os contextos” (p. 56), pois acredita que

as preocupações dos professores no início de carreira não podem ser compreendidas como resultantes de interações estabelecidas linearmente entre o “eu” do professor e o contexto, entre o “eu” do professor e o processo de ensino e entre o “eu” do professor e o processo de aprendizagem, mas deverão entender-se circularmente (p.57).

Giesta (2001) enumera várias investigações acerca do trabalho e formação docente tais como: Candau (1987), Linhares et al (1991), Feldens (1992) que realizaram estudos sobre produções científicas na referida área e mostraram que os trabalhos deixaram de se caracterizar como denúncia e passaram a buscar respostas práticas ao fazer pedagógico. Apesar disso, acredita que a realização de estudos sistematizados é ilimitada numa abordagem qualitativa do cotidiano escolar, pois a explicitação da realidade escolar é inesgotável, mesmo que reforce informações já divulgadas em outros estudos.

O interesse pelo período de início de carreira do professor se justifica pela importância das informações para a reestruturação de programas de formação de professores, tanto iniciais quanto contínuos, buscando a implantação de um período de indução que minimize as dificuldades enfrentadas pelos recém-formados no início de suas atividades profissionais.

Meta e Objetivos

4 META

Estudar as possíveis contribuições da Psicologia para a formação de professores.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a relação que o professor estabelece entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da docência;

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- i. Identificar e descrever as relações entre história de vida e as práticas docentes do professor principiante
- ii. Avaliar a compreensão do professor principiante relativamente à complexidade das situações de ensino e sobre as alternativas para enfrentá-las.
- iii. Identificar e descrever os processos reflexivos observados sobre a ação prática do professor principiante.

Trajetória Metodológica

6 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

6.1 A PESQUISA QUALITATIVA

A opção metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa será o modelo qualitativo, partindo do pressuposto de que, tanto o referencial teórico em que se apóia este estudo quanto a natureza do trabalho a ser desenvolvido necessitam das especificidades deste tipo de metodologia para alcançar seus objetivos.

Bogdan e Biklen (1994) relatam que as raízes da pesquisa qualitativa estão nas práticas desenvolvidas por antropólogos e sociólogos e que, só posteriormente, começaram a fazer parte da pesquisa educacional. Trivinos (1994) mostra que foi na década de setenta que o interesse pelos aspectos qualitativos da educação começou a surgir na América Latina. Essa tendência surgiu em oposição à posição tradicional positivista, de utilizar, nas ciências humanas, os mesmos princípios das ciências naturais. Passou-se a perceber que a especificidade das ciências humanas exigia outros métodos de investigação.

Algumas características básicas da pesquisa qualitativa relatadas pelos mesmos autores: oferece um ambiente natural como fonte direta dos dados, onde o pesquisador é instrumento chave; é uma pesquisa descritiva; os pesquisadores qualitativos se preocupam com o processo e não com os resultados e tendem a analisar seus dados indutivamente; a preocupação essencial nesta abordagem é o significado. Além disso, ressaltam, ainda, que este método propicia ao pesquisador um contato direto com a situação onde os fenômenos acontecem, que são influenciados pelo seu contexto. O pesquisador se preocupa em

considerar todos os dados da realidade e de saber como cada problema se manifesta nas atividades cotidianas das pessoas. Essa é a preocupação central deste trabalho, ou seja, analisar o cotidiano escolar na perspectiva dos docentes.

Haguette (1995) afirma que a superioridade deste método está no fato de fornecer

(...) uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais seja apoiadas no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos. (p. 63).

A mesma autora cita Lazarsfeld (1969) que identifica três situações onde este método melhor se aplica:

a) situações nas quais a evidência qualitativa substitui a simples informação estatística relacionada a épocas passadas; b) situações nas quais a evidência qualitativa é usada para captar dados psicológicos que são reprimidos ou não facilmente articulados como atitudes, motivos, pressupostos, quadros de referência, etc; c) situações nas quais simples observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta. (HAGUETTE, 1995, p. 64).

6.1.1 História de Vida Temática

Martinazzo (2000) acredita que as histórias de vida constituem um memorial onde se apresenta a compreensão da gênese e da constituição das subjetividades. É uma narrativa com uma grande carga de autocompreensão. Ao relatar a história de vida, o sujeito busca sistematizar os fatos mais significativos que explicam e justificam o processo de constituição de sua singularização/subjetivação.

O autor diz que “o memorial é e requer de cada um, mais que uma simples reconstituição histórica que está prenhe de conteúdos e mensagens” (p. 11), é um exercício

hermenêutico carregado de grande significado. O sujeito se manifesta por inteiro, e nisso o memorial é auto consciência, podendo ser até mesmo terapêutico. Concorde-se com Martinazzo (2000) de que toda autobiografia permite buscar um certo distanciamento do mundo fenomênico, para melhor observar o que se é e o que ainda se quer ser, pois acaba sendo uma restauração à medida que ela é uma autocompreensão, auto-referência e autocrítica abrangentes, abrindo as portas para uma (re)construção.

Ao longo de toda a narrativa, talvez como uma espécie de corolário, tem-se a difícil tarefa de emitir juízo sobre tudo o que se foi e o que se é. Neste momento, entra-se no campo complexo de referenciais ético-políticos, religiosos, pedagógicos e axiológicos. Explicita-se a racionalidade das opções e certificações que nos acompanharam até o presente, ao mesmo tempo em que valida tudo o que se foi e o que se é. Enfim, manifesta em qual racionalidade estão assentadas nossas vidas. Sem dúvida, é o ato mais reflexivo e profundo e, portanto, o mais rico e indispensável. (MARTINAZZO, 2000, p. 12-13)

Segundo Chizzotti (1998), na história de vida reúnem-se informações sobre os fatos ocorridos e o significado destes fatos que determinaram os comportamentos e a compreensão de vida e de mundo da pessoa. Segundo o mesmo autor, história de vida privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal dos informantes, e, segundo Haguette (1995), esta técnica se preocupa com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre seu mundo, pois “a compreensão do comportamento de alguém só é possível quando este comportamento é visto sob o ponto de vista do ator” (p. 81).

Haguette (1995) mostra quais as funções que podem ser desempenhadas pela história de vida, segundo Becker. Descreve cinco funções, dentre as quais se destaca uma que atende a este trabalho mais especificamente: a história de vida pode, mais do que qualquer outra técnica, dar sentido à noção de “processo em movimento” de que falam os sociólogos, mas que é difícil de ser observado. A observação desse processo requer uma compreensão íntima da vida das pessoas bem como uma técnica que possa oferecer riqueza de detalhes sobre tal processo, como a história de vida pode fazer. Ao trabalhar com a

história de vida dos professores, possibilita-se que problemas colocados sobre a profissão sejam levantados do ponto de vista do professor, o que permite o conhecimento de suas táticas, suposições, constrangimentos e pressões.

A utilização da história de vida como técnica de pesquisa foi introduzida pela Escola de Chicago, em 1920, e desenvolvida por Znanieski, na Polônia. No início foi preterida pelas técnicas quantitativas e renegada nos meios de pesquisa. A partir dos anos 60 toma novo impulso ao procurar “superar o subjetivismo e constituir-se em método de coleta de dados do homem concreto” (CHIZZOTTI, 1998, p. 96). Neste modelo a história de vida deixa de ser uma biografia modelar para focar os trajetos pessoais dentro de contextos de relações sociais.

Apesar das diferenças de conceituação que existem entre história oral e história de vida, existem questões nas quais os dois conceitos convergem. Segundo Meihy (2005) um dos conceitos de história oral é: “prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato”. (p 17). Em relação aos procedimentos a serem utilizados, também há semelhanças entre as duas práticas, pois ambas englobariam um conjunto de procedimentos que abarcaria a elaboração de um projeto, a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento, finalizando com a publicação dos resultados, não sem antes serem apresentados ao grupo que gerou as entrevistas. A partir dessa compreensão decidiu-se tomar como base o autor citado acima (Meihy) apesar de ele focar, mais especificamente, a história oral.

Segundo Meihy (2005), o fato da técnica da história oral/história de vida ter decolado na década de 60 passa pelos ecos da contracultura, onde emergiam movimentos

reivindicatórios de massas que fizeram fluir novas políticas. A história oral serviu de voz aos grupos que se viam calados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos que tinham suas histórias reconhecidas e divulgadas a partir do poder que eles emanavam.

Ainda segundo esse autor, até bem pouco tempo não se discutia sobre o estatuto da história oral, ou sobre o fato de ser ela simples “ferramenta”, “técnica”, “método” ou “disciplina”. O quadro foi mudando na medida em que os debates sobre os critérios de elaboração dos documentos se fizeram temas específicos de estudos afinados com as indicações de novas potencialidades.

Continua dizendo que a história oral como técnica, estabelece que a inscrição dos depoimentos depende muito do controle e do planejamento dirigido de seu uso nos resultados. Já como método, ela privilegia os depoimentos como atenção central dos estudos. As entrevistas são o ponto central e de partida para as análises e reúnem, em torno dela, o conjunto de procedimentos que devem ser explicitados nos projetos.

Para Meihy (2005), a entrevista será a técnica utilizada para a obtenção das histórias de vida que serão documentadas através da transcrição. A história oral se materializa em um documento escrito e ganha a objetividade de qualquer outro documento grafado.

Três elementos constituem a relação mínima da história oral, e um não faz sentido sem o outro: o entrevistador; o entrevistado; e a aparelhagem da gravação.

A história oral mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras, e por isso é importante separar as etapas de gravações de entrevistas, de estabelecimento dos textos, de suas análises e do arquivamento ou destinação. A primeira etapa é obrigatória, por ser germinal; a segunda e a terceira dependem das determinações estabelecidas no projeto; e a última deve se orientar para a institucionalização da guarda do material. (MEIHY, 2005, p.18)

O que marca a história oral como “história viva” é a presença do passado no presente imediato das pessoas.

Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p. 19)

Essa questão é essencial para este trabalho e direcionou a escolha da história oral como técnica para a possibilidade de reflexão dos professores quanto a sua formação e prática docente.

Hoje, dado o volume de estudos feitos em nome da história oral, compromete-se o caráter exclusivamente disciplinar que afiliaria seus adeptos a uma área específica: história, sociologia, antropologia, psicologia, geografia humana ou jornalismo. A história oral tem aceitação popular exatamente porque desmente a imperiosidade do formalismo disciplinar acadêmico, ainda que nas universidades haja movimentos querendo transformá-la em uma prática sua.

Em relação a isso Nóvoa (2000), no prefácio da 2ª edição do livro *Vidas de Professores*, faz uma descrição importante sobre a utilização do método (auto)biográfico, através de história de vida, na pesquisa social. Conta que em 1988, quando publicou, juntamente com Mathias Finger, *O Método (auto)biográfico e a formação*, esta abordagem não tinha significado na formação de professores. Já quando da publicação da 1ª edição da obra atual (*Vidas de Professores*), em 1992, a situação tinha mudado muito. Nessas mudanças percebem-se aspectos positivos e negativos. Nóvoa alerta que o sucesso das abordagens (auto)biográficas, que contribuíram para uma nova visão do trabalho científico e dos processos de formação profissional, só pôde ser alcançado em detrimento de algumas de “suas características originais, do seu rigor metodológico e das suas dimensões críticas” (p. 7). Houve o que ele chamou de “efeito de banalização” do método, em certa medida pelo ‘efeito da moda ao qual a reflexão educacional está sujeita, o que pode ter dado, ao método, a cara de folclore intelectual.

Com a sua banalização, o método se tornou, por um período, uma forma de recusa de qualquer discurso científico em educação, perdendo, assim, sua característica fundamental, enquanto método científico, que é a ruptura com as perspectivas positivistas em ciência.

Mediante isso Nóvoa reflete sob a questão de, em relação a história de vida, estar se pisando em terreno escorregadio e ser necessária uma atenção redobrada, além de um grande ceticismo. Mostra que, em alguns casos, a utilização deste método, no campo da profissão, chegou a ter, como único objetivo, recuar a uma visão “desprofissionalizada” do trabalho docente, enfocando apenas dimensões pessoais do professor e voltando a se falar de “vocação”, “missão” ou “intuição”.

Finalizando, Nóvoa afirma que

E, no entanto, as abordagens (auto)biográficas mantêm intactas todas as suas potencialidades heurísticas e constituem um marco de referência para a renovação das formas de pensar a actividade docente, no plano pessoal e profissional. Por outro lado, a evolução do universo profissional dos professores nos últimos anos concede-lhes uma cada vez maior pertinência. (...) As razões científicas, juntam-se assim, outras pertinências que dão um sentido acrescido ao desenvolvimento de modalidades de investigação e de formação que cruzam as dimensões pessoais e profissionais. (p. 7-8)

Para Meihy (2005), a história oral/de vida temática é quase sempre usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos. Partindo de um assunto específico e previamente estabelecido, se compromete com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido. No caso desta pesquisa era importante que os professores falassem sobre o tema de sua formação para a docência, portanto, como esta técnica admite o uso do questionário ou roteiro, que se tornam peça fundamental para a descoberta dos detalhes procurados, usou-se um roteiro que dirigia o pensamento dos entrevistados para as questões que se queria estudar (Anexo 10.4).

6.1.2 Observação participante

Minayo (2000) explica que a importância da observação participante nas investigações qualitativas é tal que muitos estudiosos a tomam como um método em si mesmo. A autora cita Schwartz e Schwartz (1995, p. 355) para definir este termo:

Define-se observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (MINAYO, 2000, p. 135)

Valles (1997) citando Adler e Adler (1994) diz que a observação participante é essencialmente naturalista, ocorre em um contexto natural, onde os atores estão participando naturalmente em interação e seguem o curso natural da vida cotidiana. Dessa forma os pesquisadores não estão presos a categorias pré-determinadas, mas, ao contrário, estão livres para buscar os conceitos e categorias que tenham significado para o sujeito. Esse é um dos principais pontos positivos desta técnica qualitativa.

Cruz Neto (1994) mostra que existem dois pólos extremos na observação participante, no que se refere à inserção do observador no campo: de um lado a *participação plena* com envolvimento integral em todas as dimensões da vida do grupo estudado. Em relação a esse pólo, Chizzotti (1998) explica que ela pode se definir como “uma partilha completa, duradoura e intensiva da vida e da atividade dos participantes” (p. 90). Desta forma, o observador está em interação constante com o grupo em todas as situações, acompanhando as ações e as circunstâncias e sentidos delas e interrogando sobre as razões e significados das mesmas. De outro lado pode existir um *distanciamento total de participação* da vida do

grupo, tendo como ação mais importante, apenas a observação. Entre os dois pólos encontram-se algumas variações da técnica.

Em relação a isso, Mayan (2004) identifica quatro formas em que a observação participante pode ser realizada. A primeira seria quando o *observador completo* observa a situação sem interatuar com as atividades diárias do grupo. Ocorre, por exemplo, quando o pesquisador observa um operário desenvolvendo seu trabalho. A segunda se dá quando o *observador como participante* observa a situação e se envolve na atividade em um segundo plano (como se fosse um auxiliar das atividades da pessoa observada). A terceira forma seria a do *participante como observador*, onde o observador participará das atividades cotidianas, mas estará sempre registrando suas observações, ficando claro para o grupo ou pessoa observada qual é seu papel ali. A última forma é o *participante completo*, quando o pesquisador está totalmente imerso no cenário e não é reconhecido no ambiente como um investigador. Esta última não é mais utilizada atualmente (ou não deveria ser), pois as normas éticas em pesquisa exigem que os sujeitos da observação sejam informados e dêem consentimento para participarem do estudo.

Percebe-se que para a utilização desta são necessários alguns cuidados especiais, como, por exemplo: deixar claro seus objetivos e como pretende desenvolver as observações, possuir capacidade de observação e empatia para poder contar com a boa aceitação de sua presença pelo grupo a ser estudado. Exige, ainda, segundo Chizzotti (1998) registro adequado que garanta a fiabilidade e pertinência dos dados.

Para o desenvolvimento da observação participante o pesquisador poderá se utilizar de diversos instrumentos, tais como: fotografia, filmagem ou anotações de campo. De qualquer maneira deverá fazer um resumo descritivo de todas as observações feitas.

A observação participante, que foi introduzida pela Escola de Chicago (anos 20), foi duramente criticada pelos experimentalistas, chegando a ser abandonada durante muitas

décadas, para ressurgir nas pesquisas sociais auxiliando nas interpretações mais globais das situações analisadas (CHIZZOTTI, 1998).

Mayan (2004) relata que a observação participante foi desenvolvida como uma estratégia para reunir dados entre os antropólogos que estudavam culturas estranhas, no início do século XX. Lüdke e André (1986) mostram algumas dessas críticas. Criticou-se, e ainda se percebem essas críticas, a observação participante por provocar alterações no ambiente ou no comportamento das pessoas observadas e, ainda, por se basear em interpretações pessoais, pois o envolvimento marcante do pesquisador o levaria a uma visão distorcida do fenômeno. Os autores citam Guba e Lincoln (1981) que refutaram essas críticas, explicando que as alterações provocadas no ambiente são, em geral, muito menores do que se pensa, pois os ambientes sociais são relativamente estáveis e a presença do observador não terá um efeito destruturante. Explicam, ainda, que o observador pode utilizar uma série de meios para verificar se o seu envolvimento intenso está levando a uma visão parcial e tendenciosa do fenômeno. Esses meios estão pautados, primordialmente, nas anotações feitas por ele. Comparando o que encontra na realidade com o que esperava encontrar (se não houver discrepância ele deve ficar atento), comparando anotações do início do trabalho com as que foram registradas mais tarde (se não houver diferenças, deve-se verificar os motivos).

6.1.3 Diários de campo

Os diários de campo são documentos escritos na ocasião dos acontecimentos, onde são registradas descrições de situações diárias no ambiente escolar.

Meihy (2005) aconselha o uso do caderno de campo no acompanhamento das entrevistas e no registro da evolução do projeto. No caderno de campo colocam-se as

observações tanto do andamento do projeto como das entrevistas específicas. Deve funcionar como um diário íntimo, no qual são registrados inclusive os problemas de aceitação das idéias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto. Uma de suas funções é possibilitar um diálogo freqüente e constante em relação ao projeto inicial, tornando-se um referencial obrigatório nas finalizações dos trabalhos. Sua validade como elemento de registro garante a trajetória da evolução do trabalho.

O diário de campo colabora na construção da consciência crítica, porque implica na exploração da prática, possibilitando a reflexão-sobre-a-ação, gerando novos planos consecutivos. (BORBA, 2001).

Bogdan e Biklen (1994) se referem ao uso de diários pessoais nas pesquisas educacionais, diferenciando aqueles diários espontâneos em que a pessoa registra suas emoções diárias refletindo sobre sua vida, daqueles gerados com um fim específico, talvez não tão reveladores quanto os espontâneos, mas que podem dar várias pistas acerca da vida das pessoas que se quer estudar. Continua dizendo que sendo um diário escrito sob a influência imediata de uma experiência, pode ser muito eficaz em “capturar o humor das pessoas e seus pensamentos mais íntimos” (p. 178).

6.1.4 Videograções

Essas videograções feitas com os professores para posterior reflexão, por eles próprios, de suas ações em sala de aula, inserem-se na técnica conhecida como autoscopia.

Nesta pesquisa utilizou-se de videograções de algumas aulas dos professores participantes que, posteriormente, assistiram às mesmas para análise e reflexão sobre suas

ações. Difere-se, em certo sentido da autoscopia, pois nesta os sujeitos devem refletir sobre sua ação, juntamente com o propositor do estudo e de preferência em pequenos grupos. No caso deste trabalho, os professores, por decisão própria, fizeram a reflexão individualmente e sozinhos. Era passado para eles um roteiro, criado a partir dos diários de campo feitos durante as videograções. Eles o respondiam, a pesquisadora lia e devolvia com alguma outra pergunta para clarear algum ponto, quando necessário. No entanto, o aporte teórico e prático da técnica da autoscopia foi utilizado.

Segundo Sadalla e Larocca (2004) a palavra autoscopia é formada por “auto”, referindo-se ao próprio sujeito, e “escopo” no sentido de objetivo, finalidade, meta. Portanto o trabalho com autoscopia pretende levar o sujeito a objetivar-se, analisando-se em torno de uma finalidade.

Nesse sentido esta técnica (autoscopia) é utilizada não só como pesquisa, mas também como formação dos profissionais que se submetem a ela.

Vários estudiosos utilizaram-se de videograções com posterior reflexão para uma auto avaliação, sem necessariamente denominar a técnica de autoscopia. Mas em todas elas o objetivo é o indivíduo se ver em ação, perceber causa e efeito dessas ações e modificá-las. (SADALLA E LAROCCA , 2004).

Essas mesmas autoras citam Rosado (1993) explicando que:

Nesta atividade o sujeito ressignifica os elementos apresentados, interpretando conteúdos e estabelecendo arranjos particulares, procedendo a articulações e atribuindo certos valores aos elementos, conforme sua bagagem pessoal de experiências e conhecimentos anteriores. (p. 421-422)

Reiteram que o interesse principal da técnica é a análise feita pelo sujeito ao confrontar-se com sua própria imagem na tela, com reflexão sobre o próprio comportamento.

No vídeo a pessoa pode contemplar-se a partir de infinitos pontos de vista (...) Vejo-me para me compreender. O fato de ver-me e de escutar-me leva a uma tomada de consciência de mim mesmo, de minha imagem, do som da minha voz, da

qualidade e da quantidade de meus gestos, de minhas atitudes, de minha postura, de minha maneira de atuar e de ser. (FERRÉS, 1996, p. 52)

Ferrés (1996) continua refletindo que esse encontro com o próprio corpo é que vai permitir o encontro com a personalidade e que isto é indispensável para a tarefa de transformação.

Nesta experiência o indivíduo se confronta com sua subjetividade através da visão externa proporcionada pelo vídeo. Os produtos resultantes desse encontro consigo é que interessam à autoscopia e aos trabalhos que pretendem contribuir para uma melhor formação profissional, através do auto conhecimento, como este.

Em relação a isto Sadalla e Larocca (2004) refletem: “Trata-se, pois, de uma reaproximação de si e também de uma ocasião privilegiada de autocrítica em face da representação que se tem do próprio papel no mundo e a atuação que nele se verifica.” (p. 423).

As mesmas autoras enumeram algumas vantagens e alguns limites do uso da autoscopia:

Vantagens:

- Permite uma compreensão mais profunda dos elementos a serem analisados.
- Possibilidade de análise crítica, exercitando uma intensa atividade intelectual.
- A videogravação, conservando algo que é passado, permite restituir o presente.
- Versatilidade durante a exibição – o sujeito pode avançar, retroceder, pausar, repetir passagens.
- Técnica adequada para investigação de fenômenos nos quais o movimento é importante.
- Por não ser uma observação direta facilita o distanciamento emotivo necessário para a análise reflexiva.

Limites e cuidados a serem considerados:

- A imagem de si no vídeo pode provocar algumas manifestações negativas, principalmente em indivíduos mais resistentes à mudança.
- A câmara de vídeo durante as gravações não é um elemento neutro e produzirá mudanças no ambiente. Este fato pode gerar algumas resistências e comportamentos estereotipados que deverão ser analisados posteriormente.

6.1.5 Grupo Focal

É um método de pesquisa qualitativo e pode ser usado para se compreender a formação de diferentes percepções e atitudes diante de um fato, prática, produto ou serviços. É um tipo especial de grupo por seu propósito, tamanho, composição e dinâmica. Apóiam-se na interação entre os participantes para colher dados, a partir do que é fornecido pelo pesquisador. A coleta de dados se baseia na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outras pessoas. Contrasta com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo emite opiniões sobre certos assuntos. As discussões são conduzidas visando identificar tendências e padrões na percepção do que se definiu como foco do estudo. A análise das discussões vai fornecer pistas e “insight” sobre como um produto, serviço ou plano é percebido. (CARLINI-COTRIM, 1996)

Conforme Debus (1997) o grupo focal é utilizado como estratégia metodológica qualitativa, já que este tipo de abordagem se interessa em buscar respostas sobre pensamentos e sentimentos das pessoas.

Existe, na literatura, uma discussão sobre o nome dado à técnica chamada aqui de grupo focal. Na verdade, percebe-se que todos se referem ao mesmo procedimento, com os mesmos objetivos, divergindo minimamente em alguns procedimentos. Essas diferentes denominações podem ser encontradas em autores como: Marconi e Lakatos (1990, p. 79-83), que utilizam o termo observação direta intensiva sistemática e Mattar (1996, p. 62-67) que usa termos como entrevista focalizada de grupo, entrevista profunda de grupos, reuniões de grupos, pesquisa diagnóstica e pesquisa de motivação. Valles (1997) usa os termos *grupo de discussão* e *grupo focal* como correlatos.

Esta técnica foi proposta primeiramente pelo cientista social Robert Merton, na década de 50, mas foi ignorado no meio universitário. A primeira área a incorporar esta técnica e a utilizá-la cada vez mais, foi o marketing. Pesquisas de opinião fazem uso freqüente do grupo focal. Durante as décadas de 70 a 90 a técnica do grupo focal começa a se expandir entre os pesquisadores universitários, principalmente na área social e de saúde, com autores como Ibáñez (1979), Ortí (1984; 1989), Patton (1990). (VALES, 1997).

As primeiras publicações com a utilização da técnica de grupo focal são datadas da década de 80, apresentando significativo aumento a partir de 1990. Na área da saúde sua utilização é mais recente e teve um caminhar mais lento do que na do marketing. (IERVOLINO e PELICIONE, 2001).

Atualmente percebe-se sua utilização inclusive no âmbito da avaliação institucional. De acordo com o SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), algumas Instituições de Ensino Superior têm usado o método como técnica para avaliar seu ambiente interno e externo.

Para Iervolino e Pelicione (2001) o objetivo central do grupo focal é a interação entre os participantes e o facilitador, além da coleta de dados em itens específicos e diretivos, vindas da discussão com foco. Neste trabalho a técnica de grupo focal teve como finalidade

colher opiniões, crenças, imagens, percepções, valores, experiências, comportamentos, intenções e reflexões dos professores sobre a profissão docente.

O grupo focal, como técnica de pesquisa, apresenta algumas vantagens e desvantagens. Entre as vantagens estão: o clima relaxado das discussões; a confiança dos participantes em expressar suas opiniões; alta qualidade das informações obtidas (TANAKA e MELO, 2001); resultados rápidos, possibilidade de exploração de perguntas não previstas e minimização de opiniões falsas ou extremadas, devido ao ambiente de grupo, o que proporciona equilíbrio e maior fidedignidade dos dados. Como desvantagens pode-se destacar: a suscetibilidade do viés pelo facilitador/moderador e a possibilidade de desvio ou domínio da discussão por algum participante.

Deve realizar-se em condições controladas, para que atenda aos propósitos preestabelecidos. É, portanto, um tipo especial de grupo por seu propósito, tamanho, composição e dinâmica.

A composição do grupo deve ser intencional, devendo ter, todos eles, pelo menos um traço comum importante para o estudo em questão, mesmo que critérios como sexo, idade, diferenças culturais, entre outros, variem. (WESTPHAL, BOGUS e FARIA, 1996).

Em relação ao número de sessões, não existe um padrão fixo, pois depende essencialmente dos objetivos traçados pelo pesquisador.

Oleto (2007) relata alguns procedimentos necessários para se cumprir os objetivos do grupo focal, aos quais se destacam:

- a) As normas não devem ser padronizadas nem rígidas demais, pois trabalha-se com situações, objetos e objetivos diversos.
- b) Deve haver identificação e integração entre os participantes
- c) A função principal do moderador do grupo é focalizar a atenção dos participantes para determinada experiência. Dall'agnol e Trench (1999)

ressaltam, ainda, a importância da presença de um observador, que irá tomar notas de questões importantes e estar atento à aparelhagem audiovisual, ajudando o moderador na condução do grupo.

- d) A reunião deve ocorrer em ambiente agradável, que estimule a descontração e encoraje a participação das pessoas.
- e) A duração da reunião varia de 1h5m a 3 horas. Já autores como Westhal, Bogus e Faria (1996), Debus (1997), Iervolino e Pelicione (2001) e Méier e Kudlowiez (2003), Dall'agnol e Trenche (1999), sugerem uma a duas horas, para evitar que o cansaço não interfira nos objetivos da discussão e prejudique os resultados.

No que se refere aos passos metodológicos necessários à utilização da técnica de grupo focal, ressalta-se os seguintes, da descrição detalhada feita por Tanaka e Melo (2001):

Definir claramente o problema a ser avaliado

1. As informações sobre os temas de discussão não devem ser passadas em detalhes para os participantes, para que não cheguem com idéias pré-estabelecidas.
2. O local para as reuniões deve favorecer a interação entre os participantes, e, de acordo com Meier e Kudlowiez (2003) este local deve ser escolhido com muito cuidado.
3. Deve ser neutro, fora do ambiente de trabalho e/ou convívio dos participantes. Deve, ainda, ser de fácil acesso, livre de ruídos, para evitar interferências. Debus (1997) enfatiza que a disposição das cadeiras deve permitir que o moderador tenha uma visão de todos os participantes, e facilite a interação do grupo. Utiliza-se, para tanto, as cadeiras em círculo ou todos em volta de uma mesa.

4. Pode-se utilizar material para registrar as discussões, como gravador e filmadora.
5. O facilitador deve iniciar o grupo com uma auto-apresentação e explicar sobre os objetivos e condução do grupo, propondo a seguir uma apresentação de cada membro. Em seguida deve explicar os objetivos do encontro e como será conduzido.
6. Dependendo do que se está avaliando e da natureza das informações que se deseja obter, será determinado se a discussão será mais ou menos estruturada, podendo o moderador apresentar estímulos para que o grupo discuta.

Paulo Freire (1971), no apêndice do livro *Educação como prática de liberdade*, relata experiências com grupos de discussão e finaliza com a seguinte reflexão:

Na verdade, posta uma situação existencial diante de um grupo, inicialmente a sua atitude é a de quem meramente descreve a situação, como simples observador. Logo depois, porém, começa a analisar a situação, substituindo a pura descrição pela problematização da situação. Nesse momento chega à crítica da própria existência. (p.150)

E cita a fala de uma mulher residente em um cortiço de Santiago, na experiência realizada por um dos membros da equipe: *“Gosto de discutir sobre isto, porque vivo assim. Enquanto vivo, porém, não vejo. Agora sim, observo como vivo”*.

Nesta pesquisa acreditou-se que este último instrumento seria importante para a consolidação dos dados pois se acredita, com Cavaco que:

(...) na construção da identidade profissional de professor se entrecruzam a dimensão pessoal, a linha de continuidade que resulta daquilo que ele é, com os trajectos partilhados com os outros, nos diversos contextos de que participa; daqui a importância de considerar os espaços e as situações de reflexão partilhada como facilitadores do desenvolvimento pessoal e profissional e a necessidade de aprofundar seus efeitos formativos, potencializadores de uma apropriação cognitiva dos mecanismos profissionais e de mudanças de perspectivas. (CAVACO, 1991, p. 161)

6.2 SUJEITOS E LOCAL DA PESQUISA

Foram sujeitos desta pesquisa, na primeira e segunda fase, cinco professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio da rede pública e privada da cidade de Uberaba, MG, principiantes, com até três anos de trabalho no magistério, caracterizados conforme tabela abaixo.

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos no primeiro ano da pesquisa

Sujeitos	S	Idade	Nível	Tempo	Formação	Conteúdo	Instituição
Professor 1	F	18	Educação Infantil	1 ano	Superior em andamento	Geral	Privada
Professor 2	F	34	Ensino Médio/Fundamental	3 anos	Especialização	Artes	Pública
Professor 3	F	23	Ensino Médio	2 anos	Graduação/Mestranda	Espanhol	Pública/Privada
Professor 4	M	23	Ensino Médio	1 ano	Graduação/Mestrando	Biologia	Pública
Professor 5	F	22	Ensino Fundamental	3 anos	Graduação/Especialização em andamento	Alfabetização	Pública

Caracterização das escolas onde aconteceram as videgravações:

As videogravações das aulas dos professores participantes desta pesquisa ocorreram em quatro escolas diferentes, pois dois professores trabalhavam na mesma escola na época das filmagens.

- **Escola 1** - Escola de Educação Infantil, privada, que atende crianças de 3 a 6 anos de idade. A equipe era composta pela diretora, uma coordenadora e cinco professoras. Contava, na época com, em média, 80 crianças matriculadas, nos turnos matutino e vespertino.

- **Escola 2** - Escola pública de Ensino Fundamental e Médio, funcionando nos três turnos. Tem uma equipe composta de diretores, vice diretores, supervisores e orientadores (especialistas), divididos nos diferentes turnos, além 60 professores. Contava na época com mais ou menos 1000 alunos matriculados.
- **Escola 3-** (onde foram filmadas as aulas de dois professores) Escola pública de Ensino Fundamental e Médio, que funciona nos três turnos. Conta com uma equipe composta de diretores, vice diretores, supervisores, orientadores, secretários escolares, bibliotecários, divididos nos diferentes turnos, além de mais de 60 professores e 1400 alunos. Este ano de 2008 o número de alunos e professores aumentou pois iniciou-se o curso de Magistério.
- **Escola 4** – Escola pública que até 2005 (época em que foram filmadas as aulas) era de Ensino Fundamental, atendendo crianças de 5 a 11 anos. Contava com uma equipe composta de diretoras, vice diretoras, supervisoras e orientadoras. Contava com 446 crianças matriculadas e 48 professores. Funcionava nos turnos matutino e vespertino. Em 2005 mesmo houve a transformação da escola em CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) atendendo à LDB/96.

Ressalta-se que a única variável que se definiu para a escolha dos professores-sujeitos desta pesquisa foi estarem iniciando na profissão, ou seja, com até três anos de trabalho docente. Percebeu-se, no decorrer da mesma, que os outros fatores, como idade, sexo e nível de ensino em que atuam não interferiram nos objetivos a que se propunha o trabalho.

Na terceira fase, destes cinco, uma desistiu de continuar o trabalho justificando não querer se expor mais. Uma outra se mostrou muito resistente durante os momentos das filmagens e não respondeu aos contatos para o grupo de discussão. Portanto participaram do

momento final da pesquisa apenas três dos cinco professores que iniciaram este trabalho em 2004.

Existiram grandes dificuldades para que o grupo de discussão acontecesse devido à dificuldade de agendar horário com os professores. Como se ficou na expectativa da participação ou não de um professor, aguardou-se até o final do ano letivo, algumas vezes acreditando que a dificuldade estava no acúmulo de trabalho de final de ano. Com a entrada das férias percebeu-se que o fato era outro e decidiu-se continuar a pesquisa com apenas os três professores que aceitaram o desafio. Neste momento o entrave foi outro, pois cada um se ausentou da cidade em períodos diferentes, dificultando o encontro dos três e a disponibilidade da Clínica de Psicologia onde aconteceria o grupo. Esses acontecimentos atrasaram, em certa medida, a coleta final de dados da pesquisa.

Nesta última etapa os sujeitos eram assim constituídos:

Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos no último ano da pesquisa

Sujeitos	Sexo	Idade	Nível	Tempo	Formação	Conteúdo que ministra	Instituição
Professor 3	F	25	Ensino Fundamental	4 anos	Especialização	Língua Portuguesa	Pública
Professor 4	M	25	Ensino Fundamental	3 anos	Mestre	Biologia	Pública e Privada
Professor 5	F	24	Ensino Superior	5 anos	Especialização	Matemática	Pública

6.3 MATERIAL DE PESQUISA

Foram realizadas, inicialmente, entrevistas de história de vida com os cinco professores em ambiente neutro, fora das escolas onde trabalham, sem interferências, apenas

com a presença de um colaborador da pesquisa e da pesquisadora. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e entregues para os professores validarem. Posteriormente foi utilizada a observação participante, através de filmagens de aulas dos professores, tantas quantas constituíssem uma unidade de estudo da disciplina ministrada por ele, enquanto o pesquisador e o colaborador faziam um diário de campo, buscando as situações para reflexão do docente. Por este motivo, alguns professores tiveram duas aulas filmadas, outros, três, e, uma professora permitiu a filmagem de apenas uma aula. Um professor teve apenas uma aula filmada por dificuldade de disponibilidade do mesmo. Em seguida, os professores assistiam às filmagens e respondiam ao roteiro preparado pelo pesquisador com base nos diários de campo. Finalmente trabalhou-se com o grupo focal, onde estiveram presentes três professores, dois colaboradores e a pesquisadora. A sessão foi transcrita, entregue aos professores para validação e em seguida passou-se a análise dos dados.

6.4 PROCEDIMENTOS

Foi solicitado a um professor iniciante que fizesse parte do Projeto-piloto, participando da entrevista de história de vida, para que se pudesse refinar os roteiros e informações a serem dadas e colhidas dos professores. A entrevista piloto se mostrou adequada não sendo necessárias adequações no roteiro, portanto o material colhido nesta entrevista foi utilizado na análise do primeiro momento da pesquisa, a história de vida. Foi uma professora de matemática do Ensino Fundamental, de 23 anos, do sexo feminino, cursando o Ensino Superior, com 8 meses de tempo de trabalho na docência, em uma escola

privada. Fez-se uma mudança do local das entrevistas devido ao barulho externo do primeiro, que atrapalhava um pouco a transcrição da fita gravada

Vários contatos com a direção de escolas da rede da cidade de Uberaba aconteceram com o intuito de solicitar o nome dos professores com menos de três anos de trabalho na profissão de magistério. Apenas uma escola das que foram contatadas não mostrou interesse pelo trabalho, as demais se interessaram e permitiram o acesso dos pesquisadores com facilidade. Entre os professores contatados cinco aceitaram participar da pesquisa. Após a assinatura do termo de consentimento os professores foram entrevistados individualmente para o registro da história de vida. Os professores recebiam um roteiro (Apêndice 1), para se orientarem quanto ao que falar. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e entregues para os professores validarem. Trabalhou-se com os dados através da análise temática.

As entrevistas de História de Vida foram feitas em local neutro, sem barulho, com a presença do entrevistado, entrevistadora e auxiliar da pesquisa que estava acompanhando a entrevistadora desde a apresentação do projeto às escolas, tendo sido sua participação aceita pelos professores entrevistados.

A última professora a ser entrevistada adiou por muito tempo sua resposta negativa de participação na pesquisa, impedindo a procura de novo sujeito e o prosseguimento do trabalho. Quando ela finalmente deu a resposta as férias estavam entrando e foi impossível selecionar novo sujeito, pois a aceitação do sujeito estava, também, condicionada à aceitação da escola, considerado que, na segunda etapa da pesquisa, algumas aulas do professor seriam filmadas.

Após as férias, outra professora foi selecionada, a entrevista de história de vida foi feita, transcrita, e entregue para a entrevistada validar. Esta professora também demorou certo tempo para devolver o material.

Na etapa seguinte, os professores foram contatados e cada um estipulou os dias e a turma onde gostariam que as aulas fossem filmadas. Foram filmadas unidades de estudo de cada professor, contando com a presença de auxiliares de pesquisa. Neste momento o pesquisador elaborava um diário de campo com suas percepções. Após o término das filmagens de cada professor, o pesquisador, através das anotações do diário de campo, elaborou um roteiro de reflexão-sobre-a-ação. (Apêndice 2). As fitas e o roteiro eram entregues para o professor, que as assistia no tempo e local escolhidos e adequados para ele.

O professor anotava suas reflexões e devolvia para o pesquisador. Quando necessário o pesquisador refazia alguma pergunta ou pedia aprofundamento em outras e devolvia para o professor acrescentar os dados. Depois o material final era levado para o professor ler e assinar. Originalmente a idéia era que a reflexão fosse feita junto com o entrevistador, mas os professores se mostraram resistentes e preferiram fazê-la sozinhos, o que foi respeitado.

A terceira e última etapa, o grupo focal, aconteceu na Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba. Conforme o previsto, aconteceu apenas um encontro com duração de duas horas. Não se sentiu a necessidade de um segundo encontro.

O encontro foi gravado e filmado e posteriormente transcrito. A transcrição se limitou à fala dos componentes do grupo, a filmagem foi feita apenas para que se garantisse a seqüência e origem das falas. A pesquisadora foi a moderadora do grupo e estavam presentes dois auxiliares de pesquisa, também aprovados pelos participantes. Este se iniciou com um estímulo textual sobre a profissão docente e a reflexão sobre a prática docente. Este estímulo textual é ponto central deste trabalho:

O professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor (NIAS, 1991). Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. (NÓVOA, 1992, p.25)

A partir desse estímulo, os professores foram convidados a falar sobre sua profissão, suas reflexões, sobre sua prática e sobre a experiência de participarem desta pesquisa. A seguir, foi passado para eles as categorias já definidas da análise feita dos seus relatos das histórias de vida e das reflexões das filmagens das aulas. Pediu-se que explanassem sobre aquelas categorias: o que se lembravam de ter falado e refletido sobre aquilo e o que mais poderiam acrescentar. Por fim os professores falaram sobre a experiência de participar desta pesquisa.

Resultados e Discussões

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para se fazer a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa, através das técnicas de investigação utilizadas, primeiramente procurou-se ordenar a qual objetivo serviu cada material investigativo utilizado. O quadro abaixo demonstra esta ordenação:

Quadro 3 - Relação entre objetivos da pesquisa e instrumentos de investigação utilizados

OBJETIVOS	METODOLOGIA
1 Identificar e descrever os processos reflexivos observados sobre a ação prática do professor principiante	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de campo • Reflexão individual • Encontro grupal de reflexão
2 Avaliar a compreensão do professor principiante relativamente à complexidade das situações de ensino e sobre as alternativas para as enfrentar	<ul style="list-style-type: none"> • História de vida • Reflexão individual • Encontro grupal de reflexão
3 Identificar e descrever as relações entre história de vida e as práticas docentes do professor principiante	<ul style="list-style-type: none"> • História de vida • Diários de campo • Reflexão individual • Encontro grupal de reflexão
4 Identificar a relação que o professor estabelece entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da profissão docente	<ul style="list-style-type: none"> • História de vida • Reflexão individual • Encontro grupal de reflexão

Os resultados das reflexões dos professores foram analisados através da técnica de Análise Temática.

Para Bardin (1977, 105) “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia de leitura”

Ao fazer uma análise temática está se descobrindo os núcleos de sentido de uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado.

De acordo com Minayo (2000) a Análise Temática compreende três etapas: *1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.*

Bardin (1977) se refere à fase de pré-análise como “um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.” (p. 95). É a fase de organização propriamente dita em que se estabelece um planejamento flexível permitindo a introdução de novos procedimentos no decorrer da análise.

Começou-se a análise pelas entrevistas de História de Vida. Neste estudo a fase de pré-análise foi realizada inicialmente pela preparação do material, transcrição das entrevistas pelo colaborador da pesquisa, correção e complementação de dados pela coordenadora da pesquisa, entrega da entrevista transcrita para validação pelos entrevistados. Durante esse processo, uma primeira leitura de cada entrevista possibilitava o aparecimento de dados que, aparentemente, não estavam muito claros, enquanto a entrevista estava apenas gravada.

O passo seguinte da pré-análise foi uma *leitura flutuante* (intuitiva, muito aberta a todas as idéias, reflexões, hipóteses, numa espécie de brain-storming individual) (BARDIN, 1977), que permitiu um contato mais profundo com o material, e foi sendo feita à medida que cada entrevista ia sendo devolvida validada pelo entrevistado. Essas leituras, à medida que iam sendo feitas, iam impregnando o conteúdo das entrevistas e tornando a leitura cada vez mais sugestiva e recheada de significados.

A fase de *exploração do material* permitiu uma primeira codificação para transformar os dados brutos em núcleos de compreensão do texto. Surgiram, assim, os seguintes Códigos Iniciais: Práticas Docentes; Relação professor-aluno (enquanto o sujeito

professor); Relação professor-aluno (enquanto o sujeito aluno); Formação Inicial; Escolha da Profissão; Relação entre formação e atividade docente; Relações Sociais e Dimensões Pessoais.

Os primeiros códigos foram levantados a partir da entrevista piloto que se mostrou muito rica em dados.

A partir da leitura da segunda entrevista, alguns ajustes foram feitos nesta codificação: a Relação professor-aluno deixou de ser subdividido, e os dados desta relação, tanto de quando o entrevistado se colocava como aluno, como de quando se colocava como professor, ficaram agrupados sob o mesmo código. O código Relações Sociais se mostrou mais coerente com o título Representações Sociais.

A terceira entrevista trouxe um novo código: Relação professor-escola, que se manteve nas outras e sugeriu mudanças em alguns pontos já codificados nas anteriores.

Os códigos finais ficaram, portanto: Práticas Docentes; Relação Professor-aluno; Relação Professor-escola; Formação Inicial; Escolha da Profissão; Relação entre formação e atividade docente; Representações Sociais e Dimensões Pessoais.

Definiu-se cada código da seguinte maneira:

- 1- **Dimensões Pessoais:** termos, frases ou expressões que se refiram a como o professor se vê e como se coloca pessoalmente frente às várias questões da profissão docente.
- 2- **Representações Sociais:** termos, frases ou expressões que se refiram a crenças, opiniões, idéias, valores, atitudes, dos professores frente à questões colocadas pela profissão docente.
- 3- **Escolha da Profissão:** termos, frases ou expressões que se refiram a dados sobre como foi feita a escolha pela profissão docente.

- 4- **Formação Inicial:** termos, frases ou expressões que se refiram a dados sobre como se deu a formação profissional para a docência.
- 5- **Práticas Docentes:** termos, frases ou expressões que se refiram à real atividade do professor em sala de aula ou na escola de uma forma geral.
- 6- **Relação entre formação e atividade docente:** termos, frases ou expressões que se refiram à relação demonstrada entre a formação acadêmica do professor e sua atividade docente diária.
- 7- **Relação Professor-aluno:** termos, frases ou expressões que se refiram à relação que o professor estabelece ou já estabeleceu com seus alunos e/ou seus professores.
- 8- **Relação professor-escola:** termos, frases ou expressões que se refiram à relação que o professor estabelece ou já estabeleceu com a instituição à qual está vinculado.

Após uma segunda *leitura flutuante*, elaboraram-se *categorias* dentro de cada um dos códigos descritos acima, estudando com mais atenção as anotações feitas durante a leitura.

Definiram-se as seguintes categorias:

1. DIMENSÕES PESSOAIS

- A) **Relativas à profissão:** termos ou expressões que mostram como o professor se vê em questões relativas à profissão docente, tais como, características pessoais que colaboram, atrapalham ou são fundamentais para a prática docente.

- B) **Não relativas à profissão:** termos ou expressões que mostram como o professor se vê em questões não relativas à profissão docente, tais como, estilo de vida.

2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

- A) **Sobre a profissão docente:** termos ou expressões que se referem a representações sociais dos professores em relação à profissão docente tanto no aspecto de habilidades pessoais, quanto de habilidades técnicas.

a) **Habilidades pessoais:** termos ou expressões que mostram que as representações sociais dos professores sobre a profissão docente se referem a habilidades pessoais que o professor deve ter ou desenvolver.

b) **Habilidades técnicas:** termos ou expressões que mostram que as representações sociais dos professores sobre a profissão docente se referem a habilidades técnicas que o professor deve ter ou desenvolver.

- B) **Sobre questões pessoais:** termos ou expressões que se referem a representações sociais dos professores sobre questões gerais da vida, não necessariamente ligadas à profissão docente.

3. ESCOLHA DA PROFISSÃO

- A) **Influência de professores da formação básica:** termos ou expressões que mostram a influência de questões ligadas aos professores da formação básica na escolha da profissão docente.

- B) **Influências familiares:** termos ou expressões que mostram a influência de questões familiares na escolha da profissão docente.

- C) **Influência de crenças/representações sociais e prazer pessoal:** termos ou expressões que mostram a influência de crenças, representações sociais e o prazer pessoal na escolha da profissão docente, tais como: ter dom, gostar de crianças, ter que ler muito, entre outros.
- D) **Falta de opção:** termos ou expressões que mostram a escolha pela profissão docente tendo sido feita por falta de opção, devido a local de moradia e/ou questões financeiras, como também da necessidade de buscar Orientação profissional para se decidir.
- E) **Influência do trabalho desenvolvido:** termos ou expressões que mostram a escolha da profissão docente tendo sido feita devido ao trabalho docente, sistemático ou não, que já desenvolviam.

4. FORMAÇÃO INICIAL

- A) **Magistério:** termos ou expressões que demonstram a formação docente se iniciando no magistério e as avaliações dos professores sobre este período da formação.
- B) **Teoria X prática:** termos ou expressões que demonstram a visão do professor em relação a como vivenciou a relação teoria-prática em sua formação inicial
- C) **Atuação dos professores:** termos ou expressões que explicitam a atuação dos professores que atuaram na formação inicial dos sujeitos em termos de didática, metodologia e utilização de recursos materiais e/ou instrucionais.
- D) **Envolvimento com o curso de formação:** termos ou expressões que se referem a como o professor se envolveu com sua formação inicial, como forma de aprimoramento da mesma.

- E) **Conteúdo X prazer pessoal:** termos ou expressões que demonstram a busca do prazer pessoal relacionada aos conteúdos de formação.
- F) **Trabalho paralelo à formação:** termos ou expressões que mostram a necessidade do professor, e trabalhar enquanto fazia sua formação, bem como o prazer de já trabalhar na área docente.

5. PRÁTICAS DOCENTES

- A) **Planejamento e prática:** termos ou expressões que se referem ao planejamento das aulas e às atividades práticas diárias como atividades desenvolvidas pelo docente em sua prática.
- B) **Avaliação:** termos ou expressões que explicitam as práticas e crenças dos professores em relação ao processo de avaliação da aprendizagem em sua prática docente.
- C) **Relações interpessoais:** termos ou expressões que se referem a questões das práticas docentes relacionadas ao interrelacionamento entre professor-aluno; professor-instituição e manejo de sala por parte do professor.
- D) **Atualização/capacitação:** termos ou expressões que demonstram a importância e as ações de atualização/capacitação percebidas/desenvolvidas pelos professores como sustentação de sua prática docente.

6. RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO E ATIVIDADE DOCENTE

- A) **Relação com professores da formação:** termos ou expressões que demonstram a relação formação-atividade docente estabelecida através da relação vivenciada com os professores com os quais conviveu, tanto da educação básica quanto da superior, além da reflexão sobre os erros e exemplos positivos dos mesmos.

- B) **Aproveitamento de materiais, conteúdos, reflexões da formação inicial:** termos ou expressões que explicam a relação formação-atividade docente através da utilização de materiais e reflexões desenvolvidas durante sua formação, no dia a dia da prática docente.
- C) **Identificação com a formação:** termos ou expressões que mostram a relação que os professores puderam estabelecer entre identificar-se com a formação e prazer e eficiência na atividade docente.

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

7.1 Com seus alunos

- a) **Respeito:** termos ou expressões que demonstram a relação professor-aluno pautada em amizade, respeito, confiança, liberdade, proximidade, respeito às diferenças.
- b) **Formação global:** termos ou expressões que mostram a relação professor-aluno pautada em ações para a formação global do aluno.
- c) **Ganhos pessoais:** termos ou expressões que explicitam os ganhos pessoais dos professores advindos de sua relação com os alunos.
- d) **Dificuldades:** termos ou expressões que demonstram as dificuldades encontradas pelos professores no que se refere à relação com seus alunos, tais como: rivalidade, rigidez, preconceitos, assédios.

7.2 Com seus professores:

- a) **Rivalidades:** termos ou expressões que demonstram a relação professor-aluno como sendo de rivalidade e abuso de autoridade.
- b) **Exemplos:** termos ou expressões que demonstram a relação professor-aluno pautada em exemplos positivos dados pelos professores.

8. RELAÇÃO PROFESSOR-ESCOLA

A) Regras x Crenças: termos ou expressões que demonstram a maneira como os professores lidam com as discrepâncias entre as regras das instituições às quais estão vinculadas e suas crenças pessoais e/ou profissionais.

B) Diferenças institucionais: termos ou expressões que demonstram a maneira como o professores se adaptam às diferentes realidades institucionais nas quais trabalham, referindo-se a apoio material e hierarquias.

C) Relacionamento interpessoal: termos ou expressões que se referem à relação dos professores com os demais componentes da equipe da instituição.

Passou-se, a seguir, a leituras mais detalhadas de cada entrevista, buscando os conteúdos, nas falas dos professores, que estivessem contidos em cada um dos códigos relacionados.

Criou-se uma legenda de cores, onde cada cor representava um código e cada entrevista foi colorida, buscando identificar onde se encontrava, na fala do professor, as referências a esses códigos. Em seguida, os trechos foram recortados e colados no *Quadro códigos-referências* (Apêndice 3) para que se agrupassem todas as falas de um mesmo professor referente a determinado assunto em seqüência e a fala de todos os professores sobre o mesmo assunto, também em seqüência para se facilitar uma caracterização subsequente a esses códigos, ou seja, uma interpretação sobre o que os professores estavam falando em relação a cada um dos assuntos (códigos) abordados por eles nas entrevistas.

A seguir, com o material das reflexões dos professores sobre a filmagem de suas aulas, realizaram-se os mesmos procedimentos feitos com as entrevistas de História de Vida, ou seja, leituras detalhadas de cada material, buscando os conteúdos, nas falas dos professores, que estivessem contidos em cada um dos códigos relacionados; legenda de cores, recortes das falas dos professores, passando-as para o *Quadro códigos-referências*. Assim,

obtiveram-se as falas referentes aos dois primeiros instrumentos utilizados separados pelos códigos pré-definidos.

No momento da composição do *Quadro Códigos-referências* do Grupo Focal percebeu-se que ele não poderia ser composto da mesma forma que os outros dois. Ele não poderia ser separado por fala de cada professor, pois enquanto os dados colhidos com as entrevistas de História de vida e com as reflexões das filmagens foram individuais o grupo focal foi coletivo, ou melhor, foi um diálogo. Portanto a transcrição do grupo focal foi mantida na íntegra. (Anexo 2). No entanto mantiveram-se os oito códigos iniciais compostos a partir das entrevistas de história de vida.

Passando para a fase de *tratamento dos resultados obtidos e a interpretação*, fez-se uma *leitura mais profunda* retirando idéias, reflexões, hipóteses sobre cada código. Esse material foi sendo anotado do lado esquerdo das falas dos professores no *Quadro Códigos-referências*. Ao mesmo tempo, foram destacadas falas dos professores que pudessem esclarecer sobre as dimensões pessoais dos mesmos em interação com as dimensões profissionais da carreira docente. Para a análise foram utilizadas também as anotações feitas nos diários de campo durante as filmagens das aulas. (Apêndice 4).

Com a leitura mais sistemática e profunda do material que ia sendo colhido nos encontros com os professores, percebeu-se a importância de alocar esses códigos em algumas dimensões que atendessem melhor aos objetivos propostos. Com isto definiram-se três dimensões que passaram a agrupar os códigos citados acima. Essas dimensões foram as seguintes:

1. Relação entre história de vida e prática docente;
2. Enfrentamento da complexidade da docência pelo professor principiante;
3. Processos reflexivos sobre a prática docente.

Esquemáticamente a representação fica clara através do Quadro 4.

Quadro 4 - Relação entre Códigos, categorias e dimensões

CÓDIGOS	CATEGORIAS	DIMENSÕES
1- Dimensões Pessoais	A. Relativas à profissão B. Não relativas à profissão	
2- Representações Sociais	A. Sobre a profissão docente a. Habilidades pessoais b. Habilidades técnicas B. Sobre questões pessoais	
3- Escolha da Profissão	A. Influência de professores da formação básica B. Influências familiares C. Influência de crenças/representações sociais e prazer pessoal D. Falta de opção E. Influência do trabalho desenvolvido	I Relação entre História de Vida e prática docente
4- Formação Inicial	A. Magistério B. Teoria X Prática C. Atuação dos professores D. Envolvimento com o curso de formação E. Conteúdo X Prazer pessoal F. trabalho paralelo à formação	
5- Práticas Docentes	A. Planejamento e prática B. Avaliação C. Relações interpessoais D. Atualização/capacitação	II Enfrentamento da complexidade da docência pelo professor principiante
6- Relação formação atividade docente	A. Relação com professores do curso de formação B. Aproveitamento de materiais, conteúdos, reflexões da formação inicial C. Identificação com a formação	
7- Relação professor-aluno	A. Com seus alunos a. Respeito b. Formação global c. Ganhos pessoais d. Dificuldades B. Com seus professores a. Rivalidades b. Exemplos	III Processos reflexivos sobre a prática docente
8- Relação professor-escola	A. Regras X Crenças B. Diferenças institucionais C. Relacionamento interpessoal	

No início, percebeu-se que um mesmo código poderia fazer parte de mais de uma dimensão, em seguida ficou claro que todos eles poderiam estar presentes em todas as dimensões, evidentemente, alguns trariam mais elementos significativos para determinada dimensão.

Procurou-se separar as falas nos momentos em que elas foram ditas durante o processo de pesquisa para que se pudesse perceber o caminho percorrido pelos professores no decorrer do período. No entanto, as reflexões não foram feitas na seqüência ordenada em que as falas ocorreram. Por isso, após a identificação do professor, usou-se o momento da pesquisa a que se referia, sendo: HV – História de vida; RF- Reflexões Filmagens; DC – Diários de Campo e GF – Grupo Focal. Exemplo: Se a fala é do professor 3 durante suas reflexões das filmagens de suas aulas será: (P.3 – RF); se foram observações feitas pela pesquisadora no seu diário de campo durante as filmagens das aulas do professor 4 será (P.4 – DC).

No momento de se trabalhar os dados dentro dessas três dimensões, o primeiro impulso foi separar os oito códigos iniciais e usá-los como subtítulos dentro de cada dimensão para refletir a fala dos professores nas mesmas. Mas isto se mostrou redundante e infrutífero à medida que as falas e reflexões dos professores não se mostravam tão lineares como a proposta exigia. Por esse motivo, optou-se por abolir estes códigos enquanto divisão de subtítulos a se pontuar, mas falar de todos, ou de cada um, à medida que a reflexão fosse pedindo, em cada uma das três dimensões. Em vista disso, os códigos e categorias podem não estar em destaque em cada dimensão, mas todos eles e elas estão presentes nas reflexões que se seguem. Os códigos aparecerão em negrito e sublinhados, e as categorias em itálico e sublinhadas.

A partir da definição das três dimensões que responderiam aos objetivos da pesquisa todo o material coletado foi relido, buscando-se um maior aprofundamento e novas reflexões.

A leitura trouxe a confirmação dos códigos e categorias já levantados pelas primeiras leituras, principalmente em relação às duas primeiras dimensões, mas trouxe novos olhares para questões que estavam, de alguma forma ditas, mas ainda não haviam sido abordadas, principalmente no que se refere aos processos reflexivos sobre a prática docente.

Esta última leitura facilitou uma melhor organização e síntese dos dados. Assim, optou-se por, ao final de cada dimensão, fazer um resumo da mesma, sintetizando como os códigos e as categorias foram organizados naquela dimensão.

7.1 RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA DE VIDA E PRÁTICA DOCENTE

Nos relatos de história de vida, fica clara a influência recebida pelos professores no momento da **escolha da profissão**. Estas influências vieram, em alguns casos, de *famíliares*, em outros de *professores do Ensino Fundamental e Médio* e, em alguns casos, de ambos.

Foi percebido, em alguns casos, uma tentativa de atender a *desejos familiares*, muito mais do que serem orientados ou ajudados, pelos mesmos, a fazer escolhas, como nas falas seguintes:

Teve um pouco de influência dela (mãe) também. Justamente por ela explicar matemática quando eu tinha dúvida (...). quando eu optei em fazer o curso e começar a dar aula de matemática, que foi por acaso que aconteceu, eu, eu... vou seguir o que minha mãe não conseguiu, eu vou conseguir. Eu vou dar a aula que a minha mãe gostaria de dar. (Piloto - HV)

Ele (pai) sempre quis que eu fizesse magistério para ficar na área de educação. Então isso me incentivou. Falava que eu tinha que fazer, e eu falava: 'Não, mas eu quero Psicologia.' Aí juntou que eu não tinha condição de pagar uma faculdade de Psicologia e que eu faço tudo o que meu pai quer, então... juntou tudo, e foi por isso mesmo que eu fiz. (P.1 - HV)

Estes dois exemplos remetem a reflexões de que uma escolha profissional feita pelos motivos citados pode levar a algumas conseqüências com que os professores terão

dificuldade em lidar, no momento da formação, e, mais importante, no momento da prática. Estas dificuldades se referem às complexidades da carreira docente, que devem ser enfrentadas pelos professores, principalmente no início de sua atuação. Parte-se do princípio de que qualquer escolha deve vir do desejo do sujeito que escolhe e, claro, não do desejo do outro. E, ainda, que o que vem do desejo do outro deixa lacunas pelo caminho, pois se se está trabalhando com o desejo do outro e não se está dentro do outro, não se conhece este outro no seu íntimo, não se saberá o que fazer com as questões postas por este objeto do desejo do outro.

Segundo Guenther (1997) é o desejo humano que provoca as verdadeiras mudanças no transcorrer da vida da pessoa, e que para que a pessoa conheça seu desejo ela deve, em primeiro lugar, se conhecer. Se conhecer não é tarefa fácil, conhecer ao outro é ainda mais difícil.

No caso das duas professoras citadas acima não existe uma manifestação de que esta não foi uma boa escolha. As duas professoras relatam gostar do que fazem e acreditam estar na carreira certa. Isto pode sugerir que ainda não se conscientizariam totalmente da complexidade da profissão, talvez por ainda estarem no início da carreira e da formação (ambas, apesar de já trabalharem na área, ainda estão fazendo o curso superior), ou, por outro lado, significar que, apesar da escolha não ter sido feita necessariamente por elas, estão encontrando respaldo, dentro de si mesmas, para a carreira docente. Dito de outra forma, seria estarem encontrando relação entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da docência.

Outros relatos de influência familiar são mais transparentes, tais como:

A primeira vez que eu atuei como professora eu tinha onze anos, eu dava aula de catequese. (...) foram quatro anos dando aula de catequese. Minha mãe também teve esta experiência de aula de catequese. Tenho três tias formadas professoras. O maior exemplo que eu tive, que quando eu entrei na escola eu já sabia ler e escrever. Foi minha mãe que me ensinou. (P.3 - HV)

(...) a mesma profissão da minha mãe é a minha... e eu aprendi a gostar de biologia, freqüentando a faculdade dela. (P.4 - HV)

Aparentemente estes relatos mostram influências familiares na escolha da profissão, mas, diferentemente do relatado acima, não são realizações feitas pelos outros.

Como dito no corpo teórico deste trabalho existe uma grande *influência da mãe* na escolha pela profissão docente. Esta idéia é defendida por Assunção (1996, apud FONTANA, 2000) ao explicar a feminização do magistério em sua dimensão simbólica.

As escolhas feitas por *influência de professores* durante sua escolarização são relatadas da seguinte forma:

Bom eu acho que eu escolhi a carreira de professora mais com relação ao bom relacionamento que eu tive com meus professores no colégio. (P.3- HV)

Mais exatamente no colegial, foi quando eu conheci um professor chamado E., que me mostrou uma maneira diferente de aprender. Inclusive ele fez mestrado também e utilizou a nossa turma como parte da pesquisa do projeto dele. Isto me deixou bastante empolgado, achei que seria interessante. E comecei a pensar diferente sobre educação e sobre a disciplina que ele ministrava que era biologia. (...) Eu entrei, não sabendo que eu queria ser professor, eu entrei para ser pesquisador em biologia, assim como o professor E. (P.4 - HV)

Uma outra professora relata que enfrentou situações positivas e negativas com professores que ministravam a disciplina na qual ela hoje é formada, vividas durante sua escolarização. Enquanto uma professora a fez gostar do conteúdo por ser ótima professora, outro a fez estudar muito por ser inflexível e duro com seus alunos e, principalmente com ela, que não ia tão bem no conteúdo.

Me lembro muito bem durante o ensino fundamental, que na sétima série, o professor me disse, porque eu tinha problemas com a matemática, como todo mundo tem, e eu no primeiro e segundo semestre fui levando.No terceiro bimestre eu passei um aperto, porque eu precisava de nota, e ele me disse que se eu precisasse de um décimo, ele não me daria, eu seria reprovada. Porém eu estudei bastante, consegui fechar a prova e o trabalho, consegui tirar notas boas e então comecei a gostar de matemática. Por quê? Por que, eu comecei a entender como ela funciona, Na oitava série eu tive uma professora de matemática que é um encanto. (P.5-HV)

Uma professora explica que a escolha pela docência foi feita por *falta de opção*.
Explica como se sentiu durante sua formação e o que está fazendo em relação a isto.

Eu não tive muita opção da escolha da profissão, porque eu morava na época em uma cidade do interior, onde só tinha o magistério. E a gente cresceu ouvindo os pais falando: “Tem que estudar. Tem que estudar”. E quando eu terminei o ensino fundamental, eu fiz o magistério. Quando eu cheguei no estágio, eu vi que não era aquilo que eu queria, porque aí eu fui para a alfabetização de primeira à quarta, e eu me perdi; eu não dava conta de ficar na sala de aula, não agüentava aquelas crianças. (...) NUNca lecionei história, porque não me identifiquei. (...)E aí, porque que eu comecei, assim, que eu fui para a arte? Porque eu tenho um primo que fez Belas Artes em BH. E sempre quando ele ia para a minha casa, ele estava pintando, desenhando; e aí eu perguntei o que é que ele tinha feito. Qual era a faculdade. Aí ele falou: “Eu fiz em Belo Horizonte, Belas Artes”. Aí quando eu cheguei em Uberaba que fiquei sabendo da primeira turma de artes, eu logo corri e fiz a inscrição. Eu pensei que se eu passasse seria uma oportunidade. Aí eu fiquei em décimo sétimo lugar. Ótimo, gostei. (...)Mas eu gosto, e eu tenho certeza que eu vou encontrar um caminho. Para que eu melhore. Para eu crescer junto com eles, diante desses problemas. (P.2 - HV)

Esta professora se mostrou mais rígida com os alunos, tanto na História de Vida quanto nas filmagens e não se apresentou para participar do grupo de discussão.

Os meninos falam que eu sou muito rígida; que eu sou brava (sorriu). Mas você..., não é, porque, se você não domina eles a primeira vez que você dá aula, depois você não dá conta. Entendeu? Mas fora da sala de aula, eu converso, eu brinco, eu trato super bem. Só que lá dentro eu procuro ser mais rígida, mais assim...severa, entendeu? Então eles reclamam; até foram falar para a M., (diretora da escola) que eu sou muito distante deles, que eu sou brava, que eu..., mas não é, é meu jeito de ser dentro da sala de aula, entendeu? Acho que esse é o meio que eu tenho para dominar eles. Talvez eu possa até descobrir um caminho, né? Ser mais light, mas no momento ainda não consegui. Mas eles reclamam. Falam que eu sou muito brava. (P.2- HV)

Chama a atenção dos alunos com certa rispidez. (...) Dá advertência para o aluno e fica alterada com o acontecido (o aluno estava fazendo “gracinhas”, segundo ela) (P.2 – DC)

É séria, pouca paciência, às vezes ríspida. (P.2- DC)

Aparentemente ainda encontra dificuldades na profissão, apesar de relatar estar gostando do que faz agora, depois de se formar em História e não querer aceitar aulas nesta área.

Cavaco (1990) discute que o quadro sócio-cultural limita as opções dos jovens na medida em que existia, até bem pouco tempo, uma pobreza da rede escolar no que se refere ao nível secundário e superior. Os jovens, ainda que com posses e expectativas familiares,

citam dificuldade em prosseguir os estudos. Ainda hoje, se percebe este quadro em algumas cidades do interior do país.

Estes relatos indicam que as escolhas profissionais podem começar a ser feitas bem antes do momento que a sociedade acredita, que é no final ou durante o Ensino Médio.

Esclarecem que a história que cada um vive determina escolhas futuras, na medida em que vão formando conceitos, desejos, percepções e deixando marcas que vão contribuindo significativamente para a construção da composição pessoal e profissional do professor.

Esta conclusão é reforçada por resultados de pesquisas tais como Lessard & Tardif (1996) e Tardif & Lessard (2000), relatados por Tardif (2005). Nessas pesquisas são relatadas falas semelhantes às encontradas neste trabalho no que se refere à opção pela carreira docente. Estas falas se referem à influência da família, à influência de antigos professores e de influências escolares importantes.

Não houve citação, durante as reflexões das filmagens, à questão da escolha da profissão. Percebeu-se, no entanto, através de dados colhidos no diário de campo, como citado acima, que existe uma relação muito forte entre ter escolhido conscientemente, mesmo que por alguma influência, e uma boa atuação prática e vice versa, ou seja, a “falta de opção”, ou as escolhas feitas sem muita reflexão, levam a uma atuação mais rígida e insegura.

Durante o grupo focal, os professores reafirmaram os dados levantados nas Histórias de Vida sobre a escolha da profissão.

Eu acho que ... a mesma profissão da minha mãe é a minha e eu aprendi a gostar de biologia frequentando a faculdade dela, como eu disse anteriormente, e a questão do professor, do exemplo que eu tive. (P.4- GF)

Este grupo mostrou que a vida que cada um viveu, as experiências passadas no

caminhar para a escolha profissional influenciaram fortemente o caminho que cada um seguiu, seja através de influência de familiares ou de professores.

De acordo com Tradif (2005, p. 16) “o saber dos professores parece estar assentado em *transações* constantes entre o que eles *são* (incluindo as emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que *fazem*”.

No que diz respeito à **relação entre a formação acadêmica e a atividade docente**, os professores afirmam usar em sala de aula ações e atividades vivenciadas durante sua formação, tanto em forma de experiências práticas e teóricas (conteúdos específicos), quanto em forma de experiências emocionais (reflexões). Estas experiências emocionais apresentam-se de forma positiva ou negativa.

Muita coisa que eu vejo na faculdade, eu trago pra dentro de sala de aula, e, principalmente que no primeiro e no segundo período que eu vi na faculdade. Eu uso meu material que eu fiz, que eu montei nos primeiros períodos de faculdade. E eu uso com os meus alunos, sabe? Eu acho isso super importante, porque eu vejo que o que eu aprendi está rendendo pra mim ensinar para os meninos, sabe? E isso para mim é ótimo. É matéria mais recente na cabeça da gente. Eu eu faço com meus alunos o que a professora de matemática da faculdade está fazendo com a gente, sabe? A gente montou uma parte só com brincadeira e eu quero trabalhar com brincadeira com os meninos. (Piloto- HV)

Eu tento ser uma professora presente em todos os momentos, eu tento ser o que as minhas professoras não foram para mim. (P.1- HV)

Quando eu fiz a primeira série, a minha professora da primeira série pediu para fazer um desenho e eu lembro que no meu desenho tinha um sol. E ela olhou o meu desenho e falou que não tinha, nunca havia visto um sol tão feio quanto estava o meu. Então isso faz com que eu trate os meus alunos..., que nunca eu falo para eles que os desenhos deles estão feios, nem a letra, nem o caderno. Eu sempre falo que está bonito. Eu sempre tento colocar eles para cima. (P.1- HV)

Tem que fazer ele ficar atarefado o tempo todo, senão ele fica entediado. Porque eu me sentia entediada. Com essas coisas. Aí fica com raiva da professora. Aí fica com raiva da matéria. Não vai querer aprender. Isso eu não quero. Porque eu passei por isso. Isso eu não quero para meus alunos. (P.3 - HV)

O que eu vou falar ali dentro, eu tenho o domínio completo. Não tem nada ali que eu não sei o que eu estou falando. Então eu me sinto muito seguro. Talvez seja esta a importância de você ter uma boa formação. Para você ter a segurança quando (for) passar aquilo para certas pessoas. (P.4- HV)

Comecei a fazer o relacionamento com a parte pedagógica que eu tive na faculdade no segundo ano, lá na escola, trabalhando sempre com a psicologia com as crianças, vendo o problema. (P.5- HV)

Eu pego todos os exemplos que eu tive durante toda a minha vida na escola, que, infelizmente, na maioria foram exemplos negativos, mas que também não podem ser

descartados, porque acabam sendo exemplos que mais ajudam a gente na nossa formação, o que a gente não deve ser. (P.4 - HV)

Experiências vividas no transcorrer de sua formação profissional são vistas como estímulo para a prática docente, mesmo que as experiências tenham sido negativas. Mostram que puderam aprender com os equívocos de seus professores (*relação com professores do curso de formação*), evidenciando uma capacidade de criar e recriar, edificando uma maneira própria de ser professor:

Eu pego todos os exemplos que eu tive durante toda a minha vida na escola, que, infelizmente, na maioria foram exemplos negativos, mas que também não podem ser descartados, porque acabam sendo exemplos que mais ajudam a gente na nossa formação, que ... o que a gente não deve ser. (P.4 – HV)

Na maioria das vezes utilizo coisas que aprendi quando cursava magistério e cursos que já fiz, mas sempre procuro me inovar. (P.1 - RF)

Uma professora relata que em relação à didática hoje utiliza uma própria, pois não achou correta a de seus professores da faculdade. Hoje ela utiliza mais a prática do que a teoria, preferindo trabalhar com oficinas do que com aulas expositivas.

A minha didática foi eu que moldei, sabe? Eu não acho legal a gente trabalhar de um jeito, isso que é uma maneira mais gostosa, eu não vou passar teoria, igual eles fazem isso comigo. Eu não gosto de trabalhar com tanta teoria, como eles fazem comigo, sabe? Eu () de tanta teoria, sabe? Eu já prefiro alguma mais prática. (Piloto – HV)

Sabe-se que o professor, ao dizer ter moldado a sua didática, não significa que criou uma maneira de trabalhar própria que não tenha sustentação no que viveu ou está vivendo na sua formação docente. A sua fala revela que para poder criar ou moldar a sua didática, precisou de um embasamento, mesmo que tenha sido para refletir sobre como o conteúdo estava sendo passado e tentar reformulá-lo, trabalhando-o de forma diferente com os seus alunos, atualmente.

Ao exercer a docência, os professores são desafiados a lidar com quadros teóricos-práticos já existentes, elaborados, que devem ser organizados em sínteses de diferentes níveis,

dependendo do momento do curso e/ou do grupo de alunos com quem o processo está sendo efetivado. Trata-se da organização da ciência em saberes: saber quê, saber como, saber para quê e saber porque. Segundo Giroux (1997) caberá ao professor prever formas de 'tradução' da complexidade do quadro disciplinar ou modular no nível de apreensão dos estudantes, em relação ao quadro teórico-prático de cada área ou disciplina e ao global do curso, considerando os elementos a que está sempre submetido: ao movimento, à contradição, à possibilidade de mudança, destacando-se seus determinantes ou nexos internos, seus conceitos básicos, princípios e leis. Na docência o predomínio se dá sobre o conhecimento já existente, destacando-se o movimento histórico ao qual está submetido. A ênfase ao movimento é então fundamental⁴.

No caso da didática relatado acima, a professora uniu as dimensões profissionais da profissão docente, às suas dimensões pessoais, ao o que para ele faz sentido em relação à didática. Deve-se ressaltar, também, que isto foi possível graças a atuação prática do professor em início de carreira, que ao mesmo tempo em que possibilitou que ele percebesse o que poderia ser melhor operacionalizado, permitiu também que mudasse, antes que uma maneira menos adequada de agir se cristalizasse e tornasse mais difícil a mudança.

Volta-se aqui ao conceito estabelecido por Guenther (1997) no referencial teórico deste trabalho, em que esta autora defende que é pelo autoconceito que algumas percepções e experiências são selecionadas e outras não, e que a maneira como a pessoa se vê e vê a situação na qual está envolvida é que determina o que ela faz em qualquer momento da vida. Portanto criar a sua própria didática, e muitas outras experiências citadas pelos professores no decorrer desta pesquisa, tiveram este significado.

De uma maneira geral, percebeu-se que os professores informam alguma relação entre a formação e a atividade docente, que tenha colaborado para o exercício de suas práticas

⁴ RIVAS, N. P. P. Informação pessoal. Exame de qualificação em 4 de agosto de 2007.

docentes, mas foram poucas as falas e com poucos exemplos práticos referentes a ações pedagógicas. Aparecem relatos de experiências afetivas vividas com professores que hoje são lembradas com seus alunos e utilizadas para uma melhor atuação prática.

Eu sempre tive professores muito rígidos comigo, que exigiram muito de mim, sabe? E eu procuro seguir essa linha dos meus professores. (Piloto – HV)

Ao mesmo tempo, esta mesma professora mostra que soube refletir e perceber que, em algumas questões, deveria discordar de seus professores e agir de maneira diferente com seus alunos.

Mas eu tive muito professor assim ligado a conteúdo. Não se interessava pelo que a gente passava fora de sala. Muitas vezes o que o menino está passando fora da escola influi muito no que está acontecendo dentro de sala. (Piloto – HV)

Outros professores também falaram de alguns exemplos que levaram para sua prática docente.

Eu sou muito fechada, então eu nunca perguntava. Ah, eu não entendi, eu não perguntava. Então às vezes eu...chego na criança, eu pergunto se ela está entendendo se não está. Então eu acho que vem um pouco, isso vem um pouco do que eu passei. Quando eu era menorzinha, né? Quando eu tinha a idade deles. Aí eu chego, eu pergunto se eles estão entendendo. (P.1 – HV)

O meu objetivo agora, daqui para frente, a partir da formação que eu tive, é de estar trabalhando, fazendo projetos para estar mostrando a Matemática de um jeito diferente para as pessoas, para que elas possam começar a gostar da Matemática, porque elas não gostam. (P.5 – HV)

Nas filmagens, no que se refere à relação entre a formação e a atividade docente, apenas a professora 03 relata esta relação, mostrando que utiliza conteúdos, em suas práticas docentes, procedentes de sua formação acadêmica. Faz, ainda, associações de sua formação e pratica junto aos seus alunos, refletindo o que aprendeu e o que é a realidade em sala de aula.

Algumas atividades desenvolvidas vão ao encontro a minha formação docente (Especialização em Metodologia de Ensino de Língua Estrangeira, Mestrado em Teoria Literária – Linha texto poético hispano-americano – ambos em curso) devido ao tempo e ao prazo para o cumprimento do programa – estabelecido de acordo com os PCNs, CBCs e programas seriados e de vestibulares. (P.03 RF)

Na primeira, a impressão que tenho até hoje é que lá as coisas funcionavam. Na graduação, aprendemos a avaliar o desenvolvimento do aluno e não a pessoa, avaliar o processo de aprendizagem. Tento colocar isto em prática, mas os alunos ainda não estão preparados para isto, eles confundem com moleza. (P.03- RF)

É importante ressaltar que esta mesma professora relatou em sua história de vida dificuldades com seus professores enquanto acadêmica, pelo fato de perguntar muito, interessar-se muito pelas aulas, ser muito rápida em tudo, momento em que os professores se sentiam ofendidos como se fosse uma competição, motivo pelo qual se retraiu.

Quando meus professores conseguiram entender como eu era. Aí eu já era a A... do colégio, da faculdade (sorriu). Depois que me conheceram, ficou mais tranquilo. Não era muito...Ficava parecendo uma relação de competição. Que eu estava competindo com os professores. E não era. Eles se sentiam ofendidos. Muito professor deixava de responder minhas perguntas. Eu odiava aquilo. Tinha professor que entrava na sala de aula, já olhava, se já via que eu estava na sala de aula, se não estivesse, se tinha ido ao banheiro, ou qualquer coisa, já dava falta. Talvez eu estivesse ido buscar algum livro na biblioteca, era muito estranho. (P.3 – HV)

Esta professora apesar de ter vivenciado dificuldades com seus professores na sua vida acadêmica, conforme relatou acima, não deixou de praticar o que aprendeu enquanto aluna, em sua prática docente, refletindo sobre sua atuação em sala de aula frente seus alunos.

No grupo focal as impressões sobre este tema, mostram que os professores em muitos momentos souberam enfrentar as dificuldades e tirar o melhor de cada experiência. Alguns relatos nesta direção confirmam o que já tinha sido dito anteriormente pelos professores.

[...] meus professores me mostrando que eu posso (...) se eu consegui eles também conseguem. (P.5- GF)

Porque, igual aos professores que eu tive, me despertou. Se eu tivesse mais professores assim, quem sabe, outras habilidades me despertaria. (P.4- GF)

Nesta última fala, fica mais clara a relação que esta pesquisa tenta mostrar entre dimensões pessoais e profissionais, entre história de vida e profissão docente, pois o professor em questão despertou o seu gosto pela carreira docente, que é uma dimensão

pessoal. Quando esta dimensão é aplicada no dia a dia profissional gera atitudes e comportamentos adequados, pois são coerentes entre si.

Foram relatadas também situações vividas em sua prática docente referentes à maneira de ser e agir próprias de cada um, que são percebidas como **dimensões pessoais**, mas foram respondidas em momentos que os professores estavam falando de suas **práticas docentes vindas de sua formação profissional**:

Eu tenho dificuldade de me relacionar com os alunos, assim, de modo geral. De ser aquela pessoa aberta, amiga, sabe? Eu gostaria muito de achar um caminho, assim, para mim chegar até eles. Sabe? Mas como o jeito de eu ser, fechada, ser como eles falam, brava, eu acho que não tem... Sabe? A gente mantém essa distância. Sabe? A gente não tem, acho aquele..., assim, não deixo aberto, para eles estarem chegando em mim. Só que eu acho, assim, eu gostaria de achar um caminho que eu tentasse mudar por esse lado. Entendeu? De ser mais próxima. De ficar mais próxima de meus alunos. (P.2- HV)

Eu sou muito fechada, então eu nunca perguntava. Ah, eu não entendi, eu não perguntava. Então às vezes eu...chego na criança, eu pergunto se ela está entendendo, se não está. Então eu acho que vem um pouco, isso vem um pouco do que eu passei. Quando eu era menorzinha, né? Quando eu tinha a idade deles. Aí eu chego, eu pergunto se eles estão entendendo. Eu tento ser o que as minhas professoras não foram para mim. (P.1- HV)

A união dos dois códigos acima não ocorreu por acaso, pois percebe-se em alguns momentos dificuldades em separá-los, e, ainda mais, percebe-se o aluno intrinsecamente envolvido no meio dos dois. O professor irá, necessariamente, enquanto sujeito, confrontar-se com os outros sujeitos do processo na pessoa dos alunos (que na verdade se constituem na razão de ser do ensino) em relação à cultura elaborada. Estes sujeitos estão num estágio de construção do conhecimento muito diferente do docente: têm diferentes formas de pensar e de se apropriar dos conhecimentos, de agir, de se comunicar, de se conhecerem e se relacionarem. Assim, as habilidades e procedimentos que o docente precisará efetivar será não apenas aquelas nas quais predominem o seu olhar, sentir, pensar, agir, mas o olhar, sentir,

pensar e agir dos outros, estudantes, parceiros no processo de construção e reconstrução da herança cultural já existente e posta a disposição de todos na organização curricular⁵.

Há, ainda, uma percepção por parte dos professores, de terem sido ou estarem sendo bons alunos durante sua formação, e de buscarem aproveitar o máximo o curso de magistério e/ou graduação. Este aproveitamento da formação inicial levaria, no pensamento destes professores, a uma melhor atuação em sala de aula.

E eu tenho uma relação; uma história de vida de aluno, não estou me gabando, mas eu sempre fui boa aluna. (P.3- HV)

Eu tento ser uma professora presente em todos os momentos, eu tento ser o que as minhas professoras não foram para mim. Eu sempre elogio os meus alunos e nunca digo a eles que as atividades deles estão feias. Quero sempre colocar a auto-estima deles lá em cima. (P.1-HV)

Vejo os frutos que plantei brotando e isso me realiza muito, mas não sabe o quanto... Mas fico triste, pois alguns alunos que se acham intocáveis e insistem em se manter na ignorância ou em defender seu ponto de vista pré-criado e sustentá-lo como fé inabalável. Não é por falta de atitudes ou de força de vontade e sim em razão do livre arbítrio que todos nós temos e que muitos insistem em permanecer errando.

Mas eu não canso e renovo minhas forças a cada sorriso e sucesso de meus alunos e em cada momento que percebo a semente do conhecimento germinar. (P.4- HV)

Acho que tudo o que eu passei enquanto aluna, eu tento não fazer. Não passar mesma coisa que eu sofri para os meus alunos. (P.5- HV)

Estes relatos deixam claro que os professores estão se debatendo entre o sentimento e a razão, entre o que pensam de si e o que pensam deles. Buscam, de alguma forma, o equilíbrio pessoal e a elevação da auto-estima. No relato da professora 1, descrito acima, pode-se perceber que ao tentar elevar a auto-estima dos alunos, está buscando também elevar a sua, pois relata experiências negativas em relação a isto com seus professores na infância. O fato desta professora ter se negado a participar do grupo focal, dizendo achar que estava se expondo demais, pode estar reafirmando uma dificuldade de lidar com sua auto-estima.

A cada passo caminhado nesta pesquisa ia ficando mais forte a idéia de que o passado dos professores, dos valores e crenças vindas quer da cultura, da sociedade, da

⁵ *RIVAS, N. P. P. Informação pessoal. Exame de qualificação em 4 de agosto de 2007)

família ou da educação religiosa, tem uma influência muito forte nas suas práticas diárias, ou seja na sua vida profissional. As experiências vividas durante a infância projetam-se na sua relação com seus alunos. Pode-se perceber isto no relato dos professores:

Quando as crianças me mostraram os desenhos, alguns não tinha nada desenhado, apenas umas bolinhas, mesmo assim eu disse que estava lindo. (P.1- HV)

Quando tem uma criança falando e as outras começam a falar eu digo que não estou ouvindo a criança para que elas saibam que quando uma estiver falando as outras devem fazer silêncio. (P.1- HV)

A oração é uma prática criada por mim e pelos alunos. Não influencio na vida religiosa dos mesmos.(P.5 –RF)

Sobre a **relação que estabelecem com seus alunos**, percebem que não conseguem ficar impassíveis à vida pessoal de seus alunos e procuram ajudá-los no que podem, inclusive em situações alheias ao trabalho na escola. Relatam situações em que auxiliaram seus alunos em questões particulares.

Encaminhei ele para uma psicóloga porque ele precisava, eu consegui uma amiga psicóloga que está atendendo ele. (P.5 – HV)

E tem que ter esse respeito como ser humano, não é só como profissional (), porque eu sei o que ela está passando, e ela não enxerga. E eu fui dar bronca nela: “ M., porque você não está copiando a matéria?” E ela falou: “Não, professora, estou copiando da folha do colega aqui do lado, porque eu não enxergo no quadro”. E ela senta no primeiro lugar. Aí eu achei assim...nossa! Eu sentava no primeiro também e não enxergava.

Eu liguei para o meu oftalmologista e eu falei que mesmo que eu tivesse que pagar meia consulta. Falei: “ O que que você pode fazer por mim?” Aí eu o encontrei no colégio, que ele trabalha no meu colégio, e ele falou: “ Não, você pode me dar o nome dela.” Peguei o telefone dela, endereço dela, passei para ele. Eu esperei passar uns quinze dias para não ficar chato: “Você ligou para o médico?” Aí ela me deu o telefone, passei para ele. “Agora você entra em contato com ele, que ele já está sabendo, que eu já conversei com ele.” Aí ela falou que não ia ligar porque ela não tinha dinheiro, porque ela estava sem cartão para ligar. Aí eu falei: “Não, você pode chegar lá, se você precisar de um passe, eu te dou, você vai lá que ele já está sabendo, você tem que cuidar da sua vista.” Aí eu liguei para ele de novo e disse: “ Joaquim ela não tem um cartão para te ligar, tem jeito de você ligar para ela?” Aí eu não sei se eles se acertaram já, mas pelo menos a minha parte eu fiz. (P.3 – HV)

Como se pode observar fica difícil separar onde termina o código que se chamou de **relação professor aluno** e o que se chamou de **dimensões pessoais**, pois ao mesmo tempo

que estes dois professores mostram estarem buscando para seus alunos uma formação para além dos aspectos acadêmicos, ou seja, uma *formação global*, mostram também que, problemas enfrentados por eles durante seu desenvolvimento, fazem com que, hoje, lidem com seus alunos de forma específica, trazendo para sua prática as dimensões pessoais que podem *ser ou não relativas à profissão*. Podem ser interpretadas como relativas à profissão se o cuidado dispensado ao aluno for encarado como necessário ao seu desenvolvimento na aprendizagem, mas pode ser vista como não relativa à profissão se este cuidado for apenas uma forma de resgatar o que foi vivido na sua infância, como parece ser o caso no relato do P.3.

Os professores falaram de suas dimensões pessoais e falaram de suas práticas docentes, sem mostrarem relação aparente entre estes dois aspectos. Em quase todos os momentos buscaram fazer a relação entre os dois, como por exemplo a P1 que se diz tímida e por isso procura dar atenção aos tímidos.

Eu sou muito fechada, então eu nunca perguntava. Ah, eu não entendi, eu não perguntava. Então às vezes eu...chego na criança, eu pergunto se ela está entendendo se não está. Então eu acho que vem um pouco, isso vem um pouco do que eu passei. Quando eu era menorzinha, né? Quando eu tinha a idade deles.(P.1-HV)

Esta não é uma dimensão profissional da docência, este é um comportamento atual dela enquanto pessoa adulta que se ressentiu do modo como foi tratada na infância e hoje procura lidar diferentemente com as pessoas que são como ela.

Outro ponto a se discutir em relação às dimensões pessoais é que elas se limitaram a questões superficiais, principalmente durante as entrevistas de História de Vida. Este era um resultado até certo ponto esperado, pois era um primeiro momento de encontro entre os pesquisados e o pesquisador, e o vínculo ainda era frágil. Na verdade pouca coisa mudou nos

outros dois momentos. No grupo focal, os professores foram um pouco mais livres e mais confiantes e conseguiram expressar mais um pouco de si mesmos.

Dar confiança para o aluno, falar, acredite em você e você vai me mostrar que você é capaz que, você consegue muitas coisas. Falo isto de experiência que eu estou vivendo agora. (P.5 – GF)

É, desde daquela época, eu mantive assim, a minha maneira simples de tratar o aluno, que eu acho que é uma coisa que ele gosta de receber né, a simplicidade. (P.4 – GF)

Percebeu-se nas declarações dos professores a presença de **representações sociais**, e mesmo as representações sociais não sendo foco deste trabalho, acredita-se importante defini-las neste momento, já que elas foram presentes na fala dos professores.

Apesar de alguns autores, como Bonfim e Almeida (1992), por exemplo, não acreditarem que Moscovici tenha oferecido uma definição única e aceitável sobre representações sociais, acredita-se que ele tenha dado uma grande contribuição ao defini-las como:

[...] um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária no curso de comunicações interindividuais. São o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais: poder-se-ia dizer que são a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 1981, apud LEME, 1993, p. 181)

Vários estudiosos do tema definiram-no, e em 1989, Jodelet sintetizou este conceito como forma de conhecimento que é elaborada e partilhada socialmente, contribuindo para a elaboração de uma realidade comum para um conjunto social.

Segundo Pereira (1999)

a representação que uma pessoa tem de algum elemento que compõe sua profissão é formada tanto por conceitos individuais como por experiências vividas durante sua formação com o seu grupo social. Os componentes individuais desta representação se referem às características pessoais, aos estilos cognitivos de cada um, às experiências de vida que cada um vivencia, e principalmente em como cada pessoa interpreta os elementos do seu dia a dia quanto os relacionados com a aprendizagem formal. As experiências vividas em grupo, as opiniões das pessoas mais próximas e a interação com o seu ambiente vão acrescentar, aos conceitos, elementos essenciais para sua definição. (p.46)

Em relação às crenças e valores explicitados pelos professores, sobre a profissão docente, pode-se citar a de que as habilidades docentes (técnicas/pessoais) fazem parte de um *dom* que a pessoa tem, e que *ninguém entende melhor de criança do que professor*. Esta crença, aparentemente, não leva em consideração que a profissão docente não se restringe à educação infantil e básica.

Bom, eu acho que isso daí já nasce com a pessoa. Eu não sei explicar, mas às vezes chega um aluno do primeiro período da faculdade pedindo para você..., o professor está falando lá na frente faz uma hora, ele vira para você “P. é assim, assim e assim.” e você entende na hora. Tem o dom. Eu não sei como eu explicaria isso, mas eu sei que eu percebi isso em mim um pouco.(P.4- HV)

Eu tive uma reunião do meu bairro que eu fui convidada porque eu gosto de falar muito e defender. O presidente do bairro me convidou para estar indo porque ninguém entende melhor de criança que o professor. (P.5-HV)

Os professores se referem ao *dom* e a *gostar de criança* como habilidades técnicas, profissionais muito mais do que pessoais. Vendo por este prisma esta seria uma profissão para a qual não seria necessária uma formação de qualidade, pois os principais requisitos não são adquiridos durante a formação, ou mesmo durante a atuação prática, mas, sim, fazem parte da personalidade da pessoa. Talvez esta crença tenha por anos minado o valor que, por merecimento, a profissão docente e, conseqüentemente, sua formação, deveriam ter.

Notou-se a presença de muitas referências a representações sociais sobre questões pessoais vindas dos professores com uma menor flexibilidade quanto à sua atuação e mais inseguros, e que o menor número de presença de representações sociais vem dos professores mais flexíveis, e, aparentemente, mais seguros em sua prática.

Então são umas coisas assim, que eu discordo, que esse plano de governo, acho que assim, tudo, tudo, favorece para o aluno. (P.2 – HV)

Então, assim, tem alunos, são cínicos, irônicos. (P.2 – HV)

Eu não sou professora de português para falar certo, eu falo gíria, eu falo, ou uso o vocabulário que os meninos usam comigo, eu uso com eles, sabe? E eu acho isso muito importante, para não ficar diferenciando, sabe? (Piloto – HV)

Eu adoro folha desenhada. Todo professor de, principalmente de ensino fundamental, tem que saber. (Piloto – HV)

Eu fui assistir o desenho e Jack Chein era um menino que briga. Proibi. Na minha sala é proibido apelido. (P.5- HV)

Moscovici (1978), ao se fazer a pergunta: Porque criamos as representações? Responde que é porque as representações colaboram para tornar familiar o não-familiar. O professor no início de sua carreira está diante de situações não familiares, portanto faria maior uso de representações sociais. Este fato se acentua em professores mais inseguros que podem estar usando a rigidez e inflexibilidade para adquirir uma maior segurança profissional.

7.1.1 Resumo desta Dimensão

Os dados colhidos com as entrevistas permitem levantar algumas considerações acerca das relações entre as histórias de vida dos professores, a escolha pela carreira docente e as práticas docentes.

Fica claro que a escolha pela carreira docente, em alguns casos, passa pela representação de que é necessário gostar de criança e de que precisa se ter dom para ser professor. Acredita-se que para todo profissional que vá trabalhar com criança seja necessário gostar de crianças, assim como para trabalhar com idosos seja necessário gostar de idosos, mas isto não é suficiente: deve-se levar em consideração, ainda, que um professor não trabalha apenas com crianças. Vários autores têm trabalhado com a questão das competências docentes. Perrenoud (2000) e Pillard e Tann (1987, citados por MARCELO GARCIA, 1992),

descritos na introdução deste trabalho, deixam claro que é preciso bem mais do que dom para ser um professor competente.

Por outro lado foi refletido pelos professores o fato de se encontrar no ensino superior muitos mestres e doutores excelentes pesquisadores, mas que não são realmente professores. Esta questão tem sido muito discutida atualmente, ou seja, será que basta, para ser professor, dominar o conteúdo que se vai ministrar? Defende-se a idéia de que além dos conhecimentos teóricos o professor deve dominar competências pedagógicas.

A história de vida dos professores traz também a questão das influências de familiares e professores da educação básica na escolha da carreira docente, e mais ainda, da escolha da área da licenciatura a qual iriam se dedicar. A relação que estabelecem é à identificação com o professor e a conseqüente identificação com a disciplina, ou o desafio que foi colocado pelo professor frente a dificuldade que a disciplina representava.

Fatos da infância, tanto em relação a experiências com a família, quanto com a escola determinam condutas de ação na prática profissional.

Em alguns casos notou-se uma certa insegurança inicial pela definição da carreira docente, mas um “apaixonar-se” pela mesma no decorrer da formação, levando em consideração que a maioria trabalhou na área enquanto se formava.

Nota-se que a maior quantidade de material extraído das entrevistas se refere às práticas docentes, quando o professor mostra como trabalha, como desenvolve suas atividades, tendo, ainda certa dificuldade em falar de si e estabelecer relações entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da carreira docente.

Os professores usam, em sala de aula, o que vivenciaram durante sua formação, tanto em forma de experiências práticas e teóricas (conteúdos), quanto de experiências emocionais, mostrando que uma formação ou vivências mais rígidas podem trazer tanto ações mais

rígidas, quanto tentativas de fugir delas. Estas tentativas, muitas vezes, geram sofrimento ou dificuldades em lidar com situações conflituosas.

Fica aparente, também, um certo sentido de que uma boa formação gera, conseqüentemente, uma boa prática. Quando se referem à formação estão falando na formação inicial, na continuada e naquela constante que acreditam que o educador deve ter.

Nos depoimentos dos professores ficam claros os diferentes espaços e níveis de formação onde se constroem as histórias de vidas e as histórias das formações de cada um. Foi possível observar que as práticas pedagógicas vindas da formação docente estão impregnadas de aspectos incorporados da cultura, e que, a partir do momento em que se tornam a prática de cada um, passam a ser uma nova prática e voltam para a cultura de forma diferente, pois o homem é ao mesmo tempo criatura e criador de sua cultura. Fica evidente, portanto, que as práticas docentes estão imbricadas com a história de vida, porque estas se fundamentam não só no conhecimento científico, mas também nas crenças e valores incorporados da cultura.

Importante também se faz ressaltar, nestes relatos, como algumas experiências da trajetória de vida de uma pessoa exercem forte influência no seu processo de formação profissional. Desta forma vão, pouco a pouco, constituindo práticas pedagógicas que compõem o quadro psico-sócio-profissional do professor.

7.2 ENFRENTAMENTO DA COMPLEXIDADE DA DOCÊNCIA PELO PROFESSOR PRINCIPIANTE

Desde o início do trabalho ficaram aparentes questões complexas que o professor tem que enfrentar no seu dia a dia: questões impostas pelo início de carreira, questões

próprias da carreira docente e outras advindas de sua maneira de conduzir sua prática e seus relacionamentos.

O diálogo abaixo entre os três professores no grupo focal exemplifica claramente alguns dilemas que os professores enfrentam e algumas tentativas feitas de lidar com isto:

P3. É, mas diga a verdade. “Ah, o cachorro comeu o meu trabalho”. Acho que não é uma desculpa né? “Olha professora, eu não fiz do jeito que a senhora queria”. (...) de dar um prazo maior pra eu fazer do jeito que eu quero.

P5. Mas eu digo assim, também concordo com esta parte de trabalho, eu digo assim um pouco da disciplina, eu não sei como são nas escolas onde vocês trabalham, mas eu trabalho na rede municipal e a minha clientela é bem agitada.

P3. Eu dou aula na periferia.

P5. Então,... não chega a ser DA PERIFERIA, e a minha clientela é bem agitada. São problemas familiares que a gente tem que dar a volta por cima, na hora tem que ser pai, tem que ser mãe, passar a mão na cabeça na hora em que for preciso e também chamar a atenção para os que precisam. Então, com o negocio nesta parte de negociar, de mais atenção, saber conversar! O dialogo é muito importante e eu não tinha isto com os meus alunos. Hoje eu tenho e funciona.

P3. Em saber ouvir. A gente fala, fala e fala, e a gente não aprende a ouvir.

P5. Não dá a parte para o aluno ouvir. Isto que eu estou fazendo agora... estou numa série muito agitada, e eu to começando a viver o líder negativo, eu to começando a mostrar para eles o outro lado e ta funcionando.

P4. É, isto é uma tática muito interessante, trabalhar com o líder negativo! Inclusive pela inclusão de empresas, problemas destas empresas muito grandes né, eles tem essa filosofia, de anulação do líder negativo dentro de uma sala fazendo dele um aliado. Existe uma filosofia, trazendo, e que cada professor tem a sua maneira. Na minha entrevista de todo este processo que eu passei é, reafirmou aquela coisa que eu pensava mesmo de que, sempre refletir é, juntar novas idéias é, não para e achar que tudo está pronto e assim, a única coisa que me mudou, porque tudo muda, tudo modifica, eee que a cada dia a gente é uma pessoa ou melhor mas sempre com alguns vícios, mas temos que eliminá-los com certeza, é que a vontade jamais mudou, a vontade de melhorar, de sempre buscar alternativas sempre diferentes que viessem a despertar o aluno da melhor maneira possível, mas que muitas coisas que, as vezes é, por ser jovem iniciando, tentar buscar uma forma que, durante o passar do tempo, a gente encontre outras formas que venham a substituir nossas atitudes né...

P3. Que também sejam até mais fáceis né.

P4. Até mais fáceis de lidar e outras coisas que eu ouvi, que eu senti é, igual a P3 falou, a necessidade de ouvir, principalmente não só os alunos, mas a escola como um todo,... como uma unidade escolar,... desde os funcionários até outros professores. Que às vezes, mesmo eles estando errado; mesmo com suas experiências negativas, a gente aprende com os erros e com os acertos dos outros, e nós temos dois ouvidos e uma boca, não é a toa né, ouvir mais e falar menos! Então a gente aprende mais e tenta tirar dessas experiências a melhor essência possível e que desenvolva o meu trabalho. É, desde daquela época, eu mantive assim, a minha

maneira simples de tratar o aluno, que eu acho que é uma coisa que ele gosta de receber né, a simplicidade...

P3. Eu acho que é um afeto né!? eu acho que é o afeto...

O diálogo se inicia com uma aparente impaciência da professora com a desculpa do aluno de que não entregou o trabalho porque o cachorro comeu, e caminha para uma tentativa de compreensão das razões dos alunos e do porque eles professores não conseguem atender ao que os alunos necessitam, concluindo que o que faz a diferença é o afeto.

Os dados colhidos permitem levantar outras considerações acerca da compreensão do professor reflexivo, relativamente à complexidade das situações de ensino e às alternativas para enfrenta-las. Vários exemplos foram dados pelos professores de situações que denotam a complexidade da docência e de como estão as enfrentando:

Então, é uma criança que você fala para ele assim: - F., senta, fica quietinho. Mas por quê, professora? Eu não quero escrever, ninguém escreve. Ele é revolucionário. (Piloto- HV)

.....Que acontece muito disso, a criança fala assim: “Ah, a tia não explicou, a tia não falou como faz”. Aí a mãe chega e vai tirar satisfação com você. Só que você passa uma coisa, que você explicou, tem que tentar fazer. Você diz: “não foi assim que eu passei, seu filho.... Foi assim, assim, assim.” Então é complicado. (P.1- HV)

Porque esses alunos que não têm uma estrutura em casa. Que não têm uma educação, assim, na sala é difícil; você manter...entendeu? Tipo assim: “Fulano, assim, assim..” “Ah, professora, estressa não, isso é normal”. Entendeu? Tudo para eles é normal. Eu acho assim, a educação, o limite hoje, na sala de aula, eu tenho dificuldade de lidar. Eu acho que é um desafio para mim. (P.2-HV)

Uma cantada, (igual um aluno da noite): “Professora você está bonita hoje. Ah professora, você está mal intencionada.” (P.3-HV)

Quando eu fui convidada para trabalhar na escola, foi como apoio pedagógico. Um apoio para os alunos de oito anos que tinham dificuldades. Quando me convidaram eu falei: - Aceito, mas, com uma condição. A sala não cheia, porque uma sala cheia não tem produtividade. Eles me colocaram que teria o mínimo de alunos possível. Bem melhor, porque tem como você dar um atendimento. Só que na verdade, eles pegaram os alunos com maior dificuldade. Quando eu cheguei na escola os alunos não sabiam nem escrever o nome. (P.5- HV)

Perguntados sobre que ações executavam na tentativa de lidar com estas situações complexas os professores relatam:

Carinho. (Piloto- HV)

– Ah, é... Como eu vou te explicar? Eu tenho que tentar convencer a mãe de que você explicou. Mas nunca para a mãe o filho está errado. Ainda mais em uma escola particular. Nunca o filho está errado. E tem que explicar de novo, né, para a criança? Tem que explicar de novo. (P.1- HV)

(...) mas às vezes eu procuro ignorar, sabe? Porque se você for debater, eu acho que vai acabando me estressando. () Como diz, descer do salto. Então às vezes eu procuro ignorar. Sabe? Então, assim, tem alunos, são cínicos, irônicos. Eu não bato papo, não (escuto), nem nada; eu ignoro. Sabe? Não sei se eu estou certa, mas, no momento eu acho. (P.2- HV)

Tem que fazer ele ficar atarefado o tempo todo, senão ele fica entediado. (P.3- RF)

As dificuldades enfrentadas pelos professores no início da carreira foram estudadas por vários pesquisadores, tais como Silva (1997), Huberman (2000) e Cavaco (1991). Estes autores concordam que neste início o professor vive o que chamaram de “choque com o real” e que segundo Silva (1997) surge do “ impacto por eles sofrido quando iniciam a profissão e que poderá perdurar por um período mais ou menos longo”. (p.54); significa a cisão abrupta que o professor tem que vivenciar entre o que aprendeu na sua formação inicial e o que encontra na realidade dentro da sala de aula. De acordo com esta mesma autora não se pode delimitar um espaço de tempo para o final deste processo. Explica, ainda, que este choque provoca medos, frustrações e inseguranças. Experiências práticas da autora desta pesquisa tendem a mostrar que este tempo está diretamente ligado às dimensões pessoais de cada professor, das questões envolvidas na sua escolha profissional e do que foi vivido durante sua formação.

Silva (1997) cita vários estudiosos do assunto que defendem a idéia de que este choque sentido pelos professores em início de carreira estariam sendo gerados, por fatores pessoais, tais como: ter escolhido a profissão errada, atitudes iadequadas; e/ou por fatores situacionais, destacando-se, nestes as deficiências da formação.

Deve-se ressaltar que mesmo todos os professores tendo assinado o termo de consentimento no início da pesquisa, concordando com as filmagens, alguns apresentaram certa resistência, através de comportamentos tais como: adiar por motivos banais as

filmagens, desculpar-se por qualquer questão referente ao movimento da escola, entre outros. Em um caso específico, apesar de todas as tentativas feitas, por parte dos pesquisadores, de fazerem a filmagem de uma unidade de estudo, só foi possível a filmagem de uma aula.

Em relação às reflexões das filmagens também foi possível notar respostas pouco esclarecedoras, mesmo após a volta do material aos professores para complementação de dados.

Acredita-se que este fato possa ter gerado, para a pesquisa, uma limitação dos dados escritos sobre as reflexões das filmagens, mas possibilitou verificar a dificuldade dos professores em refletir sobre o que fazem, de pensar em alternativas para situações conflituosas e de se eximirem de responsabilidade em casos que não conseguem interpretar ou solucionar. Percebe-se, no entanto, pelas observações feitas nos momentos das filmagens e demais contatos com os professores, que este trabalho possibilitou uma visão diferente sobre sua prática docente e suas questões pessoais, permitindo aos mesmos uma compreensão diferente da complexidade das situações que enfrentam no cotidiano escolar e das possibilidades que dispõem para enfrentá-las.

Um ponto importante a ser observado na fala dos professores se refere às **práticas e atividades docentes** utilizadas para obter melhores resultados na aprendizagem e no controle da sala.

Em relação a isto, falaram dos *planejamentos* de aula que fazem, buscando diversificar as atividades e da preocupação de estarem sempre atualizados com seu conteúdo e práticas docentes.

Acho que a pessoa tem que estar sempre atualizada. Estar fazendo curso, buscar informações. Não pode ficar preso ali, só no roteiro dele, só no planejamento. Ele tem que ter outras informações. (P.2- HV)

Tento estar sempre atualizado com os conceitos, com a matéria. Estar em dia com ela. (P.4- HV)

Porque eu gosto de , às vezes, fazer uma aula diferente. Às vezes eu gosto de sair da sala, sair com os alunos pela rua, levar ao parque, sabe? (P.4- HV)

Foram citados alguns exemplos de atividades e posicionamentos frente a turma usados na tentativa de uma melhor atenção e aprendizagem dos alunos. Os professores relatam buscarem adequar as práticas ao perfil da turma com a qual estão trabalhando.

Vocês conhecem os alunos, vocês sabem que eles são agressivos. (se dirigindo às colegas) Se eu passar um filme educativo ou qualquer filme que tem na biblioteca e que vocês passam, os meus alunos não vão prestar atenção, porque aquilo lá não é de interesse deles. Então, eu pretendo começar assim, eu vou passar esses filmes, mas isso para o final do ano. Antes eu vou resgatar a infância, porque eu acho isso importante. Coisas que eles não tiveram. Que foram puladas, porque pai não leva o menino para brincar. (P.5- HV)

Você pode estar caminhando, devagarzinho assim, indo e voltando com os seus livros, aprendendo. Falo assim: “Olha, isso não deu certo.” Faço relatório de todas as aulas que eu faço. () Se nessa sala deu certo, nessa sala vai dar certo também, porque é o mesmo perfil da sala de aula. Aquele segundo B, aquilo não vai dar certo. Aí eu já preparo outra atividade para fazer. Eu tenho mania de () primeiro, segundo fazer uma aula tudo igual, não é assim. Aí eu lembro disso que ela fala para mim. Que ela falou para mim quando eu fiz aula com ela. E eu acho que é por aí.

H – Prepara a aula de acordo com a turma.

A – Claro, de acordo com o perfil da turma. (P.3- HV)

Tento ser ativo e incisivo, me intrometendo no meio das idéias dos alunos e não espero que eles venham até mim, pois eles não vêm. Acho necessário, o convite intermitente do começo ao fim da aula. Como que se o que eu dissesse naquele momento (Em todos os momentos) fosse o principal ponto da aula, tornando a aula, um grande pacote de momentos indispensáveis. (P.4- RF)

Esta frase acima, do P.4, mostra um conceito interessante de aula. Quando ele diz *o convite intermitente do começo ao fim da aula*, mostra acreditar que o professor deve entender sua prática e, conseqüentemente, sua aula, como uma atividade gostosa para a qual se deve convidar os alunos para participar. Além de pressupor uma comemoração, expressa a possibilidade de alguns não aceitarem o convite, por isto ele deve ser intermitente, ou seja, várias vezes durante a mesma aula, mostrando que todos os momentos da aula são adequados para eles entrarem na “ *festa* ”. Mostra entender que deve estar preparado caso algum aluno não aceite o convite e que a responsabilidade de fazê-los aceitar é dele, professor.

Estas questões são confirmadas na fala deste mesmo professor durante as reflexões das filmagens de suas aulas

Mas certamente o que acho mais importante é ter a capacidade de expor um relacionamento com os alunos que faço com que eles gostem de você e prenda a atenção no que está falando. Quando se convida um aluno para a aula, ele pode relutar em permanecer concentrado, mas você se convida a ter um diálogo com o aluno e prova o tempo todo o instante que vale a pena prestar atenção, é muito mais fácil se dar aula, mesmo sem recursos. (P.4- RF)

Perguntado em como age em situações em que tem que impor limites, este professor responde confirmando sua fala anterior:

Eu tento sempre não apelar para a rispidez, sobretudo em momentos de tumulto natural, seriam os momentos de entrada e saída da classe, momentos de perguntas satirizantes, dúvidas entre alunos e as brincadeiras dos alunos em relação a mim. Dou muita liberdade e por isso sou respeitado no momento que preciso de ordem, mesmo sem ter que levantar a voz e isso eu acredito que é a verdadeira ordem (ficar em ordem por livre e espontânea vontade). Os alunos sabem que ganham mais me mantendo com essa característica, pois eles acabam criando crédito comigo. E uma relação recíproca, mas existem momentos em que se faz necessário um maior pulso e não sinto dificuldades em fazer isto. Espero a oportunidade de mostrar meus dois lados e são eles que acabam escolhendo o lado mais brando e não eu. (P.4- RF)

Algumas práticas citadas pelos professores levam a alguns questionamentos sobre como conseguir o controle, ou limite na sala de aula sem impedir a livre e rica manifestação dos alunos.

Porque eu às vezes brinco muito, mas às vezes eu também imponho limites. Os meninos às vezes têm medo de mim, não é porque eu sou uma professora brava, mas é porque eu imponho limites. Não pode, não pode. Você não vai para o recreio hoje, porque você fez isso, isso, e você vai ficar me ajudando. Também deixar sem fazer nada, eu não deixo. (P.5- HV)

Aparentemente há nesta frase a idéia de que ao brincar com os alunos é impossível manter a autoridade e impor os limites necessários. E confirma ao impedir a criança de ir para o recreio (brincar) quando este não segue as regras e foge dos limites. Há uma aparente desvinculação entre brincadeira e atividade docente. Levando em consideração que esta professora trabalhava em uma sala de alfabetização de crianças com dificuldades educacionais nesta época, percebe-se alguma incoerência. Acredita-se que esta incoerência tenha se manifestado por falta do professor refletir-sobre-a-ação, pois esta professora relatou,

no grupo focal, o quanto as filmagens foram importantes para sua prática, levando-a a rever posturas e mudar comportamentos.

NOSSA, mudou totalmente a pesquisa, depois que eu assisti a fita! Principalmente quando eu vi a fita. Eu me corrigi totalmente depois que eu vi a fita e muito (P.5 – GF)

O comportamento menos flexível de antes da pesquisa poderia estar sendo gerado por questões discutidas por Huberman (2000) sobre a entrada na carreira docente, em que o professor vive uma fase de exploração de si mesmo e da carreira, e tende a seguir modelos já estipulados pelos mais antigos na profissão.

Outros dados fornecidos por esta mesma professora podem respaldar esta idéia:

Só que eu tive que mudar ele de sala e peguei esse outro aluno. Ele é muito, muito agitado, só que eu gostei dele e fiz uma proposta; que ele fosse para a minha sala, mas que cumprisse as regras. (P.5 – HV)*

Este “só” pode estar significando a idéia de que é impossível um professor gostar de aluno agitado, que dá trabalho.

*Na minha sala tem os dez mandamentos que eu e os alunos, criamos. E eu perguntei se ele estaria de acordo. Diz que estaria. Ele foi, só que de manhã ele já foi suspenso. Cheguei e perguntei: - Mas não é possível, o que você aprontou? ** E ele disse: Ele implicou e eu bati. (P.5 – HV)*

O aluno foi suspenso e o professor questiona com ele o que ele *aprontou*, quando a pergunta correta deveria ser: “O que aconteceu para você ser suspenso?” Ao perguntar o que ele *aprontou* a culpa é, inquestionavelmente, colocada no aluno. Mas se perguntar o que aconteceu, deixa aberta a possibilidade de que outros fatores, que não de responsabilidade do aluno, possam ter causado a ação de suspensão.

A prática da autora desta pesquisa sugere que a queixa que gera um encaminhamento de uma criança para tratamentos psicológicos ou neurológicos, ou a uma suspensão ou expulsão não mostra toda a verdade sobre o fato, antes mostra a cristalização de visões e

crenças no que se refere à criança, numa relação estereotipada onde já se antecipa o que poderá acontecer. A avaliação adequada deve ter como finalidade movimentar o campo de forças que está atuando para gerar a queixa. Com isto amplia-se o universo das versões sobre o fato e o número de pessoas envolvidas nas relações. Isto é importante porque acredita-se que a queixa escolar seja produzida coletivamente, nas relações estabelecidas entre os diversos “atores” do contexto educacional.

Um outro ponto a se destacar é que se percebeu uma luta interna por parte dos professores, entre um sentimento de uma elevada auto-estima e uma certa insegurança:

Eu me acho uma pessoa, uma professora amigável, companheira, carinhosa e acima de tudo compreensiva. (P.1- HV)

*Eu tenho uma dificuldade, a **única** dificuldade que eu tenho, que eu acho que eu tenho, que manter dentro de sala de aula justamente por causa dessa minha amizade com os meninos, é a disciplina. (Piloto- HV)*

O grifo da palavra *única* foi feito para ressaltar que ao mesmo tempo que pode significar uma auto-estima elevada, pode também indicar um exagero de percepção, ou seja, a professora perceber uma única dificuldade em seu trabalho pode não ser uma visão correta da realidade. Acredita-se na perspectiva da professora estar insegura frente a possibilidade de expor suas dificuldades, fato que se mostrou mais consistente com o desenvolver da entrevista quando ela deixa à mostra algumas outras complexidades e dificuldades do trabalho docente. Constata-se, na fala de uma outra professora também, alguma insegurança que pode estar sendo gerada pelas questões que o início de carreira geralmente apresentam.

Olha, eu sou assim, às vezes eu tenho dificuldade. Eu sou uma pessoa muito esforçada, eu exijo muito de mim. Se eu não estou satisfeita, eu vou atrás, eu quero mais, sabe? Só que às vezes eu acho assim..., de uma escola para outra, as vezes eu não me identifico.

Então eu tenho essa dificuldade. Não sei que caminho precisa tomar (P.2- HV)

Os meninos falam que eu sou muito rígida; que eu sou brava (sorriu). Mas você..., não é, porque, se você não domina eles a primeira vez que você dá aula, depois você não dá conta. Entendeu? Mas fora da sala de aula, eu converso, eu brinco, eu trato super bem. Só que lá dentro eu procuro ser mais rígida, mais assim...severa, entendeu?(P.2- HV)

Alarcão (2001) defende o uso de uma nova teoria da prática que os professores podem desenvolver em situações de incerteza, singularidade e conflito, que, do seu ponto de vista, possibilitaria uma interligação entre as dimensões de realização profissional, pessoal e social. Esta nova teoria é o que Schön (1992, 2000) chamou de reflexão-na-ação, ou seja, pensar no que fazem, enquanto fazem. De acordo com aquela autora, esta ação possibilitaria uma melhor união entre teoria e prática, contribuindo para que os professores pudessem encontrar mais rapidamente as soluções mais adequadas para os conflitos pertinentes à dimensão profissional.

Outra dificuldade que o professor enfrenta no início de sua vida profissional se refere à relação com os colegas e com a escola como um todo (relação professor-escola). De acordo com Silva (1997) os professores principiantes acusam-nos de falta de empenhamento e a não se disporem ao trabalho em grupo. Este fato foi descrito por professores desta pesquisa, bem como as dificuldades que encontram com a instituição e a diferença que percebem entre uma instituição e outra.

Eu brinco com os meninos na hora que eles querem brincar, eu brinco com eles, mas assim, a hora de falar sério, eu falo sério. Mas me passam uma coisa que eu não posso ser assim, que eu tenho que ser séria, que eu não posso brincar nunca. (...) Quer que eu entre lá...sabe, a aula tem que ser assim e vai ser assim e pronto. Tipo...quartel sabe? Você chega e tem que...impor regras e...é você e pronto. Acho que não é certo. (P.1- HV)

Eu sei o que que eu tenho que dar, eu sei o que eu não posso dar. Mas aí fica aquela cobrança. Se você dá um trabalho, ou se você fala assim: “Vamos aprender a fazer releitura, uma releitura de obra?” Eles não aceitam, porque isso não vai cair no vestibular. Entendeu? Então eu estou tendo essa dificuldade. Não sei até quando eu vou enfrentar. E se apertar muito, talvez eu até deixe essas aulas. Porque até hoje eu não achei um caminho. (P.2- HV)

Nós vamos trabalhar assim, assim, assim. Tem hora para isso, tem hora para aquilo, tem hora para tudo. A diretora não deixou eu fazer isso. Ela falou que eu tinha que chegar com um sorriso no rosto, que eu tinha que deixar fazer praticamente o que eles quisessem. O que acontece? Eu não concordei muito não. Mas como eu era empregada eu tinha que ir. Falei: - Não, então ta. (P.5- HV)

Eu trabalhei dois anos em uma escola; o diretor era assim muito livre, muito aberto. Se eu pedisse material, tudo bem. Aí você vai para outra escola; igual lá no C., eles falam assim: “Ah, R., você faz isso, apostila...”, você faz, procura, tem xerox. Aí, você vai, igual ontem, eu pedi para tirar xerox: “ Olha, R., não vai dar para tirar xerox”. Então você fica perdida. Ou você faz ou você não faz. Como agradecer?

Sabe? Então eu tenho essa dificuldade. Não sei que caminho precisa tomar. (P.2-HV)

Uma dificuldade também é andar um pouco na linha da escola, que é cheio de coisa, de normas que a gente não está acostumado. É um monte de sigla, é um monte de..., ah! Poxa! (P.4-HV)

Eu trabalhei em outra escola antes, mas eu trabalhei foi como substituto e eu não considero isso como efetivamente um trabalho como professor; eu trabalhei foi por muito pouco tempo. E lá eu tinha uma relação hierárquica muito forte. Professor era professor, o resta era: “Ah! Você não olhe para mim não” – Agora ali onde eu estou agora eu tenho uma relação muito próxima com as pessoas que administram, e eu acho que isso daí deixa o professor muito à vontade. Isso daí deixa a gente muito tranqüilo para trabalhar. Eles te dão autoridade total da sala, mas uma autoridade lúcida. (P.4- HV)

Eu quero assim, ver se eu consigo trabalhar com outro professor. Para ver se facilita, ou se assim, chama a atenção dos alunos. Entendeu? Ou literatura, ou português. (...)? Só que isso daí eu já tentei uma vez, e um professor (), não aceitou, numa escola. Então, igual eu estou te falando, assim, isso é uma coisa muito complicada. Porque tem professor ainda que está tapado. Eles não aceitam. Acham que é qualquer coisa. Sabe? (P.2- HV)

Fica presente também nestas falas as diferenças entre as regras sugeridas, ou mesmo impostas, pelas instituições nas quais trabalham, e suas crenças pessoais sobre como deveriam desenvolver seu trabalho, como acreditam que ele daria melhores frutos. Os professores se recentem de não terem autonomia para decisões simples do dia a dia, que fariam seu trabalho fluir mais facilmente e tornaria a aprendizagem dos alunos mais rápida e eficaz.

As relações que o professor consegue estabelecer com a escola em geral são importantes para o seu crescimento profissional, mesmo que, no início principalmente, estas possam parecer inadequadas, pois acredita-se, juntamente com Alarcão (2001, p. 20) que “as relações das pessoas entre si e de si próprias com o seu trabalho e com a sua escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia”.

Uma professora mais especificamente mostra perceber os pais como desatentos em relação às crianças e delegando muitas das suas responsabilidades à escola. Encara isto como um fator de complexidade da profissão docente.

[...] porque pai e mãe saem para trabalhar cedo e jogam a criança na escola, chega de noite e a criança janta e vai dormir. (P. 5-HV)

A professora relata várias vezes em suas falas, que acredita que as dificuldades que seus alunos apresentam, são consequência da insegurança, proveniente de seu contexto familiar.

Alguns alunos têm insegurança no que eles fazem, mesmo sabendo. Acredito que isto é devido à falta de segurança vinda de casa. A família não acredita na criança(P.5-RF)

Durante a aula procuro saber como foi o dia deles, sempre me falam que alguém brigou durante o almoço, explico a eles a importância do respeito um com o outro que não é certo fazer isto, além dos critérios da escola. (P.5- RF)

Os alunos solicitam a minha presença devido à preguiça, falta de interesse (atividade como juntar as sílabas iguais. Eles já fizeram atividades semelhantes a esta). (P. 5- RF)

Nóvoa (2000), se referindo às várias fontes de tensão geradas, para os docentes, como reflexo da desvalorização da profissão de educador, cita a grande cobrança feita aos professores, pelos pais, como responsáveis pelo fracasso do sistema educativo. Ora, é fácil perceber, que mesmo sendo o professor o “ator” de frente deste sistema, não é o responsável pelo seu fracasso, pois é um dos que menos tem autonomia de decisão e ação em todo o sistema educativo. Mas isto não é percebido pelos pais, pois o contato que eles têm é mais frequentemente com o professor.

Os professores pesquisados afirmam ter consciência das situações corriqueiras na Educação em geral, e de como a aquisição de conhecimentos formais está sendo encarada por alguns estudantes.

Infelizmente alguns estão em sala somente para adquirir um diploma de 2º grau. Mas eu não desisto deles, embora às vezes fuja ao controle. Em parte vejo os frutos que plantei brotando e isso me realiza muito, mas não sabe o quanto... Mas fico triste, pois alguns alunos que se acham intocáveis e insistem em se manter na ignorância ou em defender seu ponto de vista pré-criado e sustentá-lo como fé inabalável. Não é por falta de atitudes ou de força de vontade e sim em razão do livre arbítrio que todos nós temos e que muitos insistem em permanecer errando. (P.3-HV)

Eu acho assim que...é muita coisa a favor do aluno. Passa a mão, muito, na cabeça do aluno. Tudo é o aluno. Só o aluno tem direito. Por mais que você faça, tem seus direitos de professor? Tem. Mas eu acho que é mínimo diante do aluno. Porque eu acho que a favor é só dele. Sabe? Igual essas reuniões. Todas as reuniões. Todas escolas que eu já passei, tudo é a mesma coisa: “Cuidado que a clientela que nos temos é essa. Você tem que ajudar. Você tem que passar a mão na cabeça. Você

tem que ajudar”. Não é assim. Eu acho difícil também hoje, assim, o limite, a educação na sala de aula. Porque esses alunos que não têm uma estrutura em casa. Que não têm uma educação, assim, na sala é difícil; você manter...entendeu? Tipo assim: “Fulano, assim, assim..” “Ah, professora, estressa não, isso é normal”. Entendeu? Tudo para eles é normal. Eu acho assim, a educação, o limite hoje, na sala de aula, eu tenho dificuldade de lidar. Eu acho que é um desafio para mim. (P.2- HV)

É relatado por uma professora a necessidade de ocorrências administrativas como instrumento avaliativo, reforçador de crescimento, tanto para o aluno quanto para o professor, afirmando, ao mesmo tempo, que cabe ao professor desenvolver interesse, motivação, estímulo, para que mais tarde possa receber dos alunos, uma recompensa.

A ocorrência serve como instrumento da avaliação e crescimento no que diz respeito ao aluno nos casos de indisciplina, desrespeito para com o professor e até mesmo com os próprios colegas. (P.2- RF)

Respondendo à pergunta feita no roteiro da filmagem: “Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê?”, esta professora responde:

Por incrível que pareça, sim, porque na maioria das vezes os casos de indisciplina são distorções típicas da adolescência e apesar de todas as distorções, a turma é interessada no assunto, só falta um pouco de informação e pesquisa sobre (P.2 – RF).

“Por incrível que pareça”, reflete o sentido de que, por mais que os alunos sejam indisciplinados, percebe um sentido positivo no que está fazendo.

Cabe ao professor desenvolver no aluno o interesse, a motivação, o estímulo para que mais tarde possamos receber dele uma recompensa. Eu vejo neles adolescentes participativos e críticos. Consequentemente farão uma escolha equilibrada, opções futuras sensatas em termo de futuras profissões. (P.2- RF)

Aqui os professores estão mostrando, também, situações complexas que têm que enfrentar no dia a dia da sua profissão e como reagem a elas. Não mostram uma ação concreta, apenas os sentimentos que o fato lhes despertam. Mesmo sendo dito que o professor deve desenvolver a motivação, interesse dos alunos, não esclarece como isto poderia ser feito.

Os professores procuram ser amigos de seus alunos (**relação professor-aluno**), sem, no entanto, perder o respeito na sala de aula. Procuram compreender e ajudar seus alunos para além dos conteúdos teóricos, em questões colocadas pela fase de vida que estão vivendo ou situações específicas de vida.

Há uma expectativa declarada ou velada de ser especial.

Eu quero ser uma professora inesquecível (P. 1- HV)

Ser inesquecível traz um grande *ganho pessoal* para qualquer pessoa. A profissão docente, com sua marca de ser um sacerdócio, de ser um dom, traz, mais do que outras, embutido, este desejo, expresso por este professor. De certa forma, pode-se questionar, que provavelmente, mesmo que a profissão não seja exatamente aquela que ele escolheu

(Falava que eu tinha que fazer, e eu falava: “Não, mas eu quero psicologia”. Aí juntou, que eu não tinha condição de pagar uma faculdade de psicologia e que eu faço tudo o que meu pai quer, então...juntou tudo, e foi por isso mesmo que eu fiz. P1) ela se dá por satisfeita se conseguir ser inesquecível.

Há uma tendência em buscar ser amigo do aluno sempre, e *segunda mãe* dos menores. Criticam os colegas que deixam questões pessoais interferirem no seu relacionamento com os alunos a ponto de prejudicá-los, e que censuram e desrespeitam os alunos. Uma professora relata dificuldade de se relacionar harmoniosamente com os alunos, mas tem trabalhado para reverter isso, este fato a incomoda. Gostaria de ser mais aberta.

Eu tenho dificuldade de me relacionar com meus alunos, assim, de modo geral.. De ser aquela pessoa aberta, amiga, sabe? Eu gostaria muito de achar um caminho, assim, para eu chegar até eles. (P. 2- HV)

Professores jovens que trabalham com o ensino médio precisam lidar com o assédio dos alunos (*respeito*). Entendem o fato e acreditam que lidar com ele seja uma questão de princípios e que é necessário se dar ao respeito para ser respeitado. Enfrentam também alguns

preconceitos pela aparência (cabelo comprido, brinco). Lidam com isto mostrando a que vieram e conquistando o respeito.

Eu tenho vinte e três anos, e a maioria dos alunos do noturno são homens. Você tem que tentar controlar ali, porque senão vira bagunça. “Ah professora!” “Ah, gostosa!” “Ah professora, você vai sair hoje?” “Ah, está mal intencionada, hem?” Aí tem que saber contornar isso senão vira bagunça. Então, já sei ponderar. Foi difícil, o ano passado foi mais difícil no começo. Agora eu estou..., vou alí...aqui...contornando. (P.3-HV)

E uma outra coisa que primeiro eu tive dificuldade, foi por ser um professor jovem, às vezes os alunos não deveriam ter um respeito. Eu achei que isso seria um problema e que talvez eu não conseguiria contornar. No primeiro dia eu entrei na sala, olha só o que foi dito, vou dizer porque eu, né? Falou assim: “Nossa! Mas esse professor deve ser um cachaceiro”. Desse jeito. Poxa! Tudo bem! Levei numa boa. Levei na brincadeira. E logo eu conquistei o aluno. Tá jóia. Aí eu pensei assim: “Bom, isso vai ser um problema, porque eu sou muito jovem”. Sou muito jovem para eles que estão acostumados com professores mais velhos, e tal...mas, eu já não estou tão novinho mais assim não (sorriu). (P. 4- HV)

Eu tenho..., existe o assédio dentro da escola e é muito forte por causa da idade dos meninos, mas a gente consegue contornar isso. A gente faz de bobo, faz que não está acontecendo nada, faz de amigo. E também uso um pouco para prender a atenção dos alunos. É mais uma arma que você tem. Só que você não pode deixar isso passar dos limites. Ou começam a entender de outra forma. Você trata, vamos supor, pela sua atratividade, você é um professor jovem, os alunos chegam porque querem saber: “Nossa, professor!, como é que é a faculdade, como é que é não sei o que, e tal...?”. E querem saber. E se aproximam de você, e você usa aquilo como uma arma para poder prender eles. Para falar da vida de um jovem que vive sozinho, dos perigos, dos problemas. (P. 4- HV)

(..) mostrei que eu queria ser um amigo, uma pessoa a acrescentar e não uma pessoa a cobrar. (P. 4- HV)

Silva (1997) esclarece que no início da carreira, devido a maior proximidade de idade entre o professor e seus alunos (dependendo do nível de ensino em que irá trabalhar), poderá ter que lidar tanto com questões facilitadoras quanto dificultadoras de seu trabalho. É comum a dificuldade de manter a disciplina, ou então a facilidade de falar a mesma linguagem e conseguir uma certa “cumplicidade” que contribuirá para o seu trabalho. A maneira como irá lidar com esta questão dependerá, em certa medida, de suas dimensões pessoais e de sua auto estima, de como acredita ser capaz de lidar com elas.

Para alguns professores a boa relação entre ele e seus alunos é mostrada com os resultados obtidos com o conteúdo, enquanto outros acreditam que isto é demonstrado em assuntos e ações que ocorrem além da sala de aula ou das atividades propostas na mesma.

A minha relação com as crianças é ótima, pois eles sempre fazem as tarefas propostas com entusiasmo. (P1. RF)

Então, eu acho assim que, a função de um professor não é ficar limitado à sala de aula. O professor tem que ser aquele...Ele tem que ser amigo, companheiro. (Piloto – HV)

Percebe-se que para alguns professores a relação professor-aluno se encerra na sala de aula. Ou seja, uma boa relação é demonstrada com bons resultados nos conteúdos. Com isto se perde todo o significado da palavra educador, que envolve a formação do ser humano total, não apenas o passar conhecimentos. Mas outros já enxergam a relação para além da sala de aula e buscam compreender seus alunos em todas as suas dimensões.

No geral apresentam interesse em ouvir seus alunos e disponibilidade para auxiliá-los no que estiver ao seu alcance, relatando, inclusive, exemplos de como deve ser o relacionamento entre as pessoas para que haja um bom entendimento.

Sempre tem uma criança que conta alguma coisa que tenha acontecido em casa ou mesmo em outro lugar, eu acato com naturalidade escuto e faço comentários.(P.1-RF)

Os professores, em sua maioria, enfatizam a necessidade de flexibilidade nas relações pessoais, buscando sempre um bom relacionamento junto às crianças, carinho, afeto, sinceridade e satisfação por estar junto delas.

Alguns professores relatam ter consciência de maior flexibilidade em suas atitudes atuais no que se refere ao ano anterior. Esta questão pode ser vista como um ponto de reflexão do professor em relação à sua atuação como docente, possivelmente como resultado da primeira parte da pesquisa.

Penso que este ano eles se sentem mais próximos, com menos medo de fazer perguntas. O ano passado eu era menos acessível. (P.3 –RF)

Os professores procuram não subestimar seus alunos, tendo consciência da interação e do diálogo necessários para favorecer ambas as partes num convívio satisfatório.

Relatam que, quando se faz necessário, têm uma postura mais rígida e não encontram dificuldades em exercer seu posicionamento frente à sala.

Quando tem uma criança falando e as outras começam a falar eu digo que não estou ouvindo a criança, para que elas saibam que quando uma estiver falando as outras devem fazer silêncio. (P.1- RF)

Meus alunos são maravilhosos e fazem tudo que peço, porém as vezes entregam coisas fora do prazo. Tento ser maleável e justo ao mesmo tempo. (P.4- RF)

Eu tento sempre não apelar para a rispidez, sobretudo em momentos de tumulto natural, seriam os momentos de entrada e saída da classe, momentos de perguntas satirizantes, dúvidas entre alunos e as brincadeiras dos alunos em relação a mim. Dou muita liberdade e por isso sou respeitado no momento que preciso de ordem, mesmo sem ter que levantar a voz e isso eu acredito que é a verdadeira ordem (ficar em ordem por livre e espontânea vontade). Os alunos sabem que ganham mais me mantendo com essa característica, pois eles acabam criando crédito comigo. E uma relação recíproca, mas existem momentos em que se faz necessário um maior pulso e não sinto dificuldades em fazer isto. Espero a oportunidade de mostrar meus dois lados e são eles que acabam escolhendo o lado mais brando e não eu. (P. 4 – RF)

Amo meus alunos embora minha postura é quase sempre séria. Temos momentos para tudo. (P.5- RF)

De uma forma geral fica, como as reflexões das filmagens e o grupo focal confirmam, o que se colheu nas entrevistas de Histórias de Vida, ou seja, os professores procuram ser amigos de seus alunos, sem, no entanto, perder o respeito na sala de aula. Procuram compreender e ajudar seus alunos para além dos conteúdos teóricos, em questões colocadas pela fase de vida que estão vivendo ou situações específicas de vida.

Alguns relatos dos professores podem exemplificar o que foi dito acima:

Bem, alguns alunos me convidam para festas familiares e de amigos, nas quais só comparecem pessoas mais íntimas. Quando estão fora do ambiente escolar, como no shopping, no centro da cidade, numa feira de arte/cultura, eles ficam orgulhosos e sempre me apresentam a seus pais – caso esses ainda não me conheçam. (P.2- RF)

Sim. Pois são crianças “maravilhosas” carinhosas e sinceras. E eu vejo a felicidade estampada nos rostinhos deles toda vez que dou uma atividade a eles. (P.1- RF)

No relato do P.4 percebe-se que a relação que ele consegue estabelecer com seus alunos é ponto fundamental na transmissão e aquisição de aprendizagens:

Mas certamente o que acho mais importante é ter a capacidade de expor um relacionamento com os alunos que faço com que eles gostem de você e prenda a atenção no que está falando. Quando se convida um aluno para a aula, ele pode relutar em permanecer concentrado, mas você se convida a ter um diálogo com o aluno e prova o tempo todo o instante que vale a pena prestar atenção, é muito mais fácil se dar aula, mesmo sem recursos. (P.4- RF)

Acredito que somente mostrando a realidade eu conseguirei fazer com que eles estudem. Acho que a cola é inevitável e que as vezes é até benéfica, mas tento manter sua imagem como delito, pois ela pode gerar acomodação geral.(P.4-RF)

Este professor, no decorrer da pesquisa, demonstra respeito frente aos seus alunos e suas práticas acadêmicas, estabelecendo uma boa relação enquanto docente, agindo, quando necessário, com uma postura mais rígida, não encontrando dificuldades com estas atitudes.

Relata bom convívio com seus alunos respeitando-os e buscando o mesmo para si, avalia sua relação com seus alunos de maneira construtiva conscientizando-os da necessidade de estudarem.

Acredita-se que seja complexo para o professor, superar a relação autoritária professor-aluno que o habilitou a ser professor. Construir relações democráticas exige criticidade, criatividade e predisposição para mudanças. No início da carreira isto se torna mais difícil, pois, o professor principiante não dimensiona a complexidade de uma sala de aula e as ramificações de um processo educativo. Esta complexidade traz implicada em si as relações de poder que fazem parte do instrumental de vida dos seres humanos. Os profissionais talvez não tenham consciência de sua existência neles, ou de como exercem o poder. Atitudes, olhar, não olhar, postura, tonalidade de voz trazem significados para o complexo espaço da sala de aula. (LUFT, 2000)

É muito difícil definir os limites do conceito relação professor-aluno. Eles se intrinacam na prática do processo pedagógico com o conteúdo de ensino e com a

metodologia adotada. A aula é um lugar de interação entre pessoas e, portanto, um momento único de troca de influências. (VEIGA, 1990, p. 86)

Os professores citam a dificuldade que encontram no fato de se verem obrigados a seguirem normas e regras institucionais nas quais não acreditam ou que, de certa forma, dificultam seu trabalho.

Relatam que encontram diferenças de posicionamentos e de regras de direção nas diversas instituições e que quando mudam de uma para outra sentem dificuldade em se adaptar. O curioso é que a mesma instituição foi percebida diferentemente por dois professores diferentes que trabalham na mesma. Para um a escola não dá oportunidades, não oferece materiais adequados, não existe proximidade entre equipe pedagógica e professores. Outro percebe ótimo relacionamento entre todos, sente-se seguro e com autonomia, dispõe dos materiais que necessita.

Quer dizer, eu cheguei, fui na direção: “Você não pediu uma prova a nível de vestibular? Está aqui a prova de modelo, e o que eu elaborei. Sabe? Então, assim, eu acho que a gente não está encaixando, a gente não está entendendo um ao outro. Está distante. (P.2 – HV)

Eu achei que eu teria dificuldade, mas graças a Deus, com a minha administração lá eu tenho só o que agradecer, só o que elogiar, ali é espetacular mesmo. (P.4-HV)

Este fato pode sugerir que os professores percebem a mesma instituição diferentemente devido às suas dimensões pessoais, que geram uma visão própria da realidade. Mas, de qualquer forma, ainda se pode questionar se são realmente visões diferentes ou se há diferenças no trato entre os professores de uma mesma instituição.

São percebidas, também, visões otimistas e de enfrentamento da realidade com mais confiança:

[...] a necessidade de ouvir, principalmente não só os alunos, mas a escola como um todo,... como uma unidade escolar,... desde os funcionários até outros professores. Que às vezes, mesmo eles estando errado; mesmo com suas experiências negativas, a gente aprende com os erros e com os acertos dos outros, e nós temos dois ouvidos e uma boca néee, não é a toa néee, ouvir mais e falar menos! (P.4 –GF)

No Grupo Focal também foi analisado por uma professora um evento ocorrido com ela em relação a escola em que trabalhava, onde ela busca refletir sobre as dimensões pessoais e profissionais, que no seu ponto de vista puderam ser vislumbradas por ela a partir da pesquisa:

[] Ja situação que eu passei na escola, então eu acho que eu pequei só nisso, porque na hora que, eles me cobram esta postura, fraquejou quando eu tive que mudar os meus direitos, ai eu não tive postura o suficiente, porque eu acho que justamente o pessoal estava muito longe do profissional, porque um tinha que cobrir o outro, meio que um “canyon” entre os dois, mas a minha parte profissional, hoje, assim, acho que não foi tão traumática assim pra mim, mas eu tive um ponto de partida, a partir daqui eu vou começar a ter uma postura diferente. Assim, querendo ou não a gente teve uma postura diferente, eu acho que foi comum para os três de começar a pensar mais na sua prática, e as atitudes assim, é claro que a gente muda, a gente ta em crescente construção NE. (P.3 GF).

São relatadas dificuldade de relacionamento com colegas, ou por estilos de vida diferentes, ou por “ciúmes” por se sentirem prejudicados em algum aspecto.

Aí chega na hora do intervalo: “Oh! A professora come fruta” eles ficam me zoando, eu acho aquilo errado. Eu fico irritada. Segurando para não responder, porque eu também sou arretada na hora de responder. Eu fico segurando para não responder. Eu Falo: “Ai meu Deus, me dê forças”. Porque é complicado. Porque a pessoa invade o seu espaço e depois ela não quer que você dê o retorno. É meu estilo de vida, porque eu sou diferente. Eu me sinto diferente. Sabe, professora que vai de bicicleta para a escola, que come fruta na hora do intervalo. (P.3- HV)

Muita gente que entra hoje para o mercado de trabalho, que sai da faculdade, não tem todos esses quesitos, aí você se destaca. E você já tem uma pós graduação, destaca mais ainda, um mestrado, destaca mais ainda. Por eu ser nova, isso inibe mais ainda as pessoas. Eles ficam até com medo. Dos colegas mesmo, causa uma certa..., outra apatia além da que eu sentia na faculdade. Aí é meio estranho. De novo. Tem hora que eu fico com medo. Nossa! Nem vou perguntar. Fico quietinha, tomo meu lanche, meu café. Eu evito até fazer comentário. (P.3-HV)

Alguns professores descrevem uma boa relação frente à escola e seus colegas de profissão, no intuito de promover melhor educação aos alunos, acatando ajuda da pedagoga e colegas. Exemplos de suas falas:

Algumas atividades eu crio, outras busco em livros e apostilas e as vezes troco material com outras professoras.(P.1- RF)

Eu escolho as atividades, mas as mesmas são analisadas pela pedagoga. Quando tem alguma coisa que ela não concorda analisamos juntas a atividade. (P1-RF)

Os professores demonstram ainda, em suas relações frente à escola, haver flexibilidade de escolha no procedimento de suas práticas didáticas, incluindo sugestões das mesmas dentro da realidade de seus alunos.

Geralmente, a escola faz algumas sugestões de assunto ou projeto desenvolvido pela comunidade escolar e dentro dessas sugestões o professor faz sua escolha. (P. 4- RF)

Os professores relatam, ainda, suas dificuldades frente suas práticas docentes e sua condição diante dessas dificuldades, mostrando suas necessidades de reverter a situação de falta de recursos, por exemplo, proporcionando melhores condições aos alunos interessados. Algumas falas dos professores, ao serem perguntados, durante as reflexões sobre a filmagem de suas aulas: “*Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?*” esclarecem este ponto:

Talvez, se o tempo para a resolução de uma certa atividade fosse determinado como o é, e a falta de recursos, faria sim. (P. 3- RF)

Quando os resultados são satisfatórios eu meloro, acrescento, enriquecendo com algum ou outro dado interessante. Na maioria das vezes, rejeito a mesma metodologia. (P. 2- RF)

Alguns professores mostram os recursos que utilizam para enfrentar as dificuldades:

Existem restrições, mas existem outras alternativas. Escrever a prova no quadro quando o xerox não funciona (vídeo); dar aulas ao ar livre, levar a natureza para a sala de aula, usar a imaginação dos alunos para fazê-los ver em minhas palavras as visões que eu mesmo presenciei e fazê-los viver suas próprias experiências (cerrado) e reconhecer o que foi dito a eles na sala de aula em momentos de seu dia a dia(efeito estufa)(P.4- RF)

Em outros casos são relatadas ações, com intenção de disciplinar o comportamento dos alunos em sala, e fazer com que temam reprovações dos pais. Estas ações podem ser

interpretadas pelos alunos como excesso de responsabilidade, e gerar insegurança e medo, diminuindo, desta forma, o alcance dos objetivos propostos.

O segredo da turma é o caderno de recado ou o caderno verde (este é um relatório que deve ser feito para a orientadora da escola).

***Porque é segredo da turma?** Porque eles temem que chamem os pais, para falarmos sobre o comportamento dos mesmos. (P. 5-RF)*

Apesar de alguns professores relatarem facilidades de aquisição de materiais didáticos, um dos professores relatou a necessidade de opções alternativas e criativas em sua prática docente, visto haver limitações para este no que se refere ao acesso dos mesmos. Acredita ser um profissional flexível e criativo, sem perder o interesse em praticar sua docência.

A escolha das atividades realmente fica acorrentada às restrições físicas e didáticas da escola. Por exemplo: Eu, professor “4”, de biologia, não posso ter acesso ao laboratório. Somente os professores de laboratório podem, outro caso é a exibição de vídeos, existem tvs, vídeos, dvs, mas não existem cabos de transmissão de imagem, pois os próprios professores acabam com esse equipamento.

Existem restrições, mas existem outras alternativas. Escrever a prova no quadro quando o xerox não funciona (vídeo); dar aulas ao ar livre, levar a natureza para a sala de aula, usar a imaginação dos alunos para fazê-los ver em minhas palavras as visões que eu mesmo presenciei e fazê-los viver suas próprias experiências(cerrado) e reconhecer o que foi dito a eles na sala de aula em momentos de seu dia a dia(efeito estufa).(P. 4- RF)

Percebe-se que tendem a exercer da melhor maneira sua prática docente, buscando alternativas que demonstram profissionais conscientes em busca de melhor aproveitamento didático, visando o aprendizado de seus alunos.

Estudiosos como Nóvoa (2000) e Imbernón (2002) se referem à importância da possibilidade de o professor exercer sua atividade docente com autonomia como fundamental para a construção do processo identitário do mesmo, pois a autonomia é regra fundamental na construção de qualquer profissional.

7.2.3 Resumo Desta Dimensão

Os autores estudados são unânimes em afirmar que a entrada na carreira docente é um acontecimento estressante em que se sofre mais o impacto das pressões profissionais. É, portanto, o momento em que os professores estão vivendo as complexidades da carreira docente e buscando alternativas para enfrentá-las.

Huberman (2000) mostra que além do “choque com o real” ser um dos principais problemas enfrentados pelos professores em início de carreira, como já dito anteriormente, existe também a preocupação do professor consigo mesmo, com sua sobrevivência na profissão, o que dificulta o lidar com situações conflituosas.

Acrescenta-se a isto a preocupação consigo mesmo, a fragmentação do trabalho, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes e as dificuldades com alunos, material didático e outros entraves ao processo educativo.

Nesta pesquisa pode-se perceber que os professores falaram de cinco pontos específicos.

Em primeiro lugar se referiram a práticas e atividades docentes utilizadas para obter melhores resultados na aprendizagem e no controle da sala, principalmente no que se refere à disciplina. Como dito acima a disciplina é uma grande dificuldade enfrentada pelos professores jovens, não só pela proximidade de idade com seus alunos (para aqueles que trabalham com ensino médio ou superior), mas pelas características da educação hoje, que tem enfrentado desafios sociais e familiares difíceis de lidar.

Em relação a este ponto falaram também em como lidam em momentos de avaliação, técnicas para prender a atenção do aluno, metodologias diversificadas e planejamentos flexíveis. Neste sentido ficou claro que os professores estão buscando o

equilíbrio de suas ações e mostram estar vivendo plenamente a fase inicial da carreira descrita tão bem pelos autores estudados.

Um segundo ponto se referiu a alunos em situações conflituosas para além da docência, ou seja, casos de alunos com problemas de saúde ou emocionais que exigem uma atenção especial. Os professores mostram que agem com eles de acordo com seu bom senso, ou como gostariam que tivessem agido com eles quando enfrentaram problemas semelhantes. Não apresentam nada que venha de sua formação específica que possa tê-los preparado para enfrentar tal especificidade.

Outro ponto discutido pelos professores se referiu ao relacionamento com colegas e escola em geral. Mostram diferenças de percepção em relação a uma mesma instituição. Ou seja, professores de uma mesma escola a vêem, um como positiva, outro como negativa. Acredita-se que este fato seja reflexo de características pessoais que interferem na percepção que se tem de um mesmo fenômeno. Portanto explicaria como as dimensões pessoais podem interferir nas dimensões profissionais de qualquer carreira. Mostram ainda que este relacionamento é marcado por disputas e ciúmes. Percebem preconceitos quanto a estilos de vida diferentes. Queixam-se de burocracia dificultando o bom trabalho educacional. Mas é perceptível uma visão positiva e de confiança no sentido de aprender com os erros.

Por fim, falam do relacionamento com os pais como uma complexidade do trabalho docente. Queixam-se dos pais não darem atenção aos seus filhos e deixarem por conta da escola toda a responsabilidade educativa.

De uma forma geral percebeu-se no grupo de discussão que houve uma colaboração entre eles em relação a como enfrentar estas situações complexas da carreira docente, portanto concorda-se com Imbernón (2002) quando diz formar o professor para a reflexão é uma das maneiras de muni-lo de capacidade de lidar com estas incertezas e possibilitando a abertura de caminho para a autonomia profissional compartilhada.

7.3 PROCESSOS REFLEXIVOS SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES

Esta terceira dimensão foi melhor observada em relatos feitos a partir das filmagens das aulas dos professores, mas que só puderam ser verdadeiramente apreendidas e verbalizadas pelos docentes, no momento do grupo focal. Isto porque, aparentemente, o impacto provocado por se verem em ação profissionalmente, pode ter impedido o professor de fazer, num primeiro momento, as reflexões necessárias. Para três professores o fato pareceu real, tanto que se propuseram a participar do grupo focal e trouxeram relatos muito interessantes sobre as filmagens. Para os outros dois, acredita-se que este ainda não era o momento de se colocarem à prova e de fazer reflexões sobre suas ações. Para a Psicologia é fundamental que a pessoa deseje e esteja preparada para a mudança para que ela ocorra de maneira satisfatória, portanto foi importante que esses dois professores não participassem do grupo neste momento, pois as mudanças, de qualquer forma, não iriam acontecer. Tal afirmação é respaldada por Guenther (1997) quando diz que, apenas as mudanças ocorridas a partir do desejo humano de mudança é que serão verdadeiramente duráveis.

Relatos feitos a partir das filmagens revelaram que os professores puderam fazer algumas reflexões importantes quanto a sua prática docente e suas dimensões pessoais, algumas, inclusive, já citadas em outros momentos deste trabalho, mas que voltam por se mostrarem necessárias neste ponto também.

Sempre fazemos uma oração antes de entrar para sala de aula, fazemos uma outra oração antes de comer o lanche, essas coisas estão ligadas com minhas características pessoais. (P.1- RF)

Sem duvida percebemos, deixamos nossos traços pessoais, valores, pontos de vista no que fazemos principalmente na sala de aula na maioria dos conteúdos.(P. 2-RF)

Realmente percebi o quanto estou mais “paciente”. Em outro momento da minha vida, sinceramente não me reconheceria. Levada por muitos acontecimentos e mudanças no âmbito particular, fizeram-me “ficar” mais passiva; em muitos momentos percebi a falta de postura de minha parte, apatia, depressão. (P.3-RF)

Pude identificar que estou estabelecendo uma relação quase completamente inversa à praticada na instituição, na qual estudei toda minha vida escolar até o fim do 2º grau e no meu trabalho, no tocante à escolha e à forma de desenvolver atividades e avaliações. Na primeira, a impressão que tenho até hoje é que lá as coisas funcionavam. Na graduação, aprendemos a avaliar o desenvolvimento do aluno e não a pessoa, avaliar o processo de aprendizagem. Tento colocar isto em prática, mas os alunos ainda não estão preparados para isto, eles confundem com “moleza”.(P. 3-RF)

Tento agir naturalmente, sem grosserias e sem desculpas. Se estiver ao meu alcance, responderei; senão, peço um prazo para responder. (P.3-RF)

O que se acredita mais importante, neste caso, é a percepção, deles mesmos, das mudanças que ocorreram com eles durante os meses transcorridos entre as entrevistas de história de vida e as filmagens. A importância que esta pesquisa deu a essa busca, pelos professores, pelo autoconhecimento, é também decisiva, para Nóvoa (2000), pois ele defende que, no momento em que o professor escolhe a melhor maneira de agir não estão implícitas apenas decisões de ordem profissional, mas também de ordem pessoal.

Durante toda a pesquisa foram feitas várias tentativas, pedindo-se aos professores para que falassem deles, de suas dimensões pessoais e de como elas interferem nas suas práticas profissionais. Notou-se certa dificuldade neste aspecto. Quando estimulado, o professor iniciava falando, mas em seguida desviava o assunto para um tema ou exemplo de aluno, quando precisou agir de uma ou outra forma. Ficaram claras situações em que o professor se mostra agindo diferentemente de como professores de sua infância agiram com ele e o constrangeram ou humilharam. Mas relatos de como se vêem, como se percebem foram muito poucos. Às vezes, faziam esses relatos para, mais na frente, se contradizerem. Esses fatos deixam transparecer a possibilidade de uma dificuldade de autoconhecimento por parte dos professores participantes da pesquisa. Alguns exemplos de sentimentos vividos

durante sua escolaridade e formação para a docência que permeiam suas dimensões pessoais e profissionais:

Quando eu fiz a primeira série, a minha professora da primeira série pediu para fazer um desenho e eu lembro que no meu desenho tinha um sol. E ela olhou o meu desenho e falou que não tinha, nunca havia visto um sol tão feio quanto estava o meu. Então isso faz com que eu trate os meus alunos..., que nunca eu falo para eles que os desenhos deles estão feios, nem a letra, nem o caderno. Eu sempre falo que está bonito. Eu sempre tento colocar eles para cima. (P.1-HV)

Deixei um pouco sim... (de se envolver com o curso), porque ficava parecendo que eu estava sendo aparecida (). Aí eu ficava...Até hoje assim..., eu tento me cuidar...ficar mais apagadinha. Mesmo na escola, porque eu me sinto diferente dos outros professores. Eu acho que muita coisa que eu deixei de fazer enquanto aluno, faltou nos meus professores. Mesmo de incentivo, de acreditar no aluno. (P.3- HV)

A professora mostra, com essa fala, que a implicância de professores e colegas fez com que ela perdesse um pouco do envolvimento com que iniciou seu curso de formação docente.

Ao falarem de si mesmos, os professores expressam mais características que sabem ser esperadas de um bom professor, e que buscam reconhecer neles próprios, do que propriamente o reflexo de um pensamento que têm sobre si, tais como:

Eu sou muito exigente. Eu brinco, eu faço bagunça com meus alunos. Só que, no caderno deles eu gosto bem caprichado. (Piloto- HV)

Eu me acho uma pessoa, uma professora amigável, companheira, carinhosa e acima de tudo compreensiva. (P.1-HV)

E o jeito de eu lidar com os professores, eles..., parecia que eu estava pegando no pé deles. De achar os erros. Mas é porque eu sou muito minuciosa, eu gosto do todo, se for para eu aprender a parte, prefiro não aprender. (P.3-HV)

Tudo bem, porque eu sempre uso o diálogo, para não criar inimizades na escola. Eu sempre faço isso. Como eu falei, eu sou muito aberta a sugestão do próximo. (P.5-HV)

Uma professora reconhece que, apesar de ser esforçada e exigente, tem dificuldades e não se identifica com algumas instituições. Essa professora mostrou, desde o início que não escolheu a docência, foi uma profissão que aconteceu por falta de opção, mostrou uma menor flexibilidade no comportamento com os alunos, teve resistência com as filmagens e não se

dispôs a participar do grupo de discussão. A reflexão que se faz é que, muito antes desses comportamentos serem interpretados como negativos, eles mostram uma grande coerência de ações, pois ela não faz o que gosta, com quem gosta, onde gosta, com os recursos que acredita necessários. E tem a honestidade de manifestar seu desagrado:

Olha, eu sou assim, às vezes eu tenho dificuldade. Eu sou uma pessoa muito esforçada, eu exijo muito de mim. Se eu não estou satisfeita, eu vou atrás, eu quero mais, sabe? Só que às vezes eu acho assim..., de uma escola para outra, às vezes eu não me identifico. (P.2- HV)

Por outro lado, seria importante que esta pesquisa pudesse ter encontrado essa professora num momento em que ela estivesse mais preparada para escutar e incorporar as reflexões que ela poderia fazer sobre as dificuldades que ela vivencia em sua vida profissional. Acredita-se que o fato de ela ter lido o projeto da pesquisa e ter concordado em participar, e, inclusive, ter feito uma excelente entrevista de História de Vida, mostra que estava disposta a enfrentar alguns fantasmas, mas não conseguiu dar continuidade a este enfrentamento neste momento.

Tanto nas Histórias de Vida quanto nas reflexões das filmagens todos os professores afirmam ser fundamental ser amigo de seus alunos para serem bons professores e que o professor ajuda a dar “um rumo” na vida do aluno. Citam também a representação de que professor deve ser “uma segunda mãe”.

[...] que a gente é o que a gente recebe de exemplo, em conflito com aquilo que a gente pensa. Porque a gente tem uma idéia e a gente tem as pessoas que tentam formar nossas idéias. E se você tem uma idéia errada e não tem ninguém para mudar a sua idéia, você permanece com ela. (P.4- HV)

Isso não é coisa de uma menina da sua idade--falam de namorado. A gente já conversou então--problema com negócio de namorado, sabe? Eu falo para elas: - Gente não está na idade.-- não fica limitado só a matéria, sabe? Tem aquela relação professor aluno dentro da sala de aula, mas fora de sala a gente tem uma unidade...sabe? Eu acho isso muito importante para a minha profissão (Piloto- HV)

Eu procuro orientar os meus alunos. Eu falo para eles assim: - mãe é só uma, mas professora é como se fosse uma segunda mãe, porque a gente tem que orientar, a

gente tem que educar, sabe? Além de ensinar o que a matéria pede, sabe? (Piloto-HV)

O fato de relacionarem-se as funções de uma professora ou professor com as de uma mãe contribui para marcar a profissão docente com uma ausência de profissionalismo, pois, por mais que ser mãe, faça uma mulher desenvolver funções específicas e trabalhosas, não são funções de uma profissão, e mais, não são funções que um homem poderia exercer. Esta idéia é também defendida por Fontana (2000) que explica que a feminização do magistério contribuiu para a divisão que se percebe hoje entre dimensões pessoais e dimensões profissionais na carreira docente. Acredita-se, ainda, que tenha contribuído para a desvalorização do magistério, pois a história da humanidade é marcada pela idéia do homem provedor, ligado à vida profissional e da mulher ligada à família, ao doméstico.

No momento do grupo focal os professores continuaram afirmando a amizade com os alunos e a questão da educação total do aluno e não apenas passar os conteúdos, e ainda se percebe o sentimento maternal.

[...] você vai plantando uma sementinha, vai aguando, vai tratando dela, quem sabe um dia ela se torna uma árvore frutífera. (P.5- GF)

[...] tem que ser mãe, passar a mão na cabeça na hora em que for preciso e também chamar a atenção para os que precisam. (P.5- GF)

Em vários momentos da pesquisa os professores foram questionados sobre o que era ser professor hoje e quais eram as funções do professor. Mostraram alguma dificuldade em responder a tais perguntas. Falaram sobre algumas características que acreditam que os professores devem ter ou procurar desenvolver e também sobre algumas dificuldades enfrentadas na busca de ser um bom professor hoje. Aparece, no início da pesquisa, em alguns relatos, a crença de que professor tem que ser perfeito, principalmente em questões de capricho e exemplo para seus alunos. Fica claro, na fala da maioria dos professores, uma idealização da função docente e uma necessidade de se perceber como perfeito.

Professor, ele tem que ter perfeição nos mínimos detalhes (Piloto- HV)

[...] a gente é o que a gente recebe de exemplo (P. 4- HV)

Perceberam-se ainda algumas definições que se aproximam muito do “ser mãe” apesar dos professores não terem usado estas palavras, e outras que usam do próprio termo:

Então tem um determinado ponto de Uberaba que é onde o pessoal se reúne. Os meninos na idade de doze treze, quatorze anos, se reúnem para fazerem bagunça, comemorar. Eu vejo, eu fico de olho para ver se não tem um dos meus alunos no meio. Para mim, levar aquilo para dentro da sala de aula, eu acho que isso é o papel do professor, mesmo que seja fora de sala de aula. Se ele está vendo que o aluno dele está fazendo uma coisa errada fora, tem que levar isso para dentro de sala e orientar o menino. (Piloto- HV)

Eu acho que ser professor hoje é isso, é ensinar o aluno a diferenciar o que ele está fazendo de certo, o que está fazendo errado. Não fica restrito só a sala de aula. (Piloto-HV)

Então eu acho assim, que eu sou um pouco...mãe, sabe? Eu gosto de brincar. Não sei, eu não me vejo lá dentro como professora. (P.1 – HV)

Você é a mãe deles na escola. (P.5 – HV)

Já no final da pesquisa o tom mudou e perceberam-se professores com falas bem mais reais, com menos idealizações, aceitando melhor suas falhas. Nota-se que esses professores estão passando para a segunda fase da carreira descrita por Huberman (2000), de estabilização, que é vivida entre os quatro e seis anos de trabalho na profissão. Nessa fase, cresce o sentimento de “competência” pedagógica e de confiança, podendo o professor enfrentar melhor seus medos, aceitando erros, pois sabe de suas competências e pode relativizar os insucessos.

Temos que estar sempre nos apropriando de coisas novas, inclusive tem uma frase que, está na camiseta lá do (uma das escolas em que trabalha) né, “feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Realmente é um lema né, e agente se encontra nesses momentos, procurando as respostas, de como agir e a gente acaba encontrando as respostas para este questionamento. (P.4- GF)

Se corrigir, tanto na parte de ser rígida demais, eu já fui rígida, sou menos hoje, pois eu aprendi muito (P.5 – GF)

*Aprendi a negociar, eu não sabia a negociar, se não fosse daquele jeito pra mim não estava bom...
(P.3 – GF)*

No que se refere à **relação entre formação e atividade docente** a fala de todos os professores foi marcada pela certeza de que o docente deve gostar do que faz, ou seja, se *identificar com a formação*, valorizar a função, gostar do local onde trabalha e ser o próprio transformador da opinião negativa sobre a profissão:

E eu acho isso muito importante para ser professora. Eu sempre falo isso, eu acho que as pessoas têm que gostar de observar, gostar do que faz, principalmente. (Piloto- HV)

Bom, para mim, eu acho que em um primeiro passo, você tem que gostar. (P.2-HV)

Mas eu acho que a gente deve..., os professores devem sempre, desde o começo, valorizar a importância disso aí, valorizar a função de ser professor. E os próprios professores, dentro da escola, devem já valorizar a posição de professor, que na verdade é uma profissão muito bonita, uma profissão muito..., é uma coisa que me fascina realmente, sabe? Então eu acho que deveria ser tratada de uma maneira diferente. (P.4-HV)

E ter amor pelo local que você trabalha. Eu acho que o professor tem que ter muito disso. (Piloto- HV)

Eu acho que o professor pode ser... o próprio transformador, da opinião do que se existe, de como ser professor. Eu acho que pode... dentro da sala de aula, mudar este estigma né... de professor, é um sofredor né... ser professor é ser, FRACASSADO. (P.4- HV)

Este último ponto foi considerado, pela pesquisadora, como um ponto importante de reflexão, pois esse professor conta que não iniciou a sua formação para ser professor, mas sim para ser pesquisador, mas que se apaixonou pela docência e se sente feliz na profissão. Com a certeza de estar em uma carreira que o torna feliz ele procura desmistificar para seus alunos os estigmas negativos colados à profissão no decorrer de sua história. As pesquisas de Lessard & Tradif (1996) e Tradif & Lesard (2000), citadas por Tardif (2005) mostram

sentimentos semelhantes dos sujeitos quando dizem que “foram feitos para isso, para ensinar”, numa tentativa de naturalizar o saber-ensinar, como se ele fosse um dom inato.

Algumas habilidades intelectuais, motoras ou de relacionamento também foram citadas como fazendo parte do ser professor:

Ser muito crítico (o professor). Eu sou uma pessoa muito crítica. (Piloto- HV)

Eu acho que professora tem que ter uma postura. Tem que ser séria. (Piloto- HV)

Eu tenho tudo (habilidades manuais para ser professora). Eu só não sei pintar. Pintar em tela, porque o resto tudo eu fazia, sabe? Eu sei brincar com papel, eu adoro fazer essas coisas, sabe? E eu gosto que os meus alunos tenham capricho com as minhas coisas, sabe? (Piloto- HV)

Outra idéia apresentada nos relatos é a de que um bom professor tem um dom, um “quê” especial e que trabalha mais pelo ideal do que pelo dinheiro.

Bom, eu acho que isso daí já nasce com a pessoa. Eu não sei explicar (...)Tem o dom. Eu não sei como eu explicaria isso, mas eu sei que eu percebi isso em mim um pouco. Não tanto quanto eu já vi em outras pessoas, mas as pessoas às vezes têm uma facilidade extrema. (...)Sabe chamar a pessoa para a aula e eu acho que isso não se constrói. (P.4- HV)

Acho que não é só pelo dinheiro, não. Mais é pela idéia mesmo. Pelo ideal. Porque o dinheiro é fácil. (P.4- HV)

Reflexões importantes foram apresentadas pelos professores quando manifestaram a idéia de que na relação de sala de aula o professor não se restringe a ensinar, mas aprende com o aluno também, que deve discutir pontos de vista com e entre seus alunos e finalmente que deve ser um multiplicador, um coordenador de pensamentos.

Eu acho assim, que ser professor não é só ensinar. Professor é bom saber aprender também o que eles têm para te passar, sabe? E eu acho isso muito importante. (Piloto- HV)

Eu acho que o professor deve SIM, discutir pontos de vista, desde que sejam coerentes, desde que ele tenha embasamento e um respaldo para falar sobre aquilo. Ele tem que deixar livre o aluno, a questionar! Isso é o fundamental. Você mostrar os dois lados para o aluno... tudo bem, você deve se posicionar no final, mas você

deve mostrar os dois lados para o aluno e não, direcionar o conteúdo. O próprio aluno deve... formar os seus conceitos! (P.4- HV)

Porque você é um multiplicador, nada mais... você é um multiplicador, um coordenador de pensamentos, vamos dizer assim: Direcionador de pensamentos! (P.4- GF)

Este último pensamento foi discutido pelo P. 4 dizendo que os professores não são donos do saber que adquirem, que têm obrigação, pela profissão que escolheram de compartilhá-la e que muitos professores fazem isto, mas como se envolvem mais com sua formação acadêmica do que com a sala de aula propriamente falando, se tornam doutores e PHd, sem no entanto direcionarem, coordenarem, ou melhor, compartilharem adequadamente os conhecimentos adquiridos. Esse é um ponto fecundo para estudos, mas não é centro de atenções neste trabalho, portanto não será ampliado.

A voz dos professores também se levantou nesta pesquisa para dizer que ser professor hoje é ter que ser uma pessoa que não se é, é cumprir regras, é não ter direitos, ou os ter menos que os alunos.

Ser professora hoje é um pouco difícil, pois muitas das vezes eu tenho que ser uma pessoa que eu não sou. Eu sou obrigada a mostrar qualidades ou defeitos que eu não tenho, ou seja, eu sou obrigada a cumprir regras. (P.1- HV)

Eu acho assim que...é muita coisa a favor do aluno. Passa a mão, muito, na cabeça do aluno. Tudo é o aluno. Só o aluno tem direito. Por mais que você faça, tem seus direitos de professor? Tem. Mas eu acho que é mínimo diante do aluno. Porque eu acho que a favor é só dele. (P.3-HV)

Na fala dos professores ficava claro o sentimento de desvalorização, tanto da profissão quanto dele-pessoa. Não podem ser quem são, devem ser sempre o modelo descrito na teoria pedagógica do que caracteriza um bom professor. Defende-se nesta pesquisa que o bom professor é aquele que faz o encontro entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da carreira docente. Nenhuma das duas dimensões deve ser subvalorizada, nenhuma está em primeiro plano, pois elas se entrelaçam de tal maneira que se apresentam como uma só – a pessoa inteira - ser e professor – ser professor.

Mostram que as escolas estão preocupadas em apresentar números de projetos, programas, aprovados, entre outros, muito mais do que com a real aprendizagem do aluno. Minam a autonomia do professor. Os professores estão se sentindo tolhidos em sua liberdade de ação e decisão. Nóvoa (2000), como já citado no corpo teórico deste trabalho, enumera algumas fontes de tensão geradas no trabalho do professor, em decorrência de inúmeras mudanças ocorridas no contexto social e educacional do país. A queixa feita pelos professores está presente em algumas destas fontes, tais como: aumento das ações de controle e avaliação dos professores; intensificação do trabalho diário nas escolas, principalmente com o número excessivo de projetos aos quais os professores têm que se dedicar; constantes mudanças metodológicas do sistema educativo, no que se refere à programas, modalidades de avaliação, gestão escolar; desvalorização que percebem na sociedade em relação ao seu trabalho.

Durante as reflexões das filmagens percebeu-se dificuldades, por parte de alguns professores, em aceitarem algumas de suas ações. Essas dificuldades foram demonstradas tanto em forma de negação, como de ignorar a ação ou mesmo de responsabilizar a terceiros pelo fato ocorrido. Um caso específico exemplifica: a professora mostrou acreditar que a presença de outras pessoas pudesse estar inibindo seus alunos (um em particular que se mostrou ausente das atividades e saiu da sala sem sua autorização) talvez sugerindo que a atuação deles e, conseqüentemente, a dela possa não estar correspondendo à realidade pela presença das pesquisadoras.

A reação dele com a presença de outras pessoas (vocês), ele não gosta de ninguém na sala a não ser eu e seus colegas. Conversei com ele e expliquei que vocês estavam ali para me observar e não a ele. Digo que vivemos em um mundo onde convivemos com pessoas ao nosso redor, cito exemplo da sua própria vida, seus amigos da rua, seus primos! (P.5-RF)

Essa é uma reação esperada na medida em que se sentir observado é sempre uma situação difícil de ser vivenciada. Se ver, através das filmagens, em sua atuação é sempre

muito intrigante e difícil para qualquer profissional, como dito acima, mas esta pesquisa acredita ser fundamental para o processo de reflexão e transformação esperado.

Ferrés (1996) esclarece que ao ver-se no vídeo o sujeito pode se observar de vários pontos de vista e, ao ver-se e escutar-se, toma consciência de si mesmo e então poderá se compreender, entendendo melhor sua maneira de atuar e de ser.

Acrescenta-se a isso o fato de estarem lidando com a insegurança gerada pelo início da carreira, conforme explica Huberman (2000). Para o auto, os professores estão vivendo nesta fase experiências de sobrevivência e descoberta, momento em que se preocupam muito consigo mesmos, com as dificuldades que encontram com alguns alunos, e ao mesmo tempo, percebem-se fazendo parte de uma classe profissional e sentem a exigência de “dar conta” dela, em todas as suas especificidades. Errar é muito mais difícil para eles do que para os professores que já se encontram a mais tempo na docência.

Sobre suas **práticas docentes** os professores falaram durante os três momentos da pesquisa. Mostram que acreditam na necessidade de estarem sempre se *atualizando*, sendo que os três professores que chegaram até o grupo focal estavam iniciando ou terminando processos de especialização ou mestrado.

Na maioria das vezes utilizo (na prática) coisas que aprendi quando cursava magistério e cursos que já fiz, mas sempre procuro me inovar com coisas novas. (P.1-HV)

Sempre eu procuro estar atualizada, sempre eu levo para a sala de aula. (P.2- HV)

Tento estar sempre atualizado com os conceitos, com a matéria. Estar em dia com ela. (P.4 – HV)

Eu acabei de fazer a minha pós-graduação. (P.5- GF)

H. (GF) Vocês continuam buscando a formação. Estão fazendo ... mestrado, terminando o mestrado! A P5 ta tentando... e você P3 disse que acabou de fazer um especialização, e tá tentando mestrado.

Então vocês continuam em formação?!

P4. É, claro!

P3. SEMPRE!

As duas últimas passagens mostram que os professores que se permitiram ficar até o final da pesquisa são os professores que continuaram o processo de formação após a

faculdade. Esse fato poderia sugerir a possibilidade de se sentirem mais seguros para enfrentarem as reflexões que surgiram após as filmagens de suas aulas.

Ainda em relação às práticas docentes os professores relatam que em suas práticas de *avaliação* buscam a diversidade e acreditam que esta seja mais um momento do processo de aprendizagem.

As provas? Eu detesto dar prova. eu prefiro avaliar o aluno no dia a dia, sabe? No comportamento dele em sala de aula, porque eu acho que é uma avaliação contínua que a gente tem que fazer.

É uma avaliação mais efetiva, porque na prova é muito fácil; o menino estuda ali, no dia de manhã, à tarde ele está com tudo na ponta da língua, pega e faz a prova, tira dez. Só que dentro de sala de aula é aquele menino que conversa, que não participa, sabe? Que sai de sala toda hora, sabe? (Piloto – HV)

Porque prova, eu acho que não mostra o conhecimento do aluno. Porque ele fica nervoso ali na hora. Só o nome prova já deixa todo mundo nervoso. Então eu acho que não é desse jeito. (P.1- HV)

E como a aula é muito curta, porque eu tenho uma aula na semana, nossos encontros são muito poucos no mês. Eu combino com eles, três aulas, uma prova; eles até sabem. Três aulas, dou prova. (P.3- HV)

A pessoa assim... sabe, porque ela não vai tirar nota máxima naquela prova? (sobre professores que não dão 10 para alunos). Ele seguiu o que eu propus como um bom aluno.. (P.3- HV).

Pra quem... talvez eu esteja alheio a discussão... mas na verdade, o que acontece em um conselho de classe; que é te compara; para tentar, entre aspas, propor soluções, melhorias... e muitas vezes alguns professores eram chacotados, éee... por um aluno que é considerado ruim, ou então um caso perdido, ter algum desempenho na matéria. E eu, nunca me... eu acho que nunca sai de um conselho de classe, sem... sem bater na mesa e defender o direito do aluno, sabe... que eu aprendi isto bastante. (P.4- GF)

Os colegas, seus colegas não admitem que eles podem e que não podem nesta matéria. Se ele é bom em matemática, não quer dizer que ele seja bom em português. Se ele é bom em português, não quer dizer que ele tenha um raciocínio lógico; Ó, lá na frente... quem sabe ele gosta de geografia, e não gosta de português? A parte gramatical... Então tem isto tudo... Tem que defender o aluno mesmo... Eu defendo. Conselho de classe eu sou chata, defendo até o último aluno! (P.5 – GF)

Ao processo de avaliação do aprendizado na sua pratica.

Uma avaliação minha; que eu faço; a avaliação que o aluno pede,... É uma avaliação de quem?... De resultado de quem? Do seu trabalho!!! (P.5- GF)

Outro ponto abordado sobre as Práticas Docentes foi referente ao *planejamento* diário das aulas. Ainda é recurso necessário, mas este se tornou bem mais flexível, procurando dar voz a informações que os alunos trazem de suas vidas e adequá-lo ao perfil de cada turma. Essa aprendizagem contextualizada permeia a fala de todos os sujeitos da pesquisa. A aprendizagem contextualizada está diretamente ligada à concepção problematizadora e libertadora da educação proposta por Paulo Freire, que defende que o educador, enquanto educa, é também educado. Desta maneira professor e alunos se tornam sujeitos do mesmo processo e crescem juntos (FREIRE, 1987).

Relatam que as aulas elaboradas por eles estão sendo cada vez mais diversificadas, com um maior número de atividades práticas, envolvendo mais o aluno, com menos aulas expositivas. Citam aulas através de jogos, filmes, brincadeiras, passeios, atividades extra classe diversas. A ênfase é dada à compreensão e não apenas à retenção do conteúdo. Como exemplo pode-se citar a fala do P 3, durante a reflexão das filmagens, quando perguntado sobre que recursos usaria se pudesse mudar a metodologia, citou:

- *TEXTOS AUTÊNTICOS, COMICS, ZINES*
- *VÍDEOS E CLIPS*
- *MÚSICAS – como forma de fazer intertexto com o conteúdo*
- *Uso de recursos como data show*

**Justifica a não utilização de algumas destas técnicas por falta de material da instituição onde trabalha*

Procuram utilizar criatividade, despertando aspectos visuais como formas, cores, retendo a atenção de seus alunos.

Eu procuro adequar a exposição com o conteúdo através de deduções, comparações, sugestões e até mesmo dúvidas. (P.3- RF)

A maioria dos professores relata que muitas vezes suas atuações práticas não são exatamente como desejariam por imposições da instituição onde trabalham. Alguns aceitam

as regras e se sentem frustrados, outros não se submetem e arcam com as conseqüências. Esse ponto já foi discutido na dimensão anterior.

É unânime a fala de que o aluno deve ser incentivado a construir seu conhecimento, e que o professor deve incentivá-lo e orientá-lo nesta construção. Nesse aspecto mostram interesse em trabalhar além das aprendizagens cognitivas, buscando a formação do educando de uma forma integral.

Às vezes a minha chefe vai na minha sala e olha os cadernos dos meus alunos e fala que é para eu fazer as margens, e eu, não acho certo. Eu acho que mesmo não estando perfeitas tem que ser feitas por eles, eles não vão melhorar. (P.1- HV)

Procuro ajudá-los, ser amiga, professora e até mãe, brinco com eles sempre após o recreio já que estão na escola há 8 horas, trabalho com a coordenação corporal, psicomotricidade, etc. (P.5- HV)

Os professores fizeram, também, uma reflexão sobre sua **formação inicial**. A maioria dos professores entrevistados passou pelo *magistério*, em nível médio, antes de ingressar na faculdade. As falas mostram tanto uma visão mais positiva do ensino médio do que da faculdade, quanto o contrário. O que fica claro é que tanto em um nível quanto em outro, os professores estão sentindo falta de um envolvimento maior com a prática, ou uma melhor relação *teoria-prática*.

Olha, no magistério, eu acho que são coisas muito mais práticas do que teóricas, como é na faculdade. A matéria na faculdade é muito teórica. Muito maçante. Só que muita dessa teoria que o professor passa, eu não estou vivendo na sala de aula. Muito pelo contrário, eu estou vivendo muita coisa que eles não me passaram, sabe? Eu acho e esse paralelo muito importante. (Piloto- HV)

Eu entrei pensando que eu fosse aprender algum tipo de coisa e eles me passaram outra completamente diferente, sabe?...Pensei que eles fossem me mostrar como que eu teria que entrar lá e agir lá dentro. Acho que deixou um pouco a desejar. Isso eu achei que ficou um pouco vago, pelo menos para mim, para outras pessoas de lá não sei, mas para mim ficou (P.5- HV).

Mais importante ainda é o diálogo que se segue acontecido no grupo focal, que mostra uma total desarticulação entre teoria e prática, além de uma teoria sendo passada para os futuros professores sem que eles percebam a importância do que estão estudando:

P4. Mudar essa formação maquina vamos dizer! Tirar essa receita de bolo, que se espera um resultado.

P3. Didática 1, didática 2, didática 3...!

P4. Metodologia de ensino... e não se tem, onde eu aprendo com isso! Situação, que eu recorro a uma metodologia do ensino...

P3. Dessas metodologias que você falou, aquelas metodologias que estão ali, elas, muitas das vezes, não servem pra nada!

P4. As vezes, não se aprende... igual: muitos teóricos, até mesmo da psicologia, que faça com que a gente entenda mesmo! Mas se o outro não cair em si, não encontra as respostas... não encontra as questões que se vive na realidade, não tem essa visão crítica... ele não consegue enquadrar... sei lá, um... Piaget!?... na sala de aula de maneira nenhuma! Porque não nos ensina onde se tem que puxar... eles ensinam um método. O pesquisador te ensina o que aconteceu com ele, a vida dele... te ensina, te mostra o caminho, mas não te informa de como você fazer isso...

P3. Uma situação engraçada que eu vivi na faculdade, que a gente estava estudando MORRAN. ai fizeram um movimento na minha sala, chamado: "Morrarn MORRAN". (risos). Porque ninguém entendia o que ele falava.

Aprender sobre a vida de Piaget apenas? Não saber como usar Piaget em sala de aula? Ensinar o método e não saber como aplicá-lo? Não entender o que autores importantes para a educação falam? Com certeza os estudantes, neste momento, foram culpados por não se envolverem, não estudarem. Será?

Em relação à atuação dos professores durante sua formação, queixam-se da falta de didática de alguns professores da faculdade e de currículos onde os conteúdos são repetitivos, deixando de contemplar outros assuntos de interesse.

O que está faltando? (no curso de formação) Didática. Porque muitas vezes, a minha professora de didática, passa um tipo de didática para a gente. Ela ensina de um jeito, ela fala de um jeito e ensina de outro, sabe? Eu acho que isso é uma pessoa totalmente sem didática, porque eu acho que ela tinha que explicar para gente, fazer com a gente o que ela está explicando, sabe? Mostrar para a gente que aquilo acontece, sabe?(Piloto- HV)

Porque é sempre as mesmas matérias, as mesmas coisas, sabe? Muda? Muda, mas quando muda, muita pouca coisa sabe? No primeiro período eu estava vendo psicologia da educação, estava vendo teoria de Piaget, Vygotsky. Esse semestre, esse terceiro período, eu vi Piaget, Vygotsky e Skinner. Quer dizer, eu vi tudo o que eu vi no primeiro período. (Piloto – HV)

Percebe-se também uma visão dúbia em relação à disponibilidade dos professores da faculdade. Alguns os percebem como muito disponíveis e outros como indisponíveis, se restringindo à sala de aula. Essa mesma dualidade (rivalidade – exemplos) também se mostrou em relação ao incentivo ao aluno e discriminação de alunos.

Os professores, o jeito que eles agem lá também, é muito bom. Qualquer dúvida, que você precisar, eles deixam o telefone para você estar ligando para eles, para tirar a dúvida. Se a gente vai fazer um grupo de estudos, se a gente precisar deles eles vão também no grupo de estudos tirar as dúvidas, então está ficando bom. Ah...eu estou gostando.(P.1- HV)

E eu tenho uma relação; uma história de vida de aluno, não estou me gabando, mas eu sempre fui boa aluna. E o jeito de eu lidar com os professores, eles..., parecia que eu estava pegando no pé deles. De achar os erros. Mas é porque eu sou muito minuciosa, eu gosto do todo, se for para eu aprender a parte, prefiro não aprender. Aí, como no espanhol eu tinha aqui eu sabia muito pouco, e me encantava muito, eu queria aprender tudo de uma vez. (P.3-HV)

Mas a mesma professora relata experiências positivas com outros professores da faculdade:

Eu acho que se for pensar, professores que participaram e marcaram a minha vida, foram vários no colégio e na faculdade tiveram alguns que fizeram..., que marcaram bastante. Mesmo por histórias de vida, de você admirar a pessoa. Sabe, a pessoa que tem dificuldades e apesar de tudo está ali, vai. Está doente, está com câncer e está ali dando aula. Eu acho bacana assim a pessoa. Então eu tive como espelho vários profissionais. (P.3-HV).

No grupo focal um diálogo entre os professores com a facilitação da pesquisadora aprofundou um pouco esta questão:

P4. Um gancho para puxar a turma, eu... fico extasiado, quando eu encontro um aluno queee, responde mesmo, e eu invisto nele até...

P3. Quem sabe até aprende.

P4. Nossa, meu sonho é ver aquilo e ao contrário seria uma contradição.

H. O que será que leva um professor, a ter medo de um aluno?

P4. Talvez, até uma má preparação!

P3. Também, eu acho que é isto, o que fura né... que assim: eu não sou o tal, porque assim, a pessoa mantém uma aparência né... eee de repente a sua aparência vai por água abaixo, por uma pergunta que eles fazem e você não sabe falar: “EU NÃO SEI”!

P4. Reconhecer as limitações é importante também!

P3. A gente cresce!

P4. Tem momento queee, a gente, que... éee... realmente nós não somos perfeitos... e nem mesmo o professor que tenha uma maior, uma melhor bagagem... uma pessoa mais bem preparada... vai chegar um momento que ela pode falhar. Então assim, a gente tem que abraçar com confiança, naquilo que a gente aprendeu e acreditar em um ideal mesmo e tá pronto... pra topar qualquer desafio.

Aqui os professores refletem que uma má preparação do professor pode levá-lo a ter medo de alunos críticos e questionadores, fazendo com que se crie uma rivalidade em sala de aula, impedindo esse aluno de crescer e mostrar o seu potencial. Uma das professoras desta pesquisa descreve durante o andamento deste trabalho, principalmente na história de vida, estes acontecimentos (já descritos).

Percebem que o aluno na faculdade deve se *envolver com sua formação*, deve correr atrás do conhecimento, pois a faculdade não supre todos os conhecimentos, e que devem, principalmente, se envolver com pesquisa.

Se eu quero estudar aquilo, então eu vou estudar aquilo. Não é ficar esperando muito do professor... o professor vai dar o caminho, que nem o P4 falou: ele tem um roteiro ali pra ser tecido, mas aí é a pessoa que tem que... correr atrás. (P.3 – GF)

Um professor mostrou claramente a questão de professores que são excelentes pesquisadores, grandes conhecedores do conteúdo que ministram, mas não são professores no real sentido da palavra.

Eu percebi que na faculdade os professores são mestres, doutores e phds e não são professores. Essa foi minha conclusão no final do curso. Eles sabem muita coisa. Eles são espetaculares, mas não têm aquela mágica que o professor mesmo, o professor tem. Que existem alguns na faculdade também que conseguem dar o espetáculo deles também, mas, na maioria das vezes eles conseguem só passar o básico mesmo. Eles conseguem fazer com que você desperte para o assunto e tal. Eu vi que o nome de faculdade às vezes não é tudo. (P.4- HV)

O assunto volta à discussão no grupo focal e as outras duas professoras concordam com esta fala

Eu acabei de fazer a minha pós-graduação. Tive professores que eram pesadelos... NOSSA! Chegamos a uma conclusão, eu e meu grupo: Quanto mais estudo, menos didática, menos conhecimento do professor mesmo. (P.5 – GF)

Eu acho que... quanto mais título o professor tem, ele vai... ele vai! não que ele não saiba lidar com isso... mas ele vai criando mais barreiras com o aluno. (P.3- GF)

Todos eles desenvolveram ou desenvolvem *trabalho paralelo à formação*, alguns já como professores, pois tinham feito magistério. Esse fato foi citado como um dos fatores de **escolha da profissão**, pois ao fazerem magistério no ensino médio e já iniciarem uma carreira, entravam na faculdade para legitimá-la.

Quando eu comecei a trabalhar lá no P., foi quando eu vi que o que eu quero de verdade é mexer com crianças maiores. (Piloto – HV)

Uma vizinha minha tinha uma escola perto da minha casa, em novembro ela descobriu que eu estava fazendo magistério e sabia que eu gostava de crianças, me convidou para estar trabalhando de apoio no maternal. Tinha uma professora, mas como as crianças eram muito pequenas, ela me convidou para estar auxiliando a professora. Entrei fiquei lá, novembro..., fiquei lá dois meses com ela. No próximo ano, ela me convidou para estar trabalhando no pré, alfabetização, porque é escola particular, então no pré você já começa a alfabetizar. Minha primeira turminha foi um sucesso. No meio do ano já estavam lendo. No ano seguinte ela me convidou novamente para estar continuando com o pré. Fiquei com o pré de novo. Me apaixonei muito pela turma porque eles gostavam muito de mim, a gente tinha um bom relacionamento. (P.5 – HV)

Uma fala em especial chama a atenção para o fato de que a formação está desinteressante:

Bom, no primeiro período, NOSSA senhora! Eu adorava, ficava horas. Todo caderno devo ter passado a limpo umas quinhentas vezes. Umas quinhentas. E fazia tudo de novo. Já no segundo período, eu estava meio cansada de tanta teoria. Já dei uma cansada boa, sabe? Porque eu estou desanimada. (Piloto- HV)

Aparentemente a formação docente está repetindo os passos do que se vê na escolarização de crianças. É comum encontrar-se crianças entrando para a escola ávidas por aprender e já no segundo ano perderem o interesse e o brilho no olhar que se percebia no ano anterior. A escola está desinteressante para a criança e a formação docente está desinteressante para o futuro professor. É aceitável que se levante a sugestão de que o professor formado com esse esquema irá repeti-lo quando de sua prática docente, e que

interferindo no esquema estará se interferindo no outro. Em outras palavras, se a formação docente se torna mais interessante e prazerosa, se o professor puder se ver nela com mais clareza, provavelmente agirá, na sua prática, promovendo o exemplo.

Percebe-se que os cursos de formação estão deixando a desejar a seus alunos em muitos aspectos. Estão deixando de cumprir um de seus papéis fundamentais que é despertar nos alunos o pensar sobre suas características pessoais e como elas poderão contribuir, ou não, para o seu trabalho. Em relação a isto Giroux (1997), se referindo a uma experiência específica, diz:

Ao invés de ajudar o estudante a pensar sobre **quem é [grifo da autora da pesquisa]**, sobre o que deve fazer na sala de aula, sobre suas responsabilidades no questionamento dos meios e fins de uma política escolar específica, os alunos eram frequentemente treinados para compartilhar técnicas e para dominar a disciplina da sala de aula, para ensinar um assunto eficientemente e organizar o melhor possível as atividades diárias. (p. 15)

Fica claro nesta fala de Giroux que está existindo uma preocupação em se trabalhar com o professor o autoconhecimento e a relação que ele pode estabelecer do que descobre nele com as exigências da profissão docente.

A maioria dos professores relata que, apesar de seus objetivos com algumas atividades não serem alcançados, desenvolvem métodos em sua prática docente capaz de auxiliar os alunos a buscarem, terem iniciativa, autonomia para aprenderem mais, dando-lhes liberdade de enriquecer a disciplina num contexto extra-classe.

Alguns professores mostram a necessidade de interação com seus alunos para melhor aproveitamento. Buscam introduzir seu conteúdo didático em toda situação oportuna, mesmo não havendo planejamentos prévios, (como momentos inesperados de curiosidades), buscam inserir seu conteúdo didático nas situações inesperadas.

Tento ser ativo e incisivo, me intrometendo no meio das idéias dos alunos e não espero que eles venham até mim, pois eles não vêm. Acho necessário, o convite intermitente do começo ao fim da aula. Como que se o que eu dissesse naquele momento (Em todos os momentos) fosse o principal ponto da aula, tornando a aula, um grande pacote de momentos indispensáveis (P. 4- RF).

Algumas práticas relatadas pelos professores mostram a preocupação dos mesmos em resgatar o conteúdo que já foi trabalhado anteriormente, para dar seqüência à disciplina e facilitar a apreensão pelos alunos da introdução de novo conteúdo.

Naquele dia (da filmagem) escolhi a aula expositiva-convidativa e estava semeando em terreno preparado (prestar atenção no início da aula onde falo sobre indivíduo, população, comunidade, etc). Eles já conheciam o que eu ia dizer e até um aluno disse: “Fessor, o senhor já falou sobre isso!” Na verdade o que eu havia feito era um questionamento na aula passada e que alguns alunos opinaram e outros leram o livro. Acho isso fundamental .(P. 4- RF)

Foi importante constatar, no grupo focal, relatos positivos quanto à importância que a reflexão sobre sua atuação, através das filmagens de suas aulas, teve para sua prática docente e até para sua continuidade de participação na pesquisa. Os relatos abaixo dão a dimensão deste fato:

Nossa! Mudou totalmente a pesquisa, depois que eu assisti a fita! Principalmente quando eu via a fita eu me corrigi totalmente, e muito. Porque eu via as minhas atitudes, eu via como eu estava incerta, a minha posição (...) E todo dia eu me lembro de ver a fita: de como eu estava, do jeito que eu explicava, do jeito que eu preciso melhorar, eu cresci, a cada dia eu to crescendo um pouquinho. (P.5- GF)

Assim querendo ou a gente teve uma postura diferente, eu acho que foi comum para os três, de começar a pensar mais na sua prática, e as atitudes, assim, (...) (P.3- GF)

Na minha entrevista, de todo este processo que eu passei, reafirmou aquela coisa que eu pensava mesmo de que, sempre, refletir é juntar novas idéias, não para achar que tudo está pronto (...) a única coisa que me mudou, (...) de sempre buscar alternativas sempre diferentes que viessem a despertar o aluno da melhor maneira possível (...). (P. 4-GF)

Os cinco professores que participaram da pesquisa mostram o que Schön (1992) chama de reflexão-sobre-a-ação. Os três que participaram do grupo focal mostram através das falas descritas acima e os dois que não quiseram continuar, mostram na própria ação a dificuldade de enfrentar a reflexão que fizeram.

Cabe neste momento a pergunta feita por Nóvoa (2000): *Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula?* (p.16). Explica ele que a identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Neste

processo de construção da identidade, cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional.

A pergunta feita pelo autor acima leva à evocação de gostos, desejos, vontades, experiências diversas que foram gerando maneiras de construir e organizar o dia a dia da sala de aula, um modo de agir que se constitui como uma espécie de “*segunda pele profissional*”.

Nóvoa (2000) continua falando que existe nesse fato um *efeito de rigidez* que torna, em certa medida, os professores indisponíveis para mudança. Notou-se em alguns sujeitos desta pesquisa uma dificuldade em abandonar certas práticas que, com certeza, tinham sido usadas com sucesso em alguns momentos de sua carreira, ou mesmo aprendidas como convenientes na sua formação acadêmica, apesar da fala destes mesmos sujeitos dizerem o contrário, ou seja, defenderem a mudança de ações e de práticas.

É interessante observar que houve vários estímulos durante a vivência dos três momentos da pesquisa para levar o professor a falar sobre a relação que ele podia estabelecer entre sua formação e o que ele faz hoje em sala de aula, mas pouca coisa se conseguiu retirar das falas deles. Aparentemente esta relação é tênue e provavelmente eles buscam respaldo na formação, mas encontram poucas respostas.

Aprenderam a trabalhar o conteúdo de maneira divertida, estão aplicando em sala de aula e estão tendo ótimos resultados. Perceberam que a aprendizagem é mais fácil quando o conteúdo é dado de maneira prática e divertida.

Alguns professores falaram de sua *relação com seus professores* em suas Histórias de Vida. Uma professora em especial deixou claro que essa relação não foi muito boa, pois se sentiu *perseguida* pelo fato de perguntar muito, estudar muito, ser muito rápida em tudo. Os professores se sentiam ofendidos, como se fosse uma competição, criando *rivalidades* na sala de aula. Fez com que se retraísse um pouco.

E o jeito de eu lidar com os professores, eles..., parecia que eu estava pegando no pé deles. De achar os erros. Mas é porque eu sou muito minuciosa, eu gosto do todo, se for para eu aprender a parte, prefiro não aprender. Aí, como no espanhol eu tinha aqui eu sabia muito pouco, e me encantava muito, eu queria aprender tudo de uma vez. (P.3- HV)

No grupo focal as reflexões-sobre-a-ação foram mais sistemáticas. Aparentemente os professores puderam, após se verem nas filmagens, ter um tempo maior para “digerir” o que viram e puderam falar mais livremente sobre suas ações. Acredita-se também, que o encontro entre os três tenha fortificado cada um individualmente, quando viram suas angústias e incertezas presentes em outros colegas. Isso fica mais evidente quando se analisa a dinâmica do grupo que começou com pouca fala dos professores, aparentemente com certa insegurança em se mostrar, e terminou com todos se colocando livre e intensamente.

Assim, querendo ou não a gente teve uma postura diferente, eu acho que foi comum para os três de começar a pensar mais na sua prática, e as atitudes assim, é claro que a gente muda, a gente tá em crescente construção né. (P.3- GF)

Bom, eu acho queee, sei lá, usam de muita pratica e não sentir a construção, não sei, o dia-a-dia do professor, pelas experiências da vida, mudando as suas atitudes consigo mesmo. Eu acho que é assim, temos que estar sempre nos apropriando de coisas novas. (P.4-GF)

Relatam aprendizados que tiveram a partir das reflexões que puderam fazer sobre suas ações:

Procura se corrigir, tanto na parte de ser rígida demais, eu já fui rígida, sou menos hoje, pois eu aprendi muito, quando eu era muita rígida com os meus meninos, falava as vezes eu alterava a voz, uma coisa que é erradíssima, hoje eu já aprendi, tanto na classe de alfabetização como na serie de ensino fundamental. Isso então eu corrigi bastante. (P.5-GF)

Aprendi a negociar, eu não sabia a negociar, se não fosse daquele jeito pra mim não estava bom... (P.3-GF)

Então, com o negocio nesta parte de negociar, de mais atenção, saber conversar! O dialogo é muito importante e eu não tinha isto com os meus alunos. Hoje eu tenho e funciona. (P.5-GF)

As reflexões serviram, também, para reafirmar o que acreditam estar correto em suas ações, o que é muito importante, pois na reflexão-sobre-a-ação espera-se que o professor faça esta análise descobrindo seus pontos fortes e o que precisa ser alterado em suas ações diárias.

Na minha entrevista de todo este processo que eu passei é, reafirmou aquela coisa que eu pensava mesmo de que, sempre refletir é, juntar novas idéias é, não parar e achar que tudo está pronto e assim, a única coisa que me mudou, porque tudo muda, tudo modifica, eee que a cada dia a gente é uma pessoa ou melhor mas sempre com alguns vícios, mas temos que eliminá-los com certeza, é que a vontade jamais mudou, a vontade de melhorar, de sempre buscar alternativas sempre diferentes que viessem a despertar o aluno da melhor maneira possível, mas que muitas coisas que, as vezes é, por ser jovem iniciando, tentar buscar uma forma que, durante o passar do tempo, a gente encontre outras formas que venham a substituir nossas atitudes (P.4-GF)

Esse mesmo professor mostra que também pode refletir sobre o que acredita precisar aprimorar na sua atuação docente.

É o afeto né! eu achei que com aquele tempo, eu consegui ser ainda mais é, como se diz, espontâneo neste sentido. E as análises que eu fiz, ao acompanhar o processo, me mostraram alguns defeitos,... sempre aparecem, porque defeitos eu tenho... e bastante e pretendo continuar garimpando e derrubando as minhas dificuldades. (P.4-GF)

Continua suas reflexões sobre lidar com as limitações:

P4. Reconhecer as limitações é importante também!

P3. A gente cresce!

P4. Tem momento queeee, a gente, que... éee... realmente nós não somos perfeitos... e nem mesmo o professor que tenha uma maior, uma melhor bagagem... uma pessoa mais bem preparada... vai chegar um momento que ela pode falhar.

Então assim, a gente tem que abraçar com confiança, naquilo que a gente aprendeu e acreditar em um ideal mesmo e ta pronto... pra topar qualquer desafio. (GF)

A última parte de sua fala pode estar indicando que este professor está passando para a segunda fase da carreira docente de acordo com Huberman (2000), que é a fase da estabilização, onde o sentimento de “competência” pedagógica e o sentir-se pertencente a um corpo profissional, permitem uma relativização dos insucessos que contribui para a formação da identidade profissional.

Durante o processo grupal a facilitadora leu para os participantes as categorias que tinham sido geradas a partir de suas entrevistas de história de vida e pediu para que eles comentassem sobre o que foi lido, fazendo uma reflexão sobre se aquela fala se aplica na sua atuação hoje ou se algumas coisas se alteraram. Percebeu-se, de uma maneira geral, um amadurecimento dos sujeitos que pode ser refletida nesta fala:

Mas até que com os alunos a gente conseguiria... e outra coisa, eu acho que, eu acho que eu não tinha experiência suficiente para poder falar sobre isso, na questão da... do quanto que incomoda ao professor que quer mudar a escola, sobre quando o professor quer fazer diferente, quer ver o aluno crescer e e trabalha forte para isto. E tanto que isto ATRAPALHA na vida das pessoas, apesar de que... que... isto acaba entrando na vida deles, mas parece que se aproximam e meio que se esbarrar neste tipo de mudança né... (P.4-GF)

Por fim é importante ressaltar que os professores se mostram comprometidos com seus alunos e sua profissão:

Dar confiança para o aluno, falar, acredite em você e você vai me mostrar que você é capaz que, você consegue muitas coisas. Falo isto de experiência que eu estou vivendo agora. (P.5-GF)

É, desde daquela época, eu mantive assim, a minha maneira simples de tratar o aluno, que eu acho que é uma coisa que ele gosta de receber né, a simplicidade... (P.4-GF)

Como é bom quando você ensina pra alguém alguma coisa que ele não sabe e de repente, ta lá... o aluno que você que cresce com alegria e satisfação. Como alfabetizadora, é um aluno lema. Como é BOM. Então, tem um ganho que não tem preço, nada paga isto. (P.5-GF)

Um gancho para puxar a turma, eu... fico extasiado, quando eu encontro um aluno queee, responde mesmo, e eu invisto nele até...(P.4-GF)

E ai no final, eu propus o ensino de... minha, minha... tese de língua estrangeira, foi justamente no colégio que eu desenvolvi, e eu propus a autonomia do aluno..(P.3-GF)

Finalizam o grupo fazendo uma reflexão sobre a formação de professores, sobre como ela se encontra e o que esperam dela. O diálogo abaixo, do qual algumas partes já foram utilizadas anteriormente para outras discussões, é esclarecedor:

P5. A gente tinha que começar era na faculdade, para falar a verdade! Como o colega aqui disse, o P4 disse: “tinha que começar lá com os professores”.

Eu acho o seguinte, pelo menos quando eu estava em sala de aula na faculdade, a REALIDADE, MUITO diferente do que eu vivencio. Então quer dizer... não sei... tinha que começar por lá! Tem que ter uma base, tinha que começar a mudar, para que hoje, nossos professores não se encontrasse tanto, com dificuldades.

H. Mudar a formação!

P5. Mudar a formação.

H. Formação de professores!

P5. formação de professores mesmo!

P4. então, tem que humanizar a formação de professores!

H. Humanizar?!

P4. humanizar essa formação! Mudar essa formação maquinal vamos dizer! Tirar essa receita de bolo, que se espera um resultado.

P3. Didática 1, didática 2, didática 3...!

P4. Metodologia de ensino... e não se tem, onde eu aprendo com isso! Situação,... que eu recorro a uma metodologia do ensino...

P3. Dessas metodologias que você falou, aquelas metodologias que estão ali, elas,... muitas das vezes,... não servem pra nada!

P4. Humanizar a formação?!... olha, eu acho que você deve.. encontrar outra maneira... de achar outro caminho ali.. primeiramente, o professore chega na sala de aula... eu sou um professor muito aberto a estagiários... e eu vejo eles chegando lá, assustados... chegando lá com medo... chegando lá, sem saber o que fazer! Eu acho que... existe um decorrido tempo na universidade, como se... se a gente fosse, SOLDADOS de uma guerra. VOCÊ ESTÁ SAINDO DA FACULDADE PARA ENTRAR NUMA BATALHA DA VIDA! Sabe, é isso que se importa. E não pessoas que vão sair para educar crianças e adolescentes! sabe... lógico que você tem que utilizar um método que, pelo menos os próprios professores da faculdade, TEREM ESSA ABORDAGEM COM A GENTE! Para que a gente pudesse aprender a maneira certa, de tratar certos problemas!

Os exemplos deveriam ser, ainda sim humano com o professor humano. Porque igual aos professores que eu tive, me DESPERTOU! Se eu tivesse mais professores assim, quem sabe, outras habilidades me despertariam?

Para Imbernón (2002), as instituições de formação de professores evoluíram nesse último século, mas mantiveram suas características centralista, transmissora, selecionadora, individualista. Acredita que uma educação verdadeira, para atender a esta vida diferente que

vive-se hoje, a formação docente deve ser cada vez mais relacional, dialógica, cultural-contextual e comunitária. Com esse enfoque o que adquire importância é a relação que se estabelece entre todas as pessoas que trabalham dentro e fora da instituição. O diálogo acima, de alguma forma, traduz o que Imbernón defende como uma formação de professores adequada para o mundo de hoje.

O objetivo principal desta pesquisa era identificar a relação que o professor poderia estabelecer entre suas dimensões pessoais, enquanto sujeito psicológico, e as dimensões profissionais da docência. Como se esperava a vivência destes momentos pelos docentes, mostrou-se o ponto de partida para que pudessem pensar na pessoa por trás do professor. Alguns apontamentos foram feitos por eles em relação a características pessoais que poderiam estar ligadas a suas ações profissionais, mas no geral o que se pode perceber foram reflexões sobre influências tanto positivas quanto negativas, para o seu desenvolvimento, que sofreram de seus professores durante seu processo de escolarização.

Nesta dimensão os professores demonstram aspectos de suas **Dimensões Pessoais**, principalmente quando explicam a relação com seus alunos pautada na crença de estar desenvolvendo um papel materno:

Não posso dar muita liberdade, porque eles têm problemas com os outros professores (música, educação física), quando há algum problema é a mim que eles procuram. (P.5- HV)

Eles não gostam de misturar com outras crianças, as aulas de educação física e música são com outra turma e na maioria das vezes eles brigam e faltam com respeito com as professoras, elas deixam passar, mas eu sou como mãe, mexeu com meus alunos devem dar satisfações a mim, ouço as duas partes e por isto que eu sou rígida. (P.5-HV)

Então eu acho assim, que eu sou um pouco...mãe, sabe? (P.1-HV)

Nessas falas as dimensões pessoais se misturam com as profissionais no sentido de que a atuação em sala de aula é muitas vezes semelhante à atuação de uma mãe com seus

filhos, ou melhor, de como os professores acreditam que seriam como mãe. Mas, aparentemente, essa relação não é percebida por eles.

Continuando suas reflexões durante a pesquisa, no grupo focal os professores mostram as relações que conseguiram estabelecer entre dimensões pessoais e profissionais da carreira docente.

Eu participei de uma iniciação científica, onde um professor..., e ele trabalha justamente isto né, na formação de professores. E ele tirou bastantes coisas, assim de, o profissional docente e tal, é pensar o que fazer, repensar o feito. Então a gente não pode levar isto somente para o profissional, mas como na vida mesmo, do professor. Você P3, você o professor. Então tem que interagir estes dois, não pode ficar desvirtuado não, só um, somente o outro. (P.3-GF)

Eu acho que nem todo professor consegue fazer deste jeito. Eles se DEDICAM demais e esquecem do “ser” pessoa. Eu vejo isto muito por mim, ser professora e não ser pessoa. Eu me dedico muito aos meus alunos e as vezes esqueço um pouco de mim. Então, assim, quando o professor é a pessoa, que pessoa?(P.5-GF)

Você perdeu a conversa que a gente teve antes, que eu tava contando pra ela que a gente é assim. Coube justamente a minha situação que, eu passei por isto de me dar demais no trabalho e esquecer de mim. Ai é parar e começar tudo de novo. (P.3-GF)

Bom, eu acho que, sei lá, usam de muita pratica e não sentir a construção, não sei, o dia-a-dia do professor, pelas experiências da vida, mudando as suas atitudes consigo mesmo. Eu acho que é assim, temos que estar sempre nos apropriando de coisas novas, (...) a gente se encontra nesses momentos, procurando as respostas, de como agir e a gente acaba encontrando as respostas para este questionamento. (P.4-GF)

Mostram que conseguiram estabelecer relações ainda dicotomizadas, ou seja, se é professor ou se é pessoa. Deixa-se de ser pessoa, para se ser professor. Veste-se a capa da função de professor, que é a mesma que esconde a pessoa. Tais contradições e ambigüidades vividas na busca dessa descoberta são naturais neste momento, pois são situações de descoberta de si, que geram tensão e angústia.

Moita (2000) esclarece que na relação entre dimensão pessoal e profissional, uma grande variedade de relações se estabelecem.

Há nessas relações uma actividade de autocriação e de transformação vivida entre a tensão e a harmonia, a distância e a proximidade, a integração e a desintegração. A pessoa é o elemento central, procurando a unificação possível e sendo atravessada por múltiplas contradições e ambigüidades. (p. 139)

A professora que desistiu de participar do grupo focal e explicou porquê, mostrou, desde o início da pesquisa, alguma insegurança e pouco à vontade em falar de si mesma. Acredita-se que a pouca idade possa estar colaborando para a dificuldade. Mas como esta pesquisa se propõe a trabalhar com professores iniciantes e a maioria dos iniciantes terá pouca idade, pergunta-se se será comum o professor iniciante ter dificuldade de refletir sobre sua prática. Nesse ponto é que reside outra questão importante desta pesquisa: as relações entre as dimensões pessoais e profissionais, as diferenças individuais, o momento de vida que cada um se encontra e que vão demarcar o como e o quanto cada um pode refletir, pode mudar. Portanto acredita-se que em alguns casos a pouca idade, a imaturidade possa contribuir para uma dificuldade de reflexão, mas não é determinante.

Isso fica mais claro no caso do professor que desistiu mas não esclareceu o fato, pois não é uma pessoa jovem como a anterior. Iniciou o trabalho com grande interesse (na entrevista de história de vida), mas contando nessa entrevista a dificuldade que tem de ser professor, que a profissão não foi uma escolha, foi mais uma falta de opção. Este fato já pode clarear alguns pontos da sua dúvida durante todo o processo.

Segundo Cavaco (1991), sempre se reconheceu o valor da apropriação dos saberes profissionais através da experiência. Aprende-se com as práticas do trabalho, interagindo com os outros, enfrentando situações, resolvendo problemas, refletindo as dificuldades e os êxitos, avaliando e reajustando as formas de ver e de proceder. Também se aceita que a identidade profissional do professor se afeiçoa num processo de socialização centrado na escola, tanto através da apropriação de competências profissionais, como pela interiorização de normas e valores que regulam a atividade e o desempenho do papel de professor.

Os professores mostraram, em vários momentos, dificuldade em entender ele-pessoa como sendo o mesmo ser ele-professor, e acredita-se, juntamente com Tardif (2005, p. 16) que “o ser e o agir, ou melhor o que *Eu sou* e o que *Eu faço* ao ensinar, devem ser vistos aqui

não como dois polos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar.”

A dificuldade que os professores percebem de fazer essa relação fica clara nas seguintes falas:

E eu gosto que os meninos cheguem em mim – Nossa professora! Você é tão legal, sabe? Isso é bom para o MEU ego, como professor e como pessoa. (Piloto- HV)

Não sei, eu não me vejo lá dentro como professora. Me vejo lá dentro assim como uma amiga deles. (P.1-HV)

A cisão entre dimensões pessoais e dimensões profissionais que se percebe claramente na carreira docente, é explicada por Fontana (2000) a partir do que chama da feminização do magistério. Esse fato trouxe a marca da ausência de profissionalismo para a profissão a partir do momento em que era exercida preferencialmente por mulheres e estas, historicamente, estavam relacionadas ao familiar, ao materno.

Tal explicação talvez esteja na base dos sentimentos expressos por muitas professoras, inclusive desta pesquisa, de se sentirem como mães, da escola ser uma segunda casa e outros que se assemelham.

Por outro lado, percebeu-se também que existe, eminente, em alguns professores um sentimento de que este “ser mãe” é mais o resultado de uma necessidade contextual do que um sentimento real que elas cultivem. O relato abaixo esclarece:

Eu acho importante os pais brincarem com os filhos. Dar aquela atenção para a criança. Hoje não têm isso, porque pai e mãe saem para trabalhar cedo e joga criança na escola; chega de noite e a criança janta e vai dormir. Cadê o carinho maternal? Cadê isso? Não tem. Tem isso na escola. Você é a mãe deles na escola. Então eu sou responsável por dez alunos que eu pretendo e estou alcançando meu objetivo disso. (P.5- HV)

Nesse relato, a professora até se propõe a ocupar o espaço, mas não por escolha dela, e sim por uma imposição do contexto. De qualquer maneira, ao aceitar esse papel e

esse espaço permite que a dimensão profissional se fragilize e se confunda com a dimensão pessoal.

Ao serem interrogados sobre que relação estabelecem entre suas dimensões pessoais e suas práticas docentes os professores afirmavam perceberem a relação mas não conseguiam descrever claramente qual era ela. No geral suas falas eram reflexos de conceitos gerais, de representações sociais sobre o assunto.

Sem duvida percebemos, deixamos nossos traços pessoais, valores, pontos de vista no que fazemos principalmente na sala de aula na maioria dos conteúdos. (P.2- RF)

No grupo focal as reflexões apareceram mais amadurecidas, mostrando que a partida para as mudanças foi dada, mas que ainda existem algumas questões que provavelmente serão trabalhadas no decorrer de seu desenvolvimento profissional.

Então a gente não pode levar isto somente para o profissional, mas como na vida mesmo, do professor. Você P3, você o professor. Então tem que interagir estes dois, não pode ficar desvirtuado não, só um, somente o outro. (P.3-GF)

Eu acho que nem todo professor consegue fazer deste jeito. Eles se DEDICAM demais e esquecem do “ser” pessoa. Eu vejo isto muito por mim, ser professora e não ser pessoa. Eu me dedico muito aos meus alunos e as vezes esqueço um pouco de mim. Então, assim, quando o professor é a pessoa, que pessoa? (P.5-GF)

Sabe a situação que eu passei na escola, então eu acho que eu pequei só nisso, porque na hora que, eles me cobram esta postura, fraquejou quando eu tive que mudar os meus direitos, ai eu não tive postura o suficiente, porque eu acho que justamente o pessoal estava muito longe do profissional, porque um tinha que cobrir o outro, meio que um “canyon” entre os dois, mas a minha parte profissional, hoje, assim, acho que não foi tão traumática assim pra mim, mas eu tive um ponto de partida, a partir daqui eu vou começar a ter uma postura diferente. (P.3-GF)

Porque não adianta, você querer fazer igual ao P4, porque não vai dar certo. Tem que fazer igual a P3 uai! A sua proposta, é você ali. Não é o P4 que vai... não é.. entendeu?... não é a seguidora... ou mesmo da P5. (P.3-GF)

7.3.1 Resumo desta Dimensão

As reflexões que os professores puderam fazer neste momento de sua história de vida referente a sua profissão foram alinhadas, nesta pesquisa, em algumas critérios específicos.

O primeiro se refere ao que é para eles ser professor hoje. Observou-se que os professores tiveram alguma dificuldade em falar sobre o tema, mas mostraram pontos positivos e negativos da profissão. Um ponto se destacou, talvez por ser representativo do que se vive hoje no sistema educacional do país e se refere à falta de autonomia sentido por eles em relação às suas práticas.

Mesmo assim fica clara a busca do compromisso de educar e repassar o conteúdo aos alunos, ensinar com intuito de enriquecer todos, no que diz respeito ao aprimoramento educacional, buscando puxar a atenção para melhor aproveitamento da disciplina.

Outro aspecto citado nesse sentido foi a tentativa de integrar conteúdos diversos, buscando mostrar para o aluno a interdisciplinaridade existente entre as diversas matérias que estuda naquele ano. Aqui encontram muita resistência por parte de outros professores da escola.

De uma forma geral, todos trabalham com exercícios para reforçar o conteúdo dado, que podem tanto ser feitos em sala, quanto passados como tarefa. Na verdade, a tarefa para casa foi citada muito pouco pelos professores, mostrando que eles estão objetivando mais o trabalho dentro da escola do que o de casa. Provavelmente esta ação venha da dificuldade que relatam de fazerem os pais se envolverem com as atividades da escola e a aprendizagem de seus filhos, deixando por conta da escola toda a responsabilidade.

As avaliações tendem a ser diversificadas, fugindo, em certa medida, da prova tradicional. Buscam acompanhar o aluno no seu desenvolvimento diário, por isto são feitas

com maior frequência. Os professores relatam, ainda, sua maneira de aplicar as avaliações, adequando-as às necessidades e momentos específicos da formação dos alunos. Avaliações estas, necessárias para o cumprimento de suas grades curriculares.

Um segundo critério enfoca como o professor se vê como pessoa, ou seja, seu autoconhecimento. Mostraram alguns pontos de suas características pessoais que foram forjados através de situações desprazerosas vividas durante sua escolarização e que serviram para que sua atuação hoje, como professor, fosse na direção de uma tentativa de não repetir os erros cometidos com eles por seus professores.

No geral, se percebe uma busca de equilíbrio entre afeto e rigor, por parte dos professores para com seus alunos, em sala de aula. Apenas uma professora mostrou ter dificuldade neste aspecto, e tende para uma rigidez excessiva, sentindo necessidade de *dominar* os alunos. Aparecem também algumas punições inadequadas sendo usadas como forma de crescimento para os alunos (ficar sem recreio, sem aula de Educação Física, porque não seguiu as regras).

Em terceiro lugar, falaram sobre desejos e aspirações quanto à prática e a carreira docente. Todos buscam se atualizar constantemente através de cursos, informações diversas, palestras, leituras, orientações com coordenadores da escola, com professores, dentre outras atividades.

Percebe-se o respeito pelas diferenças e o aproveitamento das mesmas para o enriquecimento da aula e não como um impedimento para o bom andamento da disciplina. Muitas vezes isto é conseguido com a utilização de regras que são combinadas e seguidas por todos.

Fica claro também a utilização de métodos reforçadores, fortalecendo e incentivando a participação de seus alunos em sala de aula.

Nota-se uma grande preocupação com sua eficiência enquanto profissional da educação. É evidente a consciência que têm da necessidade de crescer, acrescentando sempre mais profissionalismo em suas práticas docentes.

Num quarto critério, foram descritas as reflexões que fizeram sobre a formação docente e reflexões-sobre-a-ação, ou seja, reflexões sobre suas práticas, feitas a partir das filmagens de suas aulas e do grupo de discussão. Neste aspecto, acredita-se que a pesquisa foi importante para levá-los a perceber ações positivas e ações que poderiam melhorar na sua prática. Mesmo os dois professores que não se sentiram à vontade em participar do grupo de discussão, demonstraram que uma reflexão foi feita, e, provavelmente, eles farão uso dela no seu dia a dia.

A formação docente é vista como falha, principalmente ao desvincular teoria e prática, enfocando mais as questões técnicas e não preparando os professores para a vida que se vive hoje na escola. Percebeu-se neste trabalho que a questão histórica e cultural está ausente na fala dos professores. Entendeu-se isto como um sintoma da descontextualização da escola, da realidade posta.

Por fim analisou-se a relação que puderam estabelecer entre suas dimensões pessoais e as dimensões profissionais da carreira docente. Elas foram feitas, ainda que de uma maneira incipiente, mas ficou claro que os professores participantes da pesquisa foram modificados, e darão continuidade a este processo reflexivo iniciado com a participação neste trabalho.

7.4 DISCUSSÕES FINAIS

Com os dados e as reflexões levantadas nesta pesquisa, pode-se perceber que algumas mudanças já se operam no sistema educacional e que professores já não aceitam as regras impostas pelo sistema tradicional de educação, sem questionamentos. Muitas vezes agem como o sistema exige, mas mostram, na sua fala, que percebem o erro. Esse fato pode estar mostrando que os cursos que formam professores estão buscando a formação crítica, reflexiva, pois encontrou-se, por exemplo, o professor aceitando seus limites, ao invés do professor detentor do saber e o aluno um simples receptor. Ficou evidente também a crítica a colegas que se consideram melhores que os outros e melhores que os alunos, e a crença de que o professor deve escutar seus alunos e procurar tê-los como aliados no processo de ensino, além de buscar ser amigo dos mesmos, ao invés de acreditar que têm o poder e que o aluno deve obedecer. Tal fato gera um clima de confiança nos alunos e na capacidade de crescimento de cada um, ao contrário do que se percebe no ensino tradicional, onde se constata pouca confiança nos alunos e pouca crença de que possam se interessar em aprender sem serem cobrados. Vale ressaltar que nesta pesquisa também apareceram relatos de alguma rigidez com os alunos: uma apareceu desde o início, relatada no momento da história de vida, mas que não conseguiu ser refletida no momento da filmagem das aulas; outra que só apareceu no momento da filmagem e que foi muito bem refletida pelo professor quando se viu em ação na filmagem de suas aulas.

Da mesma forma, mostram que evitam as críticas e incentivam seus alunos ao crescimento, apesar de se perceberem alguns momentos de punições desnecessárias, ao invés de manterem os alunos em constante estado de medo através de críticas ou sugestões de possíveis fracassos. Mostram que se preocupam com o desenvolvimento integral de seus alunos, apesar de serem cobrados pelo rendimento acadêmico dos mesmos, e deixam de lado a antiga visão do aluno apenas como intelecto.

Em relação às aulas, os professores mostram estarem entendendo a necessidade de trazerem para a escola “aulas diferentes”, mais contextualizadas com a realidade de seus aprendizes, mas encontram algumas resistências das escolas e de seus colegas. Talvez porque ainda exista o ranço da educação tradicional que vê a sala de aula como um local de despejar conhecimentos, sendo a avaliação ou exame uma forma de medir o grau em que os alunos receberam estes conhecimentos.

Os professores desta pesquisa mostram que estão trabalhando com planejamento sim, mas que este é mais flexível e que é alterado quando necessário, e que as regras são usadas, mas são discutidas com os alunos, e não autoritárias e inflexíveis como no sistema tradicional.

Alguns professores que participaram desta pesquisa, vivendo esse momento em que acreditam em uma relação com a educação e com seus alunos, mais aberta, de mais confiança e companheirismo, voltada para formação integral, mas sentindo a força da instituição da qual fazem parte, a força do sistema educacional vigente no país, e, ainda, vivendo o início da carreira, marcado pela insegurança, descoberta, sobrevivência na profissão, enfrentam momentos de descrença e sentimento de baixa auto-estima. Aparentemente o que o professor sente é que ele está chegando com idéias bonitas mas imaturas vindas da teoria, e que na prática a realidade é outra. Mas muitas vezes, esta maneira do professor ver a prática docente foi composta a partir das informações recebidas na sua formação (dimensões profissionais) e das suas dimensões pessoais, e não são imaturas nem impraticáveis, são a maneira com que ele construiu as informações vindas do cognitivo com aquelas vindas do afetivo.

Em relação a isto, se defende a idéia de Tardif (2005) ao dizer que o saber está a serviço do trabalho, e que portanto, “as relações dos professores com o saber nunca são relações estritamente cognitivas: são relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas.” (p. 17).

Esse autor continua explicando que tal idéia traz embutida duas funções conceituais, que indicam que ao mesmo tempo que o saber deve estar organicamente relacionado à pessoa e ao seu trabalho, ao que ele é e faz e ao que foi e fez, também mostra que o saber do professor traz as marcas de seu trabalho, ou seja, o saber é também produzido e organizado no trabalho.

Percebe-se, desta forma, que o trabalho do professor “incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor.” (TARDIF, 2005, p. 17). Dois pontos são importantes para que voltem a ser discutidos: o primeiro é que o saber está relacionado ao que a pessoa *é e faz e ao que foi e fez*, ou seja, às suas dimensões pessoais, que vêm da sua história de vida; e o segundo é que o saber é também produzido no trabalho, de onde traz as dimensões profissionais. Neste ponto é importante pensar nos ranços e cristalizações das instituições educacionais, que muitas vezes impedem que o professor perceba ou crie os laços fortes que devem existir entre estas duas dimensões.

Sabe-se que para atuar na docência, o domínio dos conhecimentos científicos da área é essencial. Ou seja, para organizar o quadro teórico prático a ser compartilhado com os alunos, e por eles dominado a partir dos currículos existentes, o docente necessitará dominar os saberes da área, de forma científica, relacional, pois precisará, inicialmente, definir os elementos essenciais e complementares do rol de conteúdos que lhe couber trabalhar no curso onde atuará⁶.

Mas a efetivação deste processo se dará pelos sujeitos envolvidos, e o professor precisa ter claro que as ações que desenvolve em determinado contexto, com determinada turma, ensinando determinado conteúdo, não serão as mesmas quando este contexto mudar, pois as dimensões pessoais só existem na relação estabelecida com o outro no contexto de ação de todos os envolvidos.

⁶RIVAS, N. P. P. Informação pessoal. Exame de qualificação em 4 de agosto de 2007)

Tardif (2005, p. 11), continua defendendo que “o saber dos professores é o saber *deles* e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola”. Tais questões levantadas por Tardif encerram essas discussões com a intenção de levar o leitor às considerações finais e às reflexões sobre como este trabalho pretende contribuir efetivamente para a melhora da educação.

Considerações Finais

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor (Nias, 1991). Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. (NÓVOA, 1992, p.25)

Formação de professores é um tema que há muitas décadas instiga e mobiliza estudiosos das áreas de educação e psicologia educacional. As práticas reflexivas dos professores são assuntos de várias pesquisas e estudos. Mas aparentemente é um tema que não se esgota, ou, pelo menos, não se esgotou ainda. Acredita-se que isto se dê porque nunca se está falando da mesma prática, nunca se está falando da mesma reflexão. São inúmeros os tipos de reflexões que se pode fazer, como são inúmeras as práticas para serem refletidas. O que importa realmente é que tipo de reflexão se quer e com quem se quer fazer esta reflexão.

A reflexão que se buscou com este trabalho foi a de si-mesmo, do autoconhecimento. Para tanto, se utilizou da metodologia qualitativa a partir de três momentos: entrevistas de história de vida, videograções com reflexão-sobre-a-ação e grupo focal. Cada uma destas técnicas é usada frequentemente na investigação qualitativa e na investigação com formação de professores. O que esta pesquisa objetivou na união das três foram necessariamente três pontos: primeiramente investigar intervindo, ou seja, ao mesmo tempo em que o professor contava a sua história e expunha a sua prática, ele refletia sobre sua ação e sobre o que podia fazer com estas reflexões. Em segundo lugar possibilitar o olhar para dentro de si mesmo, o autoconhecimento, que nos três momentos ocorreram com aprofundamento gradativo. E, por último, o ineditismo da união das três técnicas na busca do alcance dos objetivos propostos. Nóvoa (1995) fazendo uma categorização sobre os estudos centrados nas histórias de vida de

professores elencou nove tipos de estudos. O que esta pesquisa entende como reflexão de si mesmo, ou autoconhecimento estaria no grupo 7, que tem “objetivos essencialmente emancipatórios, relacionados com a investigação-formação versus pessoa (do professor)” (p. 22). Neste tipo de pesquisa, os professores seriam chamados a desempenhar, simultaneamente, o papel de ‘objetos’ e de ‘sujeitos’ da investigação.

Um ponto a se destacar nesta pesquisa é a reflexão em grupo, pois existem algumas críticas feitas aos trabalhos que propõem a reflexão individual do professor, justificando que o trabalho docente acontece na relação entre toda a equipe educacional. Acredita-se que deve existir um momento de reflexão de si mesmo que necessita ser feito sozinho, em primeiro lugar, para depois expandir-se, envolvendo os outros, pois o autoconhecimento não se constrói de modo isolado, senão no conjunto das relações que o sujeito estabelece com o outro, embora seja expresso na singularidade de cada um. A metodologia usada nesta pesquisa pretendeu seguir esta linha de pensamento. Foram usadas técnicas e instrumentos já existentes, mas numa seqüência e com intenções inéditas, ou seja, em primeiro lugar o professor pensa sobre sua história de vida referente à carreira docente, e já neste momento, reflete, consigo mesmo, mas com a mediação do entrevistador, sobre o porque de suas escolhas, sobre como viveu cada etapa, como se vê hoje na profissão. Num segundo momento, se vê em ação e faz a reflexão-sobre-a-ação, reflete sobre a sua ação já feita.

Também é uma reflexão isolada mas existe um diálogo com o entrevistador através de um roteiro de reflexão que vai sendo trocado entre eles para se clarear alguns pontos. E num último momento os professores se encontram para, juntos refletirem sobre suas angústias, suas dificuldades, suas habilidades, seus desejos, seus prazeres e o que foi para eles participarem deste trabalho. Outro ponto importante aqui é que autores que defendem a coletividade da reflexão o fazem pensando na coletividade da comunidade escolar, ou seja, a reflexão sendo feita dentro da instituição escolar na qual o professor está inserido. Sem tirar,

de forma alguma, o mérito desta abordagem, pensa-se que refletir com pares que não se conhece, em ambiente neutro, retira as parciaisidades, os medos, quebra-se as amarras e pode-se possibilitar uma maior liberdade de expressão. A intenção era fazer com que os professores pudessem fazer uma reflexão do passado para o futuro, sendo que a entrevista de História de Vida traria as questões do passado, a filmagem mostraria o presente e o Grupo Focal traria, além do presente dividido com os pares, perspectivas do futuro e a certeza de que este trabalho não se encerraria aqui, que na verdade ele não foi apenas uma pesquisa, mas uma proposta de chamá-los a refletir sobre sua carreira como docentes.

A metodologia de investigação se mostrou eficaz, pois percebeu-se que as reflexões foram feitas, e bem mais profundas do que puderam ser verbalizadas pelos professores, e, portanto, acredita-se que estes professores que aceitaram o desafio estão dispostos a realmente apropriarem-se de seus processos de formação, encontrando os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais. No Grupo Focal, as falas destes professores foram unânimes ao declarar as reflexões feitas a partir da filmagem de suas aulas. Reflexões estas que levaram a mudanças em seus conceitos e posturas frente às suas práticas, ou a confirmação de ações que vinham desenvolvendo até então.

Na primeira parte da pesquisa, que pretendeu oferecer ao professor um primeiro momento para refletir sobre sua prática profissional, através do relato de sua história de vida, referente à carreira docente, notou-se, em alguns professores, uma maior facilidade em falar sobre si mesmo, em outros foi observado que se ficou em torno do assunto sem o aprofundamento devido. Acreditava-se e esperava-se que este fato fosse se aprofundando com a continuidade do trabalho, quando os professores pudessem assistir à filmagem de suas aulas e refletir vendo sua atuação.

Na segunda parte da pesquisa, quando buscou-se oferecer ao professor um segundo momento, através de uma outra técnica: videograções de aulas e reflexão-sobre-a-ação, para

refletir sobre sua prática profissional, referente à carreira docente, observou-se que a reflexão ficou mais acerca das questões práticas e aos fatos daqueles dias de filmagem, sem levar esta reflexão para toda sua carreira docente.

Uma maior capacidade de refletir e analisar sua carreira e suas questões pessoais foi mostrada no grupo focal, que foi a terceira e última etapa da pesquisa. O grupo focal contou com a participação de três professores, para refletirem sobre a experiência e as mudanças na prática a partir dela.

Neste momento da pesquisa os professores tiveram a possibilidade de fazer uma reflexão em grupo, o que se mostrou enriquecedor para os participantes, que puderam, no encontro com o outro, dividirem suas dificuldades e habilidades e perceberem que não estão sozinhos no enfrentamento da complexidade da profissão docente.

As três dimensões analisadas na discussão dos dados: *relação entre história de vida e prática docente; enfrentamento da complexidade da docência pelo professor principiante e processos reflexivos sobre a prática docente*, buscaram responder aos três objetivos específicos, culminando na discussão do objetivo geral que era identificar a relação que o professor estabelece entre suas dimensões pessoais, enquanto sujeito psicológico, e as dimensões profissionais da docência.

Foi possível identificar que existe certa dificuldade, por parte dos professores, de se apropriarem desta relação entre o ser-pessoa e o ser-professor.

Um primeiro ponto percebido foi a importância de se ter consciência da própria formação, para que possa se apropriar do que o caminho a percorrer trará em seguida.

Ter consciência da própria formação é poder se perceber enquanto sujeito ativo no processo, ou seja, ao tomar consciência das fragilidades e possibilidades desta, apresentar ações para o melhor aproveitamento das possibilidades e outras para a correção das fragilidades. Para se fazer esta análise é importante que o professor tenha claros dois pontos: o

que caracteriza a profissão docente e o que *o* caracteriza, ou seja *quem é ele*. Em relação às características da profissão docente é compreensível que os professores apresentem dificuldade, pois a docência é uma profissão que durante muito tempo foi negligenciada em termos de categorização de suas funções e especificidades, muitas vezes identificada como *sacerdócio*. Uma profissão para a qual bastava ter *dom, gostar de crianças* e se dispor a ser uma *segunda mãe*, como discutido no capítulo anterior. É clara a distinção entre o que um professor suporta, na sua profissão, com o que outro profissional qualquer, de qualquer outra área, suportaria. Os educadores aceitam as condições inadequadas e insuficientes de sua profissão, em nome de um ideal e de uma dedicação a melhorar a vida de outros. Sem negar a importância da educação para estes propósitos, não se pode deixar de defender que os professores devem examinar mais cuidadosamente este fato, em relação tanto às suas dimensões pessoais quanto profissionais.

No que se refere a saber-se quem é, ou seja autoconhecer-se, a tarefa se torna mais difícil, pois esbarra-se em questões psicológicas muitas vezes difíceis de serem enfrentadas. Mas autoconhecimento é também reconhecer que existem ‘sítios’ internos onde não se quer mexer, ou nem mesmo chegar. É facilmente identificável que ao se conhecer, sua motivação começa a fazer parte de todo o processo garantindo a vontade de ir em frente, facilitando as percepções sobre o processo educacional e da própria aprendizagem do educando. Acredita-se que a disposição em conhecer-se fará grande diferença na categorização de bons profissionais, pois esta disposição garante o interesse de conhecer melhor seus alunos, seus objetivos e os propósitos de sua profissão, ou seja as dimensões profissionais da docência.

Mais uma vez se ressalta que esta pesquisa utilizou três formas distintas para estudar o fenômeno da relação entre as dimensões pessoais e profissionais da carreira docente, para que a investigação tivesse duplo propósito: explorar e intervir. Os professores participantes desta pesquisa puderam, ao mesmo tempo em que expunham sua vida como docentes, refletir

sobre ela e discutir com iguais as complexidades que a envolvem, podendo agir, futuramente, nas mesmas com mais critério. Isto porque espera-se que esta pesquisa, que privilegiou a reflexão-sobre-a-ação, possa levar os professores ao que Schön chama de reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação, ou seja, que tenham a possibilidade de olhar retrospectivamente para suas ações e refletir sobre as reflexões feitas de suas ações, sobre o que aconteceu, sobre o significado que atribuiu a estas ações e que outros significados poderá dar a elas. Só assim, acredita-se, o professor poderá realmente se colocar no centro de sua profissão enquanto sujeito psicológico, ativo e transformador de seu mundo.

Colocando-se no centro de sua profissão o professor poderá perceber em si, ou desenvolver, habilidades importantes para o desenvolvimento profissional, que foram descritas pela Psicologia Humanista como adequação pessoal. Alguns destes aspectos foram também defendidos por Dewey, como descrito no aporte teórico deste trabalho. Esta pesquisa teve a intenção de levar os professores a refletirem sobre estas possibilidades dentro de si mesmos, sem, no entanto, esperar que as tenham todas desenvolvidas. São eles: *percepção eficiente*: demonstra capacidade em perceber com precisão o que está posto pela realidade e não suas crenças ou angústias, ou mesmo o que se acredita teoricamente correto ou de acordo com o pensamento vigente - os professores desta pesquisa ainda estão, de uma maneira geral, muito presos às suas crenças, mas questionam alguns pontos das teorias e do pensamento comum; *espontaneidade e criatividade*: com maior segurança sobre o que faz e pensa, irá, com mais facilidade tentar novas experiências - é o que se espera dos professores pesquisados, e o que o grupo focal, de certa forma, deu o 'pontapé' inicial; *autonomia*: independência sobre as forças físicas e sociais - os professores ainda sentem muita dificuldade em se tornarem autônomos, pois o sistema educacional trabalha com força contrária a esta necessidade profissional, mas já se percebe a conscientização de que a autonomia é imprescindível para o bom desempenho de seu trabalho; *auto-expressão*: menor necessidade de se envolver em

atividades de confrontação - apenas um professor mostrou esta habilidade melhor trabalhada, em sua maioria os professores ainda estão sentindo a necessidade de se auto-afirmar; *compreensão empática*: capacidade de aceitação e abertura a novas experiências que gera um sentimento de maior união com as outras pessoas e maior empatia nas relações – no início desta pesquisa os professores se mostraram, em sua maioria, ainda inseguros nas suas relações e ainda tateando neste sentido, já no final percebeu-se um certo movimento para esta aceitação; *reciprocidade no grupo social*: relações harmoniosas com o grupo social importante para a pessoa, buscando tanto o seu aperfeiçoamento quanto o do seu grupo – os professores ainda estão vivendo uma fase em que se preocupam mais com o seu desempenho, aparecendo em alguns momentos o sentimento de pertencimento à profissão; *amplitude de objetivos*: não apresenta objetivos conformistas, mas, pelo contrário, se identifica com uma sociedade mais ampla – os professores, apesar de ainda estarem aprendendo a viver no seu grupo profissional, mostram conceituações de educação para além do que vivem no dia a dia, mostram que esperam mais desta profissão a qual pertencem.

Estas idéias sugerem uma urgente reflexão sobre o funcionamento do sistema educacional vigente, principalmente no que se refere à formação de educadores, e o levantamento de propostas, que na verdade não são novas, mas que ainda, por algum motivo, não puderam ser implementadas.

Pode-se exemplificar este fato com o que ocorreu no momento do contato inicial com as escolas, para apresentação do projeto e seleção dos professores que gostariam de participar da pesquisa. Apenas uma escola das que foram contatadas não mostrou interesse pelo trabalho, as demais se interessaram e permitiram o acesso dos pesquisadores com facilidade. Nas escolas que se interessaram e em que o trabalho não pode ser executado, foi devido à não aceitação do professor em participar. Mas estas escolas solicitaram mais informações e outros trabalhos semelhantes futuramente. Acredita-se que este fato mostra a urgência, no sistema de

ensino, de se mexer com as cristalizações, com as situações postas que nem sempre têm mostrado bons resultados.

Constatou-se, também, que os professores desta pesquisa estão rompendo com muitas regras preconizadas pelo sistema tradicional de educação, ou se não o estão, entendem que elas precisam ser mudadas e ainda não encontraram o caminho. Espera-se que através da reflexão que puderam fazer com a participação nesta pesquisa possam encontrar estes caminhos. O caminho que se deseja trilhar é o da ação prática influenciando a formação. Dito de outro modo: seriam as ações mais adequadas e efetivas praticadas pelos professores reflexivos com seus alunos em sala de aula levariam a necessidades cada vez mais urgentes na preparação de futuros professores, pois a 'clientela' estaria mais preparada para maiores exigências. Deve-se levar em conta que o desenvolvimento profissional do professor está associado ao processo de transformações sociais, mudanças econômicas e políticas ocorridas no mundo do trabalho.

A partir das reflexões feitas no capítulo de resultados e discussões sobre o que se encontrou neste trabalho em comparação com o sistema tradicional de educação, propõe-se algumas ações neste sentido.

Em primeiro lugar é importante ressaltar que todo trabalho desenvolvido na área de educação, tem por finalidade última o enriquecimento do processo educacional, portanto envolve todos os atores que compõem este sistema. Neste trabalho, voltado para a formação de professores, não foi diferente, portanto várias sugestões aqui apresentadas envolvem os demais atores do sistema educacional.

As conclusões da investigação permitem afirmar que só será possível ao professor compreender e aceitar estas sugestões, a partir do momento em que adquirir uma maior autoconfiança, pelo desenvolvimento do conhecimento de si mesmo. Com esta autoconfiança ele poderá proporcionar a seus alunos condições deles mesmos, aliados aos professores ou a

outros membros da comunidade educativa, desenvolver seu próprio programa de atividades. Ou seja, o professor divide com os alunos, os pais e demais membros da escola a responsabilidade pelo processo de ensino. Não significa que o professor deixa de ser o responsável por este processo, mas sim que além do seu conhecimento técnico apoiado em livros, materiais práticos/teóricos, ele também buscará em experiências da comunidade, dos alunos, e principalmente, dentro de si mesmo, através da reflexão sobre suas ações e autoconhecimento, os recursos de aprendizagem necessários para cada contexto educacional.

A avaliação da aprendizagem deve seguir a mesma proposta, ou seja, deve ser feita pelo próprio estudante, com um adequado *feedback* do professor e de outros membros do grupo. Para isto o professor deve trabalhar para desenvolver nos alunos a autodisciplina, fazendo-os perceber sua responsabilidade no processo educacional do qual é o ‘ator’ principal. Professor e alunos criam e discutem as regras em comum acordo, e as ações a serem tomadas pelo não cumprimento de algumas delas devem ser feitas pelos próprios alunos.

No final, o professor deve aceitar que mais importante que o conteúdo da aprendizagem é o aluno *aprender a como aprender* o que ele quer saber.

Alguns projetos vistos como possibilidades de superação de muitos questionamentos e complexidades postas por esta pesquisas, devem ser citados como sugestões, assinaladas por Rivas⁷

Formação de um profissional preparado científica, técnica, tecnológica, pedagógica e cultural – um profissional que reflita sobre o seu fazer, pesquisando nos contextos nos quais ocorre:

- Incentivar os trabalhos da perspectiva do professor reflexivo ao intelectual crítico reflexivo, ou seja, da dimensão individual da reflexão ao seu caráter público e ético;

⁷RIVAS, N. P. P. Informação pessoal. Exame de qualificação em 4 de agosto de 2007)

- Incentivar a realização da pesquisa no espaço escolar como integrante da jornada de trabalho dos profissionais da escola, com a colaboração de pesquisadores da universidade;
- Instaurar na escola uma cultura de análise de suas práticas, a partir da problematização das mesmas e da realização de projetos de coletivos de investigação;
- Além da formação inicial e dos programas de formação contínua, que podem significar um descolamento da escola, um aprimoramento individual e um corporativismo, investir no desenvolvimento profissional – considerando o desenvolvimento profissional como resultante da combinação entre formação inicial, o exercício profissional (experiências próprias e dos demais) e as condições concretas que determinam a ambos;
- Trabalhar para que os professores possam fazer a construção de conhecimentos a partir da análise crítica (teórica) das práticas e da ressignificação das teorias a partir dos conhecimentos da prática.

Este trabalho buscou, ainda, gerar alguns impactos sociais no que diz respeito à Educação e à Psicologia:

- a) O primeiro ponto a se pensar é a importância que as discussões aqui levantadas podem ter na cadeia educacional – aluno-aprendizagem-professor ou seja, o que vai gerar efetivamente para a aprendizagem do aluno e para melhorar o sistema educacional. Este ponto já foi levantado acima e discutido na parte teórica deste trabalho. Constatou-se que professores com conhecimento e aceitação de si mesmos, têm maior probabilidade de conhecer e aceitar seus alunos nas suas diferenças e dificuldades. Professores com possibilidade de refletir sobre sua prática e mudar se necessário, atendem com maior precisão

às necessidades postas por seus alunos, pois com uma mentalidade mais aberta às mudanças, tende a ser inovador em suas ações e no trato com as situações de ensino e aprendizagem.

- b) Como conteúdo na formação do professor e na formação do formador-de-professor – sistematização e aplicação do conhecimento gerado a partir deste trabalho. Percebe-se, na maioria dos cursos de formação de professores, que a ênfase é dada em questões relativas às reorganizações curriculares e das disciplinas enquanto estruturas, ao passo que as questões relativas à subjetividade dos professores, no processo de formação são, ignoradas. Além disso, este trabalho defendeu o que é chamado por alguns autores de ‘racionalidade prática’, e esta é outra perspectiva que acredita poder contribuir na formação de professores, em qualquer nível desta formação, e em diferentes formatos. A autora deste trabalho vem desenvolvendo, já a algum tempo, trabalhos, em parceria com a pedagogia, no sentido de contribuir, na formação de educadores, para um olhar para si mesmo. Os resultados têm sido positivos, mas o envolvimento dos professores ainda é incipiente, dado que é voluntário, não fazendo parte de nenhuma matriz curricular de nenhum curso específico.
- c) Sistematização e aplicação do conhecimento que está sendo gerado, para a Psicologia Escolar/Educacional. Uma das atribuições do psicólogo escolar/educacional é o trabalho com os professores, tanto nas suas relações com a instituição da qual faz parte, quanto com as pessoas que nela transitam. Mas é papel do psicólogo também, e talvez só dele, trabalhar a pessoa-professor. Estar perto dele ajudando-o a enfrentar tanto as dificuldades da profissão quanto as suas dificuldades pessoais. Este trabalho, portanto, terá contribuição na ação do psicólogo nas instituições educacionais e na formação

do psicólogo escolar/educacional que, ainda hoje, enfatiza os requisitos técnicos e a dimensão do saber, deixando a desejar o desenvolvimento do compromisso com o cidadão-professor e a cidadania. É fundamental que o psicólogo escolar/educacional contribua para que o professor participe da dinâmica social, percebendo-se como pessoa que tem direitos e deveres comuns a todos e, ao mesmo tempo, como profissional que tem um campo de atuação, um instrumental específico de trabalho e um *ethos* específicos. Além disso é importante destacar, ainda, o papel do psicólogo na formação do educador, não apenas na transmissão de conteúdos acadêmicos como é feito atualmente, mas no acompanhamento do desenvolvimento pessoal, no seu autoconhecimento, na sua descoberta de si mesmo e do ser-professor.

Finalizando é importante que se destaque que ao se iniciar este processo de pesquisa havia dúvidas quanto à disponibilidade dos professores de enfrentarem todo este processo, com o tempo que ele demandou, e com seu caráter 'invasivo' na prática profissional dos mesmos. A boa resposta foi que, apesar da desistência de dois professores, os que continuaram até o fim se dispuseram a enfrentar seus *fantasmas* para poderem crescer profissionalmente. Dificuldades existiram e expectativas foram frustradas, mas termina-se este trabalho com a certeza de que os professores participantes puderam refletir sobre suas dimensões pessoais e suas dimensões profissionais, que o processo de encontrar a interação entre os dois já foi iniciado e que, assim que tenha sido iniciado, não se tem como interrompê-lo e, o mais importante, não existe um fim previsto com tempo e hora determinado. Cada um fará a sua hora e o seu tempo. Espera-se que cada um o faça da melhor maneira que puder.

Muitas idéias foram surgindo no decorrer destes quatro anos do desenvolvimento deste trabalho. Muitos caminhos foram trilhados seguindo algumas destas

idéias, outros ignorados, por não terem sido percebidas consistências no momento, e outros foram deixadas para outra oportunidade ou, quem sabe, outras pessoas.

Destes caminhos que foram deixados para depois, destacam-se alguns pensamentos e algumas indagações, que acredita-se, são contribuições que este trabalho deixa tanto para a Educação quanto para a Psicologia :

- a) continuar o grupo focal, agora como um grupo de discussão regular, com os professores participantes deste estudo – esta idéia surgiu porque durante o grupo focal foi ficando claro que os professores foram descobrindo o prazer de falar deles e de refletir na companhia de iguais, tanto aspectos profissionais quanto questões pessoais;
- b) importância de fazer este trabalho também com professores com mais tempo de carreira- continua-se afirmando que o trabalho com o professor principiante é o melhor caminho para mudanças mais rápidas, fáceis e duradouras, mas durante a execução deste trabalho muitos contatos foram feitos e alguns trabalhos desenvolvidos com professores com mais tempo de carreira, que se mostraram frutíferos;
- c) propor trabalho semelhante para toda uma escola- algumas escolas, como já foi dito acima, se mostraram interessadas nesta proposta. Alguns contatos já estão sendo feitos, apesar de que existe um espaço muito grande entre interesse da escola enquanto instituição e aceitação dos professores em participarem;
- d) propor este tipo de trabalho como atividade curricular em cursos de formação de professores. Em que momento da formação ele seria mais adequado? Em que formato ele seria melhor aceito e melhor aproveitado? São questões que estão sendo amadurecidas, mas não serão abandonadas.

Termina-se este trabalho com a certeza que estes quatro anos dedicados a ele foram de grande crescimento, tanto para a pesquisadora, quanto para os cinco professores que participaram dele. Mesmo aqueles que não chegaram até o fim, foram até onde puderam pensar sobre si mesmos e cresceram com estas reflexões, pois por um certo tempo pensaram sobre sua profissão e pensar a formação profissional requer pensar a formação de si. Essa reflexão permite ao professor, conhecer as marcas que influenciaram para que escolhesse a profissão professor.

Referências

9 REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. A Escola Reflexiva. In: Alarcão, I. (org.). **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artimed Editora, 2001.
- BAKHTIN, M. De los apuntes de 1970-1971. In _____ **Estética de la creación verbal**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BONFIM, Z. A. C. e ALMEIDA, S. F. C. Representação social. Conceituação, dimensão e funções. **Revista de Psicologia**. 9 (1 e 2) e 19 (1 e 2), 1992.
- BORBA, O. Planejando e agindo na prática educativa: o papel dos registros na organização dos momentos pedagógicos. In MION, R. A.; SAITO, C. H. **Investigação-ação: mudando o trabalho de formar professores**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2001.
- CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica *grupo focal* em investigações sobre abuso de substâncias. **Rev. Saúde Pública**. V.30, n.3. São Paulo, jun, p.285-293, 1996.
- CAVACO, M. H. Ofício do Professor: O Tempo e as Mudanças. IN: NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto. Portugal: Porto Editora, p. 155-191, 1991.
- _____. Retrato do professor enquanto jovem. **Rev. Crítica de Ciências Sociais**, 29, Fevereiro, 121-139, 1990.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CONTRERAS DOMINGO, J. **La autonomía del profesorado**. Madrid: Morata, 1997.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In MINAYO, M. C. S (org.) **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DALL'AGNOL, C. M. e TRENCH, M. H. Grupos Focais como estratégia metodológica em pesquisa na enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 5-25, 1999.

DEBUS, M. **Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educacional Development, 1997.

DEWEY, J. **Còmo Pensamos**. Barcelona: Paidós, 1989.

FERNANDES, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIGUEIREDO, M. C. M. e COWEN, R. Modelos de cursos de formação de professores e mudanças em políticas: um estudo sobre o Brasil. IN BROCK, C. e SCHWARTZMAN, S. (orgs) **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FONTANA, R. A C. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANCO, M. A. S. História de vida: uma abordagem emancipatória aliando pesquisa e formação de professor reflexivo. **Texto apresentado na ANPED 2000 e disponível no site: http://www.educacaoonline.pro.br/art_historia_de_vida.asp. Capturado em 08/06/2004.**

FREIRE, P. **Educação como prática de Liberdade**. São Paulo: Urupês, 1971.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, R. L. **A Formação da Professora Alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. São Paulo: Cortez, 1996.

GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e Formação Reflexiva do Professor: moda ou valorização do saber docente?** Araraquara: JM Editora, 2001

GIMENO SACRISTÁN, J. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

GOIS, A Aluno a distância vai melhor no Enade. **Folha de São Paulo**, 10/09/07, p. C1.

GUENTHER, Z. C. **Educando o ser humano: uma abordagem da psicologia humanista.** Campinas: Mercado das Letras, Lavras: Universidade Federal de Lavras, 1997.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1995.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. IN NÓVOA, A. **Vidas de professores.** 2.ed. Porto, Portugal: Porto Editora, p. 31-61, 2000.

IERVOLINO, S. A e PELICIONE, M. C. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP.** São Paulo, v.35, n.2, p. 115-21, 2001.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional.** Formar-se para a mudança e a incerteza. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JODELET, D. **Folies et Représentations Sociales.** Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

LEME, M. A. V. S. O impacto da teoria das representações sociais. In M. J. Spink. O conhecimento no cotidiano. **As representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

LESSARD, C. & TARDIF, M. **La profession enseignante au Québec (1945-1990) – Histoire, système et structures.** Montréal: Presses de l'Université de Montréal., 1996.

LISTON, D. P. & ZEICHNER, K. M. **Formación del profesorado y condiciones sociales de la escolarización.** Morata: Madrid, 1993.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, H. M. A misteriosa existência humana: recordações, imagens, vivências. IN MARTINAZZO, C. J. **Histórias de Vida de Professores: formação, experiências e práticas.** Ijuí: Unijuí, p. 99- 118, 2000.

MARCELO GARCIA, C. A formação de professores: centro de atenção e pedra-de-toque. IN NÓVOA, A. (org) **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações dom Quixote, p. 51-76, 1992.

_____. **Formação de Professores. Para uma mudança educativa**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

MARCONI, M. de A e LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 2ª.ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINAZZO, C. J. Apresentação. IN MARTINAZZO, C. J. **Histórias de Vida de Professores: formação, experiências e práticas**. Ijuí: Unijuí, p. 53-78, 2000.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing – edição compactada**. São Paulo: Atlas, 1996.

MAYAN, M. J. Uma Introducción a Los Métodos Cualitativos: Módulo de Entrenamento para Estudiantes y Profesionales. Tradução e nota introdutória de César A Cisneros Puebla. **Disponível em <http://www.ualberta.ca/~iiqm/pdfs/introduccion.pdf>**. Acesso em 21/09/2004.

MEIER, M. J. ; KUDLOWIEZ, S. Grupo Focal: uma experiência singular. **Texto & Contexto Enf.**, Florianópolis, v.12, n.3, p. 394-399, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. IN NÓVOA, A. (org) **Vidas de professores**. Porto. Portugal: Porto Editora, 111-140, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. IN NÓVOA, A. (org) **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações dom Quixote, p. 15-34, 1992.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. IN NÓVOA, A. (org) **Vidas de professores**. Porto. Portugal: Porto Editora, p. 11-30, 2000.

OLETO, R. R. Grupo focal ou grupo de discussão. Disponível em <http://www.mcampos.br/JORNAL/n90/pag06.htm>. Acesso em 24/04/2007.

OLIVEIRA, I & SERRAZINA, L. A reflexão e o professor como investigador. Disponível em www.educ.fc.ul.pt. Acesso em 12/05/2007.

PEREIRA, H. O. S. **Formação de professores e o sucesso/fracasso dos alunos: representação de alfabetizadores**. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. SP (xxvii + 164 páginas). 1999.

PÉREZ GÓMEZ, A I. A função e formação do professor(a) no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. IN: GIMENO SACRISTÁN, J. e PÉREZ GÓMEZ, A I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, p. 353-379, 1998.

_____. O pensamento prático do professor – A formação do professor como profissional reflexivo. IN NÓVOA, A. (org) **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, p. 93-114, 1992.

PERRENOU, P. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre, ArtMed, 2000.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Professor reflexivo: construindo uma nova crítica. In: GHEDIN, E & PIMENTA, S. G. (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, p. 17-52, 2002,.

ROGERS, C. R. e ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 5.ed. São Paulo: Martins fontes, 1981.

ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SADALLA, A. M. F. de A. e LAROCCA, P. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, V.30, n.3, p. 419-433, 2004.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. IN NÓVOA, A. (org) **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações dom Quixote, p. 77-91, 1992.

SILVA, M. C. M da . O primeiro ano de docência: o choque com a realidade. IN ESTRELA, M. T. (org) **Viver e construir a profissão docente**. Porto - Portugal: Porto Editora, p. 51-80, 1997.

TANAKA, O. Y. e MELO, C. **Avaliação de programas de saúde do adolescente – um modo de fazer**. São Paulo: Edusp, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDEIF, M & LESSARD, C. **Lé travail enseignant au quotidien – Contribution à l'étude du travail dans dans lês métiers et lês professions d'interactions humaines**. Belgique/Québec: De Boeck/Pul, 2000.

TRIVINÖS, A N. S. **Introdução à pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1994.

VALLES, M. S. **Técnicas cualitativas de investigacion social: reflexion metodológica y práctica profesional**.Madrid: Editora Sínteses Sociologia. 1997.

VEIGA, I. P. A. (org) **Repensando a didática**.Campinas: Papirus, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WESTPHAL, M. F.; BOGUS, C. M.; FARIA, M. de M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Bol. Oficina Saint. Panam**. Washington, v. 120, n.6, p. 472-481, 1996.

ZEICHNER, K. M. Novos caminhos para o *practicum*: uma perspectiva para os anos 90. IN NÓVOA, A. (org) **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações dom Quixote, p. 15-34, 1992.

_____. Tendências Da Pesquisa Sobre Formação De Professores Nos Estados Unidos. **Revista Brasileira De Educação**,Rio de Janeiro: n. 9, p. 76-87, set./dez., 1998.

10 REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. Junho 2002, vol. 28, nº 1, pp. 11-30.

CAMPOS, M. M.; FÁVERO, O. A pesquisa em Educação no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 88, p. 5-17, 1994

COULTAS, J. C.; LEWIN, K. M. Who becomes a teacher? The characteristics of student teachers in four countries. **International Journal of Educational Development**, April 2002, vol. 22, nº 3, pp. 243-260(18).

EVANS, E. M. Education – For a qualification or a career? **Biochem. Educ**, Philadelphia, v. 19, n. 3, p. 121-124, 1994

FAUNDEZ, A. & FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOMES, J. B.; CASAGRANDE, L. D. R. A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 10, n. 5, p. 696-703, 2002

KRULL, E. Teacher Professional Development in Estonia: theory and practice. **European Journal of Teacher Education**, 1 June 2001, vol. 24, nº 2, pp. 99-113(15).

LAPO, F.R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, Março 2003, nº 118, pp. 65-88.

LUNENBERG, M.; SNOEK, M.; SWENNEN, A. Between Pragmatism and Legitimacy: developments and dilemmas in teacher education in the Netherlands. **European Journal of Teacher Education**, 1 December 2000, vol. 23, nº 3, pp. 251-260(10).

SACHS, J. Teacher professional identity: competing discourses, competing outcomes. **Journal of Education Policy**, 1 March 2001, vol. 16, nº 2, pp. 149-161(13).

SACHS, J.; SMITH, S. G. The changing landscape of teacher education in Australia. **Teaching and Teacher Education**, February, 1999, vol. 15, nº 2, pp. 215-227(13).

VYGOTSKY, L. S. The Concrete Human Psychology – Um manuscrito inédito de Vygotsky. **Psikhologiya**, Moscou, n.1, 1896, p.51-64.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: Idéias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

ZEICHNER, K. M.; Diniz-Pereira, Júlio Emílio. Pesquisa Dos Educadores E Formação Docente Voltada Para A Transformação Social. **Cadernos De Pesquisa**, São Paulo: v. 35, n. 125, p. 63-80, maio/ago., 2005.

Apêndices

11. APÊNDICES

APÊNDICE 1

ROTEIRO ENTREVISTA DE HISTÓRIA DE VIDA

Nome:

Idade:

Tempo de profissão:

Séries em que trabalha:

Disciplinas que ministra:

Formação:

Data da entrevista:

Roteiro para a História de vida:

- 1- Fale sobre sua escolha pela carreira docente
- 2- Fale sobre sua vida na faculdade: relate ano a ano.
- 3- Descreva seu perfil profissional: como é ser professor hoje
- 4- Faça uma relação entre sua vida e:
 - A escolha da carreira docente
 - Sua vida na faculdade
 - Suas ações no dia a dia profissional
- 5- Cite três exemplos de situações que você considera complexas na sua carreira docente e as alternativas que utiliza para enfrentá-las.

APÊNDICE 2

ROTEIRO PARA REFLEXÃO-SOBRE-A-AÇÃO

Na sua entrevista de história de vida você falou sobre questões ligadas a sua profissão. Você falou sobre:

- a) a escolha da profissão docente;
- b) sua formação já concluída ou em andamento;
- c) suas práticas docentes;
- d) sua relação com seus alunos e com a escola;
- e) relação entre sua formação e a atividade docente;
- f) crenças e opiniões sobre a profissão docente, a vida em geral e você mesmo(a).

Agora, após suas aulas terem sido filmadas, gostaria que você refletisse sobre as mesmas, **questionando-se se os resultados de suas ações foram bons, para quem foram bons e de que maneira foram bons**. Leve em consideração os seguintes pontos:

- 1- Sua atuação prática no que se refere à exposição e explicação do conteúdo.
- 2- Escolha das atividades e avaliações desenvolvidas em sala.
- 3- Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?
- 4- Como você avalia os resultados obtidos com suas avaliações? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que mudaria?
- 5- Sua relação com seus alunos durante a execução das tarefas propostas.
- 6- Sua relação com seus alunos em situações que não se referem ao conteúdo trabalhado.
- 7- Relação entre as atividades desenvolvidas e sua formação docente (magistério, graduação, cursos paralelos).
- 8- Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momentos percebeu isto nesta filmagem?
- 9- Existiu influência da filosofia da escola ou de alguma outra questão institucional na sua seleção de atividades e avaliações para esta unidade de estudo?
- 10- Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê?
- 11- Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?

APÊNDICE 3

QUADRO CÓDIGOS-REFERÊNCIAS: HISTÓRIAS DE VIDA E FILMAGENS

CÓDIGOS	REFERÊNCIAS
<p>PRÁTICAS DOCENTES</p> <p>3- amizade além da sala, mantendo o respeito</p> <p>1- tarefas como continuação das atividades iniciadas em sala</p> <p>3- reforço em outro período para quem tem dificuldade</p> <p>1- usar em sala informações que os alunos trazem da vida</p>	<p>PILOTO</p> <p>E a matemática com os pequeninhos ela é mais complicada de trabalhar (porque era muito limitado) porque com menino de, tipo assim, de três anos, que é o que eu estava trabalhando, você já não pode trabalhar com tanta liberdade, igual eu trabalho com os meninos.</p> <p>Eu procuro mais estar com os meninos, jogando bola, conversando; sempre na hora do intervalo. É um () na sala dos professores () só para, entendeu? () Depois eu procuro ir para a junto dos meninos, que é ali () o que eles estão achando da minha aula. Se eles estão entendendo o que eu estou falando. É tudo no intervalo () sabe? E, ninguém pensa em respeito, sabe? Os meninos, eles me respeitam bastante e eu acho isso fundamental.</p> <p>Eu tenho uma dif..a única dificuldade que eu tenho, que eu acho que eu tenho, que manter dentro de sala de aula justamente por causa dessa minha amizade com os meninos, é a disciplina. () mantendo a disciplina dentro da sala e ser professora e amiga ao mesmo tempo, é muito complicado. Eu tenho que deixar bem claro - da porta da sala para fora eu sou amiga () professora. E eles tem que me respeitar () Então eu exijo () eu gosto que eles fazem as tarefas (). Porque () aí complica () um jeito mais simples que outra professora faz () um bicho de sete cabeça. Mas eu evito ao máximo não dar a tarefa. Então sempre quando () eu dou os exercícios, nos dez últimos minutos da aula, se não der para fazer ali, faz em casa () fica olhando () (fazer para mim sem falta) Então assim, eu não cobro tanto dos meninos a teoria. Porque matemática, entendeu? Matemática não tem como saber a teoria. O que vale é a prática. Então eu passo muito exercício em sala () trabalho. Só que eu gosto que eles façam comigo. Tanto é que eu trabalho no período da tarde, de manhã quase todos os dias eu vou (para estar fazer o trabalho deles) Aí é que a gente vê quem é interessado, quem não é, quem tem dificuldade.</p> <p>E eu acho isso muito importante para ser professora. Eu sempre falo isso, eu acho que as pessoas têm que gosTAR de observar, gosTAR do que faz, e, principalmente, ser muito crítico. Eu sou uma pessoa muito critica. Eu critico meus alunos. Eu falo assim ó – você está fazendo errado por causa disso, disso e disso. Se você fizer assim, assim, assado, vai ser mais fácil. Sabe? E eu falo, e::eu procuro não esconder deles o que eu penso, sabe? Se vê como uma pessoa crítica</p> <p>Então eles trazem para dentro da sala de aula, informações que eles conseguem. () a feira de ciências é, é sobre doenças causadas por fungos, bactérias e protozoários. Eles fizeram maquete. Os meninos fizeram sobre poluição. Precisa de ver que gracinha que foi. E eles levavam aqueles ()...explicaram direitinho, sabe? É isso que eu acho importante, eles trazerem para dentro da sala de aula o que eles acham importante para aQUELA aula.</p> <p>Já na matemática é um pouco mais complicado...sabe? Eu procuro trabalhar com eles mais o concreto, tipo...sabe?... () eles saem picando papelzinho vai...sabe? É uma maneira mais fácil deles aprenderem...sabe? E muito mais gostosa Os alunos ficam mais interessados e é uma sala já, muito boa para a quantidade de alunos, então fica a aula gostosa. A aula passa rápido...sabe?</p>

<p>1- faz plano de aula semanal</p> <p>1- faz revisão semanal na sexta feira – alongamento e relaxamento</p> <p>3- insiste na qualidade e não na quantidade</p> <p>1- prepara esquemas seqüenciais da matéria para os alunos se organizarem</p> <p>3- está atenta à dinâmica da sala</p> <p>1- flexibilidade no planejamento para atender ao dia a dia</p>	<p>Você vê que a aula rende. E eu sempre tenho que...Eu faço plano de aula semanal. Na quarta feira eu tenho aula com eles, na terça, na sexta, na terça, quarta, quinta e sexta. Na quarta feira, na quinta feira já passei tudo o que eu tinha para a semana para eles, então já na sexta feira que é aula de sexta, eu procuro dar pra eles a revisão da semana. Então eu dou aula de relaxamento. Eu adoro. Eu gosto muito de fechar minhas aulas com relaxamento. eu coloco uma música de fundo. Agente faz um alongamento. A gente faz..., a gente deita na carteira, a gente..., eu procuro fazer eles usarem bastante a imaginação...sabe? Faço não que seja assim, ioga, não. A gente procura alongar bastante...(sabe por que?) fazer eles esquecerem um pouco das coisas...sabe? Porque eles ficam tão restritos a livro, caderno. Tem que ter pelo menos cinco minutinhos para eles esquecerem disso. E eu acho isso muito importante.</p> <p>Eu estou persistido com a matéria, porque, igual eu falo muito isso para a minha mãe, eu prefiro dar qualidade, do que dar quantidade. Eu prefiro ficar até o fim do ano, dar dois meses de equação, do que passar para a matéria seguinte, e não ter o retorno.</p> <p>Então eu faço assim, eu passo sempre para eles a equação, eles estão com dificuldade? Então eu vou persistir na equação. Mas, aquele que não tem dificuldade--igual e falei para eles, vocês podem tentar fazer, mais para a frente, só que a minha matéria é equação. Eu comecei inequação com eles sexta feira passada, eles, alguns alunos estão indo muito bem, mas tem outros que ainda estão com a dificuldade da equação, então eu estou tendo sempre que voltar na equação. Então estou fazendo um paralelo entre a inequação e a equação. Eu sempre coloco no quadro, tipo, o esqueminha. Primeira, primeira etapa, segunda etapa. Porque eles têm tudo por etapa. Fica mais fácil para eles seguirem. Então eu passo um exemplo mais complicado e dou um exercício mais simples para eles fazerem,sabe? Porque equação inequação é basicamente a mesma coisa. Muda o sinal, entendeu? Igualdade a desigualdade. Agora parece que a dificuldade deles está sendo mais na parte da inequação do que na parte da equação, sabe? E isso para mim está sendo ótimo, estou vendo que eles estão entendendo o que eu estou falando, sabe? E eu estou conseguindo passar para eles o que eu gosto, o que eu preciso.</p> <p>Se você não for uma pessoa muito observadora, você não vai saber onde está a dificuldade do seu aluno e onde está o desempenho; onde está indo melhor o desempenho do aluno, sabe? E eu observo bastante. Às vezes eu falo para os meninos na hora da aula. Faço um relaxamento, aí eu venho e dou, depois que acaba o relaxamento, tem uns minutos pra eles conversarem. Eu dou uns minutinhos para eles ficarem à vontade, aí eu fico olhando o que eles estão fazendo, e eu percebo que principalmente os meninos de sexta série, eles estão muito, como posso te falar, comunicativos, sabe? Então eu uso essa comunicação deles para dentro da sala, tipo, eu passo um exercício no quadro, cada um me fala o que eu tenho que fazer, sabe? Às vezes eles fazem uma bagunça, mas eu sei o que cada um está falando, o que é para mim fazer, do jeito dele. Eu olho aqui, presto atenção ali, sabe? Aí eu vejo quem está fazendo, quem não está fazendo, quem está conversando, quem está à toa, sabe? Eu acho que isso é muito importante porque o professor que fica muito::restrito a livro, que não percebe tanto a dinâmica da sala, o desenvolvimento dos alunos, sabe? E eu acho isso muito importante para ser professora. Eu sempre falo isso, eu acho que as pessoas têm que gosTAR de observar, gosTAR do que faz, e, principalmente, ser muito crítico.</p> <p>no primeiro dia de aula eu cheguei neles e falei assim ó – na minha aula eu não gosto de conversa, mas eu sempre dou no finalzinho da aula para vocês, se quiserem, conversar. Aí eu dei a opção de relaxamento e a opção da conversa. Quando eu vejo que eles estão apreensivos, principalmente em época de prova, eu fecho a aula mais com relaxamento, porque eu acho mais::apropriado para a situação deles. Termina a minha aula eu, () vamos fazer um relaxamento, vamos::esquecer um pouco da prova, para na hora da prova eles não estarem tão tensos, sabe? E eu acho isso muito importante, vindo de outros professores também. Só que não são todos que fazem isso, sabe?</p>
--	--

<p>1- procura fazer aulas diversificadas</p> <p>3- exige capricho</p> <p>1- não fica presa a um único referencial teórico ou autor</p> <p>1- trabalha com brincadeiras</p> <p>3- trabalha com outros assuntos além do conteúdo teórico – formação global – professor tem papel orientador em todos os assuntos pertinentes à idade</p>	<p>(eu procuro) iniciar minha aula com relaxamento em vez de terminar. Iniciar, sabe por que? Porque para dar aula terminando o meu conteúdo, o tempo que a gente conversa, sempre dou um tempinho, eu terminando o meu conteúdo, que eu tenho que passar naquele dia, seja em aula de cinquenta minutos, seja de meia, sabe? Mas eu quero que eles aprendam. Os minutos restantes eu dou para eles fazerem o que quiserem, ou terminou os exercícios, vamos corrigir, vamos deixar para corrigir na próxima aula, porque aí a gente vê quem está com mais dúvidas. Se eu corrigir ali na hora, quem está com dúvida não vai aparecer, ele vai corrigir comigo e vai fazer um exemplo no caderno dele junto comigo. No dia seguinte eu vou passando, dando vista, aí eu vou vendo quem fez, quem não fez. Porque, se for uma aula muito corrida, vai ficar uma coisa muito::restrita; professor, aluno. Ah professor () não dá para a gente fazer nada, sabe? Então eu prefiro que a aula seja mais divertida para os meninos, sabe? Do que seja cinquenta minutos de () de exercícios, teoria, sabe? Então fica uma coisa mais gostosa para mim e para eles, porque eu gosto de sentar, conversar com meus alunos, sabe? E eu acho isso muito importante, o tempo deles.</p> <p>E eu gosto que os meus alunos tenham capricho com as minhas coisas, sabe? Porque eu vejo que tem menino que tem uma letra assim, que eu demoro a saber que número que é. Então eu falo assim – gente vocês não estão sabendo fazer os números. Vamos fazer os números direitinho. Vamos desenhar, vamos brincar de desenhar as letras, sabe? Eu falo, vamos desenhar, vamos fazer no caderno, vamos fazer bem devagarzinho, porque senão mais para a frente eles vão ter essa dificuldade, principalmente quando for redação em vestibular. Eles cobram muito uma letra legível, pelo menos no meu vestibular.</p> <p>Tanto é que para mim dar aula hoje, eu tenho que ficar voltando nos meus cadernos. Voltar muito em livros, porque eu não fico presa só em um livro. Eu prefiro tanto na faculdade como na escola; eu não fico presa à apostila, a livro. Eu gosto de procurar outros livros, outro::enfoque de pesquisa, sabe? Eu acho que isso é importante para mim. Tanto como professor, como pessoa também (). É um conhecimento a mais. Porque tem livros que não trazem a mesma (informação) que outros. () vocabulário mais simples, sabe? Eos professores (todos) não fazem isso. Com a gente, entretanto, no primeiro, no segundo período, como no terceiro, é uma coisa muito maçante. Esse trabalho que o professor faz com filme, eu gosto quanto que o professor leva filme. A gente estava vendo civilização romana, o professor foi e levou aquele livro () na sala eu acho isso importante. É um paralelo que ela fez, sabe? Agora com o filme Spartacus que saiu agora, porque ela também esta falando de () bastante, fica até divertido, porque além da gente ver ().</p> <p>dentro da sala de aula eu posso, muita coisa que eu vejo na faculdade, eu trago pra dentro de sala de aula, e, principalmente que no primeiro e no segundo período que eu vi na faculdade. Eu uso meu material que eu fiz que eu::montei nos primeiros períodos de::faculdade. E eu uso com os meus alunos, sabe? Eu acho isso super importante, porque eu vejo que o que eu aprendi está rendendo pra mim ensinar para os meninos, sabe? E isso para mim é ótimo. É matéria mais recente na cabeça da gente. Eu eu faço com meus alunos o que a professora de matemática da faculdade está fazendo com a gente, sabe? A gente montou uma parte só com brincadeira e eu quero trabalhar com brincadeira com os meninos. Eu só não estou trabalhando agora porque eu ainda tenho que pegar muito material, montar os brinquedos com eles, porque eu acho importante eles montarem os brinquedos para eles, sabe? E muita coisa que eu estou aprendendo na faculdade eu estou levando para dentro da sala de aula, sabe? E está sendo muito bom, tanto para mim quanto para os meninos. Eles estão gostando, a gente vê isso, sabe? E eu comento em sala de aula. O professor se sente satisfeito em saber que uma coisa que ele fez. (trabalhou) () trabalhando desse jeito com meus meninos e que está rendendo com meus alunos o que está rendendo com a gente na faculdade</p> <p>Eu procuro mais trabalhar com os meninos a coisa da violência como uma coisa que acontece, sabe? Só que agente tem que procurar evitar, sabe? Eu falo muito isso para os meninos. Está vendo? Briga não tenta separar não, sabe?</p>
--	--

<p>3- professora é como uma segunda mãe</p>	<p>Deixa, mas também é, não vai mete no meio, não vai intrometer. É assunto deles. Hoje na sala começou uma discussão. Falei: não, aqui não é lugar disso. Vocês () são pessoas civilizadas, vocês têm que separar, resolver suas diferenças, têm, mas vamos procurar num diálogo, sabe? Sem alteração de voz, sem agredir, sem desrespeito, sabe? Eu coloco muito isso para os meninos: o respeito um pelo outro.</p> <p>Então tem um determinado ponto de Uberaba que é onde o pessoal se reúne. Os meninos na idade de doze treze, quatorze anos, se reúnem para fazerem bagunça, comemorar. Eu vejo, eu fico de olho para ver se não tem um dos meus alunos no meio. Para mim, levar aquilo para dentro da sala de aula, eu acho que isso é o papel do professor, mesmo que seja fora de sala de aula. Se ele está vendo que o aluno dele está fazendo uma coisa errada fora, tem que levar isso para dentro de sala e orientar o menino</p> <p>eu procuro orientar os meus alunos. Eu falo para eles assim: - mãe é só uma, mas professora é como se fosse uma segunda mãe, porque a gente tem que orientar, a gente tem que educar, sabe? Além de ensinar o que a matéria pede, sabe? Então eu procuro muito falar sobre sexualidade com os meninos, sabe? Não, vocês não estão na época de fazer isso, mas é assim, assim, assado, que acontece. Se me perguntar, é isso que vou falar. Não adianta eu chegar para ele e falar assim: - Olha amor, o nenê nasce por causa de uma sementinha. Não adianta. Eles sabem do jeito que acontece. Eles vêm isso na televisão. Televisão hoje deixa tudo muito claro para o aluno. Então eu acho que isso () é o que o professor tem que ter. Ele tem que ter um papel de orientador daquela criança, daquele aluno, sabe? E é isso que eu procuro fazer.</p> <p>Eu evito trabalhar com o caderno, mas o pouco que eu faço, eu gosto de capricho --porque menino hoje em dia assim: - ah professora! Você quer pergunta e resposta? Porque não adianta, se ele colocar só a resposta, se como acontece principalmente no final do ano o menino perder livro.</p> <p>É um tal de perder livro no final do ano, não--se você tem--eu quero perguntas e repostas, Por quê? Porque se você perder o livro você já tem a pergunta no seu caderno--porque os meninos hoje eles têm tudo muito pronto sabe? Então fazer perguntas, para eles é muito fácil para puxar na internet. Tem menino que nem lê isso, é incrível. Então eu procuro fazer, não, você vai lê--meus trabalhos, eu não gosto datilografado. Eles, eu procuro que eles fa...--porque a gente tem que seguir certos padrões. Tem que ter o trabalho? Tem que ter. As provas? Eu detesto dar prova. eu prefiro avaliar o aluno no dia a dia, sabe? No comportamento dele em sala de aula, porque eu acho que é uma avaliação contínua que a gente tem que fazer.</p> <p>É uma avaliação mais efetiva, porque na prova é muito fácil; o menino estuda ali, no dia de manhã, à tarde ele está com tudo na ponta da língua, pega e faz a prova, tira dez. Só que dentro de sala de aula é aquele menino que conversa, que não participa, sabe? Que sai de sala toda hora, sabe? Outra coisa que eu falo para os meninos: - está com vontade de ir ao banheiro? Levanta a mão. Dá licença professora? posso sair? Claro, não vou segurar- (sobre o aluno que tem "Tortulose") Então, é uma criança que você fala para ele assim: - F., senta, fica quietinho. Mas por quê, professora? Eu não quero escrever, ninguém escreve. Ele é revolucionário. Ninguém escreve. Fala desse jeito. Não, você vai escrever. Porque o ano que vem você quer acompanhar a sua turma, não quer? Ah! Eu quero. Então vamos escrever, vamos fazer as coisinhas direitinho, vamos participar da aula. Ah, mas eu não sei. Então senta do meu lado que a tia vai te ajudar.</p> <p>Eu procuro trazer ele mais para perto de mim, sabe?</p> <p>H – E qual seria a principal característica que você acha que o professor tinha que ter para lidar com crianças assim?</p> <p>A – Carinho.</p> <p>H – Carinho.</p> <p>A – Muito carinho, muita paciência.</p> <p>Tem hora da gente respirar, ver o papel que ele tem dentro de sala de aula, mesmo que a gente tenha que ser um pouco mais rígido, sabe?</p> <p>É, são uns meninos que não param um minuto. Então eu uso essa eletricidade</p>
<p>2- Avaliação: mais diária; não gosta de provas; no comportamento em sala</p>	

<p>3- lidar com a indisciplina com brincadeiras – brincar com a matéria</p>	<p>vamos voltar para o começo da unidade? Não. Depois a gente volta. Ao longo a gente vai chegando a onde:: parou, sabe? Então está sendo assim, eu estou tendo que voltar MUITa matéria e as vezes é dificuldade do coMEço do ano, do priMEIro bimestre.</p> <p>Eu procuro fazer desse jeito. Fazer a disciplina dos meninos. A::indisciplina, sabe? Trabalhar com a indisciplina, mas na brincadeira – Não gente, vamos voltar? Vamos brincar? Está gostoso, não está? Então vamos brincar, depois a gente corre mais um pouquinho. Sabe? Desse jeito, porque, se eu for aquela professora – Menino, fica quieto! Menino não faz isso! Eles não vão gostar de mim como professora e nem como pessoa, e eu acho que esse gosTAR. do aluno, gosTAR da professora, é muito importante, porque se ele não gosTAR da professora, ele não vai interessar pela matéria e se ele não interessar pela matéria, ele não vai estudar, sabe? Eu acho que uma coisa vem, leva a outra. eu acho eu--é uma dificuldade isso da disciplina. Porque? Porque são crianças, gente! Então não adianta você querer que os meninos fiquem::sentados, calados</p>
<p>Gostar da professora para gostar da matéria (?)</p>	<p>? Vocês querem mais é brincar? Então vamos brincar com a matéria. É uma maneira gostosa de:: da indisciplina virar uma disciplina.</p> <p>. Eu trabalho de::terceira a quarta série, mais eu trabalho, eu brinco muito com os meninos de sétima a oitava, sabe? Não que eles venham a ser os meus alunos. Não. Um exemplo: se precisar, sabe que pode chegar em mim, sabe? Sabe que eu estou aberta para eles TAMBÉM, não é só para os meus alunos. Acho que a postura do professor engloba a escola inteira, sabe?</p>
<p>3- o professor deve se envolver com a escola inteira, não ficar restrito às turmas que leciona</p>	<p>É desse jeito que eu acho que o professor tem que agir. Não ser só restrito aquela série que trabalha, só com a primeira série. Procura ser amigo da segunda, da terceira, sabe? Por quê? São crianças que, mais para a frente pode estar recorrendo à você para resolver algum problema dele. Então a professora tem mais experiência? Então ela pode me ajudar mais nisso, sabe? E eu Acho isso muito importante.</p> <p>Os meninos hoje em dia, os meninos que eu trabalho, estão numa fase que é onde começa o ponto da sexualidade, onde começa ver com drogas, sabe? Então eu acho assim, que eu como professora, tenho como obrigação orientar eles explicar o que está certo, o que está errado, mesmo que eles já saibam. Eu acho que ser professor hoje é isso, é ensinar o aluno a diferenciar o que ele está fazendo de certo, o que está fazendo errado. Não fica restrito só a sala de aula.</p>
<p>2- Avaliação: concepção mais aberta, menos tradicional</p>	<p>PROFESSORA 1- ANE</p> <p>. Eu brinco com os meninos na hora que eles querem brincar, eu brinco com eles, mas assim, a hora de falar sério, eu falo sério. Mas me passam uma coisa que eu não posso ser assim, que eu tenho que ser séria, que eu não posso brincar nunca. Se eu vou dar uma prova, eu falo “não, eu vou dar essa prova, essa parte assim, essa parte vou dar mais fácil”. Não, eu tenho que cobra muito deles. Eu acho que não tem que ser só assim. Porque prova, eu acho que não mostra o conhecimento do aluno. Porque ele fica nervoso ali na hora. Só o nome prova já deixa todo mundo nervoso. Então eu acho que não é desse jeito. Então, eu Anelise, não vejo dessa forma que eles passam. Então eu tenho que ser uma coisa lá, que eu não sou. Sabe? Que eu gosto de brincar. Se eles estão brincando, eu brinco com eles. Mas a hora de estudar e falar sério, eu falo sério. <i>Então eu acho assim, que eu sou um pouco...mãe, sabe? Eu gosto de brincar.</i> Não sei, eu não me vejo lá dentro como professora. Me vejo lá dentro assim como uma amiga deles. E não é o que eles querem que eu seja. Quer que eu entre lá...sabe, a aula tem que ser assim e vai ser assim e pronto. Tipo...quartel sabe? Você chega e tem que...impor regras e...é você e pronto. Acho que não é certo.</p>
<p>1- atividades lúdicas</p>	<p>Calma eu sou. Acho que até demais. Mas a hora que fica brava, ter que passar assim... que...que eu tenho que mostrar que tem que ser do jeito certo, eu também mostro, sabe?</p>
<p>3- ter que agir em sala de maneira diferente que acredita para seguir regras da instituição</p>	<p>Tem também o fato de...algumas crianças acham assim, que se eles perguntarem, ele vai estar mostrando para o coleguinha que ele não sabe. Tem</p>
<p>3- ser um pouco “mãe”,</p>	<p></p>

<p>amiga</p> <p>3- equilíbrio entre afeto e rigor</p> <p>3- ser sempre presente</p> <p>3- elevar auto estima dos alunos</p> <p>3- não fazer pelos alunos – deixa-los tentar sozinhos</p>	<p>muito disso lá também. Então eu chego, pergunto.</p> <p>.....Que acontece muito disso, a criança fala assim: “Ah, a tia não explicou, a tia não falou como faz”. Aí a mãe chega e vai tirar satisfação com você. Só que você passa uma coisa, que você explicou, tem que tentar fazer.Você diz: “não foi assim que eu passei, seu filho.... Foi assim, assim, assim.” Então é complicado. Por isso que eu acho. Um seria esse.</p> <p>H – O que você faz? Você tem alguma noção? Como é que você procura resolver isso?</p> <p>A – Ah, é...Como eu vou te explicar? Eu tenho que tentar convencer a mãe de que você explicou. Mas nunca para a mãe o filho está errado. Ainda mais em uma escola particular. Nunca o filho está errado. E tem que explicar de novo, né, para a criança? Tem que explicar de novo.</p> <p>Eu tento ser uma professora presente em todos os momentos, eu tento ser o que as minhas professoras não foram para mim. Eu sempre elogio os meus alunos e nunca digo a eles que as atividades deles estão feias. Quero sempre colocar a auto-estima deles lá em cima. Eu quero ser uma professora inesquecível. Mas eu não quero ser inesquecível pelas coisas...ruins, e sim pelas coisas boas que eu faço. (ser o que as professoras não foram para mim)</p> <p>Porque muitas vezes, se você dá um conteúdo, parece que todo mundo aprendeu, quando você vai ver, tem aquele tímido que não aprendeu. Mas como eu já conheço eles, eu já sei quem são os tímidos, quem não são, então eu já trabalho mais, assim..., eu vou na carteira; passando e tirando as dúvidas. E a agressividade de algumas crianças. (eu sou tímida, vejo os tímidos)</p> <p>Então eu fico sentada com ele, conversando, explicando que não pode ser daquele jeito, mas muitas das vezes não dá certo.</p> <p>, tem muita falta de interesse. Aí você tem que ficar levando coisa diferente, para a sua aula ficar interessante, para chamar a atenção deles, mas muitas das vezes não dá certo não</p> <p>Quando eu fiz a primeira série, () a minha professora da primeira série pediu para fazer um desenho e eu lembro que no meu desenho tinha um sol. E ela olhou o meu desenho e falou que não tinha, nunca havia visto um sol tão feio quanto estava o meu. Então isso faz com que eu trate os meus alunos..., que nunca eu falo para eles que os desenhos deles estão feios, nem a letra, nem o caderno. Eu sempre falo que está bonito. (eu fui humilhada então eu não humilho) Eu sempre tento colocar eles para cima. Porque eu sei se eu (passar) (este passar seria o seguinte. As vezes a minha chefe vai na minha sala e olha os cadernos dos meus alunos e fala que é para eu fazer as margens, e eu, não acho certo. Eu acho que mesmo não estando perfeitas tem que ser feitas por eles) eles não vão melhorar. E se eu falo que está bonito, eu sei que eles vão falar assim : “ Ela está falando que está bonito, então eu vou fazer mais bonito ainda para ela poder continuar falando que está bonito.” Quando eu passo tarefa para a casa eu nunca dou só um visto, eu sempre coloco recadinho. Coisa que quando eu estudava, no ensino fundamental, eu não tive. Então eu tento ser para eles o que os meus professores não foram para mim.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>As atividades são escolhidas por mim, porém as mesmas são analisadas pela pedagoga da escola. Porque escolheu estas atividades? Qual o seu objetivo ao desenvolvê-las? Escolhi estas atividades, pois são atividades diferentes e que as crianças gostam de fazer. O meu objetivo é que as crianças conheçam formas diferentes através dos grãos e cores diferentes. No caso da semente de girassol e feijão que tem mais de uma cor. Considero que sim, pois as crianças fizeram as atividades com entusiasmo e adoraram fazer as mesmas.</p> <p>Acha que atingiu os objetivos que tinha com elas? Você cria baseado em tudo o que você aprendeu até hoje? Não há como avaliar, pois os alunos têm quatro anos de idade, usaria a mesma metodologia, pois é uma forma que eles gostam. Algumas atividades eu crio, outras busco em livros e apostilas e às vezes troco material com outras professoras.</p> <p>Posso citar uma que aconteceu no dia em que contei a história do Aladim, uma criança disse que na história que ela viu tinha sereia, e os coleguinhas dela ficaram bravas dizendo que na história do Aladim não havia sereia, e ela ficou</p>
--	--

<p>3- necessidade de “dominar” os alunos desde o início para não perder o controle da sala</p> <p>3- mais rigidez</p> <p>2- fazer avaliação a cada conteúdo trabalhado</p> <p>3- tentar lidar com problemas em sala sem mandar para a direção</p> <p>3- não “facilitar” para o aluno (notas, aprovação)</p> <p>3- ignorar situações de falta de limites dos alunos</p> <p>1- faz planejamento 4- se atualiza – cursos, informações</p>	<p>brava quase chorou.</p> <p>PROFESSORA 2 - ROSE</p> <p>Estou tendo uma certa dificuldade , sabe? Eu não sei o que falta. Porque se às vezes eles cobram uma coisa, se está complicado, eles reclamam que não querem aquilo. Sabe? E..., mas eu gosto.</p> <p>Os meninos falam que eu sou muito rígida; que eu sou brava (sorriu). Mas você..., não é, porque, se você não domina eles a primeira vez que você dá aula, depois você não dá conta. Entendeu? Mas fora da sala de aula, eu converso, eu brinco, eu trato super bem. Só que lá dentro eu procuro ser mais rígida, mais assim...severa, entendeu? Então eles reclamam; até foram falar para a M., (<i>diretora da escola</i>) que eu sou muito distante deles, que eu sou brava, que eu..., mas não é, é meu jeito de ser dentro da sala de aula, entendeu? Acho que esse é o meio que eu tenho para dominar eles. Talvez eu possa até descobrir um caminho, né? Ser mais light, mas no momento ainda não consegui. Mas eles reclamam. Falam que eu sou muito brava. tudo que eu dou para os meus alunos, eu sempre faço uma avaliação”.</p> <p>Tem hora que eu me vejo sim. Assim, problema com aluno, eu nunca tive: com disciplina, de mandar para a direção. Quando eu mando um aluno para a direção, eu evito assim, oMÁximo. Quando eu mando é porque está no limite, sabe? Então, até hoje no C., eu não tive nenhum problema. Mas já aconteceu, não de ter discussão entre eu e..., disciplina mesmo, dentro da sala, sabe? Que aí incomoda todo mundo. Aí você pede: “Por favor, dá licença”. Aí eu mando para a direção. Mas isso é assim, de último caso. Mas eles sempre exigem. Falam: “Professora você é muito brava, não pode ser assim”. Não é a questão de ser brava. Eu chamo a atenção. Eu chego na sala: “Bom dia, boa tarde, boa noite”. Converso com eles. É o meu jeito de ser. Eu não sou de ficar toda hora, correndo, fazendo graça. É meu jeito.</p> <p>“Eu não dou nota para aluno”. Artes tem nota. Educação artística é conceito. Tudo bem. Mas artes tem nota. Tem prova. Eles falam: “Mas vocês vão ter que já começar a arrumar nota para ela desde agora”. Então? Porque que tem que arrumar? Ela que tem que se esforçar e tirar.</p> <p>, eu acho difícil também hoje, assim, o limite, a educação na sala de aula. Porque esses alunos que não têm uma estrutura em casa. Que não têm uma educação, assim, na sala é difícil; você manter...entendeu? Tipo assim: “Fulano, assim, assim..” “Ah, professora, estressa não, isso é normal”. Entendeu? Tudo para eles é normal. Eu acho assim, a educação, o limite hoje, na sala de aula, eu tenho dificuldade de lidar. Eu acho que é um desafio para mim. [se eu me esforço porque eles não podem se esforçar?]</p> <p>H – Como que você tenta lidar com isso?</p> <p>R – Olha, tem situações, eu não sei se eu estou certa ou se eu estou errada, mas às vezes eu procuro ignorar, sabe? Porque se você for debater, eu acho que vai acabando me estressando. () Como diz, descer do salto. Então às vezes eu procuro ignorar. Sabe? Então, assim, tem alunos, são cínicos, irônicos. Eu não bato papo, não (escuto), nem nada; eu ignoro. Sabe? Não sei se eu estou certa, mas, no momento eu acho.</p> <p>Olha, eu sempre faço meu planejamento, trabalho em cima de meu planejamento, sempre eu procuro estar atualizada, sempre eu levo para a sala de aula...Agora os meninos estão reclamando, porque, se escreve muito no quadro, fala que é cansativo, se dita, é cansativo. Aí, você leva...tem uns que falam, se passa filme é porque professor não preparou a aula, Sabe? Então, é assim, o todo, artes, é muito complicado. Sabe? Igual eu falei para a M.: “M., o terceiro está difícil. Porque tudo o que você leva, eles não querem”. Agora a outra professora de matemática, falou assim: “Ah M., mas quando eu estou explicando, eles ficam assim. Aí vai apagar o quadro, passar mais matéria eles falam: Não professora, continua explicando, não passa matéria não”. Então, para eles que é matemática, eu acho assim, eles já estão achando desse jeito, mas para mim, eu é artes, eles não estão nem aí, eles não valorizam. Sabe? Então, eu acho, assim, como professora, igual eu te falei, é meu primeiro ano de experiência (com artes?), eu procuro buscar, mas eu tenho muito ainda que</p>
--	---

3- busca orientações com seus coordenadores	<p>crescer, eu tenho muito que aprender.</p> <p>Falei que eu quero procurar um caminho. Eu quero procurar minha coordenadora do curso de artes, eu quero orientação, eu peço ajuda, eu quero estar conversando com ela, para ver que caminho eu vou tomar. Por onde eu vou começar. Porque se dita, eles reclamam. Se passa matéria no quadro, eles reclamam. Se passa filme, eles reclamam. Se passa transparência, eles reclamam. O que eu vou fazer? Entendeu? Ou sou eu que não estou conseguindo passar aquilo para eles? Entendeu? Talvez eu estou sabendo para mim, mas não estou sabendo passar para eles. Tem isso também.</p>
1- busca integração com outras áreas do conhecimento (outras disciplinas) e sente resistência dos professores	<p>Acho que a pessoa tem que estar sempre atualizada. Estar fazendo curso, buscar informações. Não pode ficar preso ali, só no roteiro dele, só no planejamento. Ele tem que ter outras informações. Essa alternativa que eu tenho que enfrentar é isso. Eu acho que eu tenho que enfrentar. Espero que eu tenha o respaldo, né? Que não seja em vão a minha luta. Porque, de repente, né? É uma coisa que eu penso que vou achar, e não vou me encontrar.</p> <p>Minha vida profissional, igual eu te falei, eu quero assim, ver se eu consigo trabalhar com outro professor. Para ver se facilita, ou se assim, chama a atenção dos alunos. Entendeu? Ou literatura, ou português.</p> <p>H – Unir os dois? Artes com literatura.</p> <p>R – Isso. Eu pretendo fazer isso. Não sei se vai ser possível. Mas eu vou sentar e vou conversar. Eu acho assim, eu acho que desperta mais o conhecimento dos alunos.</p> <p>H – Como você pensa? Os dois juntos no mesmo momento na sala de aula?</p> <p>R – Tipo assim, igual esse trabalho de literatura. Então eu estava olhando o livro deles de português, sempre tem imagens do Pablo Picasso, sabe? Tem de alguns artistas que eu vi. Então, quando for fazer releitura lá em literatura, eu estar trabalhando esse artista em artes, para eles verem que tem uma coisa ligada à outra, e eu também fazer releitura de outra forma.</p> <p>H – Fazer uma integração de conteúdo.</p> <p>R – Isso. Para eles verem que é importante uma coisa ligada à outra. Sabe? Só que isso daí eu já tentei uma vez, e um professor (), não aceitou, numa escola. Então, igual eu estou te falando, assim, isso é uma coisa muito complicada. Porque tem professor ainda que está tapado. Eles não aceitam. Acham que é qualquer coisa. Sabe? E eu sou assim, às vezes dependendo a situação, eu bloqueio. Eu não vou mais, sabe? Então eu procurei essa professora, ela é efetiva já há quinze anos no estado, e ela não deixou. Quem sabe ainda eu consigo.</p>
1- atividades práticas fora da escola	<p>Mas na outra escola que eu estive o ano passado, que eu fiquei dois anos, assim, quando você prepara uma aula que você vê que (está estudado), que todo mundo participa, colabora, entendeu? Igual o ano passado, eu trabalhei vitral com meus alunos, a gente fez exposição; fizemos lá na Zoonoses, fizemos na biblioteca municipal. Todos participaram. A gente fez releitura de umas obras, a gente fez tela. Sabe, assim, quando todo mundo participa em comum. Agora lá eu vejo essa distância. Porque eles estão ligados muito a vestibular. Sabe? Aí, a S. (<i>supervisora</i>) chega para mim e fala assim: “R., você tem que fazer isso, isso e isso”. Tá, eu sei que eu tenho que fazer, mas eu tenho que seguir meu planejamento. Porque no dia que eu mostrei, está aprovado? Está? Então agora deixa eu desenvolver. Eu sei o que eu tenho que dar, eu sei o que eu não posso dar. Mas aí fica aquela cobrança. Se você dá um trabalho, ou se você fala assim: “Vamos aprender a fazer releitura, uma releitura de obra?” Eles não aceitam, porque isso não vai cair no vestibular. Entendeu? Então eu estou tendo essa dificuldade. Não sei até quando eu vou enfrentar. E se apertar muito, talvez eu até deixe essas aulas. Porque até hoje eu não achei um caminho.</p> <p>Olha, até eles pediram no primeiro dia de aula, quando eu fui me apresentar, que eu levei um texto; o que é arte. Li para eles, coloquei um fundo musical.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Eu procuro adequar a exposição com o conteúdo através de deduções, comparações, sugestões e até mesmo dúvidas.</p> <p>Escolho as atividades propostas de acordo com o conteúdo básico comum e</p>

<p>3- Aproveitar as capacidades dos alunos para colaboração em sala de aula – utilizar as diferenças para o bem</p> <p>3- conseguir respeito sem agredir</p> <p>1- ensinar a todo momento, contextualizando com a realidade</p> <p>1- cada aula é seguida de um exercício</p> <p>2- a cada três aulas tem uma prova</p> <p>3- criar e manter regras, mas discuti-las e explica-las</p>	<p>com a escolha das turmas.</p> <p>Quando os resultados são satisfatórios eu melhora, acrescento, enriquecendo com algum ou outro dado interessante. Na maioria das vezes, rejeito a mesma metodologia</p> <p>PROFESSORA 3- ALEX</p> <p>o melhor tem que esperar o outro, tem que pelo menos entender. “Então você vai ser meu monitor.” Eu tento jogar isso, assim, se um destaca mais, tento jogar, assim, não para ele ficar competindo com o outro. Porque eu acho que essa desigualdade em sala de aula, essa competição assim maluca, eu acho que não deve existir. Aí eu coloco como monitor, ajudando em outras atividades: “Ah..., vamos ajudar o professor aqui.” Tenho que ir levando, porque é muita energia, você não pode breca a pessoa se ele tem uma atividade dele, eu já tenho uma atividade preparada, extra. Não porque ele vá..., ele pode ser um monitor do colega dele. Falo assim: “Ah..., vamos ajudar a professora. Vamos no quadro.” Tem que fazer ele ficar atarefado o tempo todo, senão ele fica entediado. Porque eu me sentia entediada. Com essas coisas. Aí fica com raiva da professora. Aí fica com raiva da matéria. Não vai querer aprender. Isso eu não quero. Porque eu passei por isso. Isso eu não quero para meus alunos. (o outro fica entediado porque eu ficava entediada)</p> <p>...Acho que tudo o que eu passei enquanto aluna, eu tento não fazer. Não passar a mesma coisa que eu sofri para os meus alunos. Acho que isso é diferente. Do que meus colegas hoje na escola: “O único instrumento que você tem para manter o respeito é o seu diário, é a nota. Porque você controla a nota.” De fazer aquela coisa..., uma tortura. Deixa lá, em sessenta e quatro. Não, não quero mexer com isso não. Acho que é um desrespeito. Porque não precisa agredir ao outro para conseguir o respeito.</p> <p>Eu não sei contar como eu mantenho, porque todas me adoram. E eu não grito porque eu não gosto que grite comigo. Eu detesto que grite comigo. Que vários professores já gritaram comigo. E, não sei, eu trato eles como pessoas, assim mesmo, adultos. Que eu dou aula no ensino médio. Se tratar como criança: “Ah..., porque você não sei o que e tal...” Não dá. Então eu trato como pessoas, respeito bastante. Acho que é por aí.</p> <p>Aí eu acho engraçado, porque tem uma proximidade por eu ser nova. Então eu acho que eu conquisto mais por esse lado meus alunos. Agora..., eu sempre...eu sou uma pessoa séria. Eu chego na sala falo: “Bom dia a todos.” “Professora você não me falou bom dia.” “A todos. Cumprimentei a todos.” Eu sou muito ponderada. Eu corto o mal pela raiz. Não é: “Professora você está sendo grossa comigo.” “Eu não estou sendo grossa.” Aí eu explico muito bem o que que é falta de educação, o que não é. Eu cumprimento o pessoal e já começo, por exemplo: Quando (tem) introdução. Hoje eu comecei a introdução à matéria. A gente vai estudar moda. Então eu já passei lexo. Primeiro eu passei: Conhecendo lexo. Aí passo tudo, com relação ao que tem. São culturas diferentes. O que eles usam lá. O que eles usam aqui. Que época do ano que vai usar la bufanda. “O que é bufanda, professor?” “Cachecol” Então lá eles vão usar no outono e no inverno. Porque no outono também tem um friozinho, né? E aqui é diferente porque a gente usa mais é de teimoso. Porque se for pensar no inverno, não tem. Eu ensino a eles todo o momento. Principalmente na aula de línguas, acho que tem muito isso, de ensinar o aluno a ser adequado. Ambiente, tudo. Aí eu acho que é uma aula diferente, que na matemática e na química eu acho que não possa dar tanta oportunidade para fazer isso. Depois eu já passo um exercício para eles fixarem isso. E como a aula é muito curta, porque eu tenho uma aula na semana, nossos encontros são muito poucos no mês. Eu combino com eles, três aulas, uma prova; eles até sabem. Três aulas, dou prova. Aí chegam: “Professora, hoje é prova?” Eu falo: “Não vou responder sua pergunta” “Ah..., hoje é a aula dois, né professora?” E eu falo: “É.” Sabe, não é adestramento. Eles sabem se comportar. É que tem que colocar as regras. Fugiu à regra, eles até sabem: “Sabe professora eu não fiz a tarefa. Eu vou levar ocorrência?” Eu falo assim: “Pois é, você errou, e</p>
--	---

<p>3- não deixar questões pessoais interferirem com as pedagógicas- “ferrar” o aluno porque você está de mau humor</p>	<p>aí?.” Aí eu comento com eles: “Um médico pode (operar) a vida inteira dele. Na carreira profissional dele inteira. Se ele tiver um erro durante a carreira dele, tudo o que ele fez para trás, vai tudo por água abaixo. Mesma coisa é sua carreira de estudante. Falho um dia, você queimou o filme comigo. E aí, como é que eu faço?” “Ah professora, acho que eu mereço.” “Então..., retire-se, por favor.” Eles mesmos já fazem fila. Mas não é aquela tortura. Eu não sei como eu consigo fazer isso, porque o ano passado eu tive muita dificuldade. Eu tinha um terceiro à noite. E se for pensar; porque hoje eu tenho ainda primeiros e segundos (), mas o relacionamento que eu tive com o terceiro ano passado, acho que foi mais amigável que professor – aluno. Ficou meio confuso. Agora esse ano eu já tenho mais controle da situação. Mas sem grilo, sem falar assim: “Porque eu vou tirar sua nota, vou fazer prova difícil” Porque não precisa descontar no aluno, talvez um mau humor que você está, um mau momento que você está passando. Acho que é por aí.</p>
<p>3- equilíbrio entre afetividade e rigor</p>	<p>A primeira vez que eu atuei como professora eu tinha onze anos, que eu dava aula de catequese. Eu tinha que esperar o pessoal que não tinha terminado as aulas ainda, aí eu dava aula. Tinha uma turma minha que eu ensinava o que eu já sabia da doutrina. Até eu completar os meus quinze anos. Quer dizer que foram quatro anos dando aula de catequese. Eu acho que foi por aí que eu tive uma experiência.</p>
<p>1- faz relatório de todas as aulas</p>	<p>Uma cantada, (igual um aluno da noite): “Professora você está bonita hoje. Ah professora, você está mal intencionada.” “Muito obrigada” Aí eu agradeço os elogios na hora que tem que agradecer. Na hora que não tem que agradecer, dou aquela olhadinha por cima do óculos, não preciso falar mais nada. Eles já sabem. Então, você está passando do limite. Aí nem precisa nem falar. Eles já sabem. Porque eu dou o respeito para ser respeitada. Então eu não gosto que brinquem comigo assim, porque eu acho que está invadindo. Eu falo: “Você está invadindo...meu espaço. Você está invadindo...” “Ah professora! Onde você foi ontem?” Eu falo: “Eu não quero falar sobre isso, agora a gente está na sala de aula.” Porque senão contorna, ele entra () e eles embaralham a gente mesmo. Coloca a gente em um caldeirão ali que não dá, tem que saber ser esperta e tirar rapidinho. Tem que ter uns insights assim, senão não dá.</p>
<p>1- adequar o planejamento ao perfil da turma</p>	<p>Você pode estar caminhando, devagarzinho assim, indo e voltando com os seus livros, aprendendo. Falo assim: “Olha, isso não deu certo.” Faço relatório de todas as aulas que eu faço. () Se nessa sala deu certo, nessa sala vai dar certo também, porque é o mesmo perfil da sala de aula. Aquele segundo B, aquilo não vai dar certo. Aí eu já preparo outra atividade para fazer. Eu tenho mania de () primeiro, segundo fazer uma aula tudo igual, não é assim. Aí eu lembro disso que ela fala para mim. Que ela falou para mim quando eu fiz aula com ela. E eu acho que é por aí.</p>
<p>1- utilizar referências de professores da graduação</p>	<p>H – Prepara a aula de acordo com a turma. A – Claro, de acordo com o perfil da turma. o primeiro conselho de classe semana..., duas semanas atrás, no sábado. Eu comentei com os professores que eles tivessem um carinho especial com a Mariana, do segundo C, que ela não enxergava, e ninguém havia percebido – E hoje você dá dez para os seus alunos. (não cometo os erros que cometeram comigo)</p>
<p>4- constante atualização 2- avaliações progressivas que acompanhem o aluno durante o curso</p>	<p>A – Claro. Eu não quero que eles atinjam o mesmo nível que eu, porque isso é impossível, em um ano. Por exemplo: numa prova eles atingirem o mesmo conhecimento que eu tenho. Que eles vão estabelecer uma...Tem uma história aí para eles passarem. Não é assim. Agora, se em pouco tempo, uma pessoa que tem mais facilidade, se ela consegue falar igual por igual, discutir igual por igual, isso daí é por que eu tenho uma bagagem de estudo bem maior do que o pessoal que não..., não dá para estabelecer esse tipo de discussão, assim, no conteúdo da matéria</p>
<p>3- trabalhar além do</p>	<p>FILMAGENS: A escolha é feita de acordo com o planejamento e o numero de aulas – que a meu ver é bastante reduzido, sendo 4 aulas/mês. Estou estudando e propondo um método de E/LE com a utilização de textos hispano-americanos modernos para as séries iniciais (1ª e 2ª do E.M.) e,</p>

<p>conteúdo cognitivo – conselhos e encaminhamentos</p> <p>3- o professor tem que ter bom relacionamento com os alunos para que este goste da matéria</p> <p>3- mostrar a importância de cada matéria para a vida do aluno</p> <p>3- grande segurança do conteúdo</p> <p>1- aula diferente – fora da sala, fora da escola</p> <p>3- ser amigo além de professor</p> <p>1- aula diferente fora da sala, jogos, materiais diferentes</p> <p>1- aulas divertidas</p> <p>3- procurar ver todos os problemas das crianças, não só de conteúdo</p> <p>3- dar ênfase a compreensão e não apenas à retenção do conteúdo</p> <p>3- exigir turmas pequenas com alunos com dificuldades</p>	<p>deixando, à parte e opcional o estudo de E/instrumental para aqueles alunos que interessam-se ou têm por objetivo submeter-se a um exame de vestibular SERIADO OU NÃO de uma universidade reconhecida, seja ela federal, estadual, municipal ou mesmo particular.</p> <ul style="list-style-type: none"> • utilizaria TEXTOS AUTÊNTICOS, COMICS, ZINES • VÍDEOS E CLIPS • MÚSICAS – como forma de fazer intertexto com o conteúdo • Uso de recursos como data show • etc. <p>Em atividade posterior àquela da revista, pedi outra em que deveriam trazer para a sala figuras que fizessem referência ao conteúdo lexical a ser estudado. Dessa forma o aluno tinha que selecionar as imagens, classificá-las por categorias e nomear cada figura. Como muitos alunos trouxeram muitas figuras, eles dividiram com seus colegas e, inclusive, de outras salas.</p> <p>PROFESSOR 4- PAULO</p> <p>Tento estar sempre atualizado com os conceitos, com a matéria. Estar em dia com ela. Tento oferecer avaliações que na verdade não cobram a resposta do aluno imediata, mas sim a progressiva. Seguir a evolução do aluno durante o tempo. Tento dar o exemplo positivo para que eu possa formar na cabeça deles, assim como foi formada na minha e mostrar que o ensino vale a pena. (passar experiências positivas que teve com seus professores) Estou sempre tecendo nessa tecla que é importante, que o estudo é a base fundamental. Eu acho que os jovens que a gente está educando agora tem uma carência muito grande em conselhos e encaminhamento. Tento ser um professor agradável</p> <p>Então..., eu sei que..., por mais que a matéria seja fascinante, seja sedutora, se professor não tiver um pouquinho de tato, de trato com o aluno também, ele não consegue fazer com que o aluno goste da matéria, e também, é como se fosse um vendedor, se você não vende bem, você não consegue prender a atenção de ninguém. E a mesma coisa é a matéria. Eu tento ser dessa forma. Eu não sei se eu consigo, mas eu me esforço ao máximo para ver se eu consigo tocar os alunos de alguma forma. Ser um amigo lá na frente. Sei que a faixa de idade é bem parecida; minha faixa de idade com a deles. Até o interesse pelo que eu digo, às vezes é maior que dos outros professores, mas eu tento fazer com que eles também se interessem pelas aulas dos outros professores, levantando a importância de outras matérias, a importância daquela matéria para a vida deles e mais ou menos nesse sentido que eu tento ministrar minhas aulas.</p> <p>O que eu vou falar ali dentro, eu tenho o domínio completo. Não tem nada ali que eu não sei o que eu estou falando. Então eu me sinto muito seguro. Talvez seja esta a importância de você ter uma boa formação. Para você ter a segurança quando (for) passar aquilo para certas pessoas.</p> <p>Mas se você está preparado, está em dia com o que você tem que passar, se você está se atualizando, reformulando seus conceitos dentro da tecnologia atual, você vai estar pronto para responder qualquer pergunta e preparado para passar qualquer informação que você queira dentro de uma sala de aula.</p> <p>Porque eu gosto de, às vezes fazer uma aula diferente. Às vezes eu gosto de sair da sala, sair com os alunos pela rua, levar no parque, sabe?</p> <p>Então eu achei essa a maior dificuldade, mas que eu me surpreendi também com o que eles me retornaram, porque eu mostrei que eu queria ajudá-los, mostrei que eu queria ser um amigo, uma pessoa a acrescentar e não uma pessoa a cobrar, e eles, felizmente, estão respondendo da maneira que eu queria e eu consegui conquistar eles e tal</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Tento ser ativo e incisivo, me intrometendo no meio das idéias dos alunos e não espero que eles venham até mim, pois eles não vêm. (PD) Acho necessário, o convite intermitente do começo ao fim da aula. Como que se o que eu dissesse</p>
--	---

<p>3- estar atenta às especificidades familiares de cada criança e respeitar isso</p>	<p>naquele momento(Em todos os momentos) fosse o principal ponto da aula, tornando a aula, um grande pacote de momentos indispensáveis. Eles já conheciam o que eu ia dizer e até um aluno disse: “Fessor, o senhor já falou sobre isso!” Na verdade o que eu havia feito era um questionamento na aula passada e que alguns alunos opinaram e outros leram o livro. Acho isso fundamental</p>
<p>1- atendimento individualizado em sala de aula com alunos com dificuldade – “até pegar na mão”</p>	<p>Pude perceber pela interação ocorrida na aula e pelas notas alcançadas, que a turma em geral respondeu bem ao modelo de aula proposto. Mas vale a pena lembrar que esse tipo de aula nem sempre dá certo. O aluno responde bem quando recebe uma aula que é “invasiva”, que chega até ele de uma forma ou de outra e que obriga ele a querer prestar atenção, mas quando esse tipo de aula é muito freqüente, ela acaba sendo monótona assim como todos os tipos de metodologias possíveis de serem aplicadas. Eu repetiria, pois o resultado foi muito satisfatório. Talvez tentaria puxar um pouco mais a atenção de alguns alunos que já se isolam naturalmente. Infelizmente alguns estão em sala somente para adquirir um diploma de 2º grau. Mas eu não desisto deles, embora às vezes fuja ao controle. (RS e DP)</p> <p>No dia da aula, foi escolhida a aula expositiva. Normalmente eu começo com uma aula só de questionamentos, Aquela foi a 4ª prova e última do ano, aplico o mínimo de avaliações escritas que eu considero ainda necessário, somente 35 pontos foram destinados a avaliações escritas e 75 pontos a outras formas de avaliações.</p>
<p>3- se apega a alguns alunos em especial</p>	<p>PROFESSOR 5- DALE</p> <p>eu levava a aula sempre diferente, nunca era só na sala de aula, às vezes era debaixo da árvore, fazendo pesquisa.</p> <p>Fui trabalhar numa creche e lá eu já comecei a levar a Matemática de uma maneira diferente das quais eles estavam vendo, porque eram professoras que tinham se formado há muito tempo. Eu levava jogos, trabalhei com material dourado para ter relação número-numeral. Minhas aulas eram sempre assim, bem divertidas, bem construtivismo mesmo, igual era a proposta da creche onde eu comecei a trabalhar.</p>
<p>3- elaborar regras com os alunos que são realmente cumpridas</p>	<p>Comecei a fazer o relacionamento com a parte pedagógica que eu tive na faculdade no segundo ano, lá na escola, trabalhando sempre com a psicologia com as crianças, vendo o problema.</p> <p>O plano de aula; tinha que ser o plano de aula. No meu ponto de vista acho super errado o jeito que ensinam: tabuada decorada. Não é decorada. Tabuada tem que ser aprendida, o aluno tem que aprender tabuada. Porque se você não sabe tabuada, você não sabe matemática.</p>
<p>3- busca o equilíbrio entre as brincadeiras e a imposição de limites – punições inadequadas – ficar sem recreio, sem educação física</p>	<p>Outra coisa que eu esqueci de dizer é que a turma de oito anos que eu trabalho hoje é muito rebelde. Quando eu fui convidada para trabalhar na escola, foi como apoio pedagógico. Um apoio para os alunos de oito anos que tinham dificuldades. Quando me convidaram eu falei: - Aceito, mas, com uma condição. A sala não cheia, porque uma sala cheia não tem produtividade. Eles me colocaram que teria o mínimo de alunos possível. Bem melhor, porque tem como você dar um atendimento. Só que na verdade, eles pegaram os alunos com maior dificuldade. Quando eu cheguei na escola os alunos não sabiam nem escrever o nome. Tinham que copiar de ficha. Os meus alunos são alunos rebeldes. Pais separados, brigas dentro de casa. No primeiro dia quando cheguei na escola, as professoras chegavam: - Nossa é você que vai dar aula para esses meninos? Pensei: - Meu Deus, que será isso? Eu fiz uma roda e comecei a questionar a vida de cada um. Quem mora em casa. Tenho até isso escrito para sempre eu estar com o cuidado de estar falando com os alunos, porque tem alunos que não moram com os pais. Moram com tios, outros com os avós. Tenho que ter sempre o cuidado: - Vou chamar sua mãe, vou conversar com ela. Não posso, porque mora com a avó é devido ao abandono dos pais. A maioria dos pais mexem com droga. Eu tenho uma aluna que ela perdeu o pai recentemente. A mãe faz um ano e o pai faleceu agora dia quatorze, com Aids. Ela é uma aluna muito carente. É a única da minha sala</p>

<p>1- trabalha muito com filmes e reflexões sobre eles</p>	<p>que eu a minha supervisora analisamos que não tem problema mental. O resto, todos tem. Então eu dou um atendimento muito individual para os meus alunos. Tenho dez alunos. A minha sala era de apoio, a secretaria mandou fechar. Nós lutamos para ficar como ensino regular, mas com crianças que têm dificuldades. É uma sala especial, digamos assim. Lá eu dou atendimento individual a cada aluno. Se não da conta eu pego na mão. Percebi que do método que eu estava trabalhando eu consegui alfabetizar dois, que aprenderam a ler porque se esforçaram e saíram de minha sala. As duas saíram de minha sala e entraram mais dois. Um foi eu que optei por ele. Ele é inteligente, ele sabe, só que é aquele aluno que ninguém quer ele. Ele estava para ser expulso da escola. Eu interfeiri e disse: - Não ele não vai ser expulso, ele vai para a minha sala. Por quê? Porque ele é uma criança carente. Ele não tem carinho em casa. Por ele ser uma criança muito agitada, ele é custoso. A gente não pode estar falando, mas ele é muito agitado, agressivo. Ele é muito agitado e eu pensei que ele tinha problemas de tão nervoso que é Aliás, tinha dois, e um eu troquei porque os dois não podem ficar na mesma sala, porque eles são muito agressivos. Eles são agressivos de mais da conta. E esse aluno, não sei por que, desde que eu entrei na escola eu tive um carinho muito grande por ele. Eu gosto, gostava muito, do outro aluno. Encaminhei ele para uma psicóloga porque ele precisava, eu consegui uma amiga psicóloga que está atendendo ele. Só que eu tive que mudar ele de sala e peguei esse outro aluno. Ele é muito, muito agitado, só* que eu gostei dele e fiz uma proposta; que ele fosse para a minha sala, mas que cumprisse as regras. Na minha sala tem os dez mandamentos que eu e os alunos, criamos. E eu perguntei se ele estaria de acordo. Diz que estaria. Ele foi, só que de manhã ele já foi suspenso. Cheguei e perguntei: - Mas não é possível, o que você aprontou?*** E ele disse: Ele implicou e eu bati. A gente não pode ficar batendo nos colegas, porque isso não resolve problema de ninguém. Temos que conversar. Chama a professora e vamos ver o que aconteceu. Ele voltou para a minha sala. As aulas começaram ontem de manhã eu já tive reclamação dele. Já está o caderninho, que se ele fizer mais alguma coisa...E eu sempre, não que eu queira ameaçar ele, mas eu sempre tenho que lembrar que ele está na minha sala sob condições. Porque eu não posso deixar de ser uma professora que impõe limites. Porque eu às vezes brinco muito, mas às vezes eu também imponho limites. Os meninos às vezes têm medo de mim, não é porque eu sou uma professora brava, mas é porque eu imponho limites. Não pode, não pode. Você não vai para o recreio*** hoje, porque você fez isso, isso, e você vai ficar me ajudando. Também deixar sem fazer nada, eu não deixo. Esse aluno ontem já me criou problema. Mas ontem eu fiz uma aula diferente. Eu não dei aula, eu fiz uma festa na sala. Eu fui no dia anterior e enfeitei a sala. Coloquei bexiga, enfeitei o painel, mudei totalmente e tranquei a sala, porque eles ficam um dia inteiro. Tranquei a sala e ainda por cima coloquei um durex atrás da porta para eles não verem. Eles morreram de curiosidade. Na hora que eu cheguei na escola: - Professora o que tem aqui dentro? Falei: Surpresa. Na hora que eles entraram na sala eles ficaram assim, encantados, porque é uma sala que eu procuro estar trazendo sempre limpa, porque a escola está precisando de reforma. Mas eu sempre procuro tapar os buracos com desenho, eu coloquei as bexigas. Eles adoram bexigas. Eu brinquei ontem com bexiga com eles. Porque esse negócio de primeiro dia de aula que você vem, a primeira coisa que a professora pergunta é: - Como foram suas férias? Pelo contrário, eu deixei eles brincarem. Não queria saber como foram as férias deles. Coloquei música, dançaram. Fiz uma dinâmica com a bexiga, trabalhando com a lateralidade; direita, esquerda, cabeça, pé. Eles adoraram. Depois nós fomos brincar de estourar a bexiga. De um encontrar o outro e estourar. Eles adoraram. Querem brincar de novo, hoje. Trabalhei com isso ontem. Alunos gostam de aula diferente. Não é aula de escrever, de ficar escrevendo no quadro, aquela coisa cansativa. Às vezes, quando eles estão muito agitados, eu falo que eu só estou amortecendo a mão deles, que hoje tem muito texto. Mas não é. Eu só faço brincando. Eles se auto corrigem: _ Vamos ficar caladinhos que a tia passa menos coisas. auto-correção ou lidar com a</p>
<p>3- resgatar a infância com brincadeiras</p>	<p></p>
<p>3- procura deixar os alunos tomarem iniciativa e orienta (algumas vezes)</p>	<p></p>
<p>3- equilíbrio entre o afeto e o rigor</p>	<p></p>

3- ter que seguir as regras da instituição contra o que acredita – não segue, se rebela, já teve problemas com isso

punição?) Porque são crianças agitadas demais. As professoras falam: - Nossa, se eu fosse você já tinha pedido licença. Falei: - Não, que isso. Toda semana eu tenho que levar eles na biblioteca. Como eles não dão conta de ler, não adianta pegar um livro de literatura e dar para eles lerem, porque eles vão ver as figuras. Faço isso, mas de um modo diferente. Eu propus para a minha supervisora que eu estaria levando os filmes onde temos que preencher uma ficha e que têm que ser educativos, eu falei para ela: - Você me autoriza a passar filmes diferentes? E ela me questionou por que. Eu falei assim: - Essas crianças são agressivas, elas perderam a infância delas, elas não têm isso. Vocês conhecem os alunos, vocês sabem que eles são agressivos. Se eu passar um filme educativo ou qualquer filme que tem na biblioteca e que vocês passam, os meus alunos não vão prestar atenção, porque aquilo lá não é de interesse deles. Então, eu pretendo começar assim, eu vou passar esses filmes, mas isso para o final do ano. Antes eu vou resgatar a infância, porque eu acho isso importante. Coisas que eles não tiveram. Que foram puladas, porque pai não leva o menino para brincar. Na minha sala é proibido apelido. Bem, eu procuro agora estar sempre levando os filmes infantis. Eu chego na locadora e a moça já sabe que eu quero um filme infantil. E eles adoram. O resultado que eu tenho é excepcional. Eles são dez. Às vezes eu junto com a outra professora que tem quinze, eles falam assim: - Puiu, eu não estou ouvindo. Eles pedem, beliscando para o colega ficar calado. Não preciso nem pedir. Eles já se policiam, falando que querem assistir o filme. Agora eu estou abrindo exceção. Essa semana eu já pedi para que eles pensem no filme que eles querem assistir na quinta feira. H – Deixando eles tomarem a iniciativa. D – Isso. Ontem um me pediu um filme..., eles querem ver um filme que saiu agora. Eu esqueci o nome agora. Aí o outro falou assim: - Não, esse aí não pode. Eu falei: - Porque, você já assistiu? E ele disse: Já tia e ele tem um pouquinho de luta. E eu falei assim: - Ah, então nós vamos ter que pensar em outro filme, né? Porque, por enquanto, eu não posso dar. Eu tenho que deixar essa parte infantil. Eu falei: - Já sei, vamos assistir o Cento e um dálmatas? O novo que saiu agora? Eu tenho um aluno que não gosta de nada que disse: Não, não vou não. Falei: - Então eu vou deixar você escolher o filme. Escolhe o filme que você gosta. Mas não adianta. Ele tem problemas, que ele não consegue concentrar. Eu não consegui ainda descobrir nele o que faz ele concentrar. Porque ele não concentra em nada, nada, nada. Então eu estou com esse problema com ele. Eu sou uma professora boazinha, na hora que tem que por no colo, dar carinho, dar beijo, eu dou. Eu abraço, eu saio da escola lambrecada de beijos das meninas. Não tem problema. Mas na hora que eu falo que é não, que nós não vamos fazer isso, nós não vamos fazer isso. Eu explico o motivo por que não pode. Olha, hoje ele não vai para a educação física***, porque ele não fez nada durante a semana e ele está brigando. Brigando com os colegas..., então, ele vai ficar comigo aqui na sala de aula e eu ia trabalhar com ele o que ele estava com dificuldade. Para mim a primeira impressão é a que fica. Para o aluno, quando você chega com muita liberdade, o aluno já tem essa liberdade. Agora, se você já chega e fala: - Eu gosto de ser assim, assim, assim. Nós vamos trabalhar assim, assim, assim. Tem hora para isso, tem hora para aquilo, tem hora para tudo. A diretora não deixou eu fazer isso. Ela falou que eu tinha que chegar com um sorriso no rosto, que eu tinha que deixar fazer praticamente o que eles quisessem. O que acontece? Eu não concordei muito não. Mas como eu era empregada eu tinha que ir. Falei: - Não, então tá. No meu ponto de vista como educadora, que eu aprendi, aluno tem que ter punição, porque senão ele perde a noção do que pode do que não pode. Do que é o certo, do que é o errado. Então, os alunos perdem isso. Então eu não concordei. Eu não concordei e comecei a agir do meu jeito. Quer saber de uma coisa? A sala é minha. Ela manda na escola, mas eu mando na sala. E comecei

	<p>a trabalhar do meu jeito.</p> <p>Eu não seguia muito o meu projeto não, porque eu buscava nos alunos a necessidade que eles precisavam. Eu comecei a dar conjuntos e como era colegial e eles já tinham visto desde a quinta série, mas você acredita que cheguei lá, tinha um que era representado pelos números reais e um aluno me disse: - Professora, isso é reais representando dinheiro? Eu olhei para ele e disse: - Douglas, você tem certeza que você está me perguntando isso? Como nesse dia tinha poucos alunos, eu disse: - Você está brincando comigo, né? E ele falou: - Não professora, porque esse símbolo eu não lembro dele mesmo. A minha madrinha é professora de matemática de quinta a oitava. Eu peguei e busquei recursos com ela. Perguntei a ela: - Como eu posso estar ensinando para eles? De uma maneira diferente. Porque você nunca consegue nada sozinho, você sempre precisa da ajuda do outro. Ela me disse: - Vou te dar uma idéia. Comece a trabalhar com família. Cada número tem a sua família. Nos números naturais, existe a família. Faz uma comparação com uma árvore genealógica.</p> <p>Fiz a árvore e disse que esse se junta a aquele até chegar nos reais. Expliquei de maneira bem legal. Fiz no quadro. Você não acredita que eles aprenderam? Aprenderam de um jeito diferente, porque eles sempre chegam no quadro e colocam lá..., esses representam os números naturais e é isso; isso representa o outro e é aquilo.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>As aulas nem sempre são teóricas, isto depende do conteúdo, quando é matéria nova procuro deixar bem claro e fixar com atividades de memorização, procuro levar cartaz com as gravuras, assim a criança assimila as palavras com a gravura, os alunos conseguem aprender com um excelente resultado.</p> <p>No início do ano fizemos um Plano de Curso das matérias dadas para o ano letivo. Como sempre fiz uma avaliação diagnóstica para saber o nível deles, assim saberia qual o tipo de atividade poderia aplicar nesta turma. Como você faz avaliação diagnóstica? Pergunto sobre a família, brinquedos que eles gostam, jogos, atividades lúdicas e concretas. Tiro minhas conclusões a partir disso. Durante os dias 18, 19 e 20/10 (dia da filmagem) estava no planejamento do bimestre, e no plano de aula onde é conferido pela supervisora, onde há alterações com sugestões da mesma, às vezes é alterado dependendo do rendimento da turma, estou sendo acompanhada pela pedagoga da escola, pois é uma turma especial.</p>
<p>RELAÇÃO PROFESSOR-ESCOLA</p> <p>2- instituição não ofereceu respaldo para o trabalho</p> <p>1-se envolver com seu local de trabalho</p> <p>3- ter bom relacionamento com colegas de trabalho</p> <p>1- não concorda em ser autoritária – quer ser mais amiga dos alunos</p> <p>1- acredita em uma</p>	<p>PILOTO</p> <p>Para seguir com os meninos, porque é uma dificuldade minha. Porque eu não sei a matéria que ela deu, (<i>professora da classe anterior a ela</i>) o plano de aula dela não foi me dado, não foi passado para mim. Então eu comecei de um ponto que estava marcado no meu livro, eu comecei daquele ponto, sabe? Tal () estava marcado:: tipo::para o bimestre, uma chave no livro. O bimestre, mas não deu para ela ver tudo, então ela fez uma::setinha, começa daqui, então eu estou começando de onde ela marcou.</p> <p>E ter amor pelo local que você trabalha. Eu acho que o professor tem que ter muito disso. Tem professor que trabalha naquele lugar, mas sai da pelo portão falando cobras e (largartos) do lugar, sabe? Eu não. Eu procuro falar bem do lugar que eu trabalho, bem das pessoas que trabalham comigo, porque são pessoas que convivem comigo, que estão ligadas ao meu cotidiano, ao meu dia a dia. E me englobar mais na escola, sabe?</p> <p>PROFESSORA 1 – ANE</p> <p>Me passam assim, que eu tenho que chegar lá e eu tenho que mandar, em tudo. Tudo assim, eu tenho que ser...só a minha opinião e pronto. Eu não sou assim. Eu brinco com os meninos na hora que eles querem brincar, eu brinco com eles, mas assim, a hora de falar sério, eu falo sério. Mas me passam uma coisa que eu não posso ser assim, que eu tenho que ser séria, que eu não posso brincar nunca. Se eu vou dar uma prova, eu falo “não, eu vou dar essa prova, essa parte assim, essa parte vou dar mais fácil”. Não, eu tenho que cobra muito deles. Eu acho que não tem que ser só assim. Porque prova, eu acho que não mostra o conhecimento do aluno. Porque ele fica nervoso ali na hora. Só o</p>

<p>avaliação diferente do que a escola acredita</p>	<p>nome prova já deixa todo mundo nervoso. Então eu acho que não é desse jeito. Então, eu Anelise, não vejo dessa forma que eles passam. Então eu tenho que ser uma coisa lá, que eu não sou. Sabe? Que eu gosto de brincar. Se eles estão brincando, eu brinco com eles. Mas a hora de estudar e falar sério, eu falo sério.</p>
<p>1- ser uma pessoa que não é para seguir as regras</p>	<p>Me vejo lá dentro assim como uma amiga deles. E não é o que eles querem que eu seja. Quer que eu entre lá...sabe, a aula tem que ser assim e vai ser assim e pronto. Tipo...quartel sabe? Você chega e tem que...impor regras e...é você e pronto. Acho que não é certo.</p>
<p>1- não acredita em ter que fazer pelos alunos para que o material fique bonito – como quer a instituição</p>	<p>Ser professora hoje é um pouco difícil, pois muitas das vezes eu tenho que ser uma pessoa que eu não sou. Eu sou obrigada a mostrar qualidades ou defeitos que eu não tenho, ou seja, eu sou obrigada a cumprir regras. Bom..., primeiro eu tenho que ser o que eu não sou, né?; lá dentro. Tenho que fazer o que eles mandam porque a gente cumpre regras () como se diz, né?; tem que fazer o que eles querem. Então eu acho um pouco difícil lidar com isso. Não tem como você contornar. Tem que ser e pronto. Quando eu vejo que está assim muito, aí eu diminuo um pouco. Mas tem que ser do jeito deles</p>
<p>2- diferenças entre instituições, dificuldades em se adaptar</p>	<p>As vezes a minha chefe vai na minha sala e olha os cadernos dos meus alunos e fala que é para eu fazer as margens, e eu, não acho certo. Eu acho que mesmo não estando perfeitas tem que ser feitas por eles</p> <p>FILMAGENS: As atividades são escolhidas por mim, porém as mesmas são analisadas pela pedagoga da escola.</p>
<p>1- muita coisa a favor do aluno – “passar a mão na cabeça” – professor tem poucos direitos</p>	<p>Onde busca as novidades? Você cria baseado em tudo o que você aprendeu até hoje? Algumas atividades eu crio, outras busco em livros e apostilas e as vezes troco material com outras professoras. Eu escolho as atividades, mas as mesmas são analisadas pela pedagoga. Quando tem alguma coisa que ela não concorda analisamos juntas a atividade.</p>
<p>3- distância entre equipe pedagógica e professores</p>	<p>PROFESSORA 2- Eu trabalhei dois anos em uma escola; o diretor era assim muito livre, muito aberto. Se eu pedisse material, tudo bem. Aí você vai para outra escola; igual lá no C., eles falam assim: “Ah, R., você faz isso, apostila...”, você faz, procura, tem xerox. Aí, você vai, igual ontem, eu pedi para tirar xerox: “Olha, R., não vai dar para tirar xerox”. Então você fica perdida. Ou você faz ou você não faz. Como agradar? Sabe? Então eu tenho essa dificuldade. Não sei que caminho precisa tomar. Igual ontem, eu falei para a C.: (<i>supervisora</i>) “C., eu tenho que tirar esse xerox, () aqui é artes você tem que ter a imagem, trabalhar a imagem. Ela falou: “É trabalho?” Eu falei: “Não, tudo que eu dou para os meus alunos, eu sempre faço uma avaliação”. Tem que ser feita. Ela falou assim: “É, mas aí eu vou ter que falar com a M., porque não pode tirar xerox”. Como que eu faço? E na outra escola que eu trabalhei, eu tinha xerox à vontade. Sabe? Então , eu sinto essa dificuldade na escola, às vezes, de estar conversando, de estar pedindo. eu acho assim que...é muita coisa a favor do aluno. Passa a mão, muito, na cabeça do aluno. Tudo é o aluno. Só o aluno tem direito. Por mais que você faça, tem seus direitos de professor? Tem. Mas eu acho que é mínimo diante do aluno. Porque eu acho que a favor é só dele. Sabe? Igual essas reuniões. Todas as reuniões. Todas escolas que eu já passei, tudo é a mesma coisa: “Cuidado que a clientela que nos temos é essa. Você tem que ajudar. Você tem que passar a mão na cabeça. Você tem que ajudar”. Não é assim. eu acho difícil também hoje, assim, o limite, a educação na sala de aula. Porque esses alunos que não têm uma estrutura em casa. Que não têm uma educação, assim, na sala é difícil; você manter...entendeu? Tipo assim: “Fulano, assim, assim..” “Ah, professora, estressa não, isso é normal”. Entendeu? Tudo para eles é normal. Eu acho assim, a educação, o limite hoje, na sala de aula, eu tenho dificuldade de lidar. Eu acho que é um desafio para mim.</p>

<p>2- falta de material para todos os alunos</p>	<p>Então eles ficam assim: “Dê uma prova estilo vestibular”. Me deu o modelo da prova. Elaborei. Levei, deu visto. Tudo bem. Aí, os meninos..., teve uma sala, que saiu mal. Uma sala fraca, que não tem disciplina, mais custosa. Reclamou que foi uma prova muito puxada, uma prova difícil. Quer dizer, eu cheguei, fui na direção: “Você não pediu uma prova a nível de vestibular? Está aqui a prova de modelo, e o que eu elaborei. Sabe? Então, assim, eu acho que a gente não está encaixando, a gente não está entendendo um ao outro. Está distante. Porque um fala uma língua, o outro fala outra. Sabe? Até agora, eu quero sentar e conversar com a S. e com a M. para ver que caminho a gente vai tomar. Porque senão, a gente vai até chegar no fim do ano. Não sei se vai. Cada um num caminho. Porque eu falo qualquer coisa, ela fala outra, a outra vem e fala outra. Então o que eu acho muito difícil, é isso, é muito complicado. E assim, eu não..., não concluí nenhum trabalho que eu ficasse satisfeita ainda, em termos, assim, de material. Se você pede, eu tenho quarenta e oito, cinqüenta, cinqüenta e quatro alunos na sala de terceiro. Três, quatro, levam material. O que que eu faço com a maioria? Então eu não vou trabalhar só com os três alunos que levaram material. Aí eu tenho que dar aula para a sala inteira. Sabe? Então eu estou assim, eu acho que eles são muito distantes, muito distantes da arte. Muito.</p>
<p>3- colegas que invadem o espaço, não respeitando estilos de vida</p>	<p>FILMAGENS: Relação entre escolha e desenvolvimento das atividades e avaliações e questões da escola. Geralmente, a escola faz algumas sugestões de assunto ou projeto desenvolvido pela comunidade escolar e dentro dessas sugestões o professor faz sua escolha.</p>
<p>1- seguir regras com as quais não está acostumado – muita burocracia</p>	<p>PROFESSORA 3 Aí chega na hora do intervalo: “Oh! A professora come fruta” eles ficam me zuando, eu acho aquilo errado. Eu fico irritada. Segurando para não responder, porque eu também sou arretada na hora de responder. Eu fico segurando para não responder. Eu Falo: “Ai meu Deus, me dê forças”. Porque é complicado. Porque a pessoa invade o seu espaço e depois ela não quer que você dê o retorno. Ação e reação. Segunda lei de Nilton. È complicado.</p>
<p>2- diferenças entre escolas em termos de hierarquia e autoridade</p>	<p>FILMAGENS: Nada</p>
<p>3- tem boa relação, sente segurança e autonomia</p>	<p>PROFESSOR 4 Uma dificuldade também é andar um pouco na linha da escola, que é cheio de coisa, de normas que a gente não está acostumado. É um monte de sigla, é um monte de..., ah! Poxa! Para você passar um aluno para a direção, o aluno é indisciplinado, tem que fazer assim, tem uma série, uma de hierarquia de fatores que você tem que seguir passo a passo, para você chegar ao ponto de advertir um aluno. Você tem que assinar o ponto. Acho isso muito estranho, sabe? Apesar de a escola onde eu estou – eu trabalhei em outra escola antes, mas eu trabalhei foi como substituto e eu não considero isso como efetivamente um trabalho como professor; eu trabalhei foi por muito pouco tempo. E lá eu tinha uma relação hierárquica muito forte. Professor era professor, o resta era: “Ah! Você não olhe para mim não” – Agora ali onde eu estou agora eu tenho uma relação muito próxima com as pessoas que administram, e eu acho que isso daí deixa o professor muito à vontade. Isso daí deixa a gente muito tranquilo para trabalhar. Eles te dão autoridade total da sala, mas uma autoridade lúcida. Não é para você fazer..., é lógico que eles têm um controle do que a gente faz, claro, eles não são bobos. Mas eles te dão uma segurança de você trabalhar e expor aquilo que você realmente pensa. Então eu acho que essa parte da direção, é muito importante para que a gente consiga desenvolver um trabalho muito bom. E eu pensei, por ter tido essa experiência anterior, que eu seria atrapalhado por isso Então às vezes eu tinha dificuldade. Tinha que pegar autorização, daí três semanas, não sei o que...É lógico, certo, eu concordo que os pais têm que concordar, mas às vezes faziam um pouco de corpo mole. Dar condição para a</p>
<p>3- problemas com colegas por ter poucos alunos em sala</p>	<p></p>

<p>3 (?) – falta de respeito de colegas para com os alunos</p> <p>3- problemas com a direção por discordâncias quanto ao método de trabalho – o fato chegou até a Secretaria de Educação e ao chefe do Executivo</p>	<p>gente trabalhar é muito importante. Eu achei que eu teria dificuldade, mas graças a Deus, com a minha administração lá eu tenho só o que agradecer, só o que elogiar, ali é espetacular mesmo.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Relação entre escolha e desenvolvimento das atividades e avaliações e questões da escola.</p> <p>A escolha das atividades realmente fica acorrentada às restrições físicas e didáticas da escola. Por exemplo: Eu, professor Pablo, de biologia, não posso ter acesso ao laboratório. Somente os professores de laboratório podem, outro caso é a exibição de vídeos, existem tvs, vídeos, dvs, mas não existem cabos de transmissão de imagem, pois os próprios professores acabam com esse equipamento.</p> <p>Existem restrições, mas existem outras alternativas. Escrever a prova no quadro quando o xerox não funciona (vídeo); dar aulas ao ar livre, levar a natureza para a sala de aula, usar a imaginação dos alunos para fazê-los ver em minhas palavras as visões que eu mesmo presenciei e fazê-los viver suas próprias experiências(cerrado) e reconhecer o que foi dito a eles na sala de aula em momentos de seu dia a dia(efeito estufa).</p>
<p>3 (?) - questões pessoais (de outras pessoas) interferindo nas profissionais</p>	<p>PROFESSORA 5</p> <p>Eu já tive problemas na escola com professoras, porque eu só tenho dez alunos e tem professoras que a sala são de vinte a trinta. Já senti uma certa implicância por causa disso. Por causa da minha sala ser menor e eu estar passando filmes diferentes para eles. Então eu sempre escuto falando: - Eles são puxa saco dessa professora; ela pode fazer isso. Um dia eu sentei com uma professora, porque eu não gosto de conversa mal entendida. Eu sentei no recreio e disse: Olha (), o negócio é o seguinte, eu tenho dez alunos, se vocês quiserem que eu vá para a sala de vocês, e vocês quiserem ir para a minha, com maior prazer; comigo não tem problema, eu me adapto com qualquer turma. Ninguém quis, porque é bom criticar, apunhalar, jogar pedra, isso é ótimo. Mas ninguém quer assumir, não. Eu falei: - Se vocês quiserem, vocês têm total liberdade para isso</p> <p>Uma professora que sempre...: - Você quer ir para a minha sala? Eu te dou de coração. Eu vou para a sua. Ela disse: Não, eu não quero aqueles capetas não. Aqueles capetas de jeito nenhum. E eu falei: - Não, eles não são capetas, não. Eles são alunos que têm um pouco mais de energia que os outros e precisam de atenção especial</p> <p>Eu enfrentei um problema com a diretora. Por quê? Porque a diretora não concordava com meu método de trabalho. Porque você não poderia chamar a atenção de alunos.</p> <p>A minha sala ficava bem de frente para ela, e estava começando dar resultado. Ela pegou, houve um problema pessoal, que uma amiga dela que foi chamada, ia voltar e queria pegar aquela escola. Pegou e fez uma carta me colocando..., essa foi a parte mais triste da minha carreira docente. Todos esses anos que eu trabalho, que eu me dediquei, essa foi a parte mais triste que eu passei em minha vida. Nunca vou esquecer, que ela escreveu uma carta para a então secretária da educação do outro governo, dizendo que eu agredi alunos, que eu dava puxões, beliscões, que eu batia no quadro, que eu batia na mesa. Primeiro que nem mesa eu tinha na minha sala. Ela fez uma carta argumentando que eu não segui as regras da escola, que ela sentou para conversar comigo e eu virei as costas e não dei atenção. Então ela acabou comigo. Só que eu não fiquei quieta. Eu fiz uma carta. Para a secretária não resolvia, porque a secretária era do lado dela. Para o prefeito. E falei que ela tinha me ofendido com o que ela</p> <p>Escrevi uma carta para o prefeito e vigiei o portão. Fiquei um dia inteirinho lá por onde ele saía. Entreguei a carta na mão dele e falei: Quero uma resposta sua, porque senão eu vou até Sacramento na sua mãe e entrego para ela. É, porque a mãe dele mora em Sacramento perto da casa de uma tia minha, então já sei. Falei: - Vou até Sacramento e entrego a carta para a sua mãe. Porque eu quero uma providência. Isso não aconteceu e a gente vai resolver esse problema. Porque o meu nome ficou sujo. Como se eu tivesse feito aquilo, e</p>

	<p>eu não ia admitir aquilo. Fiz a carta para o prefeito e ele leu a carta e pediu para que eu fosse lá para fazer uma reunião com todo mundo. Resumidamente? Resolvi o problema. Só que voltar para a escola eu não ia. Porque a vaga era minha. Trabalhar lá com ela eu não ia. O que eu ia fazer? Eles me ofereceram, porque era ano político – foi um pouco de falta de ética da minha parte, mas eu tinha que usar meus argumentos, as minhas armas – Eu falei: - Se vocês não resolverem eu vou na oposição, vou contar tudo e vai sair na primeira página do jornal como vocês tratam os professores. É como vocês querem. Porque eles falaram que eu dei problema em todas as escolas que eu passei. Quando falaram isso, eu fui em todas as escolas que eu passei e pedi para a supervisora fazer um relato de como eu fui. Não tive problema com nenhum. Mostrei e está lá, tudo protocolado, bonitinho. Porque a hora que eu contei para a professora, porque geralmente é a supervisora que acompanha o professor, quanto eu contei isso ela disse: - Eu não acredito. Eu falei: - Pois é, está acontecendo isso e isso. Ela escreveu que não tinha cabimento uma professora fazer aquilo, me conhecendo como ela me conhecia. Mostrei e a diretora escreveu uma nova carta dizendo que havia errado, que ela tirou conclusões precipitadas. Até então, resolveu o meu problema. Só que eu falei: Quer saber de uma coisa? Vou descansar. Porque até em julho eu estava no terceiro ano de faculdade. Foi no começo do ano. Eu falei: - Não, eu não quero trabalhar com vocês mais. Porque vocês vão fazer de mim um pingue pongue. Porque foi assim no começo do ano. Eu para uma escola ficava três dias, ia para outra escola. Não dava tempo nem dos alunos conhecer meu nome, saber como me chamava, eu saber o nome deles. Eu acho isso uma coisa muito feia. Não, vocês vão me fazer de pingue pongue até achar uma sala para mim, não. Eu saí, fui trabalhar em outro ramo e esse ano eu voltei para a escola. Dentro dessas três situações eu já falei que são as professoras que eu tenho problemas, mas que a minha sala está aberta, se alguém quiser ir lá pegar ela... Outro problema que eu vejo enquanto estagiária, enquanto professora, enquanto aluna mesmo, lá na faculdade, são os métodos de aprendizagem dos alunos dos anos anteriores. Como assim? O aluno aprende..., vou relatar um pouco do meu estágio, que eu observei no meu primeiro ano. Eu tinha alunos até do terceiro ano em minha sala. Não podia, mas eu falei: Se é para aprender, vamos aumentar, sejam bem vindos. O que eu percebi nos alunos que eu comentei com o meu professor orientador, é que o problema estava nas séries anteriores. Isso vem lá de trás, porque o aluno aprende de uma forma mecânica, então ele vai trazendo aquilo lá mecanicamente e isso não está certo. Foi quando eu mostrei uma outra forma de estar trabalhando com os alunos.</p> <p>FILMAGENS: Nada</p>
<p>RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO 1- liberdade entre professor e aluno</p> <p>2- não fica limitada à matéria – orientar em todos os sentidos</p> <p>1- busca o diálogo</p> <p>1- ser amigo, companheiro</p>	<p>PILOTO mas eu gosto quando eu fa...Para mim, eu acho essencial a liberdade entre professor e aluno</p> <p>minhas alunas me tratam como amiga. E eu trato a elas como amigas. Eu não deixo o que elas estão fazendo--tanto dentro como fora de sala--coisa errada-- Não faz isso. Isso não é coisa de uma menina da sua idade--falam de namorado. A gente já conversou então--problema com negócio de namorado, sabe? Eu falo para elas: -Gente não está na idade.-- não fica limitado só a matéria, sabe? Tem aquela relação professor aluno dentro da sala de aula, mas fora de sala a gente tem uma unidade...sabe? Eu acho isso muito importante para a minha profissão. Porque eu sempre tive desde pequenininha professores--Não menino, não faz isso que isso está errado. (Não), eu gosto mais do diálogo. () Gente, vamos prestar atenção.Isso é importante para vocês Então, eu acho assim que, a função de um professor não é ficar limitado à sala de aula. O professor tem que ser aquele...Ele tem que ser amigo, companheiro. . Agora eu vejo uma necessidade muito grande de ser amiga de meus alunos. Por quê? Porque o tanto que eu já vi a:::de uns anos pra cá, mudou muita coisa. Nossa Senhora...E:::tipo, eu na quinta série, eu nunca podia imaginava que namorado. EU brincava de boneca. Os meninos agora, um trem para</p>

<p>1- vai ao cinema com os alunos nos finais de semana</p>	<p>namorar. Tipo, encontrar no shopping – Nossa, A! Eles não me chamam de professora, são poucos os que me chamam de professora. Eu prefiro que me chamem de Andrezza. Ou agora eles estão me chamando (), sabe? E eu gosto disso. Eu acho que é uma atividade necessária para mim como professora e para eles como alunos, porque eu tendo essa relação, fica mais fácil eu chegar neles e dizer o que eles fizerem errado, e fica mais fácil deles chegarem em mim quando eles tiverem algum problema – professora você pode me ajudar nisso? Posso, claro. Sempre vou estar aberta para os meus alunos. Alguns têm até meu telefone. Tem final de semana que eles ligam – Ah!, vamos no cinema? Hoje não dá, mas na semana que vem dá, sabe? E eu acho isso muito gostoso, sabe? Trabalhar assim com os meus meninos. Eu acho importante, porque é uma coisa::mais::amiga mesmo, uma amizade. Os meninos me escrevem cartinhas (oh nossa) amizade eterna ()</p>
<p>1- procura pensar com a cabeça deles</p>	<p>Tanto como amiga de bagunça, como professora, fora de sala de aula eu posso usar () Também posso entender, sabe? Eu tenho uma aluna, ela tem cinco irmãos; quatro irmãos, com ela são cinco. É ela quem cuida da casa, é ela que arruma os irmãos para irem para a escola. Eu nunca tive isso dentro da minha casa, porque minha mãe foi dona de casa, trabalhou em casa. Eu vejo nela um comportamento que ela têm; com a minha idade eu não tenho a cabeça que ela tem. Ela tem onze anos, sabe? E ela é uma menina séria, sabe? Se você vê-la brincando, é muito triste, sabe? E agora a gente sai, eu brinco, eu falo – Não, você não pode fazer assim, tem responsabilidade de casa. Tem, eu falo () ser menina você () tem que brincar, tem que correr, tem que jogar bola, tem que olhar os moços. Eu falo desse jeito. Tem que olhar os moços () (sorriu) Eu tenho um aluno na sexta série que está com muita dificuldade, ele chegou em mim – professora eu preciso muito conversar com a senhora. () chegou – olha eu estou com dificuldade nisso, por causa disso, disso, e disso. Então a gente pode sentar, conversar. S se você quiser eu venho aqui de manhã para dar uma aula de reforço. Podemos rever a matéria. (desde quando) você não entendeu? Eu acho isso muito importante, quer disser, ele viu a dificuldade dele, ele deu um espaço dele chegar em mim e falar para mim que ele estava com aquela dificuldade, sabe? Eu acho isso super importante. Então, eu procuro fazer uma ponte entre como eu sou, e como os meninos são hoje Procurar pensar com a cabeça deles. E::eu gosto que os meninos cheguem em mim – Nossa professora! Você é tão legal, sabe? Isso é bom para o MEU ego, como professor e como pessoa --as cartinhas que eles me escrevem, sabe? Eu guardo todas. Depois mais para frente (fala assim), quando eles estiverem grandes –Ó, se lembra dessa cartinha que você me escreveu? Então, sabe?--eu já penso mais no futuro dos meninos. Eu procuro trabalhar muito</p>
<p>3- ser reconhecida como legal com os alunos é bom para o seu ego</p>	<p>O que eu penso com relação a postura do professor. Hoje os professores são muito restritos a relação professor aluno. Eu acho isso super errado, sabe? Eu acho que o professor TEM que ser amigo do aluno, da criança principalmente. Essa faixa etária tipo, da puberdade, sabe? Eu sou amiga dos meus alunos. Eu trabalho de::terceira a quarta série, mais eu trabalho, eu brinco muito com os meninos de sétima a oitava, sabe? Não que eles venham a ser os meus alunos. Não. Um exemplo: se precisar, sabe que pode chegar em mim, sabe? Sabe que eu estou aberta para eles TAMBÉM, não é só para os meus alunos. Acho que a postura do professor engloba a escola inteira, sabe? Tanto os meninos de primeira série que eu brinco, os meninos do prézinho, porque eu sento no chão para brincar com eles – Não, e o meu beijo de hoje? Você não vai me dar não? Sabe? Eu acho que isso é a postura do professor. Não ficar restrito só aquela sala. Procurar ma:::is as outras séries.</p> <p>PROFESSORA 1 Hora que eu fico brava? Quando (sorriu)...por exemplo, o N. me chuta ou chuta os amigos dele, ou ele sai correndo pela escola. Ai eu fico brava. Mas eu acho que...não sei, porque eu não sou tão brava assim, mesmo quando eu estou</p>

<p>tem bom relacionamento – mesmo quando fica brava não fica “tão brava assim”</p> <p>rígida dentro da sala de aula e mais brincalhona fora dela – maneira de ter domínio da sala</p> <p>consegue resolver a maioria dos problemas em sala mesmo</p> <p>4- alunos sempre tem direitos e o professor não</p> <p>4- tem dificuldade de se relacionar com os alunos, gostaria de ser mais aberta</p>	<p>brava, eu não sou brava (sorriu). Então é difícil falar. Porque eu brinco com todo mundo. Todas as crianças assim..., pelo menos mostram que gostam, demonstram que gostam de mim, então...Não sei, eu não sei nem o que falar. Isso..., isso..., então eu vejo que lá onde eu trabalho, tem crianças assim. Aí eu chego, eu pergunto. Tem também o fato de...algumas crianças acham assim, que se eles perguntarem, ele vai estar mostrando para o coleguinha que ele não sabe. Tem muito disso lá também. Então eu chego, pergunto.</p> <p>FILMAGENS: A minha relação com as crianças é ótima, pois eles sempre fazem as tarefas propostas com entusiasmo. Sempre tem uma criança que conta alguma coisa que tenha acontecido em casa ou mesmo em outro lugar, eu acato com naturalidade escuto e faço comentários. Qual a relação com suas características pessoais, crenças...? Quando tem uma criança falando e as outras começam a falar eu digo que não estou ouvindo a criança ,para que elas saibam que quando uma estiver falando as outras devem fazer silêncio. Então eu disse a eles que na história que ela viu tinha sereia. Ou seja sempre tento contornar a situação. Sim. Pois são crianças “maravilhosas” carinhosas e sinceras. E eu vejo a felicidade estampada nos rostinhos deles toda vez que dou uma atividade a eles.</p> <p>PROFESSORA 2 Os meninos falam que eu sou muito rígida; que eu sou brava (sorriu). Mas você..., não é, porque, se você não domina eles a primeira vez que você dá aula, depois você não dá conta. Entendeu? Mas fora da sala de aula, eu converso, eu brinco, eu trato super bem. Só que lá dentro eu procuro ser mais rígida, mais assim...severa, entendeu? Então eles reclamam; até foram falar para a M., (<i>diretora da escola</i>) que eu sou muito distante deles, que eu sou brava, que eu..., mas não é, é meu jeito de ser dentro da sala de aula, entendeu? Acho que esse é o meio que eu tenho para dominar eles. Talvez eu possa até descobrir um caminho, né? Ser mais light, mas no momento ainda não consegui. Mas eles reclamam. Falam que eu sou muito brava Tem hora que eu me vejo sim. Assim, problema com aluno, eu nunca tive: com disciplina, de mandar para a direção. Quando eu mando um aluno para a direção, eu evito assim, oMÁximo. Quando eu mando é porque está no limite, sabe? Então, até hoje no C., eu não tive nenhum problema. Mas já aconteceu, não de ter discussão entre eu e..., disciplina mesmo, dentro da sala, sabe? Que aí incomoda todo mundo. Aí você pede: “Por favor, dá licença”. Aí eu mando para a direção. Mas isso é assim, de último caso. Mas eles sempre exigem. Falam: “Professora você é muito brava, não pode ser assim”. Não é a questão de ser brava. Eu chamo a atenção. Eu chego na sala: “Bom dia, boa tarde, boa noite”. Converso com eles. É o meu jeito de ser. Eu não sou de ficar toda hora, correndo, fazendo graça. É meu jeito. eu acho assim que...é muita coisa a favor do aluno. Passa a mão, muito, na cabeça do aluno. Tudo é o aluno. Só o aluno tem direito. Por mais que você faça, tem seus direitos de professor? Tem. Mas eu acho que é mínimo diante do aluno. Porque eu acho que a favor é só dele. Sabe? Igual essas reuniões. Todas as reuniões. Todas escolas que eu já passei, tudo é a mesma coisa: “Cuidado que a clientela que nos temos é essa. Você tem que ajudar. Você tem que passar a mão na cabeça. Você tem que ajudar”. Não é assim. Eu tenho dificuldade de me relacionar com os alunos, assim, de modo geral. De ser aquela pessoa aberta, amiga, sabe? Eu gostaria muito de achar um caminho, assim, para mim chegar até eles. Sabe? Mas como o jeito de eu ser, fechada, ser como eles falam, brava, eu acho que não tem... Sabe? A gente mantém essa distância. Sabe? A gente não tem, acho aquele..., assim, não deixo aberto, para eles estarem chegando em mim. Só que eu acho, assim, eu gostaria de achar um caminho que eu tentasse mudar por esse lado. Entendeu? De ser mais próxima. De ficar mais próxima de meus alunos. (se percebe fechada, distante – gostaria de mudar) eu já fiz terapia muito tempo, sabe? Sempre procuro psicólogo, essas coisas.</p>
---	---

<p>1 (b) – ela incomodava os professores porque perguntava demais</p> <p>1(b)- negar dez ao aluno, senão ele será melhor que o professor – não concordava</p> <p>1(b) – os professores se sentiam ofendidos, como se fosse uma competição, quando perguntava muito – deixavam de responder as perguntas</p> <p>4- lidar com assédio por ter proximidade de idade com os alunos – sabe lidar bem</p> <p>4- dar o respeito para ser respeitada – não permite certas brincadeiras que invadam seu espaço - às vezes fica sem graça</p>	<p>Eu quero buscar isso ainda, essa distância minha com os alunos. Quero buscar. Entendeu? Quero cortar essa barreira minha entre eu e eles. Eu quero procurar melhorar o relacionamento de professor com aluno.</p> <p>FILMAGENS: Nada</p> <p>PROFESSORA 3 porque tinha a relação, entre os professores, mesmo entre os alunos, é bem diferente do colégio que a gente tinha. Sempre era mais..., uma relação mais materna, de proteção. Ah..., A L..., todo mundo conhecia Eu sempre tive muito interesse, acho que isso incomodava. Eu escutei muita coisa dos professores, que fez eu pensar muito; quando eu estivesse na sala de aula, que jamais eu poderia falar aquilo. Por exemplo: Vale dez. “Se eu te der dez, você é melhor que eu.” Então isso me chocou muito. Claro que se a pessoa tirou dez, é merecimento dela, é estudo dela. Não é porque eu vou, ela vai ser melhor que eu. Aí eu achava estranho aquilo, em relação à faculdade. H – E hoje você dá dez para os seus alunos. A – Claro. Eu não quero que eles atinjam o mesmo nível que eu, porque isso é impossível, em um ano. Por exemplo: numa prova eles atingirem o mesmo conhecimento que eu tenho. Que eles vão estabelecer uma...Tem uma história aí para eles passarem. Não é assim. Agora, se em pouco tempo, uma pessoa que tem mais facilidade, se ela consegue falar igual por igual, discutir igual por igual, isso daí é por que eu tenho uma bagagem de estudo bem maior do que o pessoal que não..., não dá para estabelecer esse tipo de discussão, assim, no conteúdo da matéria. Quando meus professores conseguiram entender como eu era. Aí eu já era a Alessandra Lara do colégio, da faculdade (sorriu). Depois que me conheceram, ficou mais tranquilo. Não era muito...Ficava parecendo uma relação de competição. Que eu estava competindo com os professores. E não era. Eles se sentiam ofendidos. Muito professor deixava de responder minhas perguntas. Eu odiava aquilo. Tinha professor que entrava na sala de aula, já olhava, se já via que eu estava na sala de aula, se não estivesse, se tinha ido ao banheiro, ou qualquer coisa, já dava falta. Talvez eu estivesse ido buscar algum livro na biblioteca, era muito estranho. Eu chego na escola tem aluno que me espera para ver que roupa eu fui (sorriu) na aula: “Professora, eu vim ver que roupa que você veio hoje, porque suas blusas são muito bonitinhas.” – Eu tenho vinte e três anos, e a maioria dos alunos do noturno são homens. Você tem que tentar controlar ali, porque senão vira bagunça. “Ah professora!” “Ah, gostosa!” “Ah professora, você vai sair hoje?” “Ah, está mal intencionada, hem?” Aí tem que saber contornar isso senão vira bagunça. Então, já sei ponderar. Foi difícil, o ano passado foi mais difícil no começo. Agora eu estou..., vou alí...aqui...contornando. Uma cantada, (igual um aluno da noite): “Professora você está bonita hoje. Ah professora, você está mal intencionada.” “Muito obrigada” Aí eu agradeço os elogios na hora que tem que agradecer. Na hora que não tem que agradecer, dou aquela olhadinha por cima do óculos, não preciso falar mais nada. Eles já sabem. Então, você está passando do limite. Aí nem precisa nem falar. Eles já sabem. Porque eu dou o respeito para ser respeitada. Então eu não gosto que brinquem comigo assim, porque eu acho que está invadindo. Eu falo: “Você está invadindo...meu espaço. Você está invadindo...” “Ah professora! Onde você foi ontem?” Eu falo: “Eu não quero falar sobre isso, agora a gente está na sala de aula.” Porque senão contorna, ele entra () e eles embaralham a gente mesmo. Coloca a gente em um caldeirão ali que não dá, tem que saber ser esperta e tirar rapidinho. Tem que ter uns insights assim, senão não dá. Eu fico sem graça, assim. Eles vêem que eu fico sem graça. Eles sabem me deixar sem graça. eu liguei para o meu oftalmologista e eu falei que mesmo que eu tivesse que pagar meia consulta. Falei: “O que que você pode fazer por mim?” Aí eu o encontrei no colégio, que ele trabalha no meu colégio, e ele falou: “Não, você</p>
---	--

<p>se envolve com problemas de alguns alunos e tenta resolvê-los fora da escola</p> <p>2(b) – professores que foram inspiração – tratar o aluno de igual para igual</p> <p>4- lidar com preconceitos dos alunos devido a aparência (jovem, brinco, cabelo comprido)</p> <p>1- tentar se adaptar ao padrão de cada turma – lidar com as dificuldades de início, mostrar a que veio e conquistar o respeito</p> <p>1- mostrar ser alguém que quer acrescentar e não cobrar – conseguir a</p>	<p>pode me dar o nome dela.” Peguei o telefone dela, endereço dela, passei para ele. Eu esperei passar uns quinze dias para não ficar chato: “Você ligou para o médico?” Aí ela me deu o telefone, passei para ele. “Agora você entra em contato com ele, que ele já está sabendo, que eu já conversei com ele.” Aí ela falou que não ia ligar porque ela não tinha dinheiro, porque ela estava sem cartão para ligar. Aí eu falei: “Não, você pode chegar lá, se você precisar de um passe, eu te dou, você vai lá que ele já está sabendo, você tem que cuidar da sua vista.” Aí eu liguei para ele de novo e disse: “Joaquim ela não tem um cartão para te ligar, tem jeito de você ligar para ela?” Aí eu não sei se eles se acertaram já, mas pelo menos a minha parte eu fiz. (quando o problema do aluno é semelhante ao seu se envolve mais)</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas. Penso que este ano eles se sentem mais próximos, com menos medo de fazer perguntas. O ano passado eu era menos acessível. Sua relação com seus alunos em situações que não se referem ao conteúdo trabalhado. Bem, sinto que gostam de mim; convidam-me para festas familiares e de amigos, nas quais só comparecem pessoas mais íntimas. Quando estão fora do ambiente escolar, como no shopping, no centro da cidade, numa feira de arte/cultura, eles ficam orgulhosos e sempre me apresentam a seus pais – caso esses ainda não me conheçam.</p> <p>Como age em situações em que tem que impor limites? Tem tido bom resultado? Mudaria alguma coisa? Em relação aos outros alunos, eu não os substimo.</p> <p>PROFESSOR 4 Mais exatamente no colegial, foi quando eu conheci um professor chamado E., que me mostrou uma maneira diferente de aprender. Inclusive ele fez mestrado também e utilizou a nossa turma como parte de pesquisa do projeto dele. Isso me deixou bastante empolgado, achei que seria interessante meu professor E. C. G. que dava uma aula diferente. Ele dava uma aula de igual para igual, apesar de ser detentor de um conhecimento extraordinário, tratava a gente de igual para igual. E uma outra coisa que primeiro eu tive dificuldade, foi por ser um professor jovem, às vezes os alunos não deveriam ter um respeito. Eu achei que isso seria um problema e que talvez eu não conseguiria contornar. No primeiro dia eu entrei na sala, olha só o que foi dito, vou dizer porque eu, né? Falou assim: “Nossa! Mas esse professor deve ser um cachaceiro”. Desse jeito. Poxa! Tudo bem! Levei numa boa. Levei na brincadeira. E logo eu conquistei o aluno. Tá jóia. Aí eu pensei assim: “Bom, isso vai ser um problema, porque eu sou muito jovem”. Sou muito jovem para eles que estão acostumados com professores mais velhos, e tal...mas, eu já não estou tão novinho mais assim não (sorriu). Mas, achei que eu teria um pouco de dificuldade na disciplina e uma outra coisa que eu fui alertado antes de entrar na sala de aula, quando eu fui assumir o cargo. A diretora olhou na minha cara e disse: “P., você vai ter dificuldade com as meninas, vai ter problemas com as meninas”. E eu falei: “Não, eu acho que não vai ter não. Da outra vez que eu trabalhei eu não tive e tal”. Bom, eu acho assim; que no princípio até você demonstrar para quem você está ali, você tem uma certa dificuldade. Que são alunos que não te respeitam, que são alunos de várias classes financeiras, digamos assim; e que estão acostumados com uma realidade diferente. Tem que se adaptar ao padrão da turma, e as vezes pode algum aluno que tenta liderar negativamente, fazer alguma coisa. E você tem que conquistá-los aos poucos. Então eu achei essa a maior dificuldade, mas que eu me surpreendi também com o que eles me retornaram, porque eu mostrei que eu queria ajudá-los, mostrei que eu queria ser um amigo, uma pessoa a acrescentar e não uma pessoa a cobrar, e eles, felizmente, estão respondendo da maneira que eu queria e eu consegui conquistar eles e tal. Quanto às meninas, eu até fui..., me falaram que tiveram outros</p>
--	---

<p>confiança e o respeito</p> <p>4- assédio de alunas – ter como princípio moral e usar como arma para atenção – sem passar dos limites</p> <p>2- relação com os alunos como mãe deles</p> <p>1- gosta de alunos que não respondam, que obedecem e têm vontade de aprender</p> <p>4- cria uma certa relação de medo – por impor limites</p>	<p>professores que tiveram problemas com os alunos. Eu acho que isso realmente é uma coisa que deve ficar um pouco..., é um pouco da personalidade da pessoa, não é? Pessoa que faz coisa errada faz coisa errada em qualquer lugar. Eu acho que isso é uma coisa errada, então não é do meu princípio. E não precisava nem de ninguém chegar para mim e falar. Logicamente, né? Eu tenho..., existe o assédio dentro da escola e é muito forte por causa da idade dos meninos, mas a gente consegue contornar isso. A gente faz de bobo, faz que não está acontecendo nada, faz de amigo. E também uso um pouco para prender a atenção dos alunos. É mais uma arma que você tem. Só que você não pode deixar isso passar dos limites. Ou começam a entender de outra forma. Você trata, vamos supor, pela sua atratividade, você é um professor jovem, os alunos chegam porque querem saber: “Nossa, professor!, como é que é a faculdade, como é que é não sei o que, e tal...?”. E querem saber. E se aproximam de você, e você usa aquilo como uma arma para poder prender eles. Para falar da vida de um jovem que vive sozinho, dos perigos, dos problemas. Você acaba como se fosse..., trabalhando no psicológico deles também.</p> <p>Você conquista a confiança. Você tem que usar as armas que você tem. Apesar de se () as palavras que você tem, na verdade a gente tem um arsenal e não sabe.</p> <p>Achou ótimo e tal. E isso me realiza a cada dia. Eu talvez mudar o conceito do aluno em relação ao que ele deve pensar do professor e também de mim. Isso me realiza de mais</p> <p>eu acredito muito nos meus meninos ainda e eu quero ficar um tempo com eles, passar um pouco disso para frente; um pouco dessa esperança que eu tenho</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Sua atuação prática no que se refere à exposição e explicação do conteúdo. Tento ser ativo e incisivo, me intrometendo no meio das idéias dos alunos e não espero que eles venham até mim, pois eles não vêm.</p> <p>Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas. Meus alunos são maravilhosos e fazem tudo que peço, porém as vezes entregam coisas fora do prazo. Tento ser maleável e justo ao mesmo tempo.</p> <p>Sua relação com seus alunos em situações que não se referem ao conteúdo trabalhado. Ótima.</p> <p>Relação entre escolha e desenvolvimento das atividades e avaliações e questões da escola. Mas certamente o que acho mais importante é ter a capacidade de expor um relacionamento com os alunos que faço com que eles gostem de você e prenda a atenção no que está falando. Quando se convida um aluno para a aula, ele pode relutar em permanecer concentrado, mas você se convida a ter um diálogo com o aluno e prova o tempo todo o instante que vale a pena prestar atenção, é muito mais fácil se dar aula, mesmo sem recursos.</p> <p>Como age em situações em que tem que impor limites? Tem tido bom resultado? Mudaria alguma coisa? Eu tento sempre não apelar para a rispidez, sobretudo em momentos de tumulto natural, seriam os momentos de entrada e saída da classe, momentos de perguntas satirizantes, dúvidas entre alunos e as brincadeiras dos alunos em relação a mim. Dou muita liberdade e por isso sou respeitado no momento que preciso de ordem, mesmo sem ter que levantar a voz e isso eu acredito que é a verdadeira ordem (ficar em ordem por livre e espontânea vontade). Os alunos sabem que ganham mais me mantendo com essa característica, pois eles acabam criando crédito comigo. E uma relação recíproca, mas existem momentos em que se faz necessário um maior pulso e não sinto dificuldades em fazer isto. Espero a oportunidade de mostrar meus dois lados e são eles que acabam escolhendo o lado mais brando e não eu.</p> <p>Qual o papel do monitor na hora da avaliação? Acredito que somente mostrando a realidade eu conseguirei fazer com que eles estudem. Acho que a cola é inevitável e que as vezes é até benéfica, mas tento manter sua imagem como delito, pois ela pode gerar acomodação geral.</p>
---	--

	<p>PROFESSORA 5</p> <p>Tinha uma professora que eu amava, que se chamava D..</p> <p>Eu comecei o colegial com esse danado desse professor da sétima série, que no primeiro dia deixava bem claro que não dava ponto para ninguém, que não dava trabalho para ajudar em nada.</p> <p>eu me apaixonei muito pelas crianças e as crianças por mim. Foi uma relação muito de carinho, sabe? Como mãe deles ali.</p> <p>É uma vivência, que se eu pudesse optar sempre pela escola rural eu queria..., porque os alunos não te respondem, eles te obedecem, eles têm vontade de aprender.</p> <p>trabalhando sempre com a psicologia com as crianças, vendo o problema.</p> <p>Sabe quando você monta um plano de aula com bastante atividade? Então eu sempre procurei fazer isso e minha professora sempre gostou. Ela disse que eu sou uma boa pesquisadora.</p> <p>Ele voltou para a minha sala. As aulas começaram ontem de manhã eu já tive reclamação dele. Já está o caderninho, que se ele fizer mais alguma coisa...E eu sempre, não que eu queira ameaçar ele, mas eu sempre tenho que lembrar que ele está na minha sala sob condições.</p> <p>Os meninos às vezes têm medo de mim, não é porque eu sou uma professora brava, mas é porque eu imponho limites.</p> <p>Quando eu pedi sugestões para filmes – a minha diretora pediu, e eu coloquei no meu plano que seriam filmes para resgatar a infância deles, as coisas gostosas da infância deles, as brincadeiras... Ela me disse que eu tinha total liberdade para fazer isso com eles.</p> <p>Agora eu tenho um problema, que esse menino que eu <u>adotei</u></p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Os alunos têm dificuldades em copiar os exercícios do quadro, são lentos devido a dificuldades.</p> <p>Procuro ajudá-los, ser amiga, professora e até mãe, brinco com eles sempre após o recreio já que estão na escola há 8 horas, trabalho com a coordenação corporal, psicomotricidade, etc.</p> <p>Durante a aula procuro saber como foi o dia deles, sempre me falam que alguém brigou durante o almoço.</p> <p>Tenho aluno com dificuldades de socialização como pode ser visto na fita, ele fica deitado com a cabeça baixa, sai da sala sem a minha autorização, isto foi uma surpresa para mim.(?)</p> <p>Acredita que além da preguiça e falta de interesse possa ter algum outro motivo que os leve a agir assim? Acredito sim, problemas psicológicos.</p> <p>Amo meus alunos embora minha postura é quase sempre séria. Temos momentos para tudo.</p> <p>A oração é uma prática criada por mim e pelos alunos. Não influencio na vida religiosa dos mesmos.</p> <p>Tenho uma aluna que não tem interesse em aprender, ela não tem material, a mãe não ajuda, sempre eu a acompanho após o recreio. Ela não gosta de fazer a atividade com os colegas, por ela não saber, ela tem vergonha.</p> <p>Então será que é falta de interesse, vergonha ou falta de estímulo ou condição da família?</p> <p>Geralmente pedem desculpas e se abraçam de coração. Mostro a eles que as brigas não trazem a felicidade e o amor.* A professora complementou com paz, união.</p> <p>E vocês? * A professora retirou a interrogação e perguntou: O que me sugerem?</p>
<p>FORMAÇÃO INICIAL</p> <p>1- começou o magistério, este fechou, foi para a faculdade – está no 3º período de Pedagogia</p>	<p>PILOTO</p> <p>Bem eu comecei, eu estou no terceiro período. Terminando o terceiro () (desde o ano passado, no meio, eu fiz meio ano de magistério, uns seis de magistério, só que o magistério fechou, justamente para abrir a faculdade. Então eu () vou procurar outro magistério. Meu namorado achou mais</p>

<p>1- Magistério é mais prática, faculdade é mais teórico</p> <p>2- esta teoria não se apresenta em sala de aula</p> <p>3- falta didática dos professores da faculdade</p> <p>4- houve uma “desempregoção” do 1º para o 2º período</p> <p>2- fazer ligação entre o conteúdo teórico e livros e/ou filmes atuais é muito interessante</p> <p>3- conteúdos repetidos</p>	<p>vantajoso eu fazer a faculdade. Realmente faculdade é o mesmo curso. Você () também, só que é em nível superior. Eu não estava vendo desse jeito, sabe? Eu::estudei uma semana só para..</p> <p>H – O vestibular.</p> <p>A – O vestibular. Que eu já tinha bagagem do::magistério () do magistério. Eu vou estudar ciências, geografia e história quando eu (tinha) magistério. Eu peguei, eu estudei, passei () (sorriu)</p> <p>H – (sorriu)</p> <p>A – Aí quando começou o curso, eu::estava super empolgada. Os meus cadernos eram todos de bichinhos, sabe? Eu sempre, nunca () material de escola, porque eu aDoro é::folha desenhada. () todo professor de, principalmente de ensino fundamental, tem que saber () Meu material sempre foi muito::,eu sempre fui muito organizada. Então eu sempre separei muito bem as coisas, sabe?</p> <p>– Olha, no magistério, eu acho que são coisas muito mais práticas do que teóricas, como é na faculdade. A matéria na faculdade é muito teórica. Muito maçante. Só que muita dessa teoria que o professor passa, eu não estou vivendo na sala de aula. Muito pelo contrário, eu estou vivendo muita coisa que eles não me passaram, sabe? Eu acho e esse paralelo muito importante, porque as vezes o que eu não estou vivendo, o que eles não me passaram, eu posso viver mais para a frente, o que eles me passaram, sabe?</p> <p>O que está faltando? (no curso de formação) Didática. Porque muitas vezes, a minha professora de didática, passa um tipo de didática para a gente. Ela ensina de um jeito, ela fala de um jeito e ensina de outro, sabe? Eu acho que isso é uma pessoa totalmente sem didática, porque eu acho que ela tinha que explicar para gente, fazer com a gente o que ela está explicando, sabe? Mostrar para a gente que aQUilo acontece, sabe?</p> <p>Bom, no primeiro período, NOSSA senhora! () adorava, ficava horas. Todo caderno devo ter passado a limpo umas quinhentas vezes.</p> <p>– Umas quinhentas () E fazia tudo de novo. Já no segundo período, eu estava meio cansada de tanta teoria. Já dei uma cansada boa, sabe? Porque (eu estou desanimada). Mas::eu sempre continuei com essa empolgação, sabe? Deu uma desanimada assim, porque eu () fazer o estágio. Então eu saía de casa muito, voltava muito tarde, sabe? Chegava a noite, estava cansada, então deu aquela desanimada.</p> <p>(H – Ou não estava atendendo algumas das suas expectativas.)</p> <p>A – Não, não muito (da média) do porque tem tanta matéria que eu estava (né?) no segundo período que eu tinha visto no colegial. Eu falei – gente! Se eu for dar aula para os meninos eu tenho que aprender o que eu aprendi na quarta série, que é coisa que eu já não lembro mais, sabe? Tanto é que para mim dar aula hoje, eu tenho que ficar voltando nos meus cadernos. Voltar muito em livros, porque eu não fico presa só em um livro.</p> <p>no primeiro, no segundo período, como no terceiro, é uma coisa muito maçante. Esse trabalho que o professor faz com filme, eu gosto quanto que o professor leva filme. A gente estava vendo civilização romana, o professor foi e levou aquele livro () na sala eu acho isso importante. É um paralelo que ela fez, sabe? Agora com o filme Spartacus que saiu agora, porque ela também esta falando de () bastante, fica até divertido, porque além da gente ver ().</p> <p>Por causa do meu trabalho, porque eu comecei a trabalhar. No começo eu estava desanimada com (). Porque é sempre as mesmas matérias, as mesmas coisas, sabe? Muda? Muda, mas quando muda, muita pouca coisa sabe? No primeiro período eu estava vendo psicologia da educação, estava vendo teoria de Piaget, Vygotsky. Esse semestre, esse terceiro período, eu vi Piaget, Vygotsky e Skinner. Quer dizer, eu vi tudo o que eu vi no primeiro período, mais um () eu acho ().</p> <p>Sabe? Piaget e Vygotsky é importante? É. Mas tem outros teóricos que também foram importantes, sabe? Eu acho isso importante. O professor dar dentro da sala de aula coisas a mais, para não ficar tão nas teorias. ()a minha professora de didática, ela deu a apostila um no primeiro mês, a apostila dois no segundo mês e a apostila três no terceiro mês, agora tem a apostila quatro,</p>
--	--

<p>4- buscou acrescentar conhecimentos em livros e outros professores</p>	<p>telefone para você estar ligando para eles, para tirar a dúvida. Se a gente vai fazer um grupo de estudos, se a gente precisar deles eles vão também no grupo de estudos tirar as dúvidas, então está ficando bom. Ah...eu estou gostando. Vou falar sobre a minha vida na faculdade e vou relatar um a um. No início do primeiro período foi um pouco difícil, porque era um período que eu estava me adaptando e eu estava ali diante de pessoas estranhas que eu deveria conviver durante quatro anos. Mas agora, no segundo período está sendo um pouco mais fácil, porque eu já aprendi a conviver com a diferença de cada um e aceitar as pessoas do jeito que elas são. Então ficou um pouco mais fácil agora. (dificuldade de adaptação com o diferente, com pessoas estranhas)</p>
<p>5- Faculdade – “tudo de bom” – aprende exatamente o que você se propôs a aprender</p>	<p>FILMAGENS: Na maioria das vezes utilizo coisas que aprendi quando cursava magistério e cursos que já fiz, mas sempre procuro me inovar com coisas novas.</p>
<p>3- professores são muito disponíveis</p>	<p>PROFESSORA 2 Estou fazendo agora a História da Arte nas Artes Visuais. De qualquer jeito eu vou encarar a história do mesmo jeito (sorriu). Só que assim, eu estou me identificando, um meio de estudar a história da arte, com as gravuras, entendeu? Com os artistas famosos. Então isso está me envolvendo. Sabe? Eu estou me descobrindo. Mas não pretendo lecionar história por enquanto. Minha vida na faculdade. Meu primeiro ano eu fiz curso vago; curso de história. Que a gente ia todo fim de semana, mas na realidade é um curso vago. A gente tinha aula sexta e sábado. Então, assim, eu acho que ele é muito, assim, empurrado com a barriga, Sabe? Eu acho que eu não aproveitei tanto quanto este curso que eu estou fazendo. Eu acho assim que, hoje se fosse para eu fazer um curso desse jeito eu não faria, sabe? Mas em todo caso o diploma me ajudou de certa forma, mas no aprendizado muito pouco. Eu acho, assim, que você tem mais é que correr atrás, porque a escola não tem muito a te oferecer.</p>
<p>1- fez magistério – formada em História, fazendo História da Arte nas artes visuais</p>	<p>Minha vida na faculdade eu já falei. Não sou uma Brastemp, mas (sorriu), sou uma aluna freqüente, faço tudo na hora certa. Procuro fazer. H – No de história você foi assim também? R – De história eu fui. Sempre eu fui assim. Não gostava, mas eu estava ali, eu acho que eu tinha que fazer bem feito. Sabe? Eu não sou nenhuma Brastemp, mas eu tiro notas boas. Faço trabalho. Participo de tudo. Seminário, alguma coisa, sempre estou presente. Estou fazendo um projeto de pesquisa na...no ensino fundamental, em educação artística, na sala de aula. Estou pesquisando. A minha professora, minha orientadora é professora de artes no Marista, Sabe? Ela dá aula lá no conservatório também, mas ela é, foi minha professora de artes e está sendo minha orientadora. Eu estou gostando muito..</p>
<p>5- está se descobrindo neste novo curso 4- curso de História foi curso vago, “empurrado com a barriga” – aprendeu pouco</p>	<p>FILMAGENS: Nada</p>
<p>4- tem que correr atrás porque a faculdade oferece muito pouco</p>	<p>PROFESSORA 3 , porque tinha a relação, entre os professores, mesmo entre os alunos, é bem diferente do colégio que a gente tinha. Sempre era mais..., uma relação mais materna, de proteção. Ah..., A L..., todo mundo conhecia. Agora entrou na faculdade, encarar o professor e o professor te encarar, e falar: “Não, não, não.” É complicado. E eu tenho uma relação; uma história de vida de aluno, não estou me gabando, mas eu sempre fui boa aluna. E o jeito de eu lidar com os professores, eles..., parecia que eu estava pegando no pé deles. De achar os erros. Mas é porque eu sou muito minuciosa, eu gosto do todo, se for para eu aprender a parte, prefiro não aprender. Aí, como no espanhol eu tinha aqui eu sabia muito pouco, e me encantava muito, eu queria aprender tudo de uma vez. (se vê como boa aluna, mas incompreendida)</p>
<p>5- se envolve bastante com</p>	<p>H – Deixa eu ver se eu entendi. Não te davam dez porque senão você era melhor que eles? A – É. E assim, professores que foram professores da minha mãe, na época da escola. Pessoas que têm a carreira de trinta, quarenta anos de universidade, de...mesmo que deram aula do José Ferreira. Aí eu achava estranho aquilo,</p>

<p>as atividades acadêmicas</p> <p>5- gosta de pesquisa</p> <p>Formada em Letras-Espanhol</p> <p>relação de disputa entre professores e alunos melhores</p> <p>3- foi sempre muito envolvida com seus estudos</p>	<p>porque ficava aquela coisa maquiavélica, sabe? O pessoal queria me prejudicar. Você entrou na faculdade, você tem que cair. Aqui é outro mundo. Era muito estranho. Fiquei meio chocada no primeiro período. (se sentiu perseguida)</p> <p>Aí, eu ficava chateada. Nossa! Eu me chateei muito. Chorava...Chegava em casa chorando. Ficava irritada. Todo dia: “Não é possível.” Aí pessoal não fazia tarefa, não fazia nada. E o professor ficava esperando. Uma coisa que eu nunca gostei é de ficar esperando. Sempre do prézinho eu lembro. Eu vou () lá na escola. Lembro que eu levava minha boneca nas costas e sentava lá no fundo da sala. Eu terminava a tarefa e tinha um cantinho lá dos brinquedos; e eu brincava. A professora ficava brava, porque eu tinha que fazer mais lento, porque eu tinha que esperar meus colegas, porque eu tinha que sentar do lado do amiguinho. Eram duas carteiras, sentava um do lado do outro, e tinha que ficar esperando. Eu odiava ter que esperar os outros. Porque esperar os outros? (se vê como melhor e não tem paciência de esperar os que não alcançam o seu nível) Meu pai conversava comigo ele falava que sempre esperava também. Que ele era gerente em uma empresa, e que sempre tinha que esperar os outros. Ele também não gostava disso, só que tinha que ter paciência. Aí foi na faculdade que eu aprendi isso. Que tinha que esperar os outros. Enquanto ele tinha que esperar os outros, eu ia fazendo outras coisas. Aí quando o professor perguntava, eu já sabia responder. Ficava irritado. Não, eu fiz uma pergunta: “Não mas a gente vai ver depois, lá na frente.” Aí, eu irritava mais ainda. Mas essa relação de ter que esperar os outros, eu aprendi lá na faculdade. Agora eu não sei se...É um traço da minha personalidade. Não sei se sé egoísmo, mas eu não tenho paciência. Eu tento me educar de esperar o outro.</p> <p>H – Você se sentiu perseguida.</p> <p>A – O tempo todo. Desde o primeiro ano. Mesmo por colegas na sala de aula. Porque criava essa relação de competição que eu falei, criava uma relação mesmo de apatia, sabe? Que as pessoas ficavam assim: “Ai cara, que chato, já vai perguntar de novo.” Na hora que eu ia perguntar alguma coisa, todo mundo calava. Era até engraçado. Você ficava até com medo. Vixe!!! Será que eu falei alguma coisa errada? Ficava meio estranho. Desde o primeiro período. Mas depois o pessoal foi acostumando com o meu jeito e via que, assim, eu gostava de estudar..., porque tinha gente que só queria o diploma. Sempre tem, né? A sala tem..., cada um tem um objetivo..., em tudo o que vai fazer. E eu não. Eu queria aprender. Eu estava na faculdade para dar o melhor de mim. Eu fui perseguida no começo, mas depois eles foram acostumando</p> <p>Nossa! Eu deixei de perguntar. Deixei de fazer curso. Tudo quanto é curso que tinha na faculdade eu fazia. Iniciação científica eu fazia. () Eu já sabia daquele livro. Na hora que o professor falava, eu falava até (sorriu) onde estava o livro: “Não professora, este livro está emprestado. Só tem um volume.” E acho que assim..., não sei. Deixei um pouco sim..., porque ficava parecendo que eu estava sendo apagada (). Aí eu ficava...Até hoje assim..., eu tento me cuidar...ficar mais apagadinha. Mesmo na escola, porque eu me sinto diferente dos outros professores (a implicância de professores e colegas fez com que perdesse um pouco do envolvimento)</p> <p>Eu acho que muita coisa que eu deixei de fazer enquanto aluno, faltou nos meus professores. Mesmo de incentivo, de acreditar no aluno. Todo mundo vai chegando, primeiro dia de aula, o professor de matemática chegava e falava: “Você, você, você, você, vai pegar recuperação. Você vai tomar bomba.” Aquilo assim, sabe? Eu não sei. Eu não sou assim. Eu acredito em todos. Para mim, falar que é igual, não é. Todo mundo tem as características, mas todo mundo tem a mesma capacidade de aprender. Se o professor está ali, sabe que todo mundo tem um tipo de vida, um tipo social, tem uma bagagem. Mas todo mundo está tendo a mesma oportunidade ali de aprender. Então eu acredito nos meus alunos.</p> <p>Minha formação na faculdade? Eu acho que se for pensar, professores que participaram e marcaram a minha vida, foram vários no colégio e na faculdade tiveram alguns que fizeram..., que marcaram bastante. Mesmo por histórias de vida, de você admirar a pessoa. Sabe, a pessoa que tem dificuldades e apesar</p>
---	--

<p>e exigiu muito dos professores – foi mal interpretada e perseguida por isso</p>	<p>de tudo está ali, vai. Está doente, está com câncer e está ali dando aula. Eu acho bacana assim a pessoa. Então eu tive como espelho vários profissionais. Eu pensei várias vezes em parar o curso, por eu ter que esperar; a situação toda que eu passava na faculdade, ter que esperar. Eu passava muita raiva. Eu ficava muito estressada. Só que, apesar de tudo eu falei: “Não tenho que continuar, eu já estou aqui, é isso que eu quero.” Aí eu consegui, eu segui em frente. E hoje eu estou em sala de aula.</p>
<p>4- aproveitou todas as oportunidades que a faculdade ofereceu (IC, biblioteca, professores, cursos)</p>	<p>FILMAGENS: Nada</p> <p>PROFESSOR 4 Foi então que eu comecei a fazer um cursinho e comecei escolher as faculdades que eu queria prestar. Prestei algumas faculdades, inclusive uma de minhas obsessões era passar na UFU, uma realização pessoal mesmo. Primeiro eu fui aprovado no vestibular da FEU; eu cheguei a cursar um ano lá e achei que foi uma faculdade excelente, me deu muita base, sobretudo na área pedagógica, era uma excelente faculdade.</p>
<p>3- falta de incentivo por parte dos professores</p>	<p>Bom...eu vendo que a tradição da FEU era..., não tinha tanta tradição na pesquisa, e o meu sonho () de ir para a UFU; prestei a UFU, passei e comecei a fazer. Trabalhei em várias áreas, hospital, trabalhei como monitor de vários cursos também, trabalhei na genética que era a área que eu queria e fui vendo que, na verdade, eu queria saber um pouco de tudo e que eu tinha muita facilidade para ser monitor nas turmas, mesmo em aulas de terceiro grau.</p>
<p>3- discriminação dos professores em relação aos alunos</p>	<p>Minha vida na faculdade sempre foi cheia de surpresas, porque quando eu saí do colegial, ainda mais quando você é um aluno de escola estadual, você vê que você não aprendeu quase nada, e que às vezes você não aprendeu porque não houve um comprometimento com o ensino, pelos professores. Não que eu saiba como dar esse ensino, mas depois que você adquire um certo conhecimento didático pedagógico, você vê que poderia ter tido mais, um pouco mais pelo menos; e que seus amigos que estudaram em escolas particulares tiveram um pouco mais de acesso a esse conhecimento. Então, com o passar do tempo na faculdade, eu fui vendo que eu estava um pouco defasado, eu tinha que correr um pouco atrás, mas eu sempre fui um aluno com médias razoáveis, acima de oitenta; eu nunca tirei uma nota abaixo de oitenta. Mas não porque eu sou inteligente, ou porque fenômeno – não - mas é porque eu sempre fui esforçado, minha vida nunca teve nada fácil. (sempre foi bom aluno por esforço – nunca teve nada fácil) E porque meu pai me sustentou enquanto eu estive fora, na verdade durante dois anos e porque eu morei sozinho, então eu não tinha muito tempo para estudar, não tinha muito tempo para ficar gastando à toa porque eu via o esforço dos meus pais e via que isso tinha que dar algum fruto. Bom..., quando deu dois anos que eu estava na faculdade, eu comecei a trabalhar. Senti muita dificuldade de estudar e trabalhar junto; eu trabalhava de noite, chegava cansado da escola, mas mesmo assim não quis deixar de lado o meu trabalho e uma coisa que eu achei interessante – achei legal relatar – porque muitos professores reclamam do salário. (não reclama da profissão nem do salário) Eu trabalhava de domingo a domingo, com folga de cinco por um, ou seja, trabalha cinco dias, folgava um e não tinha feriado, não tinha nada. E ganhava um salário muito baixo.</p>
<p>3- muitos professores foram exemplo de vida</p>	<p>Quando eu virei professor do estado, só adiantando um pouquinho a história: eu trabalho dois dias na semana, tenho tempo para estudar, me reciclar, tenho tempo para passear, tenho tempo para fazer qualquer coisa, ganho um pouco mais, estou tranquilo - pouco não, bastante mais – não tenho o que reclamar porque eu sou sozinho, para mim está excelente, por enquanto... Não sei porque o povo reclama tanto. Acho que um pouco é cultura que fez com que a palavra professor seja um pouco discriminada. Mas eu acho que não tem nada a ver. Eu tenho que falar detalhadamente os anos de minha faculdade?</p>
<p>Formado em Biologia, fazendo mestrado</p>	<p>Eu percebi que na faculdade os professores são mestres, doutores e phds e não são professores. Essa foi minha conclusão no final do curso. Eles sabem muita coisa. Eles são espetaculares, mas não têm aquela mágica que o professor mesmo, o professor tem. Que existem alguns na faculdade</p>
<p>5- fez um ano no FEU, mas queria a UFU, pela tradição em pesquisa – fez na UFU</p>	

<p>3- falta de comprometimento de professores do Ensino Médio público</p> <p>4- teve que correr atrás de certos conhecimentos, sempre foi muito esforçado e bom aluno</p> <p>6- trabalhou enquanto fez faculdade (durante metade do curso)</p> <p>professores são mestres, doutores, phds, mas não são professores (principalmente na UFU)</p>	<p>também que conseguem dar o espetáculo deles também, mas, na maioria das vezes eles conseguem só passar o básico mesmo. Eles conseguem fazer com que você desperte para o assunto e tal. Eu vi que o nome de faculdade às vezes não é tudo. Eu fui lá para a UFU esperando ter professores espetaculares...Eu tive pesquisadores maravilhosos que me formaram pesquisador também. Isso eu devo demais à faculdade, isso eu não tenho o que contestar. Mas eu sei que a FEU também é uma faculdade pequena que tem o seu valor, tem professores no nível da faculdade federal. Então eu acho que o que faz o bom professor não seria o nome da instituição, ou então o quanto eles ganham, e sim, a capacidade da pessoa mesmo. (bom professor – capacidade pessoal) Isso me mostrou também que eu posso ser tão bom quanto eles trabalhando em um lugar..., no estado, no colégio ou outra coisa, ou então na mesma universidade que eu estou me preparando para fazer isso; para dar aula em universidade.</p> <p>FILMAGENS: Nada</p> <p>PROFESSORA 5</p> <p>Terminei, foi um sucesso o colegial, sem problema nenhum, fizemos uma bela de uma festa e logo em seguida, pensei em seguir minha carreira. Fazer o quê? Pensei, como eu gosto de criança, independente da idade, eu falei, vou fazer pedagogia, pois pedagogia está relacionada com crianças. Descobri que tinha que ler muito aqueles autores, filósofos e eu não gostava muito disso, não. Prestei o vestibular e não passei, também não fiz por passar. Passando isso, surgiu numa escola perto da minha casa a vaga para fazer o magistério. Já estava lotado. Eu fui na escola, conversei com a diretora, disse que eu gostava muito de criança e que eu gostaria de fazer o magistério. Numa sala de cinquenta e cinco mulheres, entrou mais uma; cinquenta e seis. A sala era pequena. Fiz o magistério durante um ano. Muito gostoso, aprendi muitas dinâmicas. Aí é que eu comecei a me apaixonar mesmo de verdade.</p> <p>Entrando na faculdade, o primeiro ano eu não trabalhava com crianças. No primeiro ano eu não tive dificuldade porque era uma revisão dos anos de quinta a oitava série. No primeiro e segundo ano de faculdade, nós vimos as relações com o ensino fundamental e médio, então foi revisão de quinta a oitava e do terceiro colegial. No primeiro ano começamos com uma grande quantidade de alunos e fomos perdendo os colegas porque viram que a proposta do curso não era o que eles pensavam. Fiquei triste, porque você começa com uma grande quantidade, mas..., as pessoas se identificam e vêm que não é aquilo que elas querem. Nós perdemos muitos colegas na sala de aula. Mas também fizemos muitas amizades. Chegamos no segundo ano, também relacionado com o ensino médio, e eu comecei a trabalhar, na prefeitura.</p> <p>Depois dessa escola veio as férias e eu não peguei mais aula, porque entrou outro governo e contratou os professores do concurso. Não prestei o concurso da prefeitura de professor porque eu tinha que optar; ou eu passava na faculdade ou passava na prefeitura. Os dois eram importantes, mas a faculdade eu tinha que dar prioridade, porque eu estava pagando ela e ela que iria me dar um bom. Bom, no terceiro ano da faculdade comecei a ver a Matemática mais complexa, o que você não vê em uma sala de aula. Fui ver a Relação e a Generalização, vendo porque daquilo, eu encontrei mais dificuldade. Assim como a maioria dos colegas que saíram do colegial e entraram lá. Lá começamos a descobrir. Você chega no quadro e põe a fórmula de Baskara lá e pronto. Só que nesse ano precisamos descobrir como se chega na fórmula de Baskara. Então esse ano foi assim. Nós conhecemos o Projeto Político Pedagógico, eu e meu grupo de estágio – nós fazíamos estágio em uma escola – nós fomos fazer pesquisa de como foi montado o Projeto Político Pedagógico daquela escola. Sou muito curiosa. Cheguei na diretora e a diretora me disse para perguntar para a supervisora. Cheguei na supervisora e ela disse: - Está aqui. Chegamos lá e fomos fazer a pesquisa. O Projeto Político Pedagógico ele é montado por todos que fazem parte daquela escola. Da faxineira, da cantineira até o diretor, e o Projeto foi realizado apenas por</p>
--	---

<p>Fez Magistério -Formada em Licenciatura – Matemática</p> <p>6- trabalhou como professora enquanto fez magistério e faculdade</p> <p>2- aproveitou bastante a faculdade, os estágios, pondo em prática o que via na teoria</p>	<p>três pessoas. O pedagogo da escola, o supervisor e a diretora. As outras pessoas desconheciam o mesmo; o PPP, Projeto Político Pedagógico. Levei para a minha sala de aula na faculdade, e expus o meu problema na roda pedagógica - Eles não sabem desse projeto, é um projeto montado por pedagogos e eu acho isso errado, porque todos da escola têm que fazer parte do projeto, têm que conhecer o projeto. A professora falou que eu não podia falar isso na escola porque eu era estagiária. O que nós fizemos; fizemos um projeto para a escola, convidamos os funcionários da escola para estar conhecendo o projeto que a própria escola montou. Minha professora: - Mas isso não está dentro do estágio. Eu falei: Ah! Mas eu não vou dar conta de estar trabalhando na escola e..., eu aprendi uma coisa aqui na faculdade e lá de fora é diferente? Não. Bati o pé e conversei com a coordenadora do estágio. Consegui. Reuniu-se alguns funcionários eles conheceram o Projeto Político Pedagógico da escola. Tinha do ponto de vista do meu grupo umas falhas que nós fizemos algumas sugestões e encaminhamos aos responsáveis pelo projeto. Nos ficamos () dar resposta para nós. Bom, isso aí foi no terceiro ano. Um ano que eu cresci muito como educadora. Lembrando aqui do primeiro ano, um fato quando a gente conheceu a escola, escola e sociedade, um livro que chamava Eucaliptos e Jequitibás, adorei. Foi o livro que eu mais gostei de todos os anos de faculdade. Foi um livro que eu acredito que todos os professores deveriam ler, porque ele fala que você tem que optar; ou ser um jequitibá ou ser um eucalipto. Eu aconselharia a todos os professores a estarem lendo. Passando para o quarto ano; foi um ano de decisão. Todos esses anos nós tivemos o TCA Trabalho de Construção de Aprendizagem. Eu, como sempre, fazia os TCA sozinha. Porque eu sou uma pessoa que gosta das coisas muito corretas e não gosto de deixar nada para a última hora e o pessoal sempre deixava para fazer na última hora, então, a minha parte, era sempre entregue primeiro, eu nunca deixava para depois. Sempre sofri, na entrega de TCA. D. passava mal.</p> <p>H – O que é o TCA, o Trabalho de Construção da Aprendizagem? É o Portfólio?</p> <p>D – É o portfólio. É chamado portfólio, mas é Trabalho de Construção da Aprendizagem que você faz durante todo o ano. É o trabalho de construção daquele ano. O que eu aprendi.</p> <p>H - Você faz reflexões sobre os conteúdos...</p> <p>D – Isso. Bastante reflexões sobre os conteúdos. Por exemplo, na questão de números, frações; quando eu aprendi frações. Na faculdade eu aprendi frações de um jeito diferente. Como que eu aprendi quando eu estudei? Como eu vou ensinar para os meus alunos? Que recursos eu posso estar utilizando? Essas reflexões que contêm o portfólio, que é chamado de TCA. Bom, sempre os meus TCAs foram em cima de pesquisas. Eu pesquisava bastante. Quando era para fechar eu colocava um monte de livros de Matemática em cima da minha mesa e falava: - Isso é interessante, isso..., tipo um plano de aula.</p> <p>Bom, no quarto ano era o TCC, foi o que mais matou a gente. Porque o TCC é Trabalho de Conclusão do Curso. Tive que pegar meu primeiro TCA e vir relatando até o quarto ano, porque o quarto ano é o fechamento, é o que você aprendeu, qual é a sua visão de professor educador; de quando você entrou na faculdade e como você está saindo agora. Então lá, nesse TCC, no último ano, minha parte foi como eu cresci como educadora. Porque eu tinha uma visão muito tradicional, era tudo muito seguidinho, não podia fazer, fugir daquilo.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Nada</p>
--	--

<p>RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO E ATIVIDADE DOCENTE</p> <p>1- influência de professores do Ensino Fundamental</p> <p>1- professores da faculdade não têm relação de amizade com os alunos</p> <p>1- conversa com eles fora da sala para pedir orientações quanto a sua atividade docente</p>	<p>PILOTO</p> <p>(Em quem se espelhou para desenvolver suas atividades docentes) Nos outros professores. Uma única professora, que era; na verdade foi em duas, que era uma de matemática e uma de português, que eu tive, que era muito boa também, sabe? E ela fazia assim, e ela brincava, e fazia roda, sabe? E eu sempre gostei muito de aula dinâmica. Eu não gosto de ficar preso no livro, ficar preso em quadro, sabe? Mesmo que isso... Eu acho que não rende, não faz a aula, não render tanto. Menino aprende brincando, sabe? Se você só brincar com menino usando os recursos que você tem, você vai obter um trabalho melhor, uma produção melhor, sabe? E, sempre foi assim. Eu sempre gostei muito de ser professora. Desde pequenininha. Então meus trabalhos, eles são muito () muito cheio de coisa. Eu sou muito perfeccionista com o que eu faço, sabe?</p> <p>Mas eu vejo já que::a relação que eu tenho com os meus professores da faculdade é totalmente diferente da relação que eu tenho com meus alunos, sabe? Tanto é que os meninos estão querendo fazer uma noite de pijama. Nossa Senhora! (nossa eles estão falando) - você vai professora? Vou ichi! Fazer bagunça (sorriu), sabe? Brincar (), um baile, vamos dançar () de dança com os meninos, agora é até que eu não estou tendo muita disponibilidade de para trabalhar.</p> <p>Atividade na sala de aula que eu vejo a necessidade de eu ter que procurar o professor é a única hora que eu converso com os meus professores. Fora de sala, é para procurar conselho sobre o que eu tenho que procurar, o que eu tenho que fazer com meus alunos dentro da sala de aula. Não tem aquela relação que eu tenho com os meninos, sabe?</p> <p>E eu vejo que a aula rende muito mais quando você dá um espaço para os::meninos chegarem em você, para falar o que eles quiserem. Eu tenho um aluno na sexta série que está com muita dificuldade, ele chegou em mim – professora eu preciso muito conversar com a senhora. ()chegou – olha eu estou com dificuldade nisso, por causa disso, disso, e disso. Então a gente pode sentar, conversar. S se você quiser eu venho aqui de manhã para dar uma aula de reforço. Podemos rever a matéria. (desde quando) você não entendeu? Eu acho isso muito importante, quer disser, ele viu a dificuldade dele, ele deu um espaço dele chegar em mim e falar para mim que ele estava com aquela dificuldade, sabe? Eu acho isso super importante.</p> <p>H – É, é verdade. Me fala um pouco sobre a sua vida na faculdade. Você começou quando, quanto tempo você tem, como é que você está (vivendo isso)...</p> <p>Porque muitas vezes, a minha professora de didática, passa um tipo de didática para a gente. Ela ensina de um jeito, ela fala de um jeito e ensina de outro, sabe? Eu acho que isso é uma pessoa totalmente sem didática, porque eu acho que ela tinha que explicar para gente, fazer com a gente o que ela está explicando, sabe? Mostrar para a gente que aquilo acontece, sabe? A minha</p>

<p>1- em relação à didática criou “uma própria”, pois não achou correto a de seus professores da faculdade – usa mais a prática do que a teoria</p>	<p>didática foi eu que (moldei), sabe? Eu não acho legal a gente trabalhar de um jeito, isso que é uma maneira mais gostosa (eu não vou passar teoria) igual eles fazem isso comigo. Eu não gosto de trabalhar com tanta teoria (como eles fazem comigo), sabe? Eu () de tanta teoria, sabe? Eu já prefiro alguma mais prática. Como também tenho aulas só de oficina, e a gente aprende muito mais trabalhando nas oficinas do que::comparando com::transparência, com professor falando (), sabe? Eu prefiro trabalhar mais com dinâmica, sabe? Eu acho improdutivo para mim como aluna.</p>
<p>2- usa materiais feitos para a faculdade com seus alunos</p>	<p>Está sendo bom porque dentro da sala de aula eu posso, muita coisa que eu vejo na faculdade, eu trago pra dentro de sala de aula, e, principalmente que no primeiro e no segundo período que eu vi na faculdade. Eu uso meu material que eu fiz que eu:: montei nos primeiros períodos de::faculdade. E eu uso com os meus alunos, sabe? Eu acho isso super importante, porque eu vejo que o que eu aprendi está rendendo pra mim ensinar para os meninos, sabe? E isso para mim é ótimo. É matéria mais recente na cabeça da gente. Eu eu faço com meus alunos o que a professora de matemática da faculdade está fazendo com a gente, sabe? A gente montou uma parte só com brincadeira e eu quero trabalhar com brincadeira com os meninos. Eu só não estou trabalhando agora porque eu ainda tenho que pegar muito material, montar os brinquedos com eles, porque eu acho importante eles montarem os brinquedos para eles, sabe?</p>
<p>1- utiliza os recursos de alguns professores</p>	<p>E muita coisa que eu estou aprendendo na faculdade eu estou levando para dentro da sala de aula, sabe? E está sendo muito bom, tanto para mim quanto para os meninos. Eles estão gostando, a gente vê isso, sabe? E eu comento em sala de aula. O professor se sente satisfeito em saber que uma coisa que ele fez. (trabalhou) () trabalhando desse jeito com meus meninos e que está rendendo com meus alunos o que está rendendo com a gente na faculdade.</p>
<p>1- é exigente porque teve professores exigentes</p>	<p>Eu sempre tive professores muito rígidos comigo, que exigiram muito de mim, sabe? E eu procuro seguir essa linha dos meus professores. Mas eu tive muito professor assim ligado a conteúdo. Não se interessava pelo que a gente passava fora de sala. Muitas vezes o que o menino está passando fora da escola influi muito no que está acontecendo dentro de sala. Se é uma criança super elétrica e chega um dia que ele está quietinho, está na dele; está acontecendo alguma coisa. E meus professores já não faziam isso, então eu procuro ser com os meus alunos o que meus professores não foram comigo, sabe? Eu acho isso muito importante, que se eles erraram comigo, eu não quero errar com os meninos, sabe?</p> <p>Eu sempre conversei muito em sala de aula com os meus amigos. Não, eu estou em dúvida nisso? Então vou perguntar para o fulano. Se eu perguntar para o professor, ele vai estressar. Então não vai dar certo. Então eu sempre fui de procurar opiniões diferentes dentro da sala, outras visões, sabe? Até hoje eu sou assim. E tenho--O meu grupo de estudos são sete pessoas. Eu, por eu ter mais facilidade, por que eu tenho uma letra muito bonita, então eu me preocupo em ficar mais com a parte da escrita, sabe? Mas as outras meninas do meu grupo, elas perguntam: Você acha que está assim? Não, eu acho melhor você fazer assado. Então todas têm experiência? Todas, mas a gente procura trocar bastante isso. Eu acho isso muito importante para mim,sabe? E eu procuro sempre trazer essas experiências das meninas para a minha sala de aula, sabe?</p> <p>Eu sou assim, eu espelho muito no professor mesmo, sabe? Mas dentro de sala de aula é aquela, é aquela pessoa que eu sou, o tipo de pessoa que::Eu sou amiga da sala inteira, eu converso, porque é muita experiência em um lugar só, então--O dia que eu comecei a trabalhar, eu falei: - Não, eu estou trabalhando, então eu vou procurar quem trabalha na mesma área que eu, sabe? Então eu procuro geral. Nos meninos. Af::você tem problema na sala de aula? Porque eu tenho tal problema. Como você faz? Sabe? E eu sou assim desde pequenininha, sabe? Eu gosto disso. Eu não dou conta de fazer um exercício? Eu vou em quem sabe para me explicar. Desde o fundamental eu sou assim. Eu sempre procuro -- Porque eu não procuro o professor? Porque professor, você vai procurar, os meus outros professores eram assim, eu ia procurar eles, os professores () ah! eu já expliquei isso, que não sei o que tem, você não</p>

<p>1- professor de faculdade não está disponível para explicações além da sala de aula</p>	<p>prestou atenção. Sabe? Eles saíam. Não sei se com você foi assim (sorriu). Comigo era assim, eu chegava no professor, o professor ia gritando. Eu acho que isso é muito errado, sabe? Igual eu tive uma professora na faculdade que eu fui tirar dúvida com ela. Ela falou para mim assim: - Não, eu já expliquei isso. Se você quiser, você se vira. Sabe? Eu acho que isso hoje, com a escola que a gente está tendo hoje. com o jeito que está a vida da gente hoje, tão corrida, acho que, sabe? O papel do professor de faculdade é explicar, é, aluno tem dúvida? Nossa! Beleza. Então é assim. Que está com duvida nisso? Então vamos sentar, vamos conversar, vamos resolver.</p> <p>Porque eu acho tão importante a gente aprender com os erros dos outros. Eu aprendi com os erros dos meus professores. Hoje eu procuro não cometer os mesmos erros que eles cometeram e estão cometendo comigo até hoje, sabe? E, eu gosto do que eu faço. E eu acho que para ser professor você tem que gostar e primeiro de tudo, tem que ter uma paciência.</p> <p>Mas dentro de sala de aula é aquela, é aquela pessoa que eu sou, o tipo de pessoa que: Eu sou amiga da sala inteira, eu converso, porque é muita experiência em um lugar só, então--O dia que eu comecei a trabalhar, eu falei: - Não, eu estou trabalhando, então eu vou procurar quem trabalha na mesma área que eu, sabe? Então eu procuro geral. Nos meninos. Aí: você tem problema na sala de aula? Porque eu tenho tal problema. Como você faz?</p> <p>Meu professor de tópicos especiais, ele trabalha com deficientes visuais. Então eu fui recorrer a ele, para ver se ele conhecia esse tipo de deficiência. Para falar a verdade, não é uma deficiência, é uma doença, sabe? E a mentalidade dos meninos é uma mentalidade de menino de: três, quatro anos. Você vê, é uma coisa nítida, sabe? Mas ele tem quatorze e eu procuro trabalhar com ele igual eu trabalhava com meus pequenininhos.</p>
<p>1- refletir sobre os erros dos professores e evitá-los em sua prática docente</p>	<p>PROFESSORA 1</p> <p>Eu...que, então passava sempre para eles, eu lembro assim um pouco das dificuldades que eu tinha, tanto para pintar alguma coisa em casa, assim das atividades de escola, quanto as mesmas dificuldades que eu tinha, na ESCOLA. É... às vezes assim...Eu sou muito fechada, então eu nunca perguntava. Ah, eu não entendi, eu não perguntava. Então às vezes eu...chego na criança, eu pergunto se ela está entendendo se não está. Então eu acho que vem um pouco, isso vem um pouco do que eu passei. Quando eu era menorzinha, né? Quando eu tinha a idade deles. Aí eu chego, eu pergunto se eles estão entendendo. eu tento ser o que as minhas professoras não foram para mim.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Nada</p>
<p>1- tentar ser o que as professoras não foram para ela – não eram próximas, não tiravam suas dúvidas</p>	<p>PROFESSORA 2</p> <p>E quando eu terminei o ensino fundamental, eu fiz o magistério. Quando eu cheguei no estágio, eu vi que não era aquilo que eu queria, porque aí eu fui para a alfabetização de primeira à quarta, e eu me perdi; eu não dava conta de ficar na sala de aula, não agüentava aquelas crianças. Tudo bem. Terminei. Concluí.</p> <p>NUNca lecionei história, porque não me identifiquei</p> <p>Estou fazendo agora a História da Arte nas Artes Visuais. De qualquer jeito eu vou encarar a história do mesmo jeito (sorriu). Só que assim, eu estou me identificando, um meio de estudar a história da arte, com as gravuras, entendeu? Com os artistas famosos. Então isso está me envolvendo. Sabe? Eu estou me descobrindo. Mas não pretendo lecionar história por enquanto.</p> <p>“Eu não dou nota para aluno”. Artes tem nota. Educação artística é conceito. Tudo bem. Mas artes tem nota. Tem prova. Eles falam: “Mas vocês vão ter que já começar a arrumar nota para ela desde agora”. Então? Porque que tem que arrumar? Ela que tem que se esforçar e tirar. Porque lá na faculdade, ninguém me da nota. Eu é que tenho que...Sabe?</p> <p>Bom, para mim, eu acho que em um primeiro passo, você tem que gostar. Porque igual eu – formei em história não me identifiquei – eu não gosto. Tanto é que eu nunca peguei aula de história.</p>

<p>1- aprendeu a ter respeito pelo ser humano com uma professora, e isto a influencia em sua atividade docente</p> <p>1- refletir sobre os exemplos negativos, aprender com eles e evitá-los</p> <p>1- influências positivas: inovações, tratar alunos de igual para igual, não ser autoritário</p> <p>2- desvalorização da função de professor e valorização do pesquisador</p>	<p>PROFESSOR 4</p> <p>Eu pego todos os exemplos que eu tive durante toda a minha vida na escola, que, infelizmente, na maioria foram exemplos negativos, mas que também não podem ser descartados, porque acabam sendo exemplos que mais ajudam a gente na nossa formação, que () o que a gente não deve ser. Agradeço bastante também esses exemplos porque..., para eu não ser igual. Vejo muito a influência de meus professores, desses professores que eu citei, que são professores que estão sempre querendo inovar, estão sempre querendo fazer uma coisa diferente para a sala, tratar os alunos de igual para igual ocorrendo um dualismo entre o aluno e o professor, não isolando, não sendo autoritário. Eu acho que igual eu fui um aluno de primário, um exemplo: dizem as pessoas que não gostam de matemática, por que, não sei por que. Mas eu tive uma professora que foi muito carinhosa, foi muito amiga, foi muito compreensiva e aprendi gostar de matemática em uma certa fase da minha vida. Quando eu passei para o ginásio, eu passei odiar matemática, porque eu tinha uma professora que era uma carrasca. Entendeu? Tive vários problemas com a minha mãe, com a escola. Tive que sair da escola porque eu não agüentava aquilo</p> <p>Só acrescentando que eu tive uma experiência com um estagiário. Ele me procurou a semana passada, eu me vi nele igualzinho quando eu estava começando minha carreira. Ele chegou para mim: “Olha P., eu preciso completar meus créditos e eu preciso que você deixe eu fazer um estágio com você”. Ele é meu amigo, só que não quer ser professor não. Toda classe que ele entrava ele falava assim: “Olha gente, vocês me ajudem, colaborem comigo, porque eu também não quero ser professor, eu estou aqui só para cumprir horário”. Sabe, eu acho que isso choca um pouco os alunos; não deve ser feito assim. Eu não falei nada para ele, vou esperar para falar em outro momento, mas eu me vi nele. Então eu acho, que..., o que está vindo aí, a remessa de professores que estão vindo aí, estão vindo com um pouco disso, estão vindo um pouco desmotivado. Por isso que o ensino esteja da maneira que está.</p> <p>propaganda da biologia é a pesquisa. Todo mundo que entra na biologia acha vai ser um pesquisador famoso, e tal. Muita pouca gente entra para fazer a licenciatura. Mas é um pouco disso aí. Você mostra..., vamos supor, um médico; às vezes você vai ter que ter um legista. Você vai ter que ter um médico legista. Mas eu tenho certeza que a grande maioria dos médicos que entram na faculdade vão estar interessados em fazer pediatria, uma geriatria ou alguma coisa relacionada com aquela fantasia de ser médico. E a mesma coisa é para toda a profissão. Só que você vai aprendendo a beleza da sua profissão, com o tempo. Então, se você não entrar em contato com aquilo, você não sabe. Você vai se formando. A mesma coisa é a disciplina pedagógica. Qualquer filme que você vai ensinar, qualquer coisa, você vai vendo que na verdade ela pode te dar alguma coisa além. Então, eu acho que deve mudar também essa propaganda da faculdade. Que deve ser..., tem uma nova proposta do MEC agora , que a faculdade deve ser ou licenciatura, ou pesquisa; bacharelado. Eu fiz os dois, bacharelado e licenciatura. Mas eu acho que a gente deve..., os professores devem sempre, desde o começo, valorizar a importância disso aí, valorizar a função de ser professor. E os próprio professores, dentro da escola, devem já valorizar a posição de professor, que na verdade é uma profissão muito bonita, uma profissão muito..., é uma coisa que me fascina realmente, sabe? Então eu acho que deveria ser tratada de uma maneira diferente.</p> <p>FILMAGENS: Nada</p> <p>PROFESSORA 5</p> <p>Fui trabalhar numa creche e lá eu já comecei a levar a Matemática de uma maneira diferente das quais eles estavam vendo, porque eram professoras que tinham se formado há muito tempo. Eu levava jogos, trabalhei com material dourado para ter relação número-numeral. Minhas aulas eram sempre assim,</p>
--	--

<p>1- relacionar teoria com prática a partir de quando começou a trabalhar em creche</p> <p>2- aprendeu a ensinar matemática de maneira divertida</p> <p>2- aprendizagem é mais fácil quando o conteúdo é dado de maneira prática e divertida</p>	<p>bem divertidas, bem construtivismo mesmo, igual era a proposta da creche onde eu comecei a trabalhar.</p> <p>Comecei a fazer o relacionamento com a parte pedagógica que eu tive na faculdade no segundo ano, lá na escola,</p> <p>Então, assim, aprendi muito e pretendo estar levando essa parte que aprendi no curso na minha futura vida acadêmica agora. Inclusive na escola, eu já estive conversando com a minha diretora, eu tenho vontade de pegar aqueles professores de primeira a quarta e ensinar uns jogos diferentes. Os meus alunos, hoje de oito anos, eles gostam mais de matemática que de português. Por quê? Porque eu ensinei matemática para eles de um jeito diferente do que eles já tinham visto.</p> <p>O meu objetivo agora, daqui para frente, a partir da formação que eu tive, é de estar trabalhando, fazendo projetos para estar mostrando a Matemática de um jeito diferente para as pessoas, para que elas possam começar a gostar da Matemática, porque elas não gostam.</p> <p>Essa situação que você colocou é o fato de que você pega uma turma que já vem com defasagem na aprendizagem e você coloca o conteúdo de maneira diferente e eles conseguem aprender.</p> <p>D – Eles conseguem aprender. Se todos os professores comessem a fazer isso eu acho que a educação hoje em dia estaria totalmente diferente. E isso eu aprendi na faculdade. Isso minhas professoras e os excelentes educadores que eu tive fizeram com que nós professores percebêssemos isso. Muito nos ajudou uma professora que é psicóloga na faculdade que disse: Olha, você tem que trabalhar desse jeito. Tanto a professora do estágio também ajudou muito.</p> <p>FILMAGENS: Nada</p>
<p>ESCOLHA DA PROFISSÃO</p> <p>1- gosto vem da infância, a área da matemática foi escolhida mais tarde – influência de professora da 5ª série.</p> <p>3- gosta muito de criança</p>	<p>PILOTO</p> <p>– Bem, Eu, desde de pequenina brinco de: () Desde que eu era pequena, só que eu nunca imaginava que eu ia seguir a área de matemática. Por quê? Por que eu sempre tive muita dificuldade nessa área. Eu comecei a gostar de verdade da área da matemática quando eu estava na quinta série e tinha uma professora que ela era (formada) () (muito fácil...assim) E aí eu comecei a me interessar mais por matemática (). Quando foi no primeiro colegial que () prestar vestibular para o normal porque eu sempre tive, eu sempre fui muito metódica e quando a minha sobrinha nasceu () e eu comecei a ter mais convívio com criança, principalmente pequenininha, que eu percebi que eu gosto realmente de criança. Quando eu comecei a fazer estágio, criança era o que eu gostava, só que não era tanto assim, o que eu imaginava que seria. Quando eu comecei a trabalhar lá no P., foi quando eu vi que o que eu quero de verdade é mexer com crianças maiores. São mais independentes () elas são</p>

<p>2- mãe influenciou porque quase se formou em matemática e explicava de forma muito fácil para ela.</p> <p>3- ficou em dúvida entre História e Matemática - Escolheu Pedagogia, mas vai fazer Matemática depois</p> <p>3- gosta de atividades de criança</p>	<p>mais independentes(elas não precisam tanto de:)tantos cuidados, eu já posso sentar com elas de igual para igual ()</p> <p>- É uma condição que minha mãe me passou. Minha mãe é uma...-- por pouco ela não se formou em matemática () faculdade. Então eu sempre fui muito apaixonada por dar aula. Fazia::brincava de escolinha; eu sempre era professora () aluno (). No nível superior a minha professora era mais dinâmica, sabe? Eu achava legal que ela trabalhava com brincadeira. (). Ela (mãe) não chegou ela tra, ela não chegou a trabalhar, pelo fato de minha avó ter adoecido. Ela () faculdade justamente para cuidar da minha avó (tossiu) mas, ela falava que ela gostava muito. E ela é muito fácil. Sabe da matemática também ()muito fácil. Muitas coisas que eu esqueço, eu vou nela e ela me explica, sabe? Mas ela não chegou a trabalhar com matemática, não. Teve um pouco de influência dela (mãe) também. Justamente por ela explicar matemática quando eu tinha dúvida. Tanto no colegial, quanto no fundamental, ela me explicava. Então ela fazia as coisas ficarem muito fácil. Gente, oh, minha mãe--quando eu optei em fazer o curso e começar a dar aula de matemática, que foi por acaso que aconteceu, eu, eu () vou seguir, o que a minha mãe conseguiu, eu vou conseguir. Eu vou dar a aula que a minha mãe gostaria de dar, sabe? (realizar o que a mãe não realizou) Então teve essa influência também, e as vezes quando a gente troca um pouco, fala...() o que a senhora acha que eu devo fazer. Igual os meninos da sexta série está com muita dificuldade em expressão, mas essa dificuldade que já veio no começo do ano...</p> <p>Eu sempre optei, eu sempre gostei de brincar de professora. Já que eu brincava, vou fazer alguma coisa nessa área. Só que eu gosto muito de matemática e também gosto muito de história. Então o que, ou eu faço matemática ou eu faço história. Então ta, então eu pesquisei com meus professores, eu procurei saber curso de história, curso de matemática, mas eu optei por fazer pelo normal que vai até (). Mas eu pretendo terminar o normal e começar matemática porque eu já percebi que história não é a minha área, sabe?</p> <p>Eu sempre, desde pequenininha, eu sempre gostei muito de conversar com gente sempre mais nova que eu, pelo fato de eu ter, eu tenho dois irmãos mais novos. Então eu sempre gostei de conversar com gente mais nova. Já com gente mais velha, eu já sou muito inibida, muito::tímida, sabe? Então eu sempre fui muito comunicativa quando se trata de pessoas mais novas que eu, sabe? Então eu acho que isso influencia bastante, porque os meninos que eu trabalho, vai de::dez anos a doze, sabe?</p> <p>Isso sempre influencia, né? A gente trás de casa, sabe? A minha mãe era muito rígida nas coisas que ela fazia, e ela também trabalha com criança. Ela trabalha com recém nascido. Então tem muita coisa, sabe, sempre estar mexendo com criança. Eu tenho uma sobrinha pequena, então eu sempre estou rodeada de gente mais nova que eu. Então eu evito muito, eu não gosto de me comportar como gente da minha idade, porque são sempre muito sérias. Eu estou sempre brincando. Eu brinco demais com meus meninos, sabe? Com meus alunos. Eu Amo de paixão sentar no chão, sabe? Brincar com eles no chão sabe?</p> <p>Eu gosto de tudo. Eu tenho tudo. Eu só não sei pintar. Pintar em tela, porque o resto tudo eu fazia, sabe? Eu sei brincar com::papel, eu adoro fazer essas coisas, sabe? E eu gosto que os meus alunos tenham capricho com as minhas coisas, sabe?</p> <p>PROFESSORA 1</p> <p>Na verdade eu sempre tive dúvida sobre o que eu queria fazer. Eu queria psicologia infantil, e na área de lecionar também...de preferência matemática. Eu não tinha condições financeiras de fazer psicologia () naquele momento para mim, então eu cursei o magistério. Eu fiz magistério...e achei que não era suficiente. Fui e prestei vestibular, na UNIPAC, passei e estou aí, né?...Foi desde então que eu comecei.</p> <p>Ele (<i>pai</i>) sempre quis que eu fizesse magistério para ficar na área de educação. Então isso me incentivou. Falava que eu tinha que fazer, e eu falava: “Não,</p>
--	--

<p>4- queria Psicologia mas não tinha condições financeiras</p>	<p>mas eu quero psicologia”. Aí juntou, que eu não tinha condição de pagar uma faculdade de psicologia e que eu faço tudo o que meu pai quer, então...juntou tudo, e foi por isso mesmo que eu fiz. Então teve, teve sim. H – Influência de seu pai. A – De meu pai. Da minha mãe nem tanto. Mas de meu pai, teve. Do meu pai teve sim.</p>
<p>2- influência do pai –0 área da educação</p>	<p>...Não foi difícil escolher o que eu queria fazer, pois como eu já havia feito o magistério, eu queria fazer algo que poderia...que eu poderia crescer profissionalmente. Como eu gostava de exatas, eu optei por matemática e física. Hã..., eu estou no segundo período do curso e eu quero concluir ele até o final, até terminar.</p>
<p>4- não teve opção, pelo local que morava – fez magistério mas não se encontrou</p>	<p>PROFESSORA 2 Eu não tive muita opção da escolha da profissão, porque eu morava na época em uma cidade do interior, onde só tinha o magistério. E a gente cresceu ouvindo os pais falando: “Tem que estudar. Tem que estudar”. E quando eu terminei o ensino fundamental, eu fiz o magistério. Quando eu cheguei no estágio, eu vi que não era aquilo que eu queria, porque aí eu fui para a alfabetização de primeira à quarta, e eu me perdi; eu não dava conta de ficar na sala de aula, não agüentava aquelas crianças. Tudo bem. Terminei. Concluí. Parei um tempo. Parei um tempo de estudar. Aí eu fui trabalhar em um escritório de compra e venda de gado, que não tinha nada a ver. E meus pais falando: “R., tem que estudar. Você tem que estudar”. Tudo bem. Aí eu resolvi, fui prestar vestibular lá em Bebedouro. Aí eu prestei três opções: (matemática, física) e história. Comecei fazer história, não gostei. Aí eu tinha feito um ano e meio e eram só três anos. Na época era plena, normal. Aí eu decidi ir até o fim. Me formei. NUNca lecionei história, porque não me identifiquei. Aí eu vim para Uberaba. Eu falei: “Eu vou ter que trabalhar, vou ter que achar um caminho”. Quando eu cheguei aqui, eu fiz inscrição. De início saiu nove aulas de história. E eu fui. Chegou na minha hora eu desisti. Saiu em educação artística. Aí eu fui ver educação artística, eu me encontrei. Aí eu comecei com três aulinhas de educação artística, deixei as nove de história. Aí, foi ali que eu me encontrei, sabe? Assim, (com o tempo acabei encontrando).</p>
<p>4- foi pressionada para continuar estudando – fez História, mas não gostou</p>	<p>E aí, porque que eu comecei, assim, que eu fui para a arte? Porque eu tenho um primo que fez Belas Artes em BH. E sempre quando ele ia para a minha casa, ele estava pintando, desenhando; e aí eu perguntei o que é que ele tinha feito. Qual era a faculdade. Aí ele falou: “Eu fiz em Belo Horizonte, Belas Artes”. Aí quando eu cheguei em Uberaba que fiquei sabendo da primeira turma de artes, eu logo corri e fiz a inscrição. Eu pensei que se eu passasse seria uma oportunidade. Aí eu fiquei em décimo sétimo lugar. Ótimo, gostei. Bom, para mim, eu acho que em um primeiro passo, você tem que gostar. Porque igual eu – formei em história não me identifiquei – eu não gosto. Tanto é que eu nunca peguei aula de história. Então eu acho que o primeiro passo, você tem que gostar, você tem que vestir a camisa. Igual eu, eu sei que eu estou tendo dificuldade. Mas eu gosto, e eu tenho certeza que eu vou encontrar um caminho. Para que eu melhore. Para eu crescer junto com eles, diante desses problemas.</p>
<p>5- aceitou aulas de Educação Artística e se encontrou – aí foi fazer cursos de Artes</p>	<p>PROFESSORA 3 Bom, eu acho que eu escolhi a carreira de professora mais com relação ao bom relacionamento que eu tive com meus professores no colégio. Eu sempre estudei em um colégio só, no José Ferreira, e várias professoras me influenciaram, principalmente na área de português. Só que eu fui me descobrindo a partir da quinta série, que eu tive o contato com a primeira língua estrangeira, que foi o inglês, e assim eu comecei os estudos, foi a minha primeira língua estrangeira. Logo em seguida, eu fui me apaixonando pelo espanhol, foi quando eu prestei vestibular. O primeiro vestibular que eu prestei foi enfermagem. Eu ia passar para a segunda fase, só que eu não queria aquilo. Aí no fim do ano eu viajei, e quando eu voltei, teve um vestibular para letras</p>
<p>2- influência de um primo que fez Belas Artes</p>	<p>PROFESSORA 3 Bom, eu acho que eu escolhi a carreira de professora mais com relação ao bom relacionamento que eu tive com meus professores no colégio. Eu sempre estudei em um colégio só, no José Ferreira, e várias professoras me influenciaram, principalmente na área de português. Só que eu fui me descobrindo a partir da quinta série, que eu tive o contato com a primeira língua estrangeira, que foi o inglês, e assim eu comecei os estudos, foi a minha primeira língua estrangeira. Logo em seguida, eu fui me apaixonando pelo espanhol, foi quando eu prestei vestibular. O primeiro vestibular que eu prestei foi enfermagem. Eu ia passar para a segunda fase, só que eu não queria aquilo. Aí no fim do ano eu viajei, e quando eu voltei, teve um vestibular para letras</p>

<p>1- Bom relacionamento com professores do colégio – influenciaram na escolha de ser professora</p>	<p>na UNIUBE, que tinha fechado o curso, e eles reabriram. Aí lançou o português e o espanhol, que eu fui da primeira turma. Foi aí que eu ingressei na faculdade. E eu estou feliz. Estou na sala de aula agora.</p> <p>A primeira vez que eu atuei como professora eu tinha onze anos, que eu dava aula de catequese. Eu tinha que esperar o pessoal que não tinha terminado as aulas ainda, aí eu dava aula. Tinha uma turma minha que eu ensinava o que eu já sabia da doutrina. Até eu completar os meus quinze anos. Quer dizer que foram quatro anos dando aula de catequese. Eu acho que foi por aí que eu tive uma experiência.</p>
<p>5- experiências com aulas de catequese desde os 11 anos</p>	<p>Minha mãe também teve essa experiência de aula de catequese. Tenho três tias formadas professoras. O maior exemplo que eu tive, que quando eu entrei na escola eu já sabia ler e escrever. Foi minha mãe que me ensinou. Eu esperava muito dela. Já tinha quadro negro em casa, (com sete anos). Então eu acho que foi uma coisa minha; não tem o que falar. Acho que foi uma coisa minha.</p> <p>Da escolha da carreira docente, eu acho que tinha relação com isso. Porque uma das professoras que me influenciou no colégio, hoje eu trabalho com ela. Ela é minha chefe. E esses dias ela me contou uma história de que eu virei para ela e disse: “Ah, professora! Eu não estou enxergando o quadro.” Aí ela falou: “Então você peça para a sua mãe te levar ao oftalmologista, aí eu conversei com a minha mãe e minha mãe não acreditou. Ela falou que meu olho encheu de água e eu falei: “Minha mãe não acreditou.” Aí ela fez para mim assim: “Sua mãe é católica?” aí eu fiquei com aquilo na cabeça, mas eu não perguntei para ela por que. E eu fiquei, fiquei, fiquei, e dez ou doze anos depois a gente foi sentar na mesma mesa e ela foi me contar a história. Aí eu tive a coragem de perguntar: Por que? “ Não, são atitudes.” E eu: “Então tá.”</p>
<p>2- tem três tias professoras</p>	<p>PROFESSOR 4</p> <p>Mais exatamente no colegial, foi quando eu conheci um professor chamado E., que me mostrou uma maneira diferente de aprender. Inclusive ele fez mestrado também e utilizou a nossa turma como parte de pesquisa do projeto dele. Isso me deixou bastante empolgado, achei que seria interessante. E comecei a pensar diferente sobre educação e sobre a disciplina que ele ministrava que era biologia. Eu escolhi minha carreira muito...; até depois eu fiz vários testes vocacionais para ver o que eu gostaria de fazer. Pensei em fazer outras coisas, mas vi com o tempo que meu gosto estava ligado à biologia. Tudo que eu fazia chegava a conclusão que eu gostava mesmo é de biologia.</p>
<p>1- influência de um professor do Ensino Médio – utilizou a turma para pesquisa de mestrado – gostou da experiência</p>	<p>Eu entrei, não sabendo que eu queria ser professor, eu entrei para ser pesquisador em biologia, assim como o professor E., e buscava..., por um tempo ficou um pouco turvo isso na minha cabeça, porque começou a entrar um pouco de conflito porque todo mundo falava que ser professor não ia ser bom, professor ganha pouco e que o que estava em alta era pesquisa.</p> <p>Aí eu vi que eu tinha muita facilidade para apresentar seminário, que me sentia muito bem fazendo palestras, essas coisas, com o tempo. Vi que eu conseguia explicar a matéria para meus amigos. Eles me chamavam às vezes para explicar. Eu tinha uma facilidade. Talvez não dominava tanto a matéria quanto eles, mas se eles me explicassem eu saberia explicar para mais gente. Então eu vi que eu tinha um certo dom para professor Foi aí que eu mudei minha idéia. Falei assim: “Bom, vou dar uma atencãozinha a mais para o lado da educação”. Foi quando eu me voltei. E eu tive ainda uma influência que uma professora chamada I., ela é doutora e phd em física, que foi uma professora do estado. Ela não precisava ser professora do estado, ela dava aula porque ela gostava e porque ela acreditava no potencial daqueles meninos que estavam ali, e eu estava no meio ali. Então eu gostei disso. Isso foi uma de minhas principais influências. Uma grande influência que eu tive também que me fez mudar a idéia, o conceito de professor, foi meu professor E C G, que dava uma aula diferente. Ele dava uma aula de igual para igual, apesar de ser detentor de um conhecimento extraordinário, tratava a gente de igual para igual. Foi uma das coisas que me formou mais do que uma própria aula de didática; aula de metodologia do ensino. E as palavras dele foi o que me conscientizou da</p>

<p>4- fez testes vocacionais – tudo levava à biologia – entrou para ser pesquisador, descobriu a docência com o tempo – tinha facilidades com a função de professor</p> <p>3- tinha “dom”</p> <p>1- influência de uma professora que acreditava no potencial dos alunos</p> <p>3- gostar de criança – fazer Pedagogia.</p> <p>3- para fazer Pedagogia tinha que ler muito, desistiu, fez magistério</p> <p>1- o magistério a fez apaixonar pela profissão</p>	<p>importância de também trilhar uma carreira como professor.</p> <p>PROFESSORA 5</p> <p>Aconteceu que eu terminei o colegial, prestei o vestibular para pedagogia. Pesquisei sobre o curso antes de estar realizando ele; não era o que eu queria e resolvi fazer então o magistério, que foi em dois mil, que seria de um ano. Me lembro muito bem durante o ensino fundamental, que na sétima série, o professor me disse, porque eu tinha problemas com a matemática, como todo mundo tem, e eu no primeiro e segundo semestre fui levando. No terceiro bimestre eu passei um aperto, porque eu precisava de nota, e ele me disse que se eu precisasse de um décimo, ele não me daria, eu seria reprovada. Porém eu estudei bastante, consegui fechar a prova e o trabalho, consegui tirar notas boas e então comecei a gostar de matemática. Por quê? Por que, eu comecei a entender como ela funciona, Na oitava série eu tive uma professora de matemática que é um encanto.</p> <p>Eu comecei o colegial com esse danado desse professor da sétima série, que no primeiro dia deixava bem claro que não dava ponto para ninguém, que não dava trabalho para ajudar em nada. Terminei, foi um sucesso o colegial, sem problema nenhum, fizemos uma bela de uma festa e logo em seguida, pensei em seguir minha carreira. Fazer o quê? Pensei, como eu gosto de criança, independente da idade, eu falei, vou fazer pedagogia, pois pedagogia está relacionada com crianças. Descobri que tinha que ler muito aqueles autores, filósofos e eu não gostava muito disso, não. Prestei o vestibular e não passei, também não fiz por passar. Passando isso, surgiu numa escola perto da minha casa a vaga para fazer o magistério. Já estava lotado. Eu fui na escola, conversei com a diretora, disse que eu gostava muito de criança e que eu gostaria de fazer o magistério. Numa sala de cinquenta e cinco mulheres, entrou mais uma; cinquenta e seis. A sala era pequena. Fiz o magistério durante um ano. Muito gostoso, aprendi muitas dinâmicas. Aí é que eu comecei a me apaixonar mesmo de verdade. Uma vizinha minha tinha uma escola perto da minha casa, em novembro ela descobriu que eu estava fazendo magistério e sabia que eu gostava de crianças, me convidou para estar trabalhando de apoio no maternal. Tinha uma professora, mas como as crianças eram muito pequenas, ela me convidou para estar auxiliando a professora. Entrei fiquei lá, novembro..., fiquei lá dois meses com ela. No próximo ano, ela me convidou para estar trabalhando no pré, alfabetização, porque é escola particular, então no pré você já começa a alfabetizar. Minha primeira turminha foi um sucesso. No meio do ano já estavam lendo. No ano seguinte ela me convidou novamente para estar continuando com o pré. Fiquei com o pré de novo. Me apaixonei muito pela turma porque eles gostavam muito de mim, a gente tinha um bom relacionamento,</p> <p>Houve uma frustração, porque eu pedi a ela para continuar com eles na primeira série. Foi daí então que ela falou para mim que não, que não teria uma professora na qual ela podia colocar para estar alfabetizando os alunos, e isso me deixou muito frustrada</p> <p>Parei de trabalhar como professora. Fui trabalhar com meu primo em um outro ramo profissional que não tinha nada a ver com a educação. Nesse período acabei o magistério, nossa professora, falou que na Universidade de Uberaba iria oferecer vários cursos com preço acessível “e eu quero que todas façam a inscrição”. Ela praticamente obrigou todas nós a fazermos a faculdade. Dos cursos que ofereciam, o que mais me interessou foi a Matemática, porque eu a aprendi. E eu vendo como que era resolvi trabalhar com as crianças, e fazer o curso de matemática. Prestei o vestibular, assim que terminou o magistério. Estudei dezembro inteiro, só parei do dia vinte e cinco ao dia primeiro que era véspera de natal e ano novo. Depois em janeiro, comi livro, fui estudando, passei. Passei em primeiro lugar no processo seletivo. Abriam duas turmas, e como eu estava muito cansada, optei pela turma de agosto. Como eu tinha passado em um bom lugar eu podia optar.</p>
---	--

<p>docente</p> <p>5- começou a trabalhar na área e se encantou por trabalhar com crianças</p> <p>1- professora do magistério obrigou todas as alunas a fazerem o vestibular para área de Educação na UNIUBE. Escolheu Matemática porque tinha tido boa relação com ela nos seus estudos</p>	
<p>REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</p> <p>1A- professor tem que ser amigo, companheiro</p> <p>1A- vê grande necessidade de ser amiga de seus alunos</p>	<p>PILOTO</p> <p>- Para mim, eu acho essencial a liberdade entre professor e aluno.</p> <p>- ... tanto é que minhas alunas me tratam como amiga. E eu trato a elas como amigas. Eu não deixo o que elas estão fazendo--tanto dentro como fora de sala--coisa errada--Não faz isso. Isso não é coisa de uma menina da sua idade--falam de namorado. A gente já conversou então--problema com negócio de namorado, sabe? Eu falo para elas: -Gente não está na idade.-- não fica limitado só a matéria, sabe? Tem aquela relação professor aluno dentro da sala de aula, mas fora de sala a gente tem uma unidade...sabe? Eu acho isso muito importante para a minha profissão. Porque eu sempre tive desde pequenininha professores--Não menino, não faz isso que isso está errado. (Não), eu gosto mais do diálogo. () Gente, vamos prestar atenção. Isso é importante para vocês--Os meninos ultimamente, eles são muito ativos. E eles têm um certo respeito, tanto pelo lado dos colegas, como do professor--viu gente? olha com é que é bom, é gostoso, eu respeito vocês e vocês têm que me respeitar, tanto dentro como fora de sala, sabe? Então, eu acho assim que, a função de um professor não é ficar limitado à sala de aula. O professor tem que ser aquele...Ele tem que ser amigo, companheiro.</p> <p>- Agora eu vejo uma necessidade muito grande de ser amiga de meus alunos. Por quê? Porque o tanto que eu já vi a:::de uns anos pra cá, mudou muita</p>

<p>1A- Professor tem que ter perfeição nos mínimos detalhes</p>	<p>coisa. Nossa Senhora...E:::tipo, eu na quinta série, eu nunca podia imaginava que namorado. EU brincava de boneca. Os meninos agora, um trem para namorar. -Para mim, eu acho essencial a liberdade entre professor e aluno. -Professor, ele tem que ter perfeição nos mínimos detalhes. Eu sou uma pessoa muito crítica. Eu critico meus alunos. Eu falo assim ó – você está fazendo errado por causa disso, disso e disso. Se você fizer assim, assim, assado, vai ser mais fácil. Sabe? E eu falo, e:::eu procuro não esconder deles o que eu penso, sabe?</p>
<p>2- Homem só dá dor de cabeça</p>	<p>E eu acho muito gostoso conversar com eles, tem dia que as meninas - Nossa professora! Esse menino, ai, que lindo! Não gente, olha. Olhar de longe é uma delícia, mas quando chegam perto! Nossa Senhora! Só dá dor de cabeça. Não, não namora agora, não. Homem só da dor de cabeça. Deixa, depois dos vinte vocês vão estar mais preparada, sabe?</p>
<p>2- Só professor de Português precisa falar certo – ela pode usar gírias para se aproximar dos alunos</p>	<p>Sem muita formalidade ... Eu não sou professora de português para falar certo, eu falo gíria, eu falo, ou uso o vocabulário que os meninos usam comigo, eu uso com eles, sabe? E eu acho isso muito importante, para não ficar diferenciando, sabe? () tem que ser, tem que ter essa postura. Eu acho que professora tem que ter uma postura. Tem que ser séria. Só que uma professora () uma professora muito séria, muito rígida, ela não deixa os alunos se aproximarem dela, sabe? Eu acho essa aproximação muito importante. E eu vejo que a aula rende muito mais quando você dá um esPAço para os::meninos chegarem em você, para falar o que eles quiserem. Eu tenho um aluno na sexta série que está com muita dificuldade, ele chegou em mim – professora eu preciso muito conversar com a senhora. ()chegou – olha eu estou com dificuldade nisso, por causa disso, disso, e disso. Então a gente pode sentar, conversar. S se você quiser eu venho aqui de manhã para dar uma aula de reforço. Podemos rever a matéria. (desde quando) você não entendeu? Eu acho isso muito importante, quer disser, ele viu a dificuldade dele, ele deu um espaço dele chegar em mim e falar para mim que ele estava com aquela dificuldade, sabe? Eu acho isso super importante.</p>
<p>1A – professora é aquela pessoa que vai dar uma direção a seus alunos – ajuda-los a diferenciar o certo do errado</p>	<p>eu aDoro é::folha desenhada. () todo professor de, principalmente de ensino fundamental, tem que saber () Meu material sempre foi muito::,eu sempre fui muito organizada. Então eu sempre separei muito bem as coisas, sabe? Bem ser professor no meu ver hoje; além de ser aquela pessoa que vai orientar os meninos, é aquela que vai dar um curso, falar assim, não você não vai fazer desse jeito não. É aquela que vai, como que eu posso te explicar; dar uma direção.</p>
<p>1A – professora é como se fosse segunda mãe</p>	<p>Os meninos hoje em dia, os meninos que eu trabalho, estão numa fase que é onde começa o ponto da sexualidade, onde começa ver com drogas, sabe? Então eu acho assim, que eu como professora, tenho como obrigação orientar eles explicar o que está certo, o que está errado, mesmo que eles já saibam. Eu acho que ser professor hoje é isso, é ensinar o aluno a diferenciar o que ele está fazendo de certo, o que está fazendo errado. Não fica restrito só a sala de aula.</p>
<p>1A – orienta sobre sexualidade</p>	<p>Eu acho que isso é fundamental para a convivência do ser humano, sabe? Eu ponho muito isso para os meninos. Eu exijo o respeito deles, tanto dentro, como fora de sala. A gente tem sempre que trabalhar esse assunto -- tanto drogas () não, porque você vai fumar? Vai estragar seus dentes, vai ficar feio, vai, vai envelhecer rápido. Eu falo desse jeito para os meninos, porque senão eles vão para um caminho que não tem saída. Eles começam -- e é uma idade que está começando, uma idade que vê mãe fumando, quer fazer igual. Vê pai bebendo, quer fazer igual, sabe? É a idade onde, que eles estão começando a ir em shopping, a passear sozinhos; então não adianta. Eles vão falar que: - ah! não vende bebida para menor, vende, não adianta que vende. Eu sei porque eu vejo isso. Eu saio a noite e eu vejo isso sabe? Então tem um determinado ponto de Uberaba que é onde o pessoal se reúne. Os meninos na idade de doze treze, quatorze anos, se reúnem para fazerem bagunça, comemorar. Eu vejo, eu fico de olho para ver se não tem um dos meus alunos no meio. Para mim, levar aquilo para dentro da sala de aula, eu acho que isso é o papel do</p>
<p>2- criança adotada sofre interferência deste fato em seu comportamento geral</p>	<p>Eu acho que isso é fundamental para a convivência do ser humano, sabe? Eu ponho muito isso para os meninos. Eu exijo o respeito deles, tanto dentro, como fora de sala. A gente tem sempre que trabalhar esse assunto -- tanto drogas () não, porque você vai fumar? Vai estragar seus dentes, vai ficar feio, vai, vai envelhecer rápido. Eu falo desse jeito para os meninos, porque senão eles vão para um caminho que não tem saída. Eles começam -- e é uma idade que está começando, uma idade que vê mãe fumando, quer fazer igual. Vê pai bebendo, quer fazer igual, sabe? É a idade onde, que eles estão começando a ir em shopping, a passear sozinhos; então não adianta. Eles vão falar que: - ah! não vende bebida para menor, vende, não adianta que vende. Eu sei porque eu vejo isso. Eu saio a noite e eu vejo isso sabe? Então tem um determinado ponto de Uberaba que é onde o pessoal se reúne. Os meninos na idade de doze treze, quatorze anos, se reúnem para fazerem bagunça, comemorar. Eu vejo, eu fico de olho para ver se não tem um dos meus alunos no meio. Para mim, levar aquilo para dentro da sala de aula, eu acho que isso é o papel do</p>
<p>2- se não gosta da professora não vai gostar da matéria</p>	<p>Eu acho que isso é fundamental para a convivência do ser humano, sabe? Eu ponho muito isso para os meninos. Eu exijo o respeito deles, tanto dentro, como fora de sala. A gente tem sempre que trabalhar esse assunto -- tanto drogas () não, porque você vai fumar? Vai estragar seus dentes, vai ficar feio, vai, vai envelhecer rápido. Eu falo desse jeito para os meninos, porque senão eles vão para um caminho que não tem saída. Eles começam -- e é uma idade que está começando, uma idade que vê mãe fumando, quer fazer igual. Vê pai bebendo, quer fazer igual, sabe? É a idade onde, que eles estão começando a ir em shopping, a passear sozinhos; então não adianta. Eles vão falar que: - ah! não vende bebida para menor, vende, não adianta que vende. Eu sei porque eu vejo isso. Eu saio a noite e eu vejo isso sabe? Então tem um determinado ponto de Uberaba que é onde o pessoal se reúne. Os meninos na idade de doze treze, quatorze anos, se reúnem para fazerem bagunça, comemorar. Eu vejo, eu fico de olho para ver se não tem um dos meus alunos no meio. Para mim, levar aquilo para dentro da sala de aula, eu acho que isso é o papel do</p>
<p>1A – tenta influenciar os alunos a seguirem a carreira docente</p>	<p>Eu acho que isso é fundamental para a convivência do ser humano, sabe? Eu ponho muito isso para os meninos. Eu exijo o respeito deles, tanto dentro, como fora de sala. A gente tem sempre que trabalhar esse assunto -- tanto drogas () não, porque você vai fumar? Vai estragar seus dentes, vai ficar feio, vai, vai envelhecer rápido. Eu falo desse jeito para os meninos, porque senão eles vão para um caminho que não tem saída. Eles começam -- e é uma idade que está começando, uma idade que vê mãe fumando, quer fazer igual. Vê pai bebendo, quer fazer igual, sabe? É a idade onde, que eles estão começando a ir em shopping, a passear sozinhos; então não adianta. Eles vão falar que: - ah! não vende bebida para menor, vende, não adianta que vende. Eu sei porque eu vejo isso. Eu saio a noite e eu vejo isso sabe? Então tem um determinado ponto de Uberaba que é onde o pessoal se reúne. Os meninos na idade de doze treze, quatorze anos, se reúnem para fazerem bagunça, comemorar. Eu vejo, eu fico de olho para ver se não tem um dos meus alunos no meio. Para mim, levar aquilo para dentro da sala de aula, eu acho que isso é o papel do</p>
<p>1A – professor tem que</p>	<p>coisa. Nossa Senhora...E:::tipo, eu na quinta série, eu nunca podia imaginava que namorado. EU brincava de boneca. Os meninos agora, um trem para namorar. -Para mim, eu acho essencial a liberdade entre professor e aluno. -Professor, ele tem que ter perfeição nos mínimos detalhes. Eu sou uma pessoa muito crítica. Eu critico meus alunos. Eu falo assim ó – você está fazendo errado por causa disso, disso e disso. Se você fizer assim, assim, assado, vai ser mais fácil. Sabe? E eu falo, e:::eu procuro não esconder deles o que eu penso, sabe?</p>

<p>“vestir a camisa” do local onde trabalha</p> <p>1A – ser professora é, muitas vezes, ser o que não é, e cumprir regras</p> <p>2- os planos do governo favorecem o analfabetismo de propósito.</p> <p>alunos cínicos, irônicos – ela ignora</p> <p>2- sente-se diferente pelo seu estilo de vida (andar de bicicleta, comer fruta no intervalo)</p> <p>2- experiência não é tudo na vida de um profissional</p>	<p>professor, mesmo que seja fora de sala de aula. Se ele está vendo que o aluno dele está fazendo uma coisa errada fora, tem que levar isso para dentro de sala e orientar o menino, porque hoje – pai tem muitos. Pais não vou generalizar, que é assim: menino vai para escola, professora é mãe, professora educa, sabe? Tem muito disso. Não eu procuro orientar os meus alunos. Eu falo para eles assim: - mãe é só uma, mas professora é como se fosse uma segunda mãe, porque a gente tem que orientar, a gente tem que educar, sabe? Além de ensinar o que a matéria pede, sabe? Então eu procuro muito falar sobre sexualidade com os meninos, sabe? Não, vocês não estão na época de fazer isso, mas é assim, assim, assado, que acontece. Se me perguntar, é isso que vou falar. Não adianta eu chegar para ele e falar assim: - Olha amor, o nenê nasce por causa de uma sementinha. Não adianta. Eles sabem do jeito que acontece. Eles vêm isso na televisão. Televisão hoje deixa tudo muito claro para o aluno. Então eu acho que isso () é o que o professor tem que ter. Ele tem que ter um papel de orientador daquela criança, daquele aluno, sabe? E é isso que eu procuro fazer.</p> <p>. E não sei o que tem, sabe? E ele é uma criança adotada. Vejo que::isso também interfere. E os pais adotivos dele estão querendo devolver ele. E eu acho que ele está percebendo isso, então ele está tentando passar para a gente alguma coisa tipo – Estou com problema, socorro!</p> <p>De quinta a oitava série É:::a parte principiPAL da vida da criança, porque é a puberDAde é::é onde que os meninos tem mais, sabe? Como eu posso explicar? Força de vontade para aprender, e a gente tem que aproveitar isso, e eles não estão aproveitando nos meninos.</p> <p>E isso esta sendo difícil de trabalhar com os meninos Hoje porque uma coisa puxa a outra, não adianta se ele não foi bem no primeiro bimestre a tendência é só piorar.</p> <p>se eu for aquela professora – Menino, fica quieto! Menino não faz isso! Eles não vão gostar de mim como professora e nem como pessoa, e eu acho que esse gosTAR. do aluno, gosTAR da professora, é muito importante, porque se ele não gosTAR da professora, ele não vai interessar pela matéria e se ele não interessar pela matéria, ele não vai estudar, sabe? Eu acho que uma coisa vem, leva a outra.</p> <p>Então se o professor é chato, a matéria é horrível. Eu sei porque eu sou desse jeito, eu, muitas matérias que eu não gostava; matemática, do tipo matemática de primeira a quarta: gente! No::ssa, eu sofri com essa matemática de primeira a quarta. Eu comecei a gostar na quinta série, foi onde a professora brincava, fazia bagunça com a gente. Nossa! Aí eu tive; foi uma coisa legal, uma coisa gostosa de::estudar. TANTo que hoje eu trabalho nessa área, sabe?</p> <p>O que você vai ser quando você crescer? O que você pensa em ser? Ah! eu penso em ser gente. Não, mas aí você já é. Tem muitos que falam desse jeito. Pensam em ser gente. Não mas aí você já é. Eu quero que você fale a profissão que você quer seguir? Sabe? Ah! E muitos que falam de ser::médico, ser::dentista. – Não. Ser dentista para quê? () Seja professor. Falo assim – Seja professor.</p> <p>H – (sorriu)</p> <p>A – Não, eles falam assim – Não, professor ganha pouco. Falo assim – Não, não ganha não. Não faz isso não. Sabe? Então a gente procura brincar muito com os meninos, com relação a profissão, que eu acho que isso é importante sabe?</p> <p>– O que eu penso com relação a postura do professor. Hoje os professores são muito restritos a relação professor aluno. Eu acho isso super errado, sabe? Eu acho que o professor TEM que ser amigo do aluno, da criança principalmente. Essa faixa etária tipo, da puberdade, sabe? Eu sou amiga dos meus alunos. Acho que a postura do professor engloba a escola inteira, sabe? Tanto os meninos de primeira série que eu brinco, os meninos do prézinho, porque eu sento no chão para brincar com eles – Não, e o meu beijo de hoje? Você não vai me dar não? Sabe? Eu acho que isso é a postura do professor. Não ficar restrito só aquela sala. Procurar ma:::is as outras séries.</p> <p>E ter amor pelo local que você trabalha. Eu acho que o professor tem que ter</p>
---	--

<p>1A – professor não consegue ficar impassível à vida pessoal de seus alunos</p>	<p>muito disso. Tem professor que trabalha naquele lugar, mas sai da pelo portão falando cobras e (largartos) do lugar, sabe? Eu não. Eu procuro falar bem do lugar que eu trabalho, bem das pessoas que trabalham comigo, porque são pessoas que convivem comigo, que estão ligadas ao meu cotidiano, ao meu dia a dia. E me englobar mais na escola, sabe? Tanto no período da manhã, como no da tarde, que é o período que eu trabalho, sabe? Tanto que os meninos da manhã, na feira de ciências – Não professora, você não vai vir na minha::: ver meu trabalho não? Vou claro, você vai me dar presente? ? É desse jeito que eu acho que o professor tem que agir. Não ser só restrito aquela série que trabalha, só com a primeira série. Procura ser amigo da segunda, da terceira, sabe? Por quê? São crianças que, mais para a frente pode estar recorrendo à você para resolver algum problema dele. Então a professora tem mais experiência? Então ela pode me ajudar mais nisso, sabe? E eu Acho isso muito importante.</p> <p>PROFESSORA 1</p> <p>Me passam assim, que eu tenho que chegar lá e eu tenho que mandar, em tudo. Tudo assim, eu tenho que ser...só a minha opinião e pronto. Eu não sou assim. Ser professora hoje é um pouco difícil, pois muitas das vezes eu tenho que ser uma pessoa que eu não sou. Eu sou obrigada a mostrar qualidades ou defeitos que eu não tenho, ou seja, eu sou obrigada a cumprir regras. Bom..., primeiro eu tenho que ser o que eu não sou, né?; lá dentro. Tenho que fazer o que eles mandam porque a gente cumpre regras Quer que eu entre lá...sabe, a aula tem que ser assim e vai ser assim e pronto. Tipo...quartel sabe? Você chega e tem que...impor regras e...é você e pronto. Acho que não é certo. () como se diz, né?; tem que fazer o que eles querem. Então eu acho um pouco difícil lidar com isso. Não tem como você contornar. Tem que ser e pronto. Quando eu vejo que está assim muito, aí eu diminuo um pouco. Mas tem que ser do jeito deles. . Porque tem criança lá que...acha que porque saiu do pré, que brincava muito, que coloria muito, acha que na primeira série também é isso, eles tem que brincar, então eles não querem fazer,</p> <p>FILMAGENS: Nada</p>
<p>2- preconceito por você ser boa e especializada no que faz</p>	<p>. Porque tem criança lá que...acha que porque saiu do pré, que brincava muito, que coloria muito, acha que na primeira série também é isso, eles tem que brincar, então eles não querem fazer,</p> <p>FILMAGENS: Nada</p>
<p>1A – professor tem que ter dom</p> <p>2- pessoa que faz coisa errada, faz em qualquer lugar – é princípio</p>	<p>PROFESSORA 2</p> <p>Então são umas coisas assim, que eu discordo, que esse plano de governo, acho que assim, tudo, tudo, favorece para o aluno. E cada vez a educação, eu acho que vai ficar pior. Quanto mais analfabeto, melhor. Nosso governo. () Olha, tem situações, eu não sei se eu estou certa ou se eu estou errada, mas às vezes eu procuro ignorar, sabe? Porque se você for debater, eu acho que vai acabando me estressando. () Como diz, descer do salto. Então às vezes eu procuro ignorar. Sabe? Então, assim, tem alunos, são cínicos, irônicos. Eu não bato papo, não (escuto), nem nada; eu ignoro. Sabe? Não sei se eu estou certa, mas, no momento eu acho.. Porque tem professor ainda que está tapado. Eles não aceitam. Acham que é qualquer coisa. Sabe?</p> <p>FILMAGENS: Como você avalia os resultados obtidos com suas avaliações? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que mudaria? Pelo resultado da avaliação, eu entendo que o aluno se prende a outros aspectos pelo visual, ou seja pelas cores, beleza, nem sempre o aluno absorve aquilo que o professor quer. Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas. Os nossos alunos são dependentes inicialmente até o 1º impulso, (?) daí em diante são competitivos, criativos, participativos, tanto na sala de aula quanto fora dela. Fale sobre a ocorrência acontecida com um dos alunos.</p>
<p>2- preconceito gerado pela</p>	<p>A ocorrência serve como instrumento da avaliação e crescimento no que diz</p>

aparência física do professor (jovem, cabelo comprido, usa brinco)	<p>respeito ao aluno nos casos de indisciplina, desrespeito para com o professor e até mesmo com os próprios colegas.</p> <p>Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê?</p> <p>Por incrível que pareça, sim, porque na maioria das vezes os casos de indisciplina são distorções típicas da adolescência e apesar de todas as distorções, a turma é interessada no assunto, só falta um pouco de informação e pesquisa sobre. Cabe ao professor desenvolver no aluno o interesse, a motivação, o estímulo para que mais tarde possamos receber dele uma recompensa. Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?</p> <p>Eu vejo neles adolescentes participativos e críticos. Consequentemente farão uma escolha equilibrada, opções futuras sensatas em termo de futuras profissões.</p>
2- trabalha mais pelo ideal que pelo dinheiro	<p>PROFESSORA 3</p> <p>Eu acho que estas situações, eu poderia citar preconceito. Primeiro por eu ser mulher. Professora tem que ser mulher. Eu acho que não é por aí. Segundo pela minha idade. Também acho. E meu estilo de vida, porque eu sou diferente. Eu me sinto diferente. Sabe, professora que vai de bicicleta para a escola, que come fruta na hora do intervalo. Eu acho que eu influencio muito</p> <p>Em relação com os outros profissionais que trabalham comigo. Porque acham assim: “Ah! Porque eu tenho trinta anos de profissão” “Tenho trinta e três anos de magistério em português.” “ Ah que bom para você.” Porque eu posso ter dois, e ter mais desenvoltura, ter maior controle na sala de aula. Experiência eu acho que não é tudo na vida de um profissional. Eu tinha uma professora de alemão que ela falava muito isso. Falava que o professor dela falava: “Eu tenho vinte anos de profissão” E eu lembro direitinho ela falando: “Ele falava que tinha vinte anos de profissão, aí eu olhei para ele e ele virou para mim e falou assim: “Mas eu posso estar vinte anos fazendo errado””. Eu lembro muito disso. Dela falar. E eu acho que é por aí.</p>
1B- está sempre envolvido com pesquisa – porque aqui você é a pessoa que produz o conhecimento	<p>É, do estilo de vida. Porque eu chego, todo mundo, todos os professores em todas as escolas, vão de carro ou têm alguém que deixa; o marido vai levar ou a esposa vai levar. E eu..., em uma das escolas eu chego à pé e outra eu vou de bicicleta. Porque eu acho que é um estilo de vida, e eu sou assim. Aí chega na hora do intervalo: “Oh! A professora come fruta” eles ficam me zutando, eu acho aquilo errado. Eu fico irritada. Segurando para não responder, porque eu também sou arretada na hora de responder. Eu fico segurando para não responder. Eu Falo: “Ai meu Deus, me dê forças”. Porque é complicado. Porque a pessoa invade o seu espaço e depois ela não quer que você dê o retorno. Ação e reação. Segunda lei de Nilton. É complicado. Eu respeito o meu corpo e eu aproveito o máximo que ele pode me oferecer ().</p>
2- a gente é o que a gente recebe de exemplo	<p>Depois que eu li () o anti cristo, aí você vê o outro lado do católico. Eu formei dentro da..., eu tive formação católica, a partir do momento que você vê o outro lado, você começa a entender certas atitudes, que realmente são de católicos, porque tem católico que você fala, fala, fala, mesmo se for verdade, não acredita. Aí eu fui pensar, nossa! E ela lembra direitinho. Eu fico pensando, eu marquei tanto a vida dela, porque eu falei, depois ela me viu de óculos. Ela falou: “Aí, pois é, se eu tivesse ido ao médico e conseguido uma consulta para você, você não teria ficado com tanto grau.” Porque hoje eu uso cinco e setenta e cinco. E eu fiquei com deformação na córnea por falta de uso de material ótico. Assim, ela me marcou, e eu marquei ela. E isso eu acho interessante, assim, que tem essa relação. Por mais que o professor fica guardando tudo guardadinho, querendo manter a posse lá na frente, querendo manter o controle, ele tem umas coisas que tocam nele.</p>
2- ninguém entende melhor de criança que professor	<p>Eu me sinto diferente na relação. Por exemplo, no meu novo emprego agora, que eu entrei. Eu tenho uma história de vida do colégio J. Entrei para a faculdade, voltei para o J como professora. Lá exigiram que eu tivesse idiomas, que eu soubesse noções de informática, fizeram várias exigências. Mas isso eu já tinha na faculdade. Muita gente que entra hoje para o mercado de trabalho, que sai da faculdade, não tem todos esses quesitos, aí você se destaca. E você já tem uma pós graduação, destaca mais ainda, um mestrado,</p>
2- pai se sente feliz ao ver o filho feliz	

<p>2- é importante os pais darem atenção para as crianças, e hoje tem muito pouco - “joga” a criança na escola</p> <p>1A- professora se torna mãe</p> <p>2- crianças fazem o que a diretora propõe para não terem punição – professor não pode dar punição</p>	<p>destaca mais ainda. Por eu ser nova, isso inibe mais ainda as pessoas. Eles ficam até com medo. Dos colegas mesmo, causa uma certa..., outra apatia além da que eu sentia na faculdade. Aí é meio estranho. De novo. Tem hora que eu fico com medo. Nossa! Nem vou perguntar. Fico quietinha, tomo meu lanche, meu café. Eu evito até fazer comentário.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê?</p> <p>Não considero que tiveram dificuldade em responder mesmo porque tiraram boas notas. E um aspecto que posso apontar é que eles querem tudo pronto etem preguiça de pensar.</p> <p>PROFESSOR 4</p> <p>Bom, eu acho que isso daí já nasce com a pessoa. Eu não sei explicar, mas às vezes chega um aluno do primeiro período da faculdade pedindo para você..., o professor está falando lá na frente faz uma hora, ele vira para você “Pablo é assim, assim e assim.” e você entende na hora. Tem o dom. Eu não sei como eu explicaria isso, mas eu sei que eu percebi isso em mim um pouco. Não tanto quanto eu já vi em outras pessoas, mas as pessoas as vezes tem uma facilidade extrema. Até e como se fosse um apresentador de televisão. Sabe encantar o público. Sabe chamar a pessoa para a aula e eu acho que isso não se constrói. Pode bater na tecla o tanto que você quiser que você não consegue formar isso em uma pessoa. Às vezes você consegue..., eu já vi casos que eu achei que estava perdido, de alunos que entravam na sala e que ia apresentar o seminário ficava tremendo, gaguejando e às vezes um professor consegue corrigir isso no aluno de terceiro grau e fazer com que ele seja um professor. Mas aquele professor, na acepção da palavra, aquele professor verdadeiro, aquele excelente professor, às vezes ele não precisa de tanto esforço para ser formado, ele já tem uma característica. Acho que você deve concordar comigo.</p> <p>Pessoa que faz coisa errada faz coisa errada em qualquer lugar. Eu acho que isso é uma coisa errada, então não é do meu principio</p> <p>O fato de eles falarem que você é cachaceiro, você acha que foi por quê?</p> <p>P – Não, é porque é o seguinte, eu tenho o cabelo cumprido, porque eu sou jovem. Mas isso é porque o aluno fala bastante mesmo, né?</p> <p>H – Você acha que fica um pouco de preconceito pela sua aparência: cabelo cumprido, brinco?</p> <p>P – Preconceito pela minha aparência. É, estereotipo. Eles me viram na primeira vez, assim e tal, isso foi uma (), uma avaliação que eu apliquei na recuperação. Que os alunos tinham ficado de recuperação. Apliquei uma prova. Eu fui só aplicar a prova para o professor. Nem conhecia e tal. Cheguei e eles já começara a me (zuar). Não sabiam que eu ia ser professor deles. Aí depois que eles foram ver. Mesmo na hora da prova, já consegui fazer amizade com aluno e já: “Nossa! Você vai ser meu professor? Que bom!” Achou ótimo e tal. E isso me realiza a cada dia. Eu talvez mudar o conceito do aluno em relação ao que ele deve pensar do professor e também de mim. Isso me realiza de mais</p> <p>acho que não é só pelo dinheiro, não. Mais é pela idéia mesmo. Pelo ideal. Porque o dinheiro é fácil. Eu não preciso de dinheiro agora. Eu não tenho filho, não tenho mulher, não tenho esposa, não tenho nada. Eu vou mais pelo ideal. E eu adoro a pesquisa. Eu fui envolvido em várias pesquisas. Um braço aqui, uma perna aqui. E tem minha pesquisa central também, que lógico, é do meu mestrado. E não perco a oportunidade de estar me reciclando, me atualizando. Por que eu acho que é com a pesquisa...Porque eu acho que as coisas mais recentes que saem, as coisas mais novas que têm, é (direto) da faculdade. Porque é dali que brota tudo. Se você não tem condição de estar ali dentro, você está ano a ano se defasando. Ano a ano se defasando. Se você tem um vínculo com a universidade, se você está produzindo, se você está se atualizando, você vai estar sempre dentro daquilo que é o idealizado. Uma pessoa informada e que está produzindo. Que é a pessoa que produz. Ao invés</p>
--	---

	<p>de ser a pessoa que lê aquilo que está sendo produzido, você é a pessoa que está produzindo. Então meu ideal é esse; produzir, acrescentar na teoria e passar isso aí.</p> <p>que a gente é o que a gente recebe de exemplo, em conflito com aquilo que a gente pensa. Porque a gente tem uma idéia e a gente tem as pessoas que tentam formar nossas idéias. E se você tem uma idéia errada e não tem ninguém para mudar a sua idéia, você permanece com ela.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?</p> <p>Infelizmente alguns estão em sala somente para adquirir um diploma de 2º grau. Mas eu não desisto deles, embora às vezes fuja ao controle.</p> <p>Como você avalia os resultados obtidos com suas avaliações? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que mudaria?</p> <p>Não mudaria a metodologia, lamento pela prova não ter sido xerocada. Acho que as colas devem continuar sendo repreendidas, mas encaro elas como meio “clandestino de se obter conhecimento”.</p> <p>Relação entre as atividades desenvolvidas e sua formação docente (magistério, graduação, cursos paralelos).</p> <p>Existe uma interação muito grande entre o que se aprende na graduação e em cursos paralelos, com a realidade da sala de aula. Existem muitas técnicas metodológicas, mas que sozinhas acabam não resolvendo nada. A realidade é variável e única para cada pessoa, e como as aulas não são individuais, é necessário que adeque de maneira a abranger a maior quantidade de alunos possível. Alguns necessitam de variações para serem alcançados e outros nem ao menos querem ser alcançados (assim como no vídeo). Nesses casos é necessária uma política de conscientização individual, porém não há como convencer uma pessoa que não quer ser ajudada.</p> <p>Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momentos percebeu isto nesta filmagem?</p> <p>Sim, sempre isso acontece. Eu aprendi que para se discutir um tema é necessário mostrar os dois lados da moeda e defender sem imposição o seu ponto de vista, para gerar discussão e reflexões contra ou a favor de minha idéia. Isso ajuda a desenvolver o senso crítico.</p> <p>Qual o papel do monitor na hora da avaliação?</p> <p>A pergunta seria: Qual o papel da turma da sala para o monitor?</p> <p>Eu sei que monitores estão do lado dos alunos, pois eu já fui um monitor e sei que ele não está na sala com intenção de prejudicar ninguém e sei que as vezes ele faz vista grossa, assim como eu e como muitos professores já fizeram com vocês. RS</p> <p>Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê</p> <p>Sim, em parte. Vejo os frutos que plantei brotando e isso me realiza muito, mas não sabe o quanto... Mas fico triste, pois alguns alunos que se acham intocáveis e insistem em se manter na ignorância ou em defender seu ponto de vista pré-criado e sustentá-lo como fé inabalável. Não é por falta de atitudes ou de força de vontade e sim em razão do livre arbítrio que todos nós temos e que muitos insistem em permanecer errando.</p> <p>PROFESSORA 5</p> <p>A vida da criança na escola rural, com a vida da criança na escola da cidade é totalmente diferente.(?)</p> <p>Não que os daqui não tenham vontade. Os meninos estudam de manhã e levantam cinco e meia para pegar a Van seis horas, porque até passar de fazenda em fazenda, demora muito. Então, fui para trabalhar em uma escola rural; amei a escola. Até hoje deixei meu nome na reserva, quero voltar para aquela escola.</p> <p>Eu tive uma reunião do meu bairro que eu fui convidada porque eu gosto de</p>
--	---

falar muito e defender. O presidente do bairro me convidou para estar indo porque ninguém entende melhor de criança que o professor. Vai ter um projeto no bairro para o dia das crianças. Eles queriam convidar violeiros no dia da criança. E eu questionei: - O que que isto tem a ver com criança? Criança não gosta disso. Eles alegaram que teriam pais. Eu falei: - Pais vão ver seus filhos divertirem. Ver as crianças no pula-pula, com o palhaço; porque pai se sente feliz de ver o filho feliz. Você acha que o pai vai largar de ver o filho feliz para escutar violeiro? Não vai não. Dei opinião que tem que ter recreação, trabalhar com lateralidade, estar dando a oportunidade que talvez a criança não está tendo na escola, de estar fazendo coisas diferentes. Jogos com raciocínio lógico, que as crianças adoram. Elas adoram brincar com quebra cabeça. Sempre está incentivando a criança que ganha. Aí eu expus essas idéias: trabalhar com uma cama elástica, porque pular trabalha a coordenação motora. Chamar um professor de educação física, fazer alguns exercícios com as crianças. Se quer colocar violeiro, coloca uma banda que toque músicas infantis para as crianças.

Ele é muito agitado e eu pensei que ele tinha problemas de tão nervoso que é. Porque eu não posso deixar de ser uma professora que impõe limites.

Elas não gostam de colorir. Tudo que uma criança..., cortou, sabe? Eu sinto uma dó, porque infância é uma coisa tão valiosa. Têm que dar muito valor. Eu não sei se é por que a minha foi muito boa e que eu brincava demais. Eles não têm isso. Então, eu procuro estar sempre levando filmes infantis.

Eu acho importante os pais brincarem com os filhos. Dar aquela atenção para a criança. Hoje não têm isso, porque pai e mãe saem para trabalhar cedo e joga criança na escola; chega de noite e a criança janta e vai dormir. Cadê o carinho maternal? Cadê isso? Não tem. Tem isso na escola. Você é a mãe deles na escola. Então eu sou responsável por dez alunos que eu pretendo e estou alcançando meu objetivo disso.

Ela pensa igual a mim, ela acha também que os alunos estão muito crescidos, eles só pensam em lutar. Para você ter uma noção, quando eu cheguei na escola, um aluno meu chamado J.L tinha o apelido de Jack Chein e eu não sabia o que era Jack Chein. Eu fui assistir o desenho e Jack Chein era um menino que briga. Proibi. Na minha sala é proibido apelido.

A diretora me falou tanta coisa! Ela como diretora, infelizmente, precisa aprender muito. Ela falou que eu estava agindo errado. Eu perguntei para ela, porque comigo tudo se resolve no diálogo: - O que seria a postura correta? Como eu deveria fazer? Como eu falei, eu sou muito aberta a sugestão do próximo. O que eu faço então? Por uma pessoa agitada...Eles precisam de limites, eles não têm. O que eu faço? Ela me mandou sentar com os alunos em roda e colocar uma música para eles. Uma música para acalmar. Tudo bem, eu cheguei no outro dia e fiz. Eles estavam agitados, parei tudo. Como eles estavam conversando demais; um levantando, indo no lixo, um batendo no outro, eu parei tudo e coloquei a música que ela pediu, que ela me deu o CD. Coloquei a música e não tive resultado nenhum.

Coloquei a música do (). Resolveu nada, porque os alunos não conseguiram. Eu coloquei eles sentados, deitados, fazia massagem nos pés, porque eu tirei o tênis, fazia cafuné na cabeça. Não resolvia nada, porque um levantava, batia no outro. Eu cheguei nela e disse: - Olha para você ver se dá resultado. Não é; o que acontece? Ela foi fazer isso com os meninos e deu resultado. Mas sabe porque que deu resultado? Porque ela é diretora da escola. Eles sabem e têm respeito por isso, porque eles sabem que se eles não obedecerem, o que acontece? Eles têm uma punição. Só que nós professores daquela escola, ela disse na reunião que nós não podíamos dar punição nenhuma para aluno.

Escrevi uma carta com a ajuda de uma amiga minha, porque eu fiquei um pouco depressiva por causa disso. Quando você gosta muito de uma coisa, e eu gostava e gosto muito de criança, como uma pessoa chega e fala isso de você? Isso me ofendeu.

FILMAGENS:

Os mesmos demoram fazer devido às dificuldades de concentração, porém fazem com capricho.

	<p>Alguns alunos têm insegurança no que eles fazem, mesmo sabendo acredito que isto é devido à falta de segurança vinda de casa. * A professora complementou: A família não acredita na criança</p> <p>Durante a aula procuro saber como foi o dia deles, sempre me falam que alguém brigou durante o almoço, explico a eles a importância do respeito um com o outro que não é certo fazer isto, além dos critérios da escola.</p> <p>O que foi surpresa para você? A saída dele? Qual foi sua atuação neste momento? O que procura fazer para melhorar a socialização dele?</p> <p>A reação dele com a presença de outras pessoas(vocês), ele não gosta de ninguém na sala a não ser eu e seus colegas. Conversei com ele e expliquei que vocês estavam ali para me observar e não a ele. Digo que vivemos em um mundo onde convivemos com pessoas ao nosso redor, cito exemplo da sua própria vida, seus amigos da rua, seus primos!</p> <p>Os alunos solicitam a minha presença devido à preguiça, falta de interesse (fita 2 – atividade como juntar as sílabas iguais. Eles já fizeram atividades semelhantes a esta).</p> <p>Tem momentos em que não é tão séria? Quais? Brincadeiras com bola, pique pega, historias engraçadas, bexigas, etc</p> <p>Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?</p> <p>Espero que eles aprendam a ler e encontrem na família a felicidade, o carinho e atenção. Desejo a eles que sejam excelentes pessoas e profissionais, procuro ensiná-los a serem honestos, humildes e obedientes.</p> <p>Então será que é falta de interesse, vergonha ou falta de estímulo ou condição da família?</p> <p>Tudo, se a família tivesse ajudado ela não teria tanto problema, acredito que a educação começa em casa e é complementada na escola. Procuro ajuda-la, mas a mãe não aceita a realidade.</p>
<p>DIMENSÃO PESSOAL</p> <p>1- gosta de trabalhar com crianças mais velhas</p> <p>2- é muito perfeccionista</p> <p>2- é muito crítica</p> <p>1- é tímida, pode interferir no fato de querer contar estórias</p> <p>2- se vê com comportamentos de pessoa mais nova</p>	<p>PILOTO</p> <p>Você prefere trabalhar com crianças mais velhas--é uma questão da matemática ou tem a ver com você?</p> <p>A – Tem a ver comigo.</p> <p>O professor tem que ser aquele...Ele tem que ser amigo, companheiro. E isso eu tenho em mim desde pequenininha. É uma condição que minha mãe me passou.</p> <p>. Eu sempre gostei muito de ser professora. Desde pequenininha. Então meus trabalhos, eles são muito () muito cheio de coisa. Eu sou muito perfeccionista com o que eu faço, sabe?</p> <p>E eu acho isso muito importante para ser professora. Eu sempre falo isso, eu acho que as pessoas têm que gostAR de observar, gostAR do que faz, e, principalmente, ser muito crítico. Eu sou uma pessoa muito crítica. Eu critico meus alunos. Eu falo assim ó – você está fazendo errado por causa disso, disso e disso. Se você fizer assim, assim, assado, vai ser mais fácil. Sabe? E eu falo, e::eu procuro não esconder deles o que eu penso, sabe?</p> <p>Vai muito da::característica pessoal do professor, sabe? O ano que vem, eu estou querendo começar com minhas aulas contando estórias, só que nesse ponto eu sou muito tímida. Então eu não me vejo contando estórias.</p> <p>Eu sempre gostei de brincar muito com (). Eu sempre fui muito mais nova que a minha idade. Eu sempre me comportei como, tipo, eu tenho (dezoito), com meninas de dezoito, sabe? Eu tenho esse comportamento.</p> <p>mas é importante para mim como pessoa ter essa::convivência com os meninos, porque eu tenho experiência, mas alguns deles têm muito mais, sabe? Tem alguns que passam por coisas que eu não passei na idade deles, e eu posso aprender muitas coisas com eles. Eu acho assim, que::ser professor não é só ensinar. Professor é bom saber aprender também o que eles têm para te passar, sabe? E eu acho isso muito importante. E essa aprendizagem que eu vou ter. As coisas que os meninos me passam, vai ser no dia a dia, tanto fora de sala de aula, sabe? Tanto como amiga de bagunça, como professora, fora de sala de aula eu posso usar () Também posso entender, sabe?</p>

1- tem habilidades	<p>Eu gosto de tudo. Eu tenho tudo. Eu só não sei pintar. Pintar em tela, porque o resto tudo eu fazia, sabe? Eu sei brincar com::papel, eu adoro fazer essas coisas, sabe? E eu gosto que os meus alunos tenham capricho com as minhas coisas, sabe?</p> <p>Eu sou muito exigente. Eu brinco, eu faço bagunça com meus alunos. Só que, no caderno deles eu gosto bem caprichado.</p> <p>Eu sempre fui muito baguncenta. Gostava muito da bagunça, sabe? Eu acho que isso ajuda, porque --a aula de matemática, eu acho que, se tem aquela sala, todos os alunos quietinhos um atrás do outro, acho que não tem aprendizagem. eu sempre fui da bagunça e as meninas que estão comigo são meninas que sempre foram muito certinhas com relação a estudar. Sempre foram as melhores da sala e eu sempre; eu sou a ovelha negra.</p> <p>Porque eu sou assim, eu não consigo me centrar em duas coisas ao mesmo tempo. Ou eu me centro na faculdade, ou eu vou me empenhar mais com meus alunos. Atualmente eu estou preferindo me empenhar mais com os meninos, porque eu acho que vai ser MAIS importante. Preciso da faculdade? Preciso, só que eu acho que a minha vivência com os meninos é mais importante porque ELES estão esperando em mim, sabe?</p> <p>Desde pequenininha eu sou muito(), igual eu estava falando para você hoje. Eu para conversar com gente mais velha que eu, eu sou muito fechada, sabe? Por isso que eu trabalho com os menores. Se eu for pegar o colegial eu tenho certeza que eu não trabalho, sabe? Então já com os meninos, eu acho que tem a mesma cabeça. Eu com os meninos de doze, a gente tem mais convivência? Tem. Só que eu me comporto como eles, sabe? Eu evito crescer. Para mim, ter o mesmo pensamento que eles.. Acaba que não tem, sabe? Nossa os meninos hoje, são.</p> <p>PROFESSORA 1 Faço matemática, mas depois que terminar quero fazer psicologia Não sei, eu não me vejo lá dentro como professora. Me vejo lá dentro assim como uma amiga deles. Calma eu sou. Acho que até demais. Mas a hora que fica brava, ter que passar assim... que...que eu tenho que mostrar que tem que ser do jeito certo, eu também mostro, sabe? ...<i>Eu sou muito fechada,</i> eu me acho uma pessoa, uma professora amigável, companheira, carinhosa e acima de tudo compreensiva</p> <p>FILMAGENS: Sim. Quando as crianças me mostraram os desenhos alguns não tinha nada desenhado, apenas umas bolinhas, mesmo assim eu disse que estava lindo.</p> <p>Qual a relação com suas características pessoais, crenças...? Quando tem uma criança falando e as outras começam a falar eu digo que não estou ouvindo a criança para que elas saibam que quando uma estiver falando as outras devem fazer silêncio. Quando tem uma criança falando a outra tem que ouvir, sempre fazemos uma oração antes de entrar para sala de aula, fazem uma outra oração antes de comer o lanche, essas coisas estão ligadas com minhas características pessoais.</p> <p>Eu não gosto de dizer para eles “calem a boca”, por isso eu digo a eles que o dedinho não tem boca, que eu não estou conseguindo ouvir o coleguinha que estava falando primeiro. E para conseguir com que eles façam silêncio eu nunca grito, pois como eu vou querer que eles façam silêncio se eu estou gritando? Sim. Pois são crianças “maravilhosas” carinhosas e sinceras, e além de tudo eu faço o que eu gosto. E eu vejo a felicidade estampada nos rostinhos deles toda vez que dou uma atividade a eles.</p> <p>Antes você atuava numa turma de Ensino Fundamental, agora está na Educação Infantil. Qual te realiza mais? Me sinto realizada em todas as turmas em que trabalho. Que eles sejam cidadãos honestos, sinceros, e que saibam respeitar ao próximo. Que essas crianças sejam dedicadas aos estudos para que possam ter um futuro brilhante. Que Deus abençoe todos eles e os protejam sempre.</p>
--------------------	---

	<p>PROFESSORA 2</p> <p>Olha, eu sou assim, às vezes eu tenho dificuldade. Eu sou uma pessoa muito esforçada, eu exijo muito de mim. Se eu não estou satisfeita, eu vou atrás, eu quero mais, sabe? Só que às vezes eu acho assim..., de uma escola para outra, as vezes eu não me identifico.</p> <p>Então eu tenho essa dificuldade. Não sei que caminho precisa tomar.</p> <p>Que eu não sou de ficar insistindo, sabe? De estar atrás: “Olha, eu vou fazer isso, por isso; ficar toda hora, sabe? Ali, dando satisfação. Não é o meu jeito. Entendeu? Acho que a minha matéria é esse meio que eu vou trabalhar, sabe? É dessa forma. Como que eu faço?</p> <p>Tem hora que eu me vejo sim. Assim, problema com aluno, eu nunca tive: com disciplina, de mandar para a direção. Quando eu mando um aluno para a direção, eu evito assim, oMÁximo. Quando eu mando é porque está no limite, sabe? Então, até hoje no C., eu não tive nenhum problema. Mas já aconteceu, não de ter discussão entre eu e..., disciplina mesmo, dentro da sala, sabe? Que aí incomoda todo mundo. Aí você pede: “Por favor, dá licença”. Aí eu mando para a direção. Mas isso é assim, de último caso. Mas eles sempre exigem. Falam: “Professora você é muito brava, não pode ser assim”. Não é a questão de ser brava. Eu chamo a atenção. Eu chego na sala: “Bom dia, boa tarde, boa noite”. Converso com eles. É o meu jeito de ser. Eu não sou de ficar toda hora, correndo, fazendo graça. É meu jeito.</p> <p>igual na outra escola, o meu...o professor estava falando: “R., você é muito séria. Você é muito fechada”. Falei: “Não, não sou. É o meu jeito, eu sempre fui assim. Não tem como você querer mudar. Entendeu? O meu natural é assim”.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?</p> <p>Quando os resultados são satisfatórios eu melhora, acrescento, enriquecendo com algum ou outro dado interessante. Na maioria das vezes, rejeito a mesma metodologia</p> <p>Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas.</p> <p>Os nossos alunos são dependentes inicialmente até o 1º impulso, daí em diante são competitivos, criativos, participativos, tanto na sala de aula quanto fora dela.</p> <p>Relação entre as atividades desenvolvidas e sua formação docente (magistério, graduação, cursos paralelos).</p> <p>Já falei sobre esta pergunta.</p> <p>Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momentos percebeu isto nesta filmagem?</p> <p>Sem dúvida percebemos, deixamos nossos traços pessoais, valores, pontos de vista no que fazemos principalmente na sala de aula na maioria dos conteúdos.</p> <p>Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê?</p> <p>Por incrível que pareça, sim, porque na maioria das vezes os casos de indisciplina são distorções típicas da adolescência e apesar de todas as distorções, a turma é interessada no assunto, só falta um pouco de informação e pesquisa sobre. Cabe ao professor desenvolver no aluno o interesse, a motivação, o estímulo para que mais tarde possamos receber dele uma recompensa.</p> <p>PROFESSORA 3</p> <p>Agora entrou na faculdade, encarar o professor e o professor te encarar, e falar: “Não, não, não.” É complicado. E eu tenho uma relação; uma história de vida de aluno, não estou me gabando, mas eu sempre fui boa aluna. E o jeito de eu lidar com os professores, eles..., parecia que eu estava pegando no pé</p>
--	---

deles. De achar os erros. Mas é porque eu sou muito minuciosa, eu gosto do todo, se for para eu aprender a parte, prefiro não aprender. Aí, como no espanhol eu tinha aqui eu sabia muito pouco, e me encantava muito, eu queria aprender tudo de uma vez.

Eu odiava ter que esperar os outros. Porque esperar os outros? Meu pai conversava comigo ele falava que sempre esperava também. Que ele era gerente em uma empresa, e que sempre tinha que esperar os outros. Ele também não gostava disso, só que tinha que ter paciência. Aí foi na faculdade que eu aprendi isso. Que tinha que esperar os outros. Enquanto ele tinha que esperar os outros, eu ia fazendo outras coisas

Quando meus professores conseguiram entender como eu era. Aí eu já era a A L do colégio, da faculdade (sorriu). Depois que me conheceram, ficou mais tranqüilo. Não era muito...Ficava parecendo uma relação de competição. Que eu estava competindo com os professores. E não era. Eles se sentiam ofendidos. Muito professor deixava de responder minhas perguntas. Eu odiava aquilo. Tinha professor que entrava na sala de aula, já olhava, se já via que eu estava na sala de aula, se não estivesse, se tinha ido ao banheiro, ou qualquer coisa, já dava falta. Talvez eu estivesse ido buscar algum livro na biblioteca, era muito estranho.

H – Você se sentiu perseguida.

A – O tempo todo. Desde o primeiro ano. Mesmo por colegas na sala de aula. Porque criava essa relação de competição que eu falei, criava uma relação mesmo de apatia, sabe? Que as pessoas ficavam assim: “Ai cara, que chato, já vai perguntar de novo.” Na hora que eu ia perguntar alguma coisa, todo mundo calava. Era até engraçado. Você ficava até com medo. Vixe!!! Será que eu falei alguma coisa errada? Ficava meio estranho. Desde o primeiro período. Mas depois o pessoal foi acostumando com o meu jeito e via que, assim, eu gostava de estudar..., porque tinha gente que só queria o diploma. Sempre tem, né? A sala tem..., cada um tem um objetivo..., em tudo o que vai fazer. E eu não. Eu queria aprender. Eu estava na faculdade para dar o melhor de mim. Eu fui perseguida no começo, mas depois eles foram acostumando....

Nossa! Eu deixei de perguntar. Deixei de fazer curso. Tudo quanto é curso que tinha na faculdade eu fazia. Iniciação científica eu fazia. () Eu já sabia daquele livro. Na hora que o professor falava, eu falava até (sorriu) onde estava o livro: “Não professora, este livro está emprestado. Só tem um volume.” E acho que assim..., não sei. Deixei um pouco sim..., porque ficava parecendo que eu estava sendo aparecida (). Aí eu ficava...Até hoje assim..., eu tento me cuidar...ficar mais apagadinha. Mesmo na escola, porque eu me sinto diferente dos outros professores.

Eu me sinto diferente na relação. Por exemplo, no meu novo emprego agora, que eu entrei. Eu tenho uma história de vida do colégio J. Entrei para a faculdade, voltei para o J como professora. Lá exigiram que eu tivesse idiomas, que eu soubesse noções de informática, fizeram várias exigências. Mas isso eu já tinha na faculdade. Muita gente que entra hoje para o mercado de trabalho, que sai da faculdade, não tem todos esses quesitos, aí você se destaca. E você já tem uma pós graduação, destaca mais ainda, um mestrado, destaca mais ainda. Por eu ser nova, isso inibe mais ainda as pessoas. Eles ficam até com medo. Dos colegas mesmo, causa uma certa..., outra apatia além da que eu sentia na faculdade. Aí é meio estranho. De novo. Tem hora que eu fico com medo. Nossa! Nem vou perguntar. Fico quietinha, tomo meu lanche, meu café. Eu evito até fazer comentário.

E meu estilo de vida, porque eu sou diferente. Eu me sinto diferente. Sabe, professora que vai de bicicleta para a escola, que come fruta na hora do intervalo. Eu acho que eu influencio muito.

Eu respeito o meu corpo e eu aproveito o máximo que ele pode me oferecer

FILMAGENS:

Sua atuação prática no que se refere à exposição e explicação do conteúdo.

Bons.

Por favor, fale mais sobre isso.

“Penso que minha “atuação prática

	<p>Por” tem sido boa em relação à exposição e explicação e conteúdo tomando como referencial o meu desempenho como professora no ano de 2005, na mesma escola.”</p> <p>Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momento percebeu isto nesta filmagem?</p> <p>Sim. A todo momento.</p> <p>Por favor, dê algum exemplo.</p> <p>“Realmente percebi o quanto estou mais “paciente”. Em outro momento da minha vida, sinceramente não me reconheceria. Levada por muitos acontecimentos e mudanças no âmbito particular, fizeram-me “ficar” mais passiva; em muitos momentos percebi a falta de postura de minha parte, apatia, depressão”.</p> <p>Relação entre escolha e desenvolvimento das atividades e avaliações e questões da escola.</p> <p>Tanto da instituição onde estudei até 2^o grau; quanto da que eu trabalho e dos alunos.</p> <p>Dê exemplos.</p> <p>“Pude identificar que estou estabelecendo uma relação quase completamente inversa à praticada na instituição, na qual estudei toda minha vida escolar até o fim do 2^o grau e no meu trabalho, no tocante à escolha e à forma de desenvolver atividades e avaliações. Na primeira , a impressão que tenho até hoje é que lá as coisas funcionavam. Na graduação, aprendemos a avaliar o desenvolvimento do aluno e não a pessoa, avaliar o processo de aprendizagem. Tento colocar isto em prática, mas os alunos ainda não estão preparados para isto, eles confundem com “moleza”.</p> <p>Como lida com perguntas que fogem, em certa medida, do conteúdo que você domina?</p> <p>Não. Esta turma não é tão desunida quanto às outras. Em atividade posterior àquela da revista, pedi outra em que deveriam trazer para a sala figuras que fizessem referência ao conteúdo lexical a ser estudado. Dessa forma o aluno tinha que selecionar as imagens, classificá-las por categorias e nomear cada figura. Como muitos alunos trouxeram muitas figuras, eles dividiram com seus colegas e, inclusive, de outras salas.</p> <p>Acho que não entendi o “<u>não</u>” no início da resposta.</p> <p>“Tento agir naturalmente, sem grosserias e sem desculpas. Se estiver ao meu alcance, responderei; senão, peço um prazo para responder.”</p> <p>Sua postura frente à conversa excessiva em sala de aula. Dizer que não permito conversa seria demagogia, mas conversas excessivas e sem relação com o tema da aula não gosto. No vídeo tem vários exemplos desses: o meu olhar por cima dos óculos, o pedido para parar a conversa (Foi mal professora! Foi péssimo! – respondi)</p> <p>Seu objetivo com a atividade com as revistas foi alcançado?</p> <p>Alguns alunos entenderam a atividade e a fizeram, alcançando a proposta que eu havia esperado.</p> <p>Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?</p> <p>O futuro mais identificável é o do Rafael que será relacionado com a música (é o aluno que aparece com um fone no vídeo). Em relação aos outros alunos, eu não os substituo.</p> <p>PROFESSOR 4</p> <p>Eu queria saber um pouco de tudo e que eu tinha muita facilidade para ser monitor nas turmas</p> <p>Aí eu vi que eu tinha muita facilidade para apresentar seminário, que me sentia muito bem fazendo palestras, essas coisas, com o tempo. Vi que eu conseguia explicar a matéria para meus amigos. Eles me chamavam às vezes para explicar. Eu tinha uma facilidade. Talvez não dominava tanto a matéria quanto eles, mas se eles me explicassem eu saberia explicar para mais gente. Então eu vi que eu tinha um certo dom para professor.</p> <p>eu sempre fui um aluno com médias razoáveis, acima de oitenta; eu nunca tirei</p>
--	---

	<p>uma nota abaixo de oitenta. Mas não porque eu sou inteligente, ou porque fenômeno – não - mas é porque eu sempre fui esforçado, minha vida nunca teve nada fácil</p> <p>Eu vou dizer que eu não senti dificuldade nenhuma, nenhuma, de entrar na sala pela primeira vez. Eu me senti totalmente à vontade, porque é uma coisa que eu adoro fazer, e eu tenho..., não quer dizer que isso é convencimento, estou dizendo que eu me garanto, sabe?</p> <p>Talvez, eu achei que isso seria a maior dificuldade minha, tratar com as dúvidas do aluno do dia a dia.</p> <p>Acho que esse foi um dos primeiros medos que eu tive. Eu tive o medo que eu teria esse medo, mas na verdade eu não tive esse medo. Eu me surpreendi, achei interessante e tal, mas eu ainda não sei, talvez eu ainda venha tentar outras coisas.</p> <p>E eu não sou de rasgar a seda não; não sou mesmo</p> <p>Achou ótimo e tal. E isso me realiza a cada dia. Eu talvez mudar o conceito do aluno em relação ao que ele deve pensar do professor e também de mim. Isso me realiza de mais</p> <p>Eu vou mais pelo ideal. E eu adoro a pesquisa.</p> <p>Então meu ideal é esse; produzir, acrescentar na teoria e passar <i>isso aí</i>.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Qual o papel do monitor na hora da avaliação?</p> <p>A pergunta seria: Qual o papel da turma da sala para o monitor?</p> <p>Eu sei que monitores estão do lado dos alunos, pois eu já fui um monitor e sei que ele não está na sala com intenção de prejudicar ninguém e sei que as vezes ele faz vista grossa, assim como eu e como muitos professores já fizeram com vocês. O que mais faço em minhas aulas é o direcionamento dos alunos. “Esqueçam o churrasco e pensem no vestibular”. (?) Acredito que somente mostrando a realidade eu conseguirei fazer com que eles estudem. Acho que a cola é inevitável e que as vezes é até benéfica, mas tento manter sua imagem como delito, pois ela pode gerar acomodação geral.</p> <p>Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê</p> <p>Sim, em parte. Vejo os frutos que plantei brotando e isso me realiza muito, mas não sabe o quanto... Mas fico triste, pois alguns alunos que se acham intocáveis e insistem em se manter na ignorância ou em defender seu ponto de vista pré-criado e sustentá-lo como fé inabalável. Não é por falta de atitudes ou de força de vontade e sim em razão do livre arbítrio que todos nós temos e que muitos insistem em permanecer errando.</p> <p>Mas eu não canso e renovo minhas forças a cada sorriso e sucesso de meus alunos e em cada momento que percebo a semente do conhecimento germinar.</p> <p>Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?</p> <p>Tenho uma grande expectativa, pois são alunos que têm e sempre tiveram grande potencial e que agora tem no que acreditar, neles mesmos...</p> <p>PROFESSORA 5</p> <p>Sou muito curiosa.</p> <p>Minha professora: - Mas isso não está dentro do estágio. Eu falei: Ah! Mas eu não vou dar conta de estar trabalhando na escola e..., eu aprendi uma coisa aqui na faculdade e lá de fora é diferente? Não. Bati o pé e conversei com a coordenadora do estágio. Consegui.</p> <p>Quando eu falo que eu faço matemática, elas dizem: - Você é doida, é louca? Não, não sou louca. Eu gosto de matemática, então, vamos aprender a gostar dela. Os meus alunos não têm dificuldade com relação a esta matéria, agora com português? Muita dificuldade mesmo, mas eu vou superar.</p> <p>Mudou bastante a minha personalidade. Eu tinha uma visão de um jeito e hoje eu sou diferente. Hoje eu sou totalmente aberta. A pessoa chega e diz: - Vamos fazer de outro jeito? Eu falo: - Vamos. Antes eu não aceitava. Antes tinha que ser do meu jeito. Agora não. Você acha que tem que ser de outro jeito? Então vamos tentar fazer. Sempre a gente tem que estar tentado mudar, buscar novos caminhos.</p>
--	---

	<p>Porque eu às vezes brinco muito, mas às vezes eu também imponho limites. Tudo bem, porque eu sempre uso o diálogo, para não criar inimizades na escola. Eu sempre faço isso.</p> <p>Como eu falei, eu sou muito aberta a sugestão do próximo.</p> <p>FILMAGENS:</p> <p>Não posso dar muita liberdade, porque eles têm problemas com os outros professores (música, educação física), quando há algum problema é a mim que eles procuram.</p> <p>Acho que não entendi muito bem a relação que você fez aqui. Me desculpe, pode explicar mais? Eles não gostam de misturar com outras crianças, as aulas de educação física e música são com outra turma e na maioria das vezes eles brigam e faltam com respeito com as professoras, elas deixam passar, mas eu sou como mãe, mexeu com meus alunos devem dar satisfações a mim, ouço as duas partes e por isto que eu sou rígida.</p> <p>Com estas observações feitas por mim vou me corrigir, no que precisar e vou elogiar mais os meus alunos.</p>
--	--

Entrevista Professora 5

- * Ele é agitado, SÓ que eu gostei dele – como se fosse impossível gostar de alguém agitado
- ** O que você aprontou? – Coloca toda a culpa no aluno. A pergunta deveria ser? O que aconteceu?
- *** deixar sem recreio e sem educação física como punição ????????

APÊNDICE 4 – DIÁRIOS DE CAMPO

DIÁRIO DE CAMPO P1

Educação Infantil – 4 anos

09/11/05

Sala extremamente pequena – 10 alunos

Cumprimenta os alunos, pergunta se ninguém está com dor. “Dor de barriga?, Dor de ouvido?”

Diz que vão trabalhar com a história do barquinho, e o que lembram desta história.

Conta a história e vai mostrando as figuras a cada página.

Boa interação com os alunos, faz eles participarem da história.

Sorrindo para as crianças

Pede para alguém contar a história – o aluno que conta faz igual a ela, conta a história como se estivesse lendo e vai mostrando as gravuras para os colegas.

Pede silêncio: “Eu não estou conseguindo ouvir a voz do T.!” (o que estava contando a história)

Outras crianças contam a história.

Fala que vão fazer dobraduras – barquinho de jornal, como na história.

As crianças falam que estão com sede, a prof. Sai e busca uma jarra de água e serve a todos.

Distribui pedaços de jornal para a dobradura.

Explica como fazer o barco, passo a passo. Tem paciência de explicar e ajudar os alunos.

Conversa bastante com os alunos.

“Tem criança falando muito alto.”

As crianças conversam entre si, contam histórias de suas vidas e a professora incentiva.

Faz com que os alunos pensem sobre o que estão fazendo, mas tem o ímpeto de fazer por eles, e às vezes faz.

Reconhece que fez quase tudo por eles e fala que eles vão ter que fazer outro sozinhos.

“Ameaça” as crianças, dizendo que da próxima vez que as pesquisadoras forem filmar eles não vão ficar na sala, pois estão atrapalhando-as.

10/11/05

Diz que será uma aula diferente. Diz que vai contar a história do Aladim e depois vão fazer um desenho com a água sanitária. Pergunta se sabem o que é água sanitária. Pergunta e escuta o que os alunos têm para contar.

Pergunta quem quer contar a história do Aladim.

Uma criança vai “contando” olhando os desenhos e mostrando para os colegas. Outra criança conta a história.

Respeita a contação de histórias dos alunos, pedindo silêncio e não atendendo alguém que vem chamar um menino na porta. Só então ela conta a história da mesma maneira que contou ontem.

Chama a atenção da criança que está brincando com uma pulseira e diz que vai pedir para ela contar a história depois.

Faz perguntas sobre a história para as crianças (Interpretação de texto). Se as crianças não sabem responder diz que elas não prestaram atenção.

Outra criança pede para contar a história.

Chama a atenção de um aluno dizendo que vai chamar a tia S. (diretora).

Continua perguntando sobre a história para as crianças.

Mostra novamente os desenhos da história para que as crianças possam desenhar depois.

Quando um aluno provoca a colega dizendo que ela vai chorar, a professora lida com calma, dizendo que ela não vai chorar, porque ela é bonita, e que não está vendo nenhuma lágrima. Fala que criança não chora, só bebê é que chora.

Distribui folhas coloridas e cotonetes para as crianças fazerem os desenhos com a água sanitária. Coloca a água sanitária em potinhos, coloca uma folha preta para mostrar como faz o desenho.

Busca interagir a pesquisadora com as crianças. “A H. vai olhar os desenhos”

As crianças seguem as regras corretamente.

Uma criança diz que esqueceu como se escreve o nome dela e ela passa o quadro para ele copiar – em letra cursiva.

Apêndice

A criança escreve o nome ao contrário – “Você escreveu seu nome ao contrário? Ah! Está espelhado”

Criança: “Espelhado?”

Professora: “É, de trás para frente”

Olha os desenhos e pede para as crianças falarem o que fizeram

As crianças pedem para mostrar os desenhos para a câmera, a professora deixa.

11/11/05

Entram na sala e a professora se propõe a amarrar o cabelo de uma aluna por causa do calor, depois amarra o de outra criança.

Mostra o desenho de uma flor para as crianças e pergunta o que acham que vão fazer com ela.

Uma criança coloca o pé em cima da cadeira e ela diz “Que feio”.

Fala que vão preencher a flor com grãos. Pergunta se pode colocar o grão na boca, no ouvido ou no nariz.

Vai ensinando parte por parte. Mostra o trabalho de um dos alunos que já fez o miolo e diz que tem que ser daquele jeito.

Ajuda aqueles que não estão conseguindo, mais ou menos fazendo por eles.

Duas crianças implicam uma com a outra e ela ameaça levar um deles (que é muito inquieto) para falar com a tia S. (na verdade quem tinha implicado era a menina e não ele).

Daí um pouco faz a mesma ameaça para outra criança.

Explica a segunda parte do trabalho – preencher as pétalas

Explica como fazer para ficar mais bonito, e novamente mostra o trabalho de um aluno como modelo dizendo “Eu quero desse jeito”.

Passa cola no caule e solo de todas as flores e coloca feijão para eles colarem.

Elogia os trabalhos dos alunos.

Pergunta quem achou difícil? Porque? Se gostou? Porque? Para cada um

Uma criança diz que não gostou e ela fala que foi por preguiça.

Liga o fato de fazer silêncio com colar tudo dentro do limite e que quem conversou muito não conseguiu colar dentro dos limites.

DIÁRIO DE CAMPO – P 2

Ensino Fundamental – 8ª série – Artes

24/04/06

Nº de alunos – 25 a 30 alunos

Sala cumprida e estreita, arejada, mas bate sol e não tem cortinas

Professora organiza a sala, coloca os alunos em círculo na frente.

Distribui uma folha com a letra de uma música para os alunos.

Pergunta quem vai querer as baquetas

Coloca música, os alunos cantam e os alunos com baquetas acompanham.

Termina, os alunos voltam para suas carteiras, reorganizando a sala para fazer prova.

Um aluno quer fazer a prova a lápis, ela diz que então não terá direito a reclamação.

Professora reorganiza a sala tentando afastar um aluno do outro.

Fala o valor da prova. Explica que tem perguntas abertas e fechadas e que se pegar colado dá zero para os dois.

Sai da sala para pegar as provas. Os alunos fazem a maior algazarra inclusive com batucada.

Distribui a prova. Anda pela sala, os alunos ainda conversando muito.

“Precisa de ler não, né? Vira a folha, lá na 6ª” Explica a 6ª questão: Faça uma reflexão sobre a estrofe da música...

7ª questão: fazer paródia sobre uma estrofe da música que acabaram de cantar.

Chama a atenção de um aluno com uma “certa agressão” – um aluno que ela já tinha chamado atenção.

Pergunta o que é paródia e explica em seguida. Explica o que é reflexão também.

Diz que vai recolher a prova às 16:15. Não vai pedir silêncio. Quem estiver conversando ela vai tomar a prova.

Resolve ler todas as perguntas porque muitos perguntaram.

Da 1ª à 4ª são fechada. A 5ª é aberta/fechada – escrever uma resposta direta em cada item. Prova bem elaborada tecnicamente, não podemos dizer que se está de acordo com o conteúdo ministrado porque não o vimos.

É séria, pouca paciência, às vezes ríspida.

Anda pela sala, explica a quem pergunta.

Continua uma certa conversa e ela pedindo silêncio durante toda a prova.

Leva um aluno para fora da sala para fazer uma ocorrência, diz que ele estava “fazendo gracinha”. Pede o caderno de ocorrência, escreve. Dá advertência para o aluno e fica alterada com o acontecido. Os alunos perguntam se ele estava colando, ela diz que não. Perguntam, então porque ele está fora da aula. Ninguém viu o que ele fez para levar a “ocorrência”. Manda o aluno assinar, levar e não voltar: “Na minha aula não”. Alunos perguntam o nome dela e aula de que para escreverem na prova. Recolha a prova de quem vai terminando. Aluna pede outra folha de prova ela não dá. Recolha as provas que faltavam - vai até as carteiras e fica esperando terminarem. Devolve a prova a um aluno para ele corrigir ou completar alguma coisa.

DIÁRIO DE CAMPO – P3

Dia 04/04/06

1º ano do Ensino Médio

Disciplina: Espanhol

35 alunos

Sala grande, pouco arejada, bem organizada.

Professora entra e começa a escrever no quadro (não cumprimenta)

Alunos conversam muito.

Responde a questionamentos de alguns alunos indevidamente, continua passando o conteúdo no quadro e os alunos conversando muito.

Usa um material como referência para o que está escrevendo.

Os alunos copiam.

Explica a escrita de uma palavra que os alunos não estavam entendendo.

Termina de escrever (o quadro inteiro) e para ao lado do quadro.

Os alunos começam a pedir silêncio com “psiu”, mas não adianta.

Vai conversar com uma aluna em sua carteira sobre assuntos não referentes a aula.

A conversa aumenta.

Conversa com outros alunos.

Este primeiro momento durou mais ou menos 20 minutos.

Começa a explicação, os alunos diminuem a conversa. Explicação muito rápida, sem dar tempo de assimilação e perguntas (no máximo 5 minutos).

Um aluno exagera na conversa ela chama atenção e ele pede desculpas.

Termina a explicação, apaga uma parte do quadro e continua passando mais matéria. Os alunos voltam a conversar, alguns viram de costas para o quadro. Pede silêncio com “psiu”. Explica após passar metade do quadro. Vai pedindo ajuda dos alunos para completar os exercícios.

Parece dar aula para uma minoria da frente que está mais atenta.

Apaga o resto do quadro e continua passando exercícios e pedindo ajuda dos alunos para completá-los. A conversa continua na sala e ela parece não se incomodar.

Usou alguns exemplos com curso de Psicologia.

Toca o sinal, ela arruma suas coisas e sai. Enquanto isso um aluno comenta: “Professora, aula boa passa rápido, né?” Ela não mostra muito entusiasmo.

11/04/06

Alunos vão entrando aos poucos, sentando-se e conversando muito.

Professora começa a passar matéria no quadro.

Aluno pede para dar um recado para a turma. Professora deixa, é sobre uma festa.

Professora ajuda a explicar e sugere levar violão.

Um aluno está com fones de ouvido dançando (sentado).

Alunos conversam muito e muito alto. Alguns copiam outros não.

Enche o quadro de conteúdo (mais ou menos 20 minutos). Termina e anda pela sala conversando com alguns alunos (conversas informais).

Lembra que na próxima aula é prova e onde eles vão achar a matéria se não copiarem (“mastigada desse jeito”).

Obs. A matéria que ela passa é todo o conteúdo que eles têm para estudar).

Entra uma pessoa trazendo uma caixa que coloca na mesa da professora.

Dá explicação individual sobre o conteúdo para alguns alunos. A turma se cala um pouco. Ela completa o conteúdo no quadro.

Apêndice

Aluna ajuda a entregar revistas aos alunos para procurarem palavras. Professora faz chamada (apenas neste dia). Não fizeram a atividade, apenas olharam as revistas, continuando a conversa.

A professora raramente se dirige à sala toda, está sempre respondendo a questões individuais. Explica o conteúdo do quadro a um aluno que perguntou.

Toca o sinal, os alunos vão se levantando e devolvendo as revistas.

Pede atenção da sala, mas nem metade presta atenção, e ela dá o recado assim mesmo.

A turma começa a sair.

18/04/06

Enquanto os alunos entram, ela já está passando a prova no quadro. Pede silêncio antes de escrever toda a prova – vai diminuindo até se calarem.

A prova é composta de perguntas fechadas, para completarem com questões gramaticais.

Fica no fundo da sala em pé.

Caminha pela sala respondendo perguntas.

Os alunos reclamam que a prova está difícil, ela deixa consultar nos cadernos e no dicionário.

Dá uma explicação geral para a turma sobre o uso de artigo antes dos nomes dos países.

Um aluno entrega a prova em branco porque não tinha material e não sabia nada. A turma toda ri.

Vai recolhendo a prova de quem vai terminando.

A conversa termina, tem que pedir silêncio várias vezes.

Chega uma estagiária na sala que vai participar da próxima aula.

Professora pergunta quem falta entregar a prova e espera.

A conversa continua.

Toca o sinal, os que faltavam entregam a prova e ela sai.

Professora é calma, ri algumas vezes, tem paciência. Aparentemente tímida e com dificuldade de relacionamento. Se esforça para conseguir controlar isso.

DIÁRIO DE CAMPO – P 4

Ensino Médio – 3ª série

18/11/2005

Sala ampla, organizada.

Tem uma pilastra no meio da sala.

O professor dá mais atenção aos alunos que estão antes desta pilastra, parece ser difícil para ele ir até onde os outros estão.

Apresenta as pesquisadoras, dizendo que têm visita e pede a colaboração dos alunos. Explica a pesquisa para os alunos.

Faz um pequeno retrospecto do que já fez anteriormente sobre o conteúdo e os pontos de avaliação que já foram distribuídos. Dá chance para os alunos que não freqüentaram a aula de reposição, onde foi passado o trabalho, para fazê-lo. Entrega a folha do trabalho para estes.

Explica como será a correção e avaliação deste trabalho.

Começa um conteúdo novo – Ecologia

Explica a etiologia da palavra e o que significa o estudo de Ecologia. Faz um pequeno histórico.

Caminha pela sala enquanto explica o conteúdo, vai até o quadro e coloca alguns conceitos centrais (se guiava por um material em cima de sua mesa)

Pede a participação dos alunos, fazendo perguntas sobre conhecimentos anteriores. Pede reflexões deles (poucos respondem). Faz desenhos no quadro para explicar alguns conceitos.

Usa o quadro organizadamente.

Chega alguém na sala, conversa com os alunos (interrompe a aula). Quando a pessoa sai ele volta do ponto que tinha parado.

Responde às perguntas dos alunos com atenção e paciência.

Os alunos prestam atenção, ficam em silêncio e fazem algumas perguntas.

Quando responde sobre a influência da lua na terra, responde mas diz que seu conhecimento é limitado neste assunto.

Os alunos interagem bem com ele, com respeito e liberdade.

A aula é interrompida novamente por alguém que chega à porta.

Continua a explicação, faz perguntas para os alunos, integrando com o conteúdo. Faz perguntas que contextualizam o conteúdo o dia a dia dos alunos, faz brincadeiras e coloca situações engraçadas para eles pensarem o conteúdo.

Chama a atenção dos alunos para os conteúdos que caíram no vestibular “tal ou tal”.

Dá uma explicação sobre a árvore que lança as sementes longe. Uma aluna diz que árvore pensa. Ele diz que não, a aluna insiste. Ele responde: “Então tá, se ela pensa ela não comenta”. Todos riem, ele lida bem com a situação e logo volta à explicação. Consegue sempre voltar a atenção dos alunos à explicação, após alguma brincadeira, geralmente falando sobre o conteúdo com o tom de voz um pouco mais alto.

Chama a atenção de alguns alunos que estão conversando, mas sem se estender muito com isso e sem muita rigidez. Os alunos atendem.

Aproveita a pergunta de um aluno sobre a posição do urubu na cadeia alimentar e explica para toda a turma a cadeia e a teia alimentar.

Alguns alunos estão fazendo outra coisa, não prestando atenção, com sono. A maioria presta atenção.

Pede silêncio batendo palmas e fazendo “psiu”.

Vai até a carteira de uma aluna e a cumprimenta, pegando na mão: “Hoje você não está conversando, gostei de ver”.

Faz uma brincadeira com a turma, termina a explicação e encerra a aula se despedindo dos alunos e saindo da sala.

25/11/05

Estava com a camiseta do uniforme da escola (igual a dos alunos), com seu nome escrito atrás.

Chama a atenção dos alunos, senta-se na mesa e espera eles se acalmarem.

Explica como será a prova. Fala que o monitor ficará na sala durante a prova, para ajudar. (os alunos já conheciam).

Diz que não foi possível xerocar a prova e passa as perguntas no quadro. Os alunos protestam. Ele diz que como é bonzinho não vai pedir para copiarem as perguntas, só darem as respostas. Os alunos conversam muito enquanto isso. Como a conversa continua, ele para e diz que parece que não entenderam e que precisam parar de conversar, senão terá que adiar a prova e eles serão prejudicados. A maioria para de conversar, mas alguns continuam.

Explica a prova.

Relacionar a primeira coluna de acordo com a segunda – heranças que o indivíduo gera.

Conceituar e caracterizar alguns termos.

Definir outros termos.

Um caso de genética para resolverem

Faz um esquema no quadro para uma explicação extra de uma das perguntas.

Enquanto passa a prova no quadro um aluno pergunta quanto vai valer. Ele responde: “Dez pontinhos”.

Um aluno pede para ir ao banheiro. A turma ri. Ele diz: “Então está combinado. Vocês fazem a prova e depois eu deixo vocês irem”.

Pede para um aluno virar para frente “um pouquinho”.

Alguns alunos “trocaram” informações e olham na prova dos colegas.

Diz que tentou fazer uma prova mais *light*.

Chama a atenção do fundão e diz que vai dividir a nota entre eles.

Responde às perguntas dos alunos com paciência.

O monitor também ajuda os alunos com o que não estão entendendo.

Explica os dois trabalhos que já passou e que eles têm que entregar. Diz que vai passar no quadro. Alunos perguntam quanto vai valer. 10 pontos.

Um aluno não responde nada da prova. O professor chega perto dele, ele quer entregar a prova. O professor diz que é para ele tentar mais um pouco e ter uma “relação de afetividade” com a prova.

Uma aluna pede para ele ver se a resposta está certa. Ele lê com atenção e diz: “Não é”.

Os alunos vão terminando e entregando as provas.

DIÁRIO DE CAMPO P5

2ª série

17/10/05

Sala muito pequena, com alguns estímulos nas paredes. – 10 alunos

Inicia a aula com uma oração.

Inicia conteúdo novo – palavras terminadas em az, ez, iz, oz, uz.

Apêndice

Passa atividade no quadro e anda pela sala acompanhando os alunos.

Auxilia um que está com mais dificuldade – o jeito de ensinar quando a criança erra não é muito carinhoso.

Ri pouco

Aluna a chama para ver sua letra e ela nem olha para ela, continua olhando para o aluno que está com dificuldade.

Aluna sugere a palavra paz, mas diz país, ela não entende que é paz e diz que não termina com z, mas com s. A aluna não discute.

Elogia o aluno que estava com dificuldade, então a mesma aluna que a chamou anteriormente chama novamente para ela ver sua letra, e ela novamente não dá atenção a ela.

Tendência a fazer para os alunos o que se refere a capricho dos cadernos.

Se prende mais a um aluno.

Ensina a separar sílabas batendo palmas – para um aluno em particular, depois para toda a turma.

Escreve o nome de alguns alunos no quadro –

Uma aluna fala sobre ter nadado e que estava muito bom, ela não dá atenção.

Exercícios: copiar palavras, ler, desenhar, separar sílabas, ordenar frases.

Ameaça os alunos com o “caderno verde”, mandar para a Maria José e expulsão.

18/10/05

Oração

Pede para aluno (o que ela se dedica mais) esperá-la para ajudá-lo a fazer o desenho.

Depois de muito tempo de ter passado a tarefa no quadro, percebeu que não tinha colocado todo o enunciado, aí completou. Não explicou o exercício adequadamente.

Pergunta porque uma aluna tem faltado, a aluna não responde, ela não se manifesta mais.

Depois de corrigir os exercícios no quadro, corrige nos cadernos dos alunos – os alunos vão até sua mesa, por ordem alfabética – coloca adesivos nos cadernos de “quem merece”

Aluno que fica o tempo todo de cabeça baixa não afeta a professora.

Se preocupa com um machucado na testa do aluno.

“A letra da T. está feia” – fica com o caderno para a aluna ficar com ela no final da aula.

Exercícios: Juntar sílabas (dentro de figuras geométricas iguais); completar frases; ler as palavras e classificá-las.

19/10/05

Oração

Vê que um aluno não consegue copiar do quadro, pergunta porque. Um colega diz: “ele não dá conta de escrever o nome dele, por isso ele não fez.” Ela diz: “Tá sabendo que vou conversar com sua mãe amanhã né?” “Você mais falta do que vem a aula. Trata de aprender a escrever seu nome.” “O problema de vocês é que estão com muita preguiça.”

Distribui um texto para os alunos. Lê junto com eles.

Manda-os copiar o texto. Diz que é para copiar porque vai emprestar o texto para outra professora. As crianças acham ruim e falam que vão escrever o nome deles no texto. Ela não diz nada.

Passa pelas carteiras acompanhando o trabalho dos alunos.

Alunos avisam que o C. (aluno que fica sempre deitado na carteira) saiu sem avisar, ela não se importa. Em seguida sai da sala e traz o menino de volta.

Alfabeto sem K, W e Y, sendo que tem aluna cujo nome começa com K.

Criança com grande dificuldade de escrever a palavra nariz, que foi vista nos outros dois dias anteriores – a prof.

Vai ditando letra por letra, lembrando r de rato, i de igreja, z de zebra.

O texto tem algumas perguntas de interpretação.

Menino diz que não dá conta de copiar. Ela diz que dá sim, vai até lá e diz que ele está “esquecendo” as vogais.

Senta perto dele e vai ditando letra por letra.

Dá bronca em uma criança que foi no refeitório e molhou o chão.

Criança mostra um texto rasgado e diz: “Olha o que o C. fez”. Ela pede para por na mesa dela. C. continua de cabeça baixa o tempo todo como nas aulas anteriores. Ela não dá atenção.

Senta-se numa cadeira na frente da sala e vai corrigir os cadernos.

Fala: “D. eu quero corrigir seu caderno”. A aluna diz: “Mas você não veio aqui me ensinar.” Ela diz: “Você já sabe.” A aluna: “Não sei não.” Ela não faz mais nada.

Aluno queixa-se do colega que está implicando, ela não dá atenção.

Dá os parabéns para aluna que fez tudo e correto, mas sem sorriso. Aluna pergunta se vai passar de ano. Ela diz que se continuar assim, vai.

Uma aluna pede para ela escrever Parabéns no caderno dela. Ela diz: “Você acha que vou escrever Parabéns numa coisa que vai ter que corrigir?”

Criança grita. (a mesma que pediu Parabéns no caderno) Ela diz: “Dá próxima vez que você der um grito eu vou fazer você escrever que tem que falar baixo”. Esta aluna continua dando trabalho nesta aula.

Vai corrigir no quadro e diz que quem não fez no caderno pode responder na folha mesmo. Um aluno pergunta se ela não ia emprestar as folhas para outra professora, então como pode escrever na folha? Ela diz que depois manda tirar xerox.

Termina a aula brincando de forca com palavras terminas em z. Competição entre meninos e meninas.

Anexos

12. ANEXOS

ANEXO 1- REFLEXÕES SOBRE-A-AÇÃO

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO – P1

1. Considero que seja satisfatório, pois ao se tratar de crianças com apenas quatro anos de idade eu tenho que usar formas que prenda a atenção mesmo.
2. As atividades são escolhidas por mim, porém as mesmas são analisadas pela pedagoga da escola. **Porque escolheu estas atividades? Qual o seu objetivo ao desenvolvê-las?** Escolhi estas atividades pois são atividades diferentes e que as crianças gostam de fazer. O meu objetivo é que as crianças conheçam as formas diferentes através dos grãos e cores diferentes no caso da semente de girassol e feijão que tem mais de uma cor.
3. Não há como avaliar, pois os alunos têm quatro anos de idade, usaria a mesma metodologia, pois é uma forma que eles gostam. **Acha que atingiu os objetivos que tinha com elas?** Considero que sim, pois as crianças fizeram as atividades com entusiasmo e adoraram fazer as mesmas.
4. Não é possível responder, pois eles não são avaliados.
5. A minha relação com as crianças é ótima, pois eles sempre fazem as tarefas propostas com entusiasmo.
6. Sempre tem uma criança que conta alguma coisa que tenha acontecido em casa ou mesmo em outro lugar, eu acato com naturalidade escuto e faço comentários.
7. Na maioria das vezes utilizo coisas que aprendi quando cursava magistério e cursos que já fiz, mas sempre procuro me inovar com coisas novas. **Onde busca as novidades? Você cria baseado em tudo o que você aprendeu até hoje?** Algumas atividades eu crio, outras busco em livros e apostilas e as vezes troco material com outras professoras.
8. Sim. Quando as crianças me mostraram os desenhos alguns não tinha nada desenhado, apenas umas bolinhas, mesmo assim eu disse que estava lindo; **Qual a relação com suas características pessoais, crenças...?** Quando tem uma criança falando e as outras começam a falar eu digo que não estou ouvindo a criança para que elas saibam que quando uma estiver falando as outras devem fazer silêncio. Quando tem uma criança falando a outra tem que ouvir, sempre fazemos uma oração antes de entrar para sala de aula, fazem uma outra oração antes de comer o lanche, essas coisas estão ligadas com minhas características pessoais.
9. Eu escolho as atividades, mas as mesmas são analisadas pela pedagoga. Quando tem alguma coisa que ela não concorda analisamos juntas a atividade.
10. Eu não gosto de dizer para eles “calem a boca”, por isso eu digo a eles que o dedinho não tem boca, que eu não estou conseguindo ouvir o coleguinha que estava falando primeiro. E para conseguir com que eles façam silêncio eu nunca grito, pois como eu vou querer que eles façam silêncio se eu estou gritando?

11. Posso citar uma que aconteceu no dia em que contei a história do Aladim, **uma criança disse que na história que ela viu tinha sereia, e os coleguinhas dela ficaram bravas dizendo que na história do Aladim não havia sereia, e ela ficou brava quase chorou. Então eu disse a eles que na história que ela viu tinha sereia. Ou seja sempre tento contornar a situação.**
12. Sim. Pois são crianças “maravilhosas” carinhosas e sinceras, e além de tudo eu faço o que eu gosto. E eu vejo a felicidade estampada nos rostinhos deles toda vez que dou uma atividade a eles. **Antes você atuava numa turma de Ensino Fundamental, agora está na Educação Infantil. Qual te realiza mais?** Me sinto realizada em todas as turmas em que trabalho.
13. Que eles sejam cidadãos honestos, sinceros, e que saibam respeitar ao próximo. Que essas crianças sejam dedicadas aos estudos para que possam ter um futuro brilhante. Que Deus abençoe todos eles e os protejam sempre.

REFLEXÃO-SOBRE-A-AÇÃO- P2

Na sua entrevista de história de vida você falou sobre questões ligadas a sua profissão. Você falou sobre a escolha da profissão docente, sobre sua formação já concluída ou em andamento, sobre suas práticas docentes, sobre sua relação com seus alunos e com a escola, sobre a relação entre sua formação e a atividade docente e mostrou também crenças e opiniões sobre a profissão docente, a vida em geral e você mesmo(a).

Agora, após suas aulas terem sido filmadas, gostaria que você refletisse sobre as mesmas, levando em consideração os seguintes pontos:

1-Sua atuação prática no que se refere à exposição e explicação do conteúdo.

Eu procuro adequar a exposição com o conteúdo através de deduções, comparações, sugestões e até mesmo dúvidas.

2-Escolha das atividades e avaliações desenvolvidas em sala.

Escolho as atividades propostas de acordo com o conteúdo básico comum e com a escolha das turmas.

3-Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?

Quando os resultados são satisfatórios eu melhora, acrescento, enriquecendo com algum ou outro dado interessante. Na maioria das vezes, rejeito a mesma metodologia

4-Como você avalia os resultados obtidos com suas avaliações? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que mudaria?

Pelo resultado da avaliação, eu entendo que o aluno se prende a outros aspectos pelo visual, ou seja pelas cores, beleza, nem sempre o aluno absorve aquilo que o professor quer.

5-Sua relação com seus alunos em situações que não se referem ao conteúdo trabalhado.

6-Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas.

Respostas 5 e 6

Os nossos alunos são dependentes inicialmente até o 1º impulso, daí em diante são competitivos, criativos, participativos, tanto na sala de aula quanto fora dela.

7-Fale sobre a ocorrência acontecida com um dos alunos.

A ocorrência serve como instrumento da avaliação e crescimento no que desrespeito ao aluno nos casos de indisciplina, desrespeito para com o professor e até mesmo com os próprios colegas.

8-Relação entre as atividades desenvolvidas e sua formação docente (magistério, graduação, cursos paralelos).

Já falei sobre esta pergunta.

9-Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momentos percebeu isto nesta filmagem?

Sem duvida percebemos, deixamos nossos traços pessoais, valores, pontos de vista no que fazemos principalmente na sala de aula na maioria dos conteúdos.

10-Relação entre escolha e desenvolvimento das atividades e avaliações e questões da escola.

Geralmente, a escola faz algumas sugestões de assunto ou projeto desenvolvido pela comunidade escolar e dentro dessas sugestões o professor faz sua escolha.

11- Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê?

Por incrível que pareça, sim, porque na maioria das vezes os casos de indisciplina são distorções típicas da adolescência e apesar de todas as distorções, a turma é interessada no assunto, só falta um pouco de informação e pesquisa sobre. Cabe ao professor desenvolver no aluno o interesse, a motivação, o estímulo para que mais tarde possamos receber dele uma recompensa.

12- Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?

Eu vejo neles adolescentes participativos e críticos. Consequentemente farão uma escolha equilibrada, opções futuras sensatas em termo de futuras profissões.

REFLEXÃO-SOBRE-A-AÇÃO – P3

Na sua entrevista de história de vida você falou sobre questões ligadas a sua profissão. Você falou sobre a escolha da profissão docente, sobre sua formação já concluída ou em andamento, sobre suas práticas docentes, sobre sua relação com seus alunos e com a escola, sobre a relação entre sua formação e a atividade docente e mostrou também crenças e opiniões sobre a profissão docente, a vida em geral e você mesmo (a).

Agora, após suas aulas terem sido filmadas, gostaria que você refletisse sobre as mesmas, levando em consideração os seguintes pontos:

1-Sua atuação prática no que se refere à exposição e explicação do conteúdo.

Bons.

Por favor, fale mais sobre isso. “Penso que minha “atuação prática” tem sido boa em relação à exposição e explicação e conteúdo tomando como referencial o meu desempenho como professora no ano de 2005, na mesma escola.”

2-Escolha das atividades e avaliações desenvolvidas em sala.

A escolha é feita de acordo com o planejamento e o numero de aulas – que a meu ver é bastante reduzido, sendo 4 aulas/mês.

3-Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?

Os resultados foram bons – me refiro as notas das avaliações da sala em relação as demais. Talvez, se o tempo para a resolução de uma certa atividade fosse determinado como o é e a falta de recursos, faria sim.

Como faria? “ Penso que se a mesma metodologia for aplicada mais de uma vez na mesma sala e/ou em outras, haverá modificações.Estou estudando e propondo um método de E/LE com a utilização de textos hispano-americanos modernos para as séries iniciais (1ª e 2ª do E.M.) e, deixando, à parte e opcional o estudo de E/instrumental para aqueles alunos que interessam-se ou têm por objetivo submeter-se a um exame de vestibular SERIADO OU NÃO de uma universidade reconhecida , seja ela federal, estadual, municipal ou mesmo particular.

- utilizaria TEXTOS AUTÊNTICOS, COMICS, ZINES
- VÍDEOS E CLIPS
- MÚSICAS – como forma de fazer intertexto com o conteúdo
- Uso de recursos como data show
- etc.”

4-Como você avalia os resultados obtidos com suas avaliações? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que mudaria?

Na verdade, não foi uma avaliação e, sim, um exame. Se eu fizesse novamente a mesma atividade, na realidade a metodologia aplicada não seria a mesma, visto que poria em prática certas mudanças – aplicaria outras em substituição as que não deram certo, como, por exemplo, a atividade da revista: pediria que eles (os alunos) a fizessem em casa.

5-Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas.

Penso que este ano eles se sentem mais próximos, com menos medo de fazer perguntas. O ano passado eu era menos acessível.

6-Sua relação com seus alunos em situações que não se referem ao conteúdo trabalhado.

Bem, sinto que gostam de mim; convidam-me para festas familiares e de amigos, nas quais só comparecem pessoas mais íntimas. Quando estão fora do ambiente escolar, como no shopping, no centro da cidade, numa feira de arte/cultura, eles ficam orgulhosos e sempre me apresentam a seus pais – caso esses ainda não me conheçam.

7-Relação entre as atividades desenvolvidas e sua formação docente (magistério, graduação, cursos paralelos).

Algumas atividades desenvolvidas vão de encontro a minha formação docente (Especialização em Metodologia de Ensino de Língua Estrangeira, Mestrado em Teoria Literária – Linha texto poético hispano-americano – ambos em curso) devido ao tempo e ao prazo para o cumprimento do programa – estabelecido de acordo com os PCNs, CBCs e programas seriados e de vestibulares.

8-Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momento percebeu isto nesta filmagem?

Sim. A todo momento.

Por favor, dê algum exemplo. “Realmente percebi o quanto estou mais “paciente”. Em outro momento da minha vida, sinceramente não me reconheceria. Levada por muitos acontecimentos e mudanças no âmbito particular, fizeram-me “ficar” mais passiva; em muitos momentos percebi a falta de postura de minha parte, apatia, depressão”.

9-Existiu influência da filosofia da escola ou de alguma outra questão institucional na sua seleção de atividades e avaliações para esta unidade de estudo?

Tanto da instituição onde estudei até 2º grau; quanto da que eu trabalho e dos alunos.

Dê exemplos. “Pude identificar que estou estabelecendo uma relação quase completamente inversa à praticada na instituição, na qual estudei toda minha vida escolar até o fim do 2º grau e no meu trabalho, no tocante à escolha e à forma de desenvolver atividades e avaliações. Na primeira, a impressão que tenho até hoje é que lá as coisas funcionavam. Na graduação, aprendemos a avaliar o desenvolvimento do aluno e não a pessoa, avaliar o processo de aprendizagem. Tento colocar isto em prática, mas os alunos ainda não estão preparados para isto, eles confundem com “moleza”.

10-Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?

O futuro mais identificável é o do Rafael que será relacionado com a música (é o aluno que aparece com um fone no vídeo). Em relação aos outros alunos, eu não os subestimo.

11-Sua postura frente à conversa excessiva em sala de aula.

Dizer que não permito conversa seria demagogia, mas conversas excessivas e sem relação com o tema da aula não gosto. No vídeo tem vários exemplos desses: o meu olhar por cima dos óculos, o pedido para parar a conversa (Foi mal professora! Foi péssimo! – respondi)

12-Seu objetivo com a atividade com as revistas foi alcançado?

Alguns alunos entenderam a atividade e a fizeram, alcançando a proposta que eu havia esperado.

13-Porque considera que os alunos tiveram dificuldade em responder à prova?

Não considero que tiveram dificuldade em responder mesmo porque tiraram boas notas. E um aspecto que posso apontar é que eles querem tudo pronto e tem preguiça de pensar.

14-Como age em situações em que tem que impor limites? Tem tido bom resultado? Mudaria alguma coisa?

Não. Esta turma não é tão desunida quanto as outras. Em atividade posterior àquela da revista, pedi outra em que deveriam trazer para a sala figuras que fizessem referência ao conteúdo lexical a ser estudado. Dessa forma o aluno tinha que selecionar as imagens, classificá-las por categorias e nomear cada figura. Como muitos alunos trouxeram muitas figuras, eles dividiram com seus colegas e, inclusive, de outras salas.

Acho que não entendi o “não” no início da resposta. “Tento agir naturalmente, sem grosserias e sem desculpas. Se estiver ao meu alcance, responderei; senão, peço um prazo para responder.”

REFLEXÃO-SOBRE-A-AÇÃO - P4

Na sua entrevista de história de vida você falou sobre questões ligadas a sua profissão. Você falou sobre a escolha da profissão docente, sobre sua formação já concluída ou em andamento, sobre suas práticas docentes, sobre sua relação com seus alunos e com a escola, sobre a relação entre sua formação e a atividade docente e mostrou também crenças e opiniões sobre a profissão docente, a vida em geral e você mesmo(a).

Agora, após suas aulas terem sido filmadas, gostaria que você refletisse sobre as mesmas, levando em consideração os seguintes pontos:

1-Sua atuação prática no que se refere à exposição e explicação do conteúdo.

Tento ser ativo e incisivo, me intrometendo no meio das idéias dos alunos e não espero que eles venham até mim, pois eles não vêm. Acho necessário, o convite intermitente do começo ao fim da aula. Como que se o que eu dissesse naquele momento (Em todos os momentos) fosse o principal ponto da aula, tornando a aula, um grande pacote de momentos indispensáveis.

2-Escolha das atividades e avaliações desenvolvidas em sala.

No dia da aula, foi escolhida a aula expositiva. Normalmente eu começo com uma aula só de questionamentos, pergunto toda a matéria aos alunos sem que eles percebam. Na segunda aula eu falo sobre o assunto e semeio no solo preparado; em um segundo momento, faço observações sobre dia a dia (fixação) e depois proponho alguns exercícios. Naquele dia escolhi a aula expositiva-convitativa e estava semeando em terreno preparado (prestar atenção no início da aula onde falo sobre indivíduo, população, comunidade, etc). Eles já conheciam o que eu ia dizer e até um aluno disse: “Fessor, o senhor já falou sobre isso!” Na verdade o que eu havia feito era um questionamento na aula passada e que alguns alunos opinaram e outros leram o livro. Acho isso fundamental.

3-Como você avalia os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas em sala? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que alteraria?

Pude perceber pela interação ocorrida na aula e pelas notas alcançadas, que a turma em geral respondeu bem ao modelo de aula proposto. Mas vale a pena lembrar que esse tipo de aula nem sempre dá certo. O aluno responde bem quando recebe uma aula que é “invasiva”, que chega até ele de uma forma ou de outra e que obriga ele a querer prestar atenção, mas quando esse tipo de aula é muito freqüente, ela acaba sendo monótona assim como todos os tipos de metodologias possíveis de serem aplicadas. Eu repetiria, pois o resultado foi muito satisfatório. Talvez tentaria puxar um pouco mais a atenção de alguns alunos que já se isolam naturalmente. Infelizmente alguns estão em sala somente para adquirir um diploma de 2º grau. Mas eu não desisto deles, embora as vezes fuja ao controle.

4-Como você avalia os resultados obtidos com suas avaliações? Se fosse fazer novamente repetiria a mesma metodologia ou não? O que mudaria?

Gostei dos resultados individuais e do conjunto. A avaliação escrita é uma ferramenta pouco utilizada por mim. Aquela foi a 4ª prova e última do ano, aplico o mínimo de avaliações escritas que eu considero ainda necessário, pois o aluno ainda não conseguiu aceitar de forma responsável a idéia de outros meios avaliativos. A maioria de meus recursos avaliativos neste ano foram alternativos, somente 35 pontos foram destinados a avaliações escritas e 75 pontos a outras formas de avaliações.

Não mudaria a metodologia, lamento pela prova não ter sido xerocada. Acho que as colas devem continuar sendo repreendidas, mas encaro elas como meio “clandestino de se obter conhecimento”.

5-Sua relação com seus alunos em termos de execução das tarefas propostas.

Meus alunos são maravilhosos e fazem tudo que peço, porem as vezes entregam coisas fora do prazo. Tento ser maleável e justo ao mesmo tempo.

6-Sua relação com seus alunos em situações que não se referem ao conteúdo trabalhado.

Ótima.

7-Relação entre as atividades desenvolvidas e sua formação docente (magistério, graduação, cursos paralelos).

Existe uma interação muito grande entre o que se aprende na graduação e em cursos paralelos, com a realidade da sala de aula. Existem muitas técnicas metodológicas, mas que sozinhas acabam não resolvendo nada. A realidade é variável e única para cada pessoa, e como as aulas não são individuais, é necessário que adequem de maneira a abranger a maior quantidade de alunos possível. Alguns necessitam de variações para serem alcançados e outros nem ao menos querem ser alcançados (assim como no vídeo). Nesses casos é necessária uma política de conscientização individual, porem não há como convencer uma pessoa que não quer ser ajudada.

8-Você percebe relações entre suas características pessoais, crenças, opiniões, valores, e as atividades e acontecimentos vividos em sala? Em que momentos percebeu isto nesta filmagem?

Sim, sempre isso acontece. Eu aprendi que para se discutir um tema é necessário mostrar os dois lados da moeda e defender sem imposição o seu ponto de vista, para gerar discussão e reflexões contra ou a favor de minha idéia. Isso ajuda a desenvolver o senso crítico.

9-Relação entre escolha e desenvolvimento das atividades e avaliações e questões da escola.

A escolha das atividades realmente fica acorrentada às restrições físicas e didáticas da escola. Por exemplo: Eu, professor P., de biologia, não posso ter acesso ao laboratório. Somente os professores de laboratório podem, outro caso é a exibição de vídeos, existem tvs, vídeos, dvs, mas não existem cabos de transmissão de imagem, pois os próprios professores acabam com esse equipamento.

Existem restrições, mas existem outras alternativas. Escrever a prova no quadro quando o xerox não funciona (vídeo); dar aulas ao ar livre, levar a natureza para a sala de aula, usar a imaginação dos alunos para fazê-los ver em minhas palavras as visões que eu mesmo presenciei e fazê-los viver suas próprias experiências(cerrado) e reconhecer o que foi dito a eles na sala de aula em momentos de seu dia a dia(efeito estufa).

Mas certamente o que acho mais importante é ter a capacidade de expor um relacionamento com os alunos que faço com que eles gostem de você e prenda a atenção no que está falando. Quando se convida um aluno para a aula, ele pode relutar em permanecer concentrado, mas você se convida a ter um diálogo com o aluno e prova o tempo todo o instante que vale a pena prestar atenção, é muito mais fácil se dar aula, mesmo sem recursos.

10-Como lida com perguntas que fogem, em certa medida, do conteúdo que você domina?

São de extrema importância e muito bem vindas em minhas aulas. Acho o máximo quando o aluno se interessa e pergunta, é o ápice do interesse. Fixar o conhecimento em um aluno é 20% mais fácil em momentos de dúvida. Tento me manter atualizado com os assuntos que rodeiam o tema e aproveitar as oportunidades para inserir o conteúdo no contexto, mas quando não sei, procuro a resposta e em outro momento satisfaço suas curiosidades.

11-Como age em situações em que tem que impor limites? Tem tido bom resultado? Mudaria alguma coisa?

Eu tento sempre não apelar para a rispidez, sobretudo em momentos de tumulto natural, seriam os momentos de entrada e saída da classe, momentos de perguntas satirizantes, dúvidas entre alunos e as brincadeiras dos alunos em relação a mim. Dou muita liberdade e por isso sou respeitado no momento que preciso de ordem, mesmo sem ter que levantar a voz e isso eu acredito que é a verdadeira ordem (ficar em ordem por livre e espontânea vontade). Os alunos sabem que ganham mais me mantendo com essa característica, pois eles acabam criando crédito comigo. E uma relação recíproca, mas existem momentos em que se faz necessário um maior pulso e não sinto dificuldades em fazer isto. Espero a oportunidade de mostrar meus dois lados e são eles que acabam escolhendo o lado mais brando e não eu.

12-Costuma elogiar seus alunos quando percebe algum crescimento? Como faz? Tem tido bons resultados? Mudaria alguma coisa?

Certamente o elogio, como diz a teoria comportamentalista, é um reforço positivo que estimula a criatividade e permanência em realizar certas atitudes. As vezes a suposição ou opinião pode estar errada e uma negativa seria um desperdício de oportunidade de usar a dúvida ou afirmação como ponte para um esclarecimento (neste caso condeno o comportamentalismo, que repreenderia atitudes inadequadas).

Procuro sempre dizer “Isso”, “mas”... e não “não”, e quando a idéia proposta está certa, procuro salientar a importância dela e a do aluno estar perguntando. “Boa pergunta essa sua, gostei”(vídeo).

Mas gostaria de estar sempre evoluindo e mudaria se preciso, caso encontrasse uma maneira pratica, mais eficaz (todos os dias estamos em contato com situações novas, que vão reconstruindo nossa maneira de agir....)

13-Qual o papel do monitor na hora da avaliação?

A pergunta seria: Qual o papel da turma da sala para o monitor?

Eu sei que monitores estão do lado dos alunos, pois eu já fui um monitor e sei que ele não está na sala com intenção de prejudicar ninguém e sei que as vezes ele faz vista grossa, assim como eu e como muitos professores já fizeram com vocês. O que mais faço em minhas aulas é o direcionamento dos alunos. “Esqueçam o churrasco e pensem no vestibular”. Acredito que somente mostrando a realidade eu conseguirei fazer com que eles estudem. Acho que a cola é inevitável e que as vezes é até benéfica, mas tento manter sua imagem como delito, pois ela pode gerar acomodação geral.

14-Sua atuação como docente nesta turma te realiza profissionalmente? Por quê

Sim, em parte. Vejo os frutos que plantei brotando e isso me realiza muito, mas não sabe o quanto... Mas fico triste, pois alguns alunos que se acham intocáveis e insistem em se manter na ignorância ou em defender seu ponto de vista pré-criado e sustentá-lo como fé inabalável. Não é por falta de atitudes ou de força de vontade e sim em razão do livre arbítrio que todos nós temos e que muitos insistem em permanecer errando.

Mas eu não canso e renovo minhas forças a cada sorriso e sucesso de meus alunos e em cada momento que percebo a semente do conhecimento germinar.

15-Qual sua expectativa em relação ao futuro dos alunos desta turma?

Tenho uma grande expectativa, pois são alunos que têm e sempre tiveram grande potencial e que agora tem no que acreditar, neles mesmos...

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO – P 5

Os alunos têm dificuldades em copiar os exercícios do quadro, são lentos devido a dificuldades. Sempre peço para copiar e ler com o objetivo de memorizar e até a presente data funcionou.

As aulas nem sempre são teóricas, isto depende do conteúdo, quando é matéria nova procuro deixar bem claro e fixar com atividades de memorização, procuro levar cartaz com as gravuras, assim a criança assimila as palavras com a gravura, os alunos conseguem aprender com um excelente resultado.

Se eu tivesse que repetir eu mudaria, pediria que eles encontrassem figuras, das palavras, palavras com o som de z no final da palavra antes de apresentar o cartaz.

Os mesmos demoram fazer devido às dificuldades de concentração, porém fazem com capricho.

Procuro ajudá-los, ser amiga, professora e até mãe, brinco com eles sempre após o recreio já que estão na escola há 8 horas, trabalho com a coordenação corporal, psicomotricidade, etc.

O segredo da turma é o caderno de recado ou o caderno verde (este é um relatório que deve ser feito para a orientadora da escola). (?) **Porque é segredo da turma?** Porque eles temem chamem os pais, para falarmos sobre o comportamento dos mesmos.

A cada dia aprendo com eles, procurando melhorar a metodologia aplicada ali, observando as dificuldades deles.

Alguns alunos têm insegurança no que eles fazem, mesmo sabendo acredito que isto é devido à falta de segurança vinda de casa. * **A professora complementou:** A família não acredita na criança.

Durante a aula procuro saber como foi o dia deles, sempre me falam que alguém brigou durante o almoço, explico a eles a importância do respeito um com o outro que não é certo fazer isto, além dos critérios da escola.

Tenho aluno com dificuldades de socialização como pode ser visto na fita, ele fica deitado com a cabeça baixa, sai da sala sem a minha autorização, isto foi uma surpresa para mim. **O que foi surpresa para você? A saída dele? Qual foi sua atuação neste momento? O que procura fazer para melhorar a socialização dele?**

A reação dele com a presença de outras pessoas (vocês), ele não gosta de ninguém na sala a não ser eu e seus colegas. Conversei com ele e expliquei que vocês estavam ali para me observar e não a ele. Digo que vivemos em um mundo onde convivemos com pessoas ao nosso redor, cito exemplo da sua própria vida, seus amigos da rua, seus primos!

Os alunos solicitam a minha presença devido à preguiça, falta de interesse (fita 2 – atividade como juntar as sílabas iguais. Eles já fizeram atividades semelhantes a esta). **Acredita que além da preguiça e falta de interesse possa ter algum outro motivo que os leve a agir assim? Acredito sim, problemas psicológicos.**

No início do ano fizemos um Plano de Curso das matérias dadas para o ano letivo. Como sempre fiz uma avaliação diagnóstica para saber o nível deles, Como você faz avaliação diagnóstica? Pergunto sobre a família, brinquedos que eles gostam, jogos, atividades lúdicas, concretas. Tiro minhas conclusões a partir disso.

Assim saberia qual o tipo de atividade poderia aplicar nesta turma. Durante os dias 18, 19 e 20/10 (dia da filmagem) estava no planejamento do bimestre, e no plano de aula onde é conferido pela supervisora, onde há alterações com sugestões da mesma, às vezes é alterado dependendo do rendimento da turma, estou sendo acompanhada pela pedagoga da escola, pois é uma turma especial.

Amo meus alunos embora minha postura é quase sempre séria. Temos momentos para tudo. **Tem momentos em que não é tão séria? Quais?** Brincadeiras com bola, pique pega, historias engraçadas, bexigas, etc

Espero que eles aprendam a ler e encontrem na família a felicidade, o carinho e atenção. Desejo a eles que sejam excelentes pessoas e profissionais, procuro ensiná-los a serem honestos, humildes e obedientes.

A oração é uma prática criada por mim e pelos alunos. Não influencio na vida religiosa dos mesmos.

Preciso corrigir minha postura (ser menos rígida), estou sentindo que há necessidade de elogiar, pois cobro muito deles.

Não posso dar muita liberdade, porque eles têm problemas com os outros professores (música, educação física), quando há algum problema é a mim que eles procuram. **Acho que não entendi muito bem a relação que você fez aqui. Me desculpe, pode explicar mais?** Eles não gostam de misturar com outras crianças, as aulas de educação física e musica são com outra turma e na maioria da vezes eles brigam e faltam com respeito com as professoras, elas deixam passar, mas eu sou como mãe, mexeu com meus alunos devem dar satisfações a mim, ouço as duas partes e por isto que eu sou rígida.

Tenho uma aluna que não tem interesse em aprender, ela não tem material, a mãe não ajuda, sempre eu a acompanho após o recreio. Ela não gosta de fazer a atividade com os colegas, por ela não saber, ela tem

vergonha. **Então será que é falta de interesse, vergonha ou falta de estímulo ou condição da família?** Tudo, se a família tivesse ajudado ela não teria tanto problema, acredito que a educação começa em casa e é complementada na escola. Procuro ajudá-la, mas a mãe não aceita a realidade.

Geralmente pedem desculpas e se abraçam de coração. Mostro a eles que as brigas não trazem a felicidade e o amor.* A professora complementou com paz, união.

Com estas observações feitas por mim vou me corrigir, no que precisar e vou elogiar mais os meus alunos. E vocês? * **A professora retirou a interrogação e perguntou: O que me sugerem?**

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL

Grupo focal. 12-03-2007

H. Este momento agora, é pra gente fazer uma reflexão final, sobre todo este trabalho e sobreeeee... um pouco mais sobre a profissão de vocês, sobre tudo que vocês já falaram até agora em relação a profissão docente, as praticas pedagógicas de vocês, a escolha da profissão, a formação inicial de vocês, a relação de vocês com os alunos, a relação de vocês com a escola, com os colegas, as representações sociais que vocês têm sobre a carreira docente, sobre o trabalho de vocês, coisas pessoais que vocês falaram, nas questões que foram colocadas.

Então, eu quero que vocês façam um apanhado geral de tudo isso que vocês falaram.

Pra gente começar, eu trouxe um estímulo, trouxe uma frase queeeee, ela é o ponto central do meu trabalho. Ao começar a ler, as referencias bibliográficas, a fazer um levantamento sobre os autores que falavam sobre a formação de professores, sobre as questões que eu entendi importante para o meu trabalho, eu li esta frase e ela resumia pra mim, tudo aquilo que eu pensava em relação ao meu trabalho, o que eu queria fazer. Então eu gostaria que vocês lessem essa frase, eu vou ler com vocês, pensassem um pouco.

“O professor é a pessoa e uma parte importante da pessoa, é o professor. Urge por isso, reencontrar espaços de interação, entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores, apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido nas suas historias de vida”.

Eu queria que vocês comessem falando pra mim, o que esta frase remete a vocês em relação a tudo que nós já falamos nesta pesquisa, neste trabalho que vocês já pensaram junto comigo.

[]

P4. É, profundo né.

H. É, eu vou lembrar vocês assim, eu, éeee, o título deste nosso trabalho é o seguinte: O professor reflexivo e os espaços de interação entre as dimensões profissionais e pessoais.

P3. É, eu participei. [] Aliás, eu posso falar?

H. Pode!

P3. Eu participei de uma iniciação científica, onde um professor..., e ele trabalha justamente isto né, na formação de professores. E ele tirou bastantes coisas, assim de, o profissional docente e tal, é pensar o que fazer, repensar o feito. Então a gente não pode levar isto somente para o profissional, mas como na vida mesmo, do professor. Você Alessandra, você o professor. Então tem que interagir estes dois, não pode ficar desvirtuado não, só um, somente o outro.

P5. Eu acho que nem todo professor consegue fazer deste jeito. Eles se DEDICAM demais e esquecem do “ser” pessoa. Eu vejo isto muito por mim, ser professora e não ser pessoa. Eu me dedico muito aos meus alunos e as vezes esqueço um pouco de mim. Então, assim, quando o professor é a pessoa, que pessoa?

P3. Você perdeu a conversa que a gente teve antes, que eu tava contando pra ela que a gente é assim. Coube justamente a minha situação que, eu passei por isto de me dar demais no trabalho e esquecer de mim. Ai é parar e começar tudo de novo.

P4. bom, eu acho queeee, sei lá, usam de muita pratica e não sentir a construção, não sei, o dia-a-dia do professor, pelas experiências da vida, mudando as suas atitudes consigo mesmo. Eu acho que é assim, temos que estar sempre nos apropriando de coisas novas, inclusive tem uma frase que, está na camiseta lá do *(uma das escolas*

em que trabalha) né, “feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Realmente é um lema né, e agente se encontra nesses momentos, procurando as respostas, de como agir e a gente acaba encontrando as respostas para este questionamento.

H. eu acho que é tudo isto que vocês falaram, cada um de vocês falou de uma questão importante que esta nesta frase e o que é importante é que, cada um falou de uma coisa que é diferente. A P3 falou, da questão mesmo, da união entre o profissional e a pessoa que é importante, que é isto que a gente tem procurado né. Nesta pesquisa que a gente ta fazendo, é pra descobrir esta ligação entre estas dimensões, porque um não deixa de ser o outro, porque quando você é professor, você não pode deixar de ser a P3, a P5 ou o P4 e quando você é a pessoa, você não vai deixar de ser o professor também, a gente traz esta marca do profissional né, sempre. Agora, muitas vezes acontece também o que a P5 falou, a gente acaba se dedicando a profissão, mas não é que a gente deixa de ser aquele profissional, é que as vezes a gente se dedica tanto aos nossos alunos e com outras pessoas que, a gente deixa de lado de fazer coisas que são pra nós né. E isso que o P4 falou, fecha este sentido que nós estamos falando, quando ele diz de mudar as atitudes com a gente mesmo, estas atitudes que a gente muda, ta muito impregnado nisso ai, que a gente aprende lá dentro de sala de aula com os alunos e é ai que esta o sentido da reflexão, quando a gente reflete nossas ações que a gente faz la dentro, a gente muda isto né.

D. com certeza. Refletindo experiências, de quando nós iniciamos a pesquisa e do que de como está hoje.

H. Ótimo. Fala pra mim sobre isso, P3.

P5. NOSSA, mudou totalmente a pesquisa, depois que eu assisti a fita! Principalmente quando eu via fita. Eu me corriji totalmente depois que eu vi a fita e muito, porque eu via as minhas atitudes, eu via como eu estava incerta, a minha posição, nossa, eu acho que, toda aula minha é uma aula diferente. E todo dia eu me lembro de ver a fita; de como eu estava; do jeito que eu explicava; do jeito que eu preciso melhorar; eu crescia a cada dia, eu to crescendo um pouquinho.

H. você acha que a fita te serviu para você refletir?

P5. COM CERTEZA; nossa sempre! Todo dia é uma aula diferente que eu faço, sempre baseado na fita. Hoje, às vezes eu não dava atenção, hoje às vezes eu me pego assim que eu deveria ter dado mais atenção a um aluno que estava mais carente, deveria ter feito mais daquilo, hoje eu me vejo mais assim, hoje eu procuro na minha sala de aula, antes da entrevista eu tinha 11 alunos, hoje eu tenho 40 alunos na sala de aula. Então, hoje eu me vejo, hoje eu procuro, identificar cada ser que tem na minha sala, pra cada um eu dava uma atenção especial, cada um eu penso em fazer um diagnostico que ele precisa, às vezes nem sempre, o mesmo tratamento que eu dou pra um eu dou pra outro e eu consegui já, neste ritmo, nestes dias letivos, já consegui um ganho muito grande. Eu considero que na minha profissão como professora alfabetizadora, eu tive assim ó, a maior alegria por ensinar alguém a ler em poucos dias. Muito bom.

H. E para você? Esta questão da reflexão que vocês fizeram, como é que foi?

P3. Bom, eu já comentei, eu só fiquei chateada com esta questão daa, dessa imagem que eu passava, de sempre respeitar o outro e tal, eee depois no fim das contas eu não soube brigar pelos os meus direitos. O P4 sabe a situação que eu passei na escola, então eu acho que eu pequei só nisso, porque na hora que, eles me cobram esta postura, fraquejou quando eu tive que mudar os meus direitos, ai eu não tive postura o suficiente, porque eu acho que justamente o pessoal estava muito longe do profissional, porque um tinha que cobrir o outro, meio que um “canyon” entre os dois, mas a minha parte profissional, hoje, assim, acho que não foi tão traumática assim pra mim, mas eu tive um ponto de partida, a partir daqui eu vou começar a ter uma postura diferente. Assim, querendo ou não a gente teve uma postura diferente, eu acho que foi comum para os três de começar a pensar mais na sua prática, e as atitudes assim, é claro que a gente muda, a gente ta em crescente construção né.

P5. Procura se corrigir, tanto na parte de ser rígida demais, eu já fui rígida, sou menos hoje, pois eu aprendi muito, quando eu era muita rígida com os meus meninos, falava as vezes eu alterava a voz, uma coisa que é erradíssima, hoje eu já aprendi, tanto na classe de alfabetização como na serie de ensino fundamental. Isso então eu corriji bastante.

P3. Aprendi a negociar, eu não sabia a negociar, se não fosse daquele jeito pra mim não estava bom...

P5. Melhor coisa do educador é o negócio!

P3. É, eu aprendi a negociar!

P5. Dar confiança para o aluno, falar, acredite em você e você vai me mostrar que você é capaz que, você consegue muitas coisas. Falo isto de experiência que eu estou vivendo agora.

P3. É, mas diga a verdade. “Ah, o cachorro comeu o meu trabalho”. Acho que não é uma desculpa néee, “Olha professora, eu não fiz do jeito que a senhora queria”. de dar um prazo maior pra eu fazer do jeito que eu quero.

P5. Mas eu digo assim, também concordo com esta parte de trabalho, eu digo assim um pouco da disciplina, eu não sei como são nas escolas onde vocês trabalham, mas eu trabalho na rede municipal e a minha clientela é bem agitada.

P3. Eu dou aula na periferia.

P5. Então,... não chega a ser DA PERIFERIA, e a minha clientela é bem agitada. São problemas familiares que a gente tem que dar a volta por cima, na hora tem que ser pai, tem que ser mãe, passar a mão na cabeça na hora em que for preciso e também chamar a atenção para os que precisa. Então, com o negocio nesta parte de negociar, de mais atenção, saber conversar! O dialogo é muito importante e eu não tinha isto com os meus alunos. Hoje eu tenho e funciona.

P3. Em saber ouvir. A gente fala, fala e fala, e a gente não aprende a ouvir.

P5. Não dá a parte para o aluno ouvir. Isto que eu estou fazendo agora... estou numa série muito agitada, e eu to começando a viver o líder negativo, eu to começando a mostrar para eles o outro lado e ta funcionando.

P4. É, isto é uma tática muito interessante, trabalhar com o líder negativo! Inclusive pela inclusão de empresas, problemas destas empresas muito grandes né, eles tem essa filosofia né, de anulação do líder negativo dentro de uma sala fazendo dele um aliado né. Existe uma filosofia né, trazendo, e que cada professor tem a sua maneira. Na minha entrevista de todo este processo que eu passei é, reafirmou aquela coisa que eu pensava mesmo de que, sempre refletir é, juntar novas idéias é, não para e achar que tudo está pronto e assim, a única coisa que me mudou, porque tudo muda, tudo modifica, eee que a cada dia a gente é uma pessoa ou melhor mas sempre com alguns vícios, mas temos que eliminá-los com certeza, é que a vontade jamais mudou, a vontade de melhorar, de sempre buscar alternativas sempre diferentes que viessem a despertar o aluno da melhor maneira possível, mas que muitas coisas que, as vezes é, por ser jovem iniciando, tentar buscar uma forma que, durante o passar do tempo, a gente encontre outras formas que venham a substituir nossas atitudes né...

P3. Que também sejam até mais fáceis né.

P4. Até mais fáceis de lidar e outras coisas que eu ouvi, que eu senti éee, igual a P3 falou, a necessidade de ouvir, principalmente não só os alunos, mas a escola como um todo,... como uma unidade escolar,... desde os funcionários até outros professores. Que às vezes, mesmo eles estando errado; mesmo com suas experiências negativas, a gente aprende com os erros e com os acertos dos outros, e nós temos dois ouvidos e uma boca néee, não é a toa néee, ouvir mais e falar menos! Então a gente aprende mais e tenta tirar dessas experiências a melhor essência possível e que desenvolva o meu trabalho. É, desde daquela época, eu mantive assim, a minha maneira simples de tratar o aluno, que eu acho que é uma coisa que ele gosta de receber né, a simplicidade...

P3. Eu acho que é um afeto né!? eu acho que é o afeto...

P4. É o afeto né! eu achei que com aquele tempo, eu consegui ser ainda mais é, como se diz, espontâneo neste sentido. E as análises que eu fiz, ao acompanhar o processo, me mostraram alguns defeitos,... sempre aparecem, porque defeitos eu tenho... e bastante e pretendo continuar garimpando e derrubando as minhas dificuldades.

H. É, eu falei para vocês, que iria mostrar para vocês o que a gente tirou né. Quando, éee, nós pegamos as entrevistas que vocês responderam,... as entrevistas que vocês responderam da historia de vida, éee, fizemos a análise das falas de vocês e conseguimos separar essas categorias ai. Tinha falas de vocês que, falavam claramente das práticas docentes de vocês. Outras falas, nós elegemos a categoria que se chama relação professor aluno.

Vocês falavam muito das questões de vocês com as relações professor aluno. Em outras, a relação de vocês com a escola. Em outros momentos, vocês falavam sobre formação inicial, claro, porque também tinha um roteiro que vocês deveriam falar sobre essas coisas, né; existia um estímulo que vocês deveriam de falar.

Falaram também sobre a escolha da profissão; falaram da relação entre a relação da formação de vocês e a atividade docente, qual a relação que existia e algumas coisas que não estavam bem no roteiro que vocês falaram, foram, Representações sociais que vocês tinham sobre a profissão docente, é principalmente e algumas coisas o que vocês, eu acho isso, eu penso isso, eu sou assim, eu gosto disso, que são, as que eu chamei de dimensões pessoais e que tinha haver sim, que eram coisas que teriam que sair, porque nós estamos falando de dimensões pessoais e dimensões profissionais, então na verdade eu esperava que isto fosse aparecer, né, claro.

Bom, dentro de cada uma delas, nós separamos algumas sub categorias que apareciam, então dentro das práticas docentes, foi falar de planejamento, prática, de como vocês fazem avaliação, das relações interpessoais dentro das praticas que vocês executam, das atualizações e capacitação.

Da relação professor aluno, vocês falaram das relações com os alunos de vocês, dentro desta relação com os alunos de vocês, falaram do respeito, de uma formação global dos seus alunos, dos ganhos pessoais, que na verdade assim, é, como é bom ser reconhecido como uma pessoa legal, com os alunos a gente tem um bom relacionamento e das dificuldades que tem.

Falaram também das relações de vocês com os seus professores, durante a formação; as rivalidades que existiram e os exemplos que vocês pegaram. Falaram da relação professor escola, principalmente da regras das escolas e as crenças que vocês tinham; as diferenças entre uma instituição e outra, do relacionamento interpessoal.

Da formação inicial, falaram do magistério, da teoria e prática, da atuação dos professores, do envolvimento com o curso e da sua formação, o conteúdo versus prazer pessoal, o trabalho paralelo à formação (a maioria de vocês trabalhou), a escolha da profissão, sobre a influencia de professores na formação básica, a influencia de familiares, a influencia de crenças, de representações sociais e de prazer pessoal, a falta de opção, que algumas pessoas escolheram porque não tinha opção, a influencia do trabalho desenvolvido, a relação entre formação e atividade docente, a relação com professores da formação, o aproveitamento de matérias, conteúdos e reflexões da formação inicial na sua pratica e a identificação com a sua formação.

Nas representações sociais, nós tiramos, uma categoria, duas categorias globais. Uma sobre a profissão docente e uma sobre as questões pessoais. Sobre a profissão docente, nós tiramos as questões de habilidades pessoais e habilidades técnicas e uma falou sobre as questões pessoais; e dentro das dimensões pessoais, aquelas que se referiam a profissão, e as que não eram relativas a profissão.

Bom, eu queria que vocês dessem uma olhada,... dar uma lida,... vou dar um tempinho para vocês darem uma lida, nas definições que nós demos para cada uma dessas ai, é e nós englobamos as falas de vocês em cada uma delas ta; e queria que vocês dessem uma olhadinha e depois falassem, é, pra gente, o que vocês lembram, do que vocês falaram, e entraram nisso aqui e se vocês tem idéia de que vocês falaram na época e o que mudou agora, sobre o que acabei de falar, porque algumas coisas mudaram, principalmente da prática docente, né. Se alguma outra coisa aqui, em relação à relação dos alunos; em relação da escola em si; sobre a escolha da profissão, e a formação de vocês; não vai ter mudado! Mas sobre a relação entre a formação e a atividade de vocês neste curso agora; se a prática de vocês ali mudou mesmo; se houve alguma alteração e o que vocês poderiam me falar mais sobre isso.

[]

H: E primeira coisa, vocês reconhecem, a fala de vocês dentro disso ai, que o que vocês falaram esta contemplada aqui, vocês lembram do que vocês falaram?!

P4. Não sei, acho que muitas coisas sim, que nós falamos.

H: É que faz muito tempo né. Na íntegra assim, fica complicado de lembrar!

P5. Quanto tempo faz?

H. Nós começamos em 2004. 2005 nós fizemos esta entrevista primeira, porque a pesquisa começou em 2004. 2 anos néee!

P5. Eu consegui,... identificar alguma coisa aqui. Tem algumas coisas aqui que eu me identifico mesmo!

P4. Mas foi agrupado isto, de todos nós?

H. Éee, isto daqui é a fala de todos vocês, mas tem ainda a fala de mais duas pessoas. Eram 5 professores que eu entrevistei, e 2 desistiram da pesquisa. Então eu peguei a fala de todo mundo e agrupei. Então aqui vai ter coisas que às vezes engloba de todo mundo, mas tem coisas que às vezes eu tive que eleger uma categoria, porque uma fala especifica de uma pessoa que estava presa a uma só aqui, então pode ser que tenha alguém que falou dos ganhos pessoais, uma pessoa, duas pessoas não falaram disto, mas uma ou duas falaram ai eu tive que colocar né.

Então, não quer dizer que vocês todos falaram, mas as 5 que estão refletidas aqui.

Éee, alguns destes itens em específico, ficou mais gravado na cabeça de vocês; depois de tudo o que vocês já falaram pra mim; tanto nas entrevistas quanto nas filmagens; algumas destas questões vem marcando mais e que vocês vem pensando mais sobre ela, depois que essa pesquisa já começou?

P3. Eu,... eu acho que é as representações pessoais e habilidades pessoal e técnica, éee, que nós estávamos conversando antes dos outros dois chegarem, que, quando você busca mais aaa... aaa desenvolver assim... as habilidades técnicas; a gente fica mais respeitado e mesmo nestas habilidades pessoais eu nunca me imaginava ser um professor de ensino fundamental. Então eu vejo mais por este lado.

P5. Eu acho que tudo é muito importante! Ao processo de avaliação do aprendizado na sua prática. Uma avaliação minha; que eu faço; a avaliação que o aluno pede,... É uma avaliação de que?... De resultado de quem? Do seu trabalho!!! Tá certo que pode ser como eu te falei, aqui óoo, quando ele diz aqui óoo. Éee, crença do professor em relação ao processo de avaliação da aprendizagem em sua prática docente. Eu entendo que,... quando fala da prática docente, é a explicação do professor para com o aluno que, ele entendeu, que a avaliação nada mais éee... o resultado do seu trabalho.

Na minha opinião, não é quesito de pontuação, o aluno realmente aprendeu alguma coisa, senão isto se torna um problema. Éee... aqui no planejamento prático; isto daqui todo dia é uma coisa nova, tem 4 anos que eu estou com a mesma turma e cada dia é uma aula diferente, nada a aproveitar, coisas boas sim, LÓGICO, defeitos, essas coisas a gente corrige néee! Em relação... tem outra parte aqui... Ganhos pessoais: como eu havia dito antes, como é bom quando você ensina pra alguém alguma coisa que ele não sabe e de repente, ta lá... o aluno que você que cresce com alegria e satisfação. Como alfabetizadora, é um aluno lema. Como é BOM. Então, tem um ganho que não tem preço, nada paga isto.

P4. Bom, eu acho que... questão da formação inicial, também... não pelo... acredito assim: a teoria versus prática aqui, a gente vem com uma... com uma série de teorias formadas, pra... pra academia, chega em sala de aula e encontra uma realidade diferente. Assim, acho que na época que eu comecei, hoje eu trabalho com essa diferença. Mas que igual que a professora falou realmente que, não existe aula igual né, mas... eee não existe uma metodologia seguida, não EXISTE metodologia! Eu acredito que isto não existe que, existe um DELINEAMENTO que você programa... é... todos os dias, vamos dizer assim. Existe um... roteiro a ser... a ser TENTADO né... a ser PERSEGUIDO né... e que na verdade... não se encontra uma fórmula universal pra poder, se aplicar essa tal teoria que a gente já tem na faculdade, até a metodologia, que... eu não sou uma pessoa ligada a esta diferentes metodologias, inovação, essas coisas né...

Bom, eu não se eu cheguei a citar isto, algumas dificuldades que eu tive em relação a me dar, a ÚNICA dificuldade que eu tive... que aliás... eu consegui contornar, que as coisas assim... fica um pouco...

P3. DESAGRADÁVEIS...

P4. Mas até que com os alunos a gente conseguiria... e outra coisa, eu acho que, eu acho que eu não tinha experiência suficiente para poder falar sobre isso, na questão da... do quanto que incomoda ao professor que quer mudar a escola, sobre quando o professor quer fazer diferente, quer ver o aluno crescer e e trabalha forte para isto. E tanto que isto ATRAPALHA na vida das pessoas, apesar de que... que... isto acaba entrando na vida deles, mas parece que se aproximam e meio que se esbarrar neste tipo de mudança né...

H. Será que é que por você esta mexendo naquilo que está posto, naquilo que está colocado? e tem muito medo dessa mudança, dessa alteração,... Você acha que é por ai, você têm uma explicação?

P4. Eu acredito que sim, que talvez seja a... não,... não seja uma inveja, vamos dizer assim né... mas um medo do que...

P3. Medo do novo?

P4. Do novo! Isso!

P3. Eu acho assim: da minha relação de professor escola, das regras e das crenças. Eu acho que a pessoa quer impor, justamente o que ela acredita e VOCÊ NÃO É NADA se não tiver dentro daquilo!
Porque eu vivi e a gente viveu mais ou menos as mesmas coisas na mesma escola. Só que eu desisti. Pra mim não dava. Pegava muito pesado.

P4. Pois é, então eu... eu... penso assim! E mais esta questão, eu vi aqui citando rivalidades, talvez algum outro professor não tenha citado, mas... como professor, relação professor aluno, professor professores, eu vi um pouco, eu senti um pouco na pele como é né... éee um pouco disso... não dificuldades, porque a gente encara mais como um desafio; mas como uma forma de crescer! Eu acho que, eu estou tentando ainda, desenvolver uma maneira; mas eu acredito que o caminho seja mais ou menos este, de você ser o tal professor, aquele que você acredita realmente, dentro da sala e que... só seu pão sai de lá de dentro, e que... não de dentro da sala dos professores... e de lá de dentro da sala dos professores, eu sou apenas mais um funcionário.

P3. Nesta parte de rivalidade que o P4 está falando ai, eu acho queeee, ele esta falando deste abuso de autoridade, mesmo sem querer manter uma hierarquia dentro da escola, entendeu? É muito complicado isso, eu acho que, assim... ainda mais em escola pública, AINDA MAIS!, porque eu tive outras experiências e eu acho que não é tanto assim não.

H. Neste caso aqui, como seus professores, é mais naquele sentido de que foi falado na historia de vida da P3: de formação inicial. Que os professores rivalizavam com aqueles alunos que se mostravam muito bons alunos, como aqueles muito bons alunos, fossem melhores do que eles, né... Alguns de vocês até falaram isto nas historia de vida, né!?

P4. Eu já acho uma, uma... alavanca pra hipóteses e sugestões, mudanças e...

H. É, eu também acho!

P4. Um gancho para puxar a turma, eu... fico extasiado, quando eu encontro um aluno queeee, responde mesmo, e eu invisto nele até...

P3. Quem sabe até aprende.

P4. Nossa, meu sonho é ver aquilo e ao contrário seria uma contradição.

H. O que será que leva um professor, a ter medo de um aluno?

P4. Talvez, até uma má preparação!

P3. Também, eu acho que é isto, o que fura né... que assim: eu não sou o tal, porque assim, a pessoa mantém uma aparência né... eee de repente a sua aparência vai por água abaixo, por uma pergunta que eles fazem e você não sabe falar: "EU NÃO SEI"!

P4. Reconhecer as limitações é importante também!

P3. A gente cresce!

P4. Tem momento queeee, a gente, que... éee... realmente nós não somos perfeitos... e nem mesmo o professor que tenha uma maior, uma melhor bagagem... uma pessoa mais bem preparada... vai chegar um momento que ela pode falhar.

Então assim, a gente tem que abraçar com confiança, naquilo que a gente aprendeu e acreditar em um ideal mesmo e ta pronto... pra topar qualquer desafio.

H. Tem professores que chegam a falar que, “NÃO, NÃO DOU 10 NUNCA”! Porque se der um dez, significa que o aluno é igual a ele...

P3. Existem professores assim.

H. É, isto é da fala de vocês. Eu to tirando da fala de vocês da historia de vida. O que vocês acham disso?

P4. EU JÁ OUVI TAMBÉM!

P5. Existia um professor, éee... que nunca deu um A para nenhum aluno. Pode até ser que, nenhum aluno tenha merecido, como no pessoal do noturno... como no noturno o aluno vai pra escola, fica no trabalho o dia inteiro, né... eee se ele merecer tem que dar um A sim. E o professor fala, que ele JAMAIS pode ir com um A.

Falei: “Me dá um bom motivo porque ele não pode tirar um A”? ele aprende coisas, ele ouve coisas, ele está aqui, ele vai persistir... eu não vou deixar de defender ele NUNCA. Então quer dizer, houve entre nosso próprios colegas de profissão, houve uma falta de companheirismo da parte deles. Eu falei, ele vai com A. Hoje, pensa... ele é de uma escola pública... escola particular não sei... mas numa escola pública, onde nós trabalhamos, não pode ficar assim! Eles depreciam o professor BOM, pra tirar A com esse cara, tem que ser FERA e... infelizmente a nossa realidade não é esta...

P3. Nos momentos de conselho de classe, muitos iam virar PhD em Espanhol, não é assim?

P4. É! A pessoa assim... sabe! porque ela não vai tirar nota máxima naquela prova? Ele seguiu o que eu propus como um bom aluno...

Pra quem... talvez eu esteja alheio a discussão... mas na verdade, o que acontece em um conselho de classe; que é te compara; para tentar, entre aspas, propor soluções, melhorias... e muitas vezes alguns professores eram chacotados, éee... por um aluno que é considerado ruim, ou então um caso perdido, ter algum desempenho na matéria. E eu, nunca me... eu acho que nunca sai de um conselho de classe, sem... sem bater na mesa e defender o direito do aluno, sabe... que eu aprendi isto bastante.

Quando você falou da... da... que eu acho um absurdo do 10. que eu... eu já ouvi varias vezes éee... as pessoas falando isto... inclusive, que eu até tinha tentado mais um momento, um momento desses, bem remoto da minha formação, que eu já OUVI isso já... que eu não chegaria a lugar nenhum, por causa de... de... não sei... talvez do preconceito e eu vi que isto só foi um sugestivo pra eu poder melhorar mais ainda. Se eu estivesse tido um estímulo neste momento, eu estaria até melhor... não sei!

P5. Mas eu achei legal o que você disse...

Olha isso é importantíssimo... porque lá, nós que estamos vendo, sabemos como que é, complicado...

P3. Aprende até a contestar...

P5. Os colegas, seus colegas não admitem que eles podem e que não podem nesta matéria. Se ele é bom em matemática, não quer dizer que ele seja bom em português. Se ele é bom em português, não quer dizer que ele tenha um raciocínio lógico; Ó, lá na frente... quem sabe ele gosta de geografia, e não gosta de português? A parte gramatical... Então tem isto tudo... Tem que defender o aluno mesmo... Eu defendo. Conselho de classe eu sou chata, defendo até o último aluno!

P4. É verdade! Eu já vi muita coisa neste sentido... Passava até raiva no momento...

P5. Chorava muitas vezes, a gente passa raiva lá né... mas eu pensava... eu vou conseguir! A persistência. Uma outra parte aqui... posso comentar?

H. Claro!

P5. Uma outra parte aqui foi da influência da família, acho que esta fala é minha. (risos).

Éee, o que eu já falei aqui... em exemplos de escolha né... eu tive exemplos, na minha família que... me levaram a acreditar que, eu sou capaz de acreditar na minha formação...

P4. Eu acho queeee... a mesma profissão da minha mãe é a minha... e eu aprendi a gostar de biologia, freqüentando a faculdade dela, como eu disse anteriormente... e a questão do professor, do exemplo que eu tive,

da maneira de como ele lecionava, ele tava fazendo mestrado e... tinha biologia de ensino alternativo, e eu estava... no primeiro colegial. Desde então, eu me identifiquei com aquilo, sabe, acho que foi uma influência muito forte do meu professor, eu me envolvi nas palavras dele e fui pra faculdade, como eu falei; meu curso; eu não queria ser professor de jeito nenhum. Mas um dia que eu entrei numa sala, eu falei: “Não tem condição, eu tenho que ser professor”! Eu gosto demais disso daqui!... e cada dia que eu dou aula eu penso: é isso mesmo que eu tenho que fazer, e... eu nasci pra isso!... não que isto seja bom demais, mas eu tenho vontade de fazer a coisa. Eu acho que é fundamental, para quem desempenha uma atividade legal, sadia, sobretudo... de qualidade... é você estar bem né...

Meu professor me despertou né...

P5. Eu tive um problema, com uma matéria na sétima série, eu nunca vou me esquecer disso;... minha mãe até lembrou hoje... que eu precisava tirar sete na prova, valendo sete; chego na oitava eu tive um exemplo de professora INCRÍVEL, e acho que foi por aí sabe... tipo, muitas pessoas seguem os exemplos de professores. Espero que meus alunos sigam meu exemplo.

H. O P4 acabou de falar que, ele nasceu para ser professor, que ele, quer dizer, está escrito na fala dele que, ele não se arrependeu... e nesses dois anos que nós conversamos, de dois anos pra cá, acredito que ele acabou de reafirmar... vocês também, no dia em que nós conversamos pela primeira vez... e as duas também falavam que gostavam da profissão.

Continua? A escolha ainda é a mesma? Vocês fariam de novo a mesma escolha?

P5. Com certeza. Eu não me arrependo um minuto sequer, da escolha que eu fiz! Muitas pessoas me diziam que isto não dava futuro... Não pode dar futuro, mas que eu gosto eu gosto e muito!!!

P4. Muitas das vezes a gente brinca que, como se diz: não ganha bem, mas que se diverte... (risos).

P5. Se ainda tiver alto-estima, faço ainda outra faculdade; lembrando da minha professora do colegial. Toda vez que eu me lembro dela, eu tento me espelhar nela, né...

P3. Eu passei por um momento de muito desestímulo e descrença enquanto minha profissão, mas era o lugar que eu estava... quiseram demonstrar assim,... uma coisa que eu não era. Então eu busquei o meu espaço e hoje eu estou feliz...

P5. eu acho que depende da instituição em que se trabalha... as diferenças das escolas... porque eu também passei por isso. Passei por escolas que... chamavam isso de inveja, de incompetência!

P3. Ah! Mas é muito baixo chamar isso de inveja...

P5. Eu digo por mim. Eu tinha um déficit, de como se dava aula, de como os alunos se portavam, da presença do novo... do ser DIFERENTE. Então tudo isto te incomodava...

P3. Chegaram a me dizer, em uma reunião, as... as escondidas,... que eu não tinha perfil de professora... que... assim... se eu não queria mudar um pouco de profissão!

P4. Mas ela chamou muito a atenção e eu posso falar porque sou amigo dela... eu acompanhei, meio que de longe, mas a gente percebe os assuntos, que... desenvolvem afetividade de uma pessoa que... é uma ameaça a instituição...

Não digo que eu não estive dentro do problema... e eu senti um pouco disso... assim, nos lugares... nos lugares que eu dou aula né... sempre tem uma coisinha... uma pessoa que a gente se sente ameaçada, mas que isso é normal.

Outra coisa que quero falar, é a questão de estímulo... é a questão família. Foi quando meu professor, né... eu não acreditava em mim, sabe... eu achava... que quando eu era adolescente, eu não acreditava... eu era um aluno normal, não sabia que eu conseguiria fazer alguma coisa na vida... e eu... meu professor, chegou... um dia... na reunião de pais, nem foi na reunião de pais, foi num encontro que teve; e ele falou... me elogiou bastante para os meus pais... falou que eu tinha uma habilidade muito grande... falou que eu tinha é... futuro; que eu tinha capacidade; e falou que gostava muito de mim, e eu não estava esperando aquilo, e eu vi aquilo ali... assim... eu guardei aquilo ali no meu inconsciente, e depois que eu fui conversar com uma mãe, numa reunião de pais, é que eu fui perceber que como aquilo muda... a vida... de um aluno! Sabe, eu fui chegar, dar um estímulo, dar um direcionamento para ele... chegar e conversar em particular com ele, DAR UM VALOR PARA ELE, sabe?... e

eu fui perceber isso, e estou consciente de quando eu posso, eu preciso falar mesmo, porque as vezes você pode estar plantando uma semente ali...

P5. Se cada professor fizer isso...

P3. ENTÃO!

P5. Seria muito bom!

P3. Eu achava que... como eu falei. Eu achava que não saberia lidar com um aluno de ensino fundamental. Eu achava muito criancinha... “Você tem que fazer isso”, “Senta, cala a boca”. Eu não tinha muita paciência, mas... eu to sabendo levar... eee... me disseram assim: eu tava com um monte de caderno hoje, eu fui com um monte de cadernos para casa hoje e hoje eu voltei, descii o morro com um monte de caderno hoje... me disseram assim: “VOCÊ É LOUCA”! ai eu pensei. Eu SOU LOUCA. Hoje, na quinta série, nos dois primeiros horários, quando eu devolvi os cadernos, que eles viram o que eu escrevi nos cadernos... sabe, essa coisa de estímulo mesmo... a aula foi OUTRA! OUTRA! Ai nossa!

H. Vocês estão falando de habilidades, competências, para ser professor e tem uma frase que o P4 falou na entrevista de historia de vida dele que, eu acho que é muito interessante. Inclusive eu já usei P4, se você me permite a autoria.

P4. eu vou cobrar...

P3. Olha só, cobra!

H. Mas eu achei muito interessante essa frase que, ele falou que, você contava na sua entrevista que, você começou a fazer a faculdade aqui e pediu transferência para a UFU, que você era doido pra entrar na UFU né... e quando você chegou na UFU, você percebeu, que lá, você tinha muitos professores mestres e doutores e PhD, mas que não eram professores. Que eram somente mestres e doutores. Eu achei essa frase muito importante, né. Eu queria que você me falasse mais sobre isso.

P5. Posso falar?

H. Pode!

P5. Eu acabei de fazer a minha pós-graduação. Tive professores que eram pesadelos... NOSSA! Chegamos a uma conclusão, eu e meu grupo: Quanto mais estudo, menos didática, menos conhecimento do professor mesmo.

H. Uhum.

P5. Eles não tinha aquela relação de, não sei sabe... se eu estou certa... mas de... de um lado, o mestre tava lá estudando nos Estados Unidos... sabe, acho que não tinha necessidade... não dava conta de transmitir... a aula dele, simplesmente...

E VOCÊ NÃO SABE O QUE ELE TAVA FALANDO. Pra te falar a verdade, ele viajava... ele ia tão longe... que... simplesmente isto não estava no meu conhecimento não... até minha turma achou isso, porque se fosse só eu... tudo bem! Mas eu ouvia assim: “Não estou entendendo nada”! mas era uma turma, com 15 pessoas. eu virava e não estava entendendo do que ele estava falando... não. a fala dele, ficava... muito, muito...

P3. Inacessível.

P5. Muito inacessível, muito mesmo! Então quer dizer: Quanto mais estudo, mais,... a gente concluiu o seguinte... que quanto mais estudo, mais de que... mais diploma que ele tem... MENOS DIDÁTICA.

P3. Eu acho que... quanto mais título o professor tem, ele vai... ele vai! não que ele não saiba lidar com isso... mas ele vai criando mais barreiras com o aluno.

E eu também terminei minha pós-graduação, só que a gente... eu tive uma visão diferente. No final, quando eu fui apresentar o meu trabalho, eu falei assim que... O ALUNO ESPERA MUITO DO PROFESSOR. Que ele deixa muito nas mãos do professor. Eu acho que o aluno tem que ter muita consciência.

Eu converso muito isto com os meus alunos, que eles tem que... encarar aquilo ali... e também adotar aquilo pra si... adotar aquilo. Se eu quero estudar aquilo, então eu vou estudar aquilo. Não é ficar esperando muito do professor... o professor vai dar o caminho, quem o P4 falou: ele tem um roteiro ali pra ser tecido, mas ai é a pessoa que tem que... correr atrás. E ai no final, eu propus o ensino de... minha, minha... tese de língua estrangeira, foi justamente no colégio que eu desenvolvi, e eu propus a autonomia do aluno... e isto para os meus professores, foi O CÚMULO DO ABSURDO... porque ai eu joga na mão do aluno! E ai eu conclui que... o melhor professor, É VOCÊ MESMO!

P4. Sem dúvidas né!

P3. Você sabe do que você precisa...

H. Que mais... que mais que vocês podem falar dessa frase do P4? Que significa desse negocio de ser PhD né... então quanto mais título, a P5 falou; e a P3 completou; que você quis dizer mais com isso P4, fala mais sobre!

P4. Bom! Na verdade é aquela impressão que a gente tem né, de que... de que, quando mais você aprende, mais você, aprende certas coisas, mais você... espera da pessoa... mais você espera da pessoa. E eu indo, quando eu estava indo para a UFU, eu esperava que ali seria um paraíso, que eu ia aprender tudo, e... por você estar falando com um Doutor ali... realmente a gente espera, espera SIM uma expectativa, do professor.

E eu acho que, você ser professor, realmente é uma coisa que... você nasce com isso. Você... VOCÊ MOLDA! Você modifica, você constrói né... mas, o ser professor mesmo, ele é.. difícil, cada um estar dentro da pessoa mesmo... cada um é cada um. Muitas vezes você encontra, pessoas altamente gabaritadas, altamente competentes, naquilo que fazem assim, e que... não conseguem, igual a P5 falou, as vezes... passar aquilo que conhece... e que as vezes, na simplicidade de algumas... de algumas coisas, é que esta a ciência do educar né! As vezes precisa da proximidade, e não aquela maioria... não aquela posição distante que se mantém né... até por causa da... do motivo da... do status que ele ocupa, de certa maneira, então obriga ele a manter aquela posição; porque é isto, que as pessoas que precisam dele esperam... eles se mantém né... nesse patamar, neste altar... o que seria de um Doutor que desse uma atenção diferenciada... desse a consultoria necessária para o aluno, cada um, cada um, as escolas precisam disso, certo?... então, os rótulos criados pela sociedade, faz com que eles se isolem! E eu acho que isto na verdade, tudo isso deveria ser pelo contrário. Quanto mais você aprender, tudo bem... talvez você não aprende a dar aula, mas mais do que, você tem que estar acessível. Você é patrimônio do estado, para devolver aquilo que você aprendeu... e não para apropriar para si e para distribuir conteúdo, distribuir... um aprendizado! Você tem que distribuir realmente o que você aprendeu, com VONTADE. Porque você é um multiplicador, nada mais... você é um multiplicador, um coordenador de pensamentos, vamos dizer assim: Direcionador de pensamentos! E nada mais... não existe Doutor, não existe PhD, existe um cara que estudou bastante.

P3. Tem mais questionamento do que o outro!

P4. Isso com certeza, mais que o outro. Eu com certeza, pretendo chegar lá ainda né...

P3. Eu também, (risos).

P4. Eu pretendo me resguardar dessas praticas de tentar elevar o meu... () minha alto promoção, vamos dizer assim né... diária, daquela alto promoção diária que a gente faz...

H. Vocês continuam buscando a formação né... estão fazendo o mestrado, terminando o mestrado! A P5 ta tentando... e você P3 disse que acabou de fazer um especialização né... e ta tentando mestrado ai. Então vocês continuam em formação?!

P4. É, claro!

P3. SEMPRE!

H. Então a gente pode dizer assim; que vocês tiveram uma formação inicial que, deu o pontapé para que vocês começassem a trabalhar, mas que vocês continuam em formação. E estão utilizando dessa informação em sala de aula, o que tem mudado, o que esta formação agora, depois dessa formação inicial que foi, a faculdade né; o que ela tem contribuído em sala de aula para vocês?!

P5. A gente tinha que começar era na faculdade, para falar a verdade! Como o colega aqui disse, o P4 disse: “tinha que começar lá com os professores”.

Eu acho o seguinte, pelo menos quando eu estava em sala de aula na faculdade, a REALIDADE, MUITO diferente do que eu vivencio. Então quer dizer... não sei... tinha que começar por lá! Tem que ter uma base, tinha que começar a mudar, para que hoje, nossos professores não se encontrasse tanto, com dificuldades.

H. Mudar a formação!

P5. Mudar a formação.

H. Formação de professores!

P5. formação de professores mesmo!

P4. então, tem que humanizar a formação de professores!

H. Humanizar?!

P4. humanizar essa formação! Mudar essa formação maquinal vamos dizer! Tirar essa receita de bolo, que se espera um resultado.

P3. Didática 1, didática 2, didática 3...!

P4. Metodologia de ensino... e não se tem, onde eu aprendo com isso! Situação,... que eu recorro a uma metodologia do ensino...

P3. Dessas metodologias que você falou, aquelas metodologias que estão ali, elas,... muitas das vezes,... não servem pra nada!

P4. As vezes, não se aprende... igual: muitos teóricos, ate mesmo da psicologia, que faça com que a gente entenda mesmo! Mas se o outro não cair em si, não encontra as respostas... não encontra as questões que se vive na realidade, não tem essa visão critica... ele não consegue enquadra... sei lá, um... Piaget!?... na sala de aula de maneira nenhuma! Porque não nos ensina onde se tem que puxar... eles ensinam um método. O pesquisador te ensina o que aconteceu com ele, a vida dele... te ensina, te mostra o caminho, mas não te informa de como você fazer isso...

P3. Uma situação engraçada que eu vivi na faculdade, que a gente estava estudando MORRAN. ai fizeram um movimento na minha sala, chamado: “Morrarn MORRAN”. (risos). Porque ninguém entendia o que ele falava.

H. O que você chama de humanizar a formação?

P4. Humanizar a formação?!... olha, eu acho que você deve.. encontrar outra maneira... de achar outro caminho ali.. primeiramente, o professore chega na sala de aula... eu sou um professor muito aberto a estagiários... e eu vejo eles chegando lá, assustados... chegando lá com medo... chegando lá, sem saber o que fazer! Eu acho que... existe um decorrido tempo na universidade, como se... se a gente fosse, SOLDADOS de uma guerra. VOCÊ ESTÁ SAINDO DA FACULDADE PARA ENTRAR NUMA BATALHA DA VIDA! Sabe, é isso que se

importa. E não pessoas que vão sair para educar crianças e adolescentes! sabe... lógico que você tem que utilizar um método que, pelo menos os próprios professores da faculdade, TEREM ESSA ABORDAGEM COM A GENTE! Para que a gente pudesse aprender a maneira certa, de tratar certos problemas!

Os exemplos deveriam ser, ainda sim humano com o professor humano. Porque igual aos professores que eu tive, me DESPERTOU! Se eu tivesse mais professores assim, quem sabe, outras habilidades me despertaria?

P3. Eu acho que... aaa forma de você conseguir depois... receber... um aprendiz, sabe, que eu chamo de estagiário; eu acho que, um dos professores que mais recebeu que, melhor recebeu, foi o PA! Assim que... no tempo que eles estavam lá, de... dar um espaço; de respeitar; de levantar um questionamento... que eu acho que, depois, ficou meio até... a escola mesmo não abriu tanto espaço para estagiários, porque achou que, estagiários fossem sinônimos de PROBLEMAS!

Então, essa questão de humanizar que ele está falando, é mesmo de... respeitar! E falta um pouco de, VALOR... a pessoas não dão o valor como pessoa! É ISSO!

Eu entendi o que ele está falando. Dessa forma.

P4. Eu quando, recebo um estagiário... hoje eu dou aula na faculdade, mas eu não trabalho com... com... essa parte de formação direta do professor! Mas nós temos sempre... eu dou aula de botânica que, não tem nada a ver com metodologia de ensino. Mas eu tento, SEMPRE, mostrar, como o professor deveria, ensinar aquilo que ele está aprendendo; na faculdade, para levar para dentro da sala de aula! De uma maneira mais fácil.

Sempre tento deixar um gancho e nem sei se eu estou certo ou se estou errado... mas para tentar mudar... eu queria que fosse, tivesse isso assim comigo, sabe?!... as vezes eu pareço um monstro dentro da sala de aula, porque eu passo... eu tento... olha só! Não é receita, mas... no estágio, você sempre tem que fazer dessa forma! Como isso da certo! Mostro alternativas, para a pessoa quando se encontra em dificuldade. Talvez, para ela ter segurança, para ela se preparar.

A questão do, que é... essa pergunta central que você falou; do que foi importante na pratica inicial, eu acho, eu sei... que o que mais me pegou foi o senso crítico! O senso crítico, é... eu vou te dizer que... mas lá eu aprendi sozinho, tudo que eu aprendi lá... porque lá, nós temos uma forma didática precisa. E você lida na faculdade que, o senso critico, o crítico, o poder de entendimento do mundo, que... foi o que me conduziu... e eu tive grande dificuldade nisto.

P3. Eu acredito que, esse negócio que o P4 falou agora; acho que deixa bem a vontade, o estagiário... de... não é que ele transmitia, mas de tentar passar a prática que ele tinha, para o estagiário. E assim, quando a gente... quando eu estava na faculdade; para uma, o primeiro terrorismo foi o vestibular né!... para você entrar na faculdade... e depois para sair era o estágio... uma coisa HORRIVEL!... que eles fazem... colocam uma interrogação gigante na cabeça da gente... e na hora que você ta né... depois que você tem uma pratica, uma praticzinha né, que você vai percebendo com o tempo ai... que não é tão, um bicho de sete cabeças...

H. E quanto a sua ação que você vivenciou, você acha que teve uma mudança na sua pratica... Ela contribui com o que?

P3. Claro... de mostrar aos meus alunos, para serem cada vez mais autônomos.

H. E você P5?

P5. Olha... do que eu vivenciei na minha pratica, eu tento mostrar aos meus alunos, que eles são capazes de conquistar o que eles querem! Eu comecei motivada né... meus professores, embora eu tinha vários professores de especialização, me mostrando o que eu posso e o que eu quero... no entanto, que... eu fiz uma boa monografia... e que se eu consegui, eles também conseguem! Também que... eu vi e fiz na minha especialização, tudo de diferente, eu mostro para eles; tudo que é possível fazer o novo; eu passo para eles mesmo. Eles viajam, a aula passa sem você sentir!

H. É, tem uma outra frase aqui, de uma professora, que eu acho que... não é de nenhum de vocês, que estão aqui. "Deixamos, sem dúvida, deixamos nossos traços pessoais, valores, pontos de vistas, no que fazemos. Principalmente na sala de aula e na maioria dos conteúdos".

Ela esta colocando que, que ela acredita que deixamos as coisas nossas, naquilo que a gente faz e nos conteúdos. O que vocês acham disso? Qual o ponto de vista de vocês, em relação a isto?

P4. Eu acredito que o aluno ele é formador de opinião e... só que eu penso que... o professor não pode ser, é... APOSSAR mentes... tanto formar mentes! Eu acho que o professor deve SIM, discuta pontos de vista, desde que sejam coerentes, desde que ele tenha embasamento e um respaldo para falar sobre aquilo. Ele tem que deixar

livre o aluno, a questionar! Isso é o fundamental. Você mostrar os dois lados para o aluno... tudo bem, você deve se posicionar no final, mas você deve mostrar os dois lados para o aluno e não, direcionar o conteúdo. O próprio aluno deve... formar os seus conceitos!

P3. Chegar as suas próprias conclusões né...

H. E na maneira de dar aula? Na maneira como vocês escolhem para dar aula! O que vocês acham que tem de vocês, da personalidade, da crença de vocês, na maneira como vocês escolhem...

P5. No meu, o jeito de falar! A linguagem do aluno. Eu trabalho muito com isso. Numa forma muito... de ensino fundamental, a linguagem que você escolhe para trabalhar com o aluno, ajuda bastante! Eu tento seguir a prática deles, a forma deles... como professora de matemática, eu procuro, usar uma linguagem mais popular que eles entendam... não é fácil não... é complicado... de pouco em pouco eu vou conseguindo...

Você pega exemplos do dia-a-dia, aí você vai puxando a matemática, vai tirando os fios... e aí quando você vê, já acabou, você já demonstrou para eles que, sabe... o conteúdo todinho da para você passar. Através de uma situação problema do aluno. Então eu procuro muito trabalhar com isso, com a situação problema do aluno.

H. E você P3, como é que VOCÊ leva você para a sala de aula?!

P3. Eu?!... eu estou pensando a respeito! (risos)... até na questão anterior que tava falando do conteúdo, eu tento até expor, ou tenho tentado, lógico... é... quando eu estava estudando aquele conteúdo, o que eu sentia a respeito? ah, porque eu vou usar isto? Entendeu? Eu tento passar.

Quando eu era estudante, eu tinha essa dificuldade, que era assim, assim e assim... que isso daqui ó, é só a gente fazer isto daqui... aí eles não me entendem. A simplicidade que o P4 falou, eu acho que neste caso é muito importante.

P4. Bom! No meu caso, eu tento... eu me coloco... para eu atrair ao aluno, meio que uma isca né... eu me coloco do lado do aluno. Eu passo uma confiança para ele. Você pode confiar em mim!... em uma confiança... de que maneira? Bom, estar próximo desse linguajar, e com as atitudes... não umas atitudes infantil, mas uma atitude, que o aluno olhe e mim e veja... que legal o professor daquela maneira. Então eu estou sendo observado o tempo todo.

Na questão da minha metodologia, eu sou... eu sou uma... como se diz!... uma, própria de contradição, como se diz assim... eu sou um professor enjoado, que todo mundo gosta! Sabe, aquele aluno que entra, e diz que... “você, que não sei o que”... e que sabe que você, pega no pé, e que todo mundo, de muito bom humor, que é o que eles gostam e sentem falta... de quando eu não faço. Eles dizem... “professor, o que você tem hoje”... que quando a gente chega e não faz as BRINCADEIRAS, e eu... desenvolvo bem para este lado que é... largado... ah!... que largado que NADA!. Largado de ficar brincando de ficar... tentando... é... descontrair a aula. A gente passa muita coisa seria nestes momentos né. A gente, aliás, a gente atrai o aluno para a coisa seria, com estas coisas banais. E eu sou assim muito... sobretudo, ultimamente, de trazer o aluno para a leitura, mesmo que na biologia... porque eu estou percebendo que os alunos estão saindo, da... do terceiro colegial, vamos dizer... analfabetos em português não... analfabetos em múltiplas linguagens... ele não consegue entender o que está escrito no texto de biologia; e ele não consegue entender o que está escrito na matemática. Na maioria das vezes, ele sabe a matéria, mas não consegue compreender o enunciado da questão.

Então eu procuro, trabalhar, a... o vocabulário dele; porque eu falo muitas coisas diferentes dentro da sala; e que as vezes os alunos: “ah professor, você fala muito complicado”... mas aí gera aquele questionamento. Mas aí lógico, volta aquele exercício com a palavra. Eu falo aquela palavra no começo e o aluno encontra ela no exercício. Aí ele lembra... o professor falou por causa disso. Mas aí também gera aquele conflito dentro da sala de aula; PRIMEIRO: o conflito do professor, daquele que... todo mundo GOSTA, mas que não deixa ninguém conversar; que todo mundo ZOA, mas que na hora de escrever, tem que escrever em silêncio; eu acho que eu tenho um respeito, que eu ganho um respeito muito pelos alunos na sala; eu ganho o respeito, porque eu dou um respeito.

H. Isto que vocês falaram, que vocês estão em sala de aula, vocês já refletiram, já pensaram que vocês são assim na vida de vocês também, quanto professor? Seus amigos, na família? Você é um chato como exigente, (risos), mas que é uma pessoa legal? Por exemplo?

P4. Na verdade, talvez nem seja isto. Às vezes eu me expressei mal. Mas não é que é chato, exigente e legal!!!... talvez seja o seguinte, é... [] aquele professor, que... enche o saco, vamos dizer assim; como palavreado; mas assim, enche o saco, mas é uma coisa agradável, uma coisa que... que eles não... que eles sentem falta... estranha, uma coisa a se explicar né!... mas quando eu estou em sala, eu gosto de trabalhar assim.

Sempre que, quando eu estou no meu dia-a-dia, eu procuro ser, muito descontraído né, muita gente me intitula de... de criança grande, detesto inimizade, detesto quando uma pessoa pensa alguma coisa de mim, que eu não gostaria que ela pensasse, que eu vou atrás, que eu mesmo... me... talvez me coloco na posição de... me rebaixando para conquistar novamente a confiança daquela pessoa... ou me colocando abaixo do meu próprio orgulho, sabe... porque eu acho que... porque como professor, eu sou um exemplo, tanto dentro de sala como fora!... e eu não poderia ser de outra maneira.

H. Então, você fala... eles te chamam de criança grande, mas você sente que te levam a sério?

P4. ah com certeza!

H. Então seria mais ou menos a mesma coisa... você funciona lá fora, você funciona lá dentro?!

Vocês percebem isto também, em vocês? A maneira... estas coisas que vocês usam, em sala de aula, para trabalhar, com os conteúdos... vocês são assim também na vida de vocês?

P3. É, também tem a hora de falar e ser sério né. Ó pessoal, agora é a hora de prestar atenção! Eu ouvi uma coisa hoje, que eu achei muito desagradável! Eu achei até antiético de... me deixar ouvir!

Um menino disse assim: “Professora?! (ele me deu uma sugestão). “Porque você não chama a professora de geografia para poder te ajudar a dar aula”? “Porque, assim, quem sabe, ela não consegue dar conta da sala”? E eu assim... (risos).

Ela pediu para mim, porque ela viu que eu estava recolhendo os cadernos na quinta feira; e ela dava aula depois de mim, e ela começou a recolher os cadernos também. Ai os meninos, já estão sentindo, que ela ta indo no meu baque, mas ela não consegue porque, a professora, tem que ser ela ali. Ai agora estava falando e eu me remeti a isto. Porque não adianta, você querer fazer igual ao P4, porque não vai dar certo. Tem que fazer igual a P3 uai! A sua proposta, é você ali. Não é o P4 que vai... não é.. entendeu?... não é a seguidora... ou mesmo da P5...

P4. Porque também, que ninguém consegue se sustentar, em uma coisa falsa!

P5. Isso! Porque eu exijo muito dos meu alunos, muito perfeccionismo!... exijo muito deles; e isso eu sou assim na minha vida também...

Em relação as atitudes, eu, tenho que melhorar nisto ainda, acredito que sou uma pessoa mais séria. Hoje em dia eu tento ser mais brincalhona... porque uma professora de matemática, com o tempo vai ficando seria... chato né!? Você ser ate seria, mas chato fica cansado... (risos).

H. Você acha que tem a ver com a matéria, que você leciona?

P5. Não sei, não posso te dizer ainda... mas eu te garanto que você se lembra de um professor de matemática... dando uma analisada aí, você se lembra de algum.

P3. Eu acho que volta naquilo que a gente tava falando... a respeito deee; do que o aluno espera que você seja...

P5. O aluno se espelha em você. Olha, vamos voltar lá na produção de educação infantil. Que você, necessariamente, é o reflexo né... no entanto assim, com suas atitudes né... porque você tenta trabalhar né, não to dizendo que você copia, mas você tira exemplos positivos disso.

P3. Então, eu me sinto duas professora. Quando estou lecionando português, enquanto estou lecionando espanhol.

H. Sim, que interessante! Fala sobre isso!

P3. A gente tinha falado na questão da... da outra escola né. Ai, é o que aluno espera que você seja. Ele... tem uma expectativa, em relação ate ao seu comportamento; suas atitudes na sala, olham tudo isso... que... mas eu não deixo de ser eu! Agora, como é uma aula de língua estrangeira, que é uma coisa que já tão vista... não é tão, respeitada, não é bem visto... na escola... que tem língua estrangeira, que depois tem o inglês... e acho que... este preconceito, ele vem, é social, ele vem com outros colegas do trabalho, que assim... a professora de português é mais importante que a professora de espanhol!

P5. Mas o que você acha dos alunos... quando você fala sobre, hoje tem aula de português... hoje é aula de espanhol? Sabe o porque? Porque eu vejo este mesmo comportamento na escola onde eu trabalho... a professora de português, é a mesma professora de espanhol, é a mesma! Quando é aula de português, os alunos... EU JÁ

VI!. É o jeito; você fala assim: “É aula de espanhol”, acaba que modifica... É INCRIVEL A DISCIPLINA. Na aula de português, eles conversam... na aula de espanhol... todos eles... concentrados... ninguém conversa... e é a mesma professora ué. Então eu acho que isto, é as vezes, o conteúdo! Ta vendo quando o conteúdo muda?; na parte assim, de diversificar... no inglês, eles mudam; agora, quando é aquela matéria cotidiana, eles, pra eles é normal...

P3. Eu acho assim, quando é pra eles, eles ficam te esperando né... porque, falar a verdade... a aula de espanhol é uma vez semanal... a de português... cinco, são seis aulas! Ele cansam da sua cara!... mas assim, eles respeitam... mas no meu caso, é o contrario.

P5. Mas se você tiver e aceitar a oportunidade, em trabalhar com os mesmos alunos em português, você veria que isto iria mudar! TE GARANTO!

P4. Mas isto também, muda muito, da habilidade do professor; quero dizer quando ele dá duas matérias... dependendo do domínio dele...

P3. Isto existe também, e existe muito!

P4. Eu por exemplo, dou aula na faculdade,... como nós estávamos falando, eu dou aula de botânica e metodologia... devido a complexidade da botânica... eu tenho posição para dar aula em botânica, mas eu digo aos termos que a gente usa, né... aos termos que a gente expõe para o aluno, que a gente que são diferentes... porque ele vê né... é uma coisa que esta mais próxima dele...

P3. A gente não pode descartar o professor, assim.... cada aula tem que ser diferente, mesmo que você de duas aulas diferentes... mas a gente tem que passar aquilo que é o concreto, aquilo que é o novo para o aluno, pois isto é o interessante...

H. É... a gente já vai para finalizar, eu queria saber se vocês tem mais alguma coisa então... que vocês querem colocar, pra gente finalizar esta conversa... alguma coisa que vocês deixaram para traz... alguma coisa que vocês querem comentar.

P3. Eu acho que esta parte de diferenças institucionais a gente falou agora... de conteúdos diferentes... mas agora em relação a formação global do aluno, eu acho que... importante... porque a gente não ta falando de auto-formação e sim a formação do aluno. PARA QUE A GENTE CONTRIBUI? SERÁ QUE A GENTE TA BUSCANDO ISSO? SERÁ QUE A GENTE CONSEGUE CONTRIBUIR COM ALGUMA COISA?

Eu acho que... em um estímulo que a gente comentou anteriormente, no caso de... de... ter um momento né, particular com o aluno, eu acho que a gente pode SIM... uma questão mínima, uma palavrinha que a gente fala, pode expressar uma coisa que a gente nunca imagina que a pessoa não esperaria e... que você acreditar tanta nela... PODE MUDAR UMA VIDA!

P5. É como a gente disse no inicio né... o estímulo que eles tem como aluno, fez dele um professor. E é isso que eu falei!... a gente vai incentivando aos pouquinhos, VOCÊ VAI PLANTANDO UMA SEMENTINHA, vai aguando, vai tratando ela... quem sabe... um dia ela se torna uma arvore frutífera...

P4. E ultimamente eu venho ouvindo uma frase bastante essa frase... e que graças a deus... “Ah não, mas desse jeito eu vou ser professor”! “DESSE JEITO EU VOU SER PROFESSOR”. Eu tenho ouvido bastante isto... e é uma coisa que raramente eu ouvia né... e que as vezes eles me perguntam: “Professor, mas você é LIGHT”! “O senhor tem uma vida boa... que o senhor faz”? tipo da... minha profissão né. E eles veem na minha profissão, na minha conduta, na minha alegria, na forma que eu transmito a eles... na maneira como eu transpareço na minha profissão, para eles... e... tão da maneira que as vezes eu consigo tocar o aluno, e eles vêem... existe ainda uma coisa a ser escolhida... MAIS UMA OPÇÃO PARA MIM. Eu acho que o professor pode ser... o próprio transformador, da opinião do que se existe, de como ser professor. Eu acho que pode... dentro da sala de aula, mudar este estigma né... de professor, é um sofredor né... ser professor é ser, FRACASSADO.

P3. Falta de opção. Estar ai por falta de opção...

P5. Eu ouço assim: “Nossa senhora, eu estou ganhando pouco”... não é questão salarial... eu falo que, então, você esta na profissão errada... porque a gente tem que fazer porque a gente gosta. FAZER POR PRAZER... daqui para lá, é uma conseqüência...

Professor tem que gostar de trabalhar! Amar o que fazer.

P4. Mas quem ama o que faz, realmente é assim... ele tem medo de ser professor... “E morre de fome”?... eu acho que ele realmente tem medo de encarar suas próprias tendências... eu que isso é errado... eu acho que a pessoa tem que investir no que gosta mesmo... Porque quem é bom... quem realmente faz o que gosta... ele realmente é reconhecido! E eu comecei dando 5 aulas, depois eu comecei a dar 8 aulas como efetivo e passei, realmente por algumas dificuldades financeiras no começo, mas que,... como pelo fato que eu faço o que eu gosto, hoje que... quem realmente faz o que gosta, A RESPOSTA VEM, sem você fazer força. Então você faz aquilo que você acredita, que você tem vontade, você muda a forma de tratar um aluno... as pessoas percebem e você garante uma porta aberta ao seu futuro... e graças a deus, hoje eu não tenho do que reclamar...

Eu falo para os meus alunos que, ser professor, é uma profissão que se ganha bem! E se você for, um cara HONESTO, um cara que trabalha na limpeza de uma fábrica,... um dia você será reconhecido... as pessoas nunca passam despercebidas! Elas sempre estão por debaixo de um olhar das pessoas... debaixo de um olhar, 24 horas por dia. O ser humano é, CRÍTICO, é avaliado. Então, fazer o que a gente gosta, da maneira que a gente acredita, eu acho que é o melhor.

H. Bom, quando vocês começaram a fazer a pesquisa aqui, eu... é, esta pesquisa, ela privilegiou um... uma única variável, uma única coisa que eu procurei em vocês, é que fossem professores que estivessem começando na carreira né... que tivessem até 3 anos de prática, de trabalho. O resto não tinha, vocês podiam dar aula em educação infantil, fundamental, médio... não existia nada.

Então vocês estavam,... não lembro exatamente qual era o tempo docente de cada um, mas vocês estavam começando! Agora, já se passaram mais de 2 anos, desde que vocês começaram a pesquisa, então vocês tinham 1 ano... sei lá, alguns de vocês aí tinham, mesmo, que falaram que tinham 2 anos que tinham começado... e agora passaram-se mais 2 anos...

O que significou estes mais 2 anos na vida de vocês, prática, de conhecimento, de atuação, o que foi para vocês esse crescimento? Não só em relação a pesquisa, mas essa prática de vocês aí nesta atuação!? Qual foi o crescimento?

P4. Eu acredito que...

H. muda muito?

P4. Aprendo... e ensina-se a si mesmo!

P3. Sei lá, eu acho que é aceitação de muita coisa. Se depois de um momento que fica néee. De um momento de nossa prática, que foi um momento reflexivo, muita coisa você aceita, muita coisa você recusaaa, coisas que tem que melhorar...

H. Vocês acham que a prática, ela ensina mais vocês do que a formação, ou a formação ensinou mais do que a vocês tem aprendido na prática?

P5. Eu acho que ensinou muito mais! Ixe, cada dia se aprende mais! Cada ano, sabe, no caso. Porque o ensino é 2 anos a 3; 3 anos a 4...

P3. Eu não sei se o termo é educação continuada ou se é mais ou menos isto né. Continua aprendendo.

P4. Eu acho que é a formação! Têm a iniciação... formação é o início... você morre sem estar formado!

H. NÃO! Quando eu falo de formação, eu me refiro a faculdade!

P4. Sim eu entendo... é um trocadilho! (risos)

Eu acreditoooo,... que tudo tem contribuído.

P3. Então, principalmente, tem professores que acham que esta tudo pronto!, que eu tenho aquele programa de planejamento, que eu dei aula para a minha mãe.. que é a mesma aula...

Então eu acho que assim, ele é muito importante para ele.

H. Bom, então a gente vai encerrar, agradecendo muito a todos vocês e eu vou desligar agora e nós vamos conversar sobre outras coisas.

ANEXO 3

**TERMO DE CONSENTIMENTO DAS ESCOLAS EM QUE OCORRERAM
VIDEOGRAVAÇÕES**
Uberaba, de de 2005.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Nome da pesquisa: O professor reflexivo e os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais.

Pesquisadora responsável: Helena de Ornellas Sivieri Pereira
Psicóloga – CRP- 04/4161

Instituição: UNIUBE – Universidade de Uberaba

Eu, _____
RG nº _____, abaixo assinado, responsável legal pela Escola _____,
localizada à _____ inscrita
no CNPJ sob o nº _____, estou ciente e de acordo com a realização
de gravações das aulas do(a) professor(a)
_____, RG nº _____, dentro de
nosso estabelecimento, no período de uma Unidade de Estudo da disciplina ministrada pelo
mesmo, durante o segundo semestre de 2005 e primeiro de 2006, tendo recebido informações
sobre os objetivos, justificativas e procedimentos que serão adotados durante a sua realização
assim como os benefícios que dela poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações advindas desta pesquisa, com a segurança de
que a escola não será identificada e de que será mantido o caráter confidencial da informação
relacionada com a privacidade da mesma.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

Assinatura do Responsável pela escola

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PROFESSORES PARTICIPANTES

Uberaba, de de 2005.
TERMO DE CONSENTIMENTO

Nome da pesquisa: O professor reflexivo e os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais.

Pesquisadora responsável: Helena de Ornellas Sivieri Pereira

Psicóloga – CRP- 04/4161

Instituição: UNIUBE – Universidade de Uberaba

Eu, _____

RG n. _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo, tendo recebido informações sobre os objetivos, justificativas e procedimentos que serão adotados durante a sua realização assim como os benefícios que poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações por mim fornecidas com a segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

Assinatura do Pesquisado

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO 5

APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Comitê de Ética em Pesquisa

CEP-065/04

Uberaba, 14 de outubro de 2004

À

Profª. Helena de Ornellas Sivieri Pereira

Assunto: Encaminha parecer do CEP-UNIUBE sobre o protocolo de pesquisa "O professor reflexivo e o autoconhecimento: espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais" - PRO.CEP-004/04"

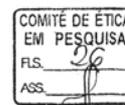
Prezada Professora

Em resposta a sua solicitação, informo que o protocolo acima referido foi submetido à reavaliação do CEP-UNIUBE na reunião de 05/10/04, tendo sido **aprovado com recomendação**. Solicita-se o cumprimento, no prazo máximo de 60 dias, das seguintes exigências, conforme Resolução 196/96:

- Anexar ao processo autorização do responsável pelo local onde serão coletados os dados, ou documento do responsável pelo local condicionando a autorização ao parecer do CEP.
- Descrever a amostra, apresentando justificativa quanto ao número de sujeitos, de acordo com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde.

Atenciosamente,


Prof. João Eduardo Caixeta Ribeiro
Coordenador do CEP-UNIUBE





Uberaba, 20 de dezembro de 2004

Ao
Dr. João Eduardo Caixeta Ribeiro
 Coordenador do CEP-UNIUBE

Assunto: Resposta ao CEP-065/04, sobre parecer do protocolo de pesquisa "*O professor reflexivo e o autoconhecimento: espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais*" – PRO.CEP-004/04

Prezado Coordenador

Em resposta ao seu parecer e solicitação do dia 14/10/2004, informo que:

- Está em anexo a autorização da escola onde foi feita a primeira entrevista piloto. As autorizações serão encaminhadas a este Comitê à medida que a pesquisa for sendo desenvolvida, pois ela não acontecerá em apenas uma escola.
- A amostra será constituída de cinco professores que estejam iniciando sua carreira como docente (conforme a literatura é considerado professor iniciante docentes com até 3 anos de trabalho profissional). O número de sujeitos é justificado pela natureza da abordagem metodológica utilizada no trabalho (abordagem qualitativa). A opção metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa parte do pressuposto de que, tanto o referencial teórico em que se apoia este estudo quanto a natureza do trabalho a ser desenvolvido necessitam das especificidades deste tipo de metodologia para alcançar seus objetivos. Bogdan e Biklen (1994) mostram que dentre as características básicas da pesquisa qualitativa está o fato de se preocupar mais com o processo do que com os resultados, pois é uma pesquisa descritiva; oferece um ambiente natural como fonte direta dos dados, onde o pesquisador é instrumento chave e tende a analisar seus dados indutivamente; a preocupação essencial nesta abordagem é o significado. Além disso, ressaltam, ainda, que este método propicia ao pesquisador um contato direto com a situação onde os fenômenos acontecem, que são influenciados pelo seu contexto. O pesquisador se preocupa em considerar todos os dados da realidade e de saber como cada problema se manifesta nas atividades cotidianas das pessoas. Esta é a preocupação central deste trabalho, ou seja, analisar o cotidiano escolar na perspectiva dos docentes. Haguette (1995) afirma que a superioridade deste método está no fato de fornecer "(...) uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiadas no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos." (63). Esta mesma autora cita Lazarsfeld (1969) que identifica três situações onde este método melhor se aplica: "a) situações nas quais a evidência qualitativa substitui a simples informação estatística relacionada a épocas passadas; b) situações nas





quais a evidência qualitativa é usada para captar dados psicológicos que são reprimidos ou não facilmente articulados como atitudes, motivos, pressupostos, quadros de referência, etc; c) situações nas quais simples observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta” (Haguette, 1995, p. 64).

Como dito acima a primeira entrevista de história de vida, piloto, já foi feita. A partir dela e de estudos mais profundos na literatura chegou-se à conclusão da necessidade de suprimir do título a palavra *autoconhecimento*. Percebeu-se ser uma palavra que, para os sujeitos a serem entrevistados, gera alguma dúvida quanto ao seu significado, podendo levar a alguma distorção quanto aos objetivos da pesquisa. Por isto, aproveito a oportunidade para solicitar uma adequação do título, que passaria para: “*O professor reflexivo e os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais*”. Quando se fala em dimensões pessoais está se falando da pessoa descobrir características próprias (autoconhecimento), portanto, com a mudança do título, o objetivo do trabalho não se perde e se preserva os sujeitos.

Certa de contar com sua atenção

Atenciosamente

Helena de Ornellas Sivieri Pereira
Coordenadora de pesquisa

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1995



FICHA CATALOGRÁFICA

Sivieri-Pereira, Helena de Ornellas

O professor principiante e os espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais da carreira docente. Ribeirão Preto, 2008.

319 f. : il. ; 30cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Casagrande, Lisete Diniz Ribas.

1. Formação de professores. 2. Autoconhecimento. 3. História de vida 4. Reflexão-sobre-a-ação. 5. Professor principiante.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)